

água da fonte



Soulied
2019

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras
Anos 11/12/13 - Números 13/14/15 - Agosto de 2017 - R\$ 25,00



Av. Brasil Oeste, 792
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

Dilse Piccin Corteze

Vice-presidente:

Ivaldino Antonio Tasca

Secretária-geral:

Paulo D. S. Monteiro

1º Secretário:

Elisabeth Souza Ferreira

2º Secretário:

Marilise Brockstedt Lech

1º Tesoureiro:

Júlio César Perez

2º Tesoureiro:

Sueli Gehlen Froisi

Membros:

Agostinho Both
Adelvino Parizzi
Alberto Antonio Rebonatto
André L. Dagostini
Antonietta Rovena O.G.Dias
Antonio A. Meirelles Duarte
Carlos Alceu Machado
Carlos Antonio Madalosso
Daniel Viuniski
Diógenes Luiz Basegio
Elmar Luiz Floss
Fernando B. S. de Miranda
Francisco Mello Garcia
Getulio Vargas Zauza
Gilberto R. Cunha
Helena Rotta de Camargo
Hugo Roberto Kurtz Lisboa
Irineu Gehlen
Jabs Paim Bandeira
José Ernani de Almeida
Luis Lopes de Souza
Luiz Juarez N. de Azevedo
Luiz Carlos Tau Golin
Marcos A. B. de Andrade
Marisa Potiens Zilio
Mauro Gaglietti
Odilon Garcez Ayres
Osvandré Lech
Pia Helena Z. Borowski
Ricardo José Stolfo
Romeu C. A. Gehlen
Santina R. Dal Paz
Santo Claudino Verzeleti
Welci Nascimento

Editorial

Três anos e oito meses

ÁGUA DA FONTE está de volta! Três anos e oito meses depois da última edição, alusiva aos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, que circulou em novembro de 2013. Houve quem sentiu falta e quem nem percebeu. É assim mesmo, especialmente com as chamadas iniciativas culturais, como é o caso dessa revista, que, querendo ser universal, lida, essencialmente, com a cultura local.

O relevante é que estamos de volta! E não estranhe o vultoso número de páginas dessa edição. Estão reunidas, nesse único tomo, três edições: os volumes 11, 12 e 13, e os respectivos números 13, 14 e 15. Razões para ter demorado tanto a sair essa nova edição de *ÁGUA DA FONTE*? Foram tantas que não cabe enumerá-las. Se alguém fizer questão de ter uma explicação, que fique com essa: negligência dos editores. Mas, nunca é demais rememorar que, numa época de reinado absoluto das mídias digitais, publicar uma revista impressa em suporte papel, ainda que aparente, não é tarefa que pode ser considerada fácil.

Quem, por ventura, acompanha a trajetória de *ÁGUA DA FONTE*, desde a edição e estreia, o *NÚMERO ZERO*, que foi publicada em dezembro de 2003, sabe o quão preciosa essa revista é para o nosso sodalício. O esmerado projeto gráfico, as capas exclusivas que levam a assinatura de consagrados artistas gráficos que guardam algum tipo de vínculo com a nossa cidade, as bem trabalhadas entrevistas das páginas centrais, sempre trazendo a luz depoimentos originais de personalidades, que, de uma forma ou de outra, foram protagonistas de escol da história cultural, econômicas e social de Passo Fundo, são valores que continuam preservados nessa nova edição.

O nosso compromisso continua o mesmo que foi explicitado, ainda que com outras palavras, no Editorial da edição de estreia: indiferença às diferenças! Isso significa dizer o quanto primamos pelo respeito à diversidade, seja ela qual for! Que a valorização da pessoa humana está acima de qualquer coisa, para os editores de *ÁGUA DA FONTE*. Tampouco essa revista pode ser acusada de, uma vez sequer, não ter aberto espaço para os escritores alheios aos quadros da agremiação das letras passo-fundenses. Coisas que, acreditamos, podem ser facilmente percebidas por quem um dia leu ou ainda lerá uma edição de *ÁGUA DA FONTE*.

Nosso especial agradecimento a todos os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, que não mediram esforços para que *ÁGUA DA FONTE* voltasse a circular.

Enfim, estamos de volta. E isso é o que importa!

GILBERTO CUNHA e PAULO MONTEIRO/Editores

ISSN 1980-2986

Água da Fonte, Passo Fundo, v. 11/12/13, n. 13/14/15, ago. 2017.

Revista da Academia Passo-Fundense de Letras

Anos 11/12/13 - números 13/14/15 - Agosto de 2017

Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo D. S. Monteiro

Capa: Welcy Soutier

Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira

Fotos: Arquivo Academia Passo-Fundense de Letras

Tiragem: 1.000 exemplares

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



Diretoria 2014-2016

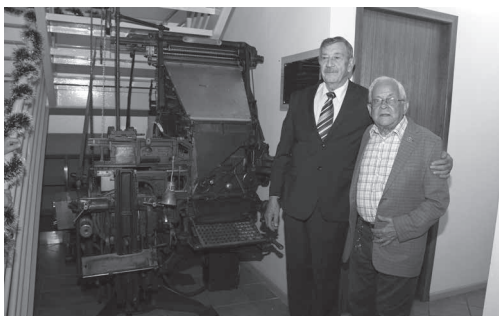


Osvandré Lech, presidente da gestão 2012-2014, transfere as dignidades acadêmicas ao novo presidente Gilberto Cunha

Em Sessão Solene, realizada no dia 25 de março de 2014, tomou posse a nova diretoria da Academia Passo-Fundense de Letras para o biênio 2014-2016. Assumiram o comando da instituição os acadêmicos: Gilberto Cunha (presidente), Agostinho Both (vice-presidente), Dilse Corteze (secretária-geral), Paulo Monteiro (1º secretário), Francisco Garcia (2º secretário), Júlio Perez (1º tesoureiro) e Sueli Frosi (2ª tesoureira).

Mauro Nodari e a Linotipo

O Sr. Mauro Nodari, pelos serviços prestados em prol do desenvolvimento da indústria gráfica em Passo Fundo, foi agraciado com o diploma de menção honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira 2015, que é concedido anualmente pela Academia Passo-Fundense de Letras àqueles que prestaram contribuições relevantes à cultura local. Na sessão de encerramento do ano acadêmico, em 10 de dezembro de 2015, o agraciado presenteou a APLetras com uma LINOTYPO, produzida por Mergenthaler Linotype Co., Nova York, 1930, Modelo 8 - Nº 38005, que ora integra o patrimônio da instituição.



Mauro Nodari (E) e Meirelles Duarte e a Linotipo, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras

Novos Acadêmicos



Luis Lopes de Souza (E), Marcos Antônio de Andrade, Gilberto Cunha, Antonieta Rovena Gonçalves Dias, Advino Parizzi e André Agostini

Na Sessão Solene de Encerramento do Ano Acadêmico 2015, realizada em 10 de dezembro, também houve a investidura e posse dos novos membros da Academia Passo-Fundense de Letras. Na ocasião, assumiram cadeiras na agremiação: Advino Parizzi, André Agostini, Antonieta Rovena Gonçalves Dias, Luis Lopes de Souza e Marcos Antônio de Andrade.

Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira 2014



Ivaldino Tasca (E), Everaldo Siqueira e Gilberto Cunha

A Academia Passo-Fundense de Letras prestou o seu tributo aos colaboradores que tem, historicamente, apoiado seus projetos culturais em Passo Fundo, concedendo o diploma de menção honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira 2014. Foram agraciados, em sessão solene realizada no dia 4/12/2014: Helena Rotta de Camargo (revisão de textos da Revista Água da Fonte), Estevão Santos (apoio ao programa Literatura Local), Everaldo Siqueira (arte-final da revista Água da Fonte), Jair Ineri (apoio à criação do programa Literatura Local), Laura Lunardi (apoio à APLetras na Associação dos Livreiros de Passo Fundo), Liciane Bonatto (capista da revista Água da Fonte), Márcio Tassi (apoio da Câmara de Vereadores de Passo Fundo ao programa Literatura Local), Pedro Almeida (apoio dado pela Secretaria de Cultura de Passo Fundo à APLetras), Rogel Melo (apoio ao programa Café Filosófico no Grupo Diário da Manhã) e Valdir Mendes (apoio à criação do programa Literatura Local).

Judith Scliar



A viúva do escritor Moacyr Scliar, Sra. Judith Scliar, enviou, por intermédio dos Dr. Juarez Azevedo, por e-mail, uma mensagem de cumprimentos à Academia Passo-Fundense de Letras, pela promoção do concurso literário que deu origem ao livro *O imortal Moacyr Scliar*. Eis a mensagem da Sra. Judith Scliar:

Olá, Juarez. Tudo bem?

Como a Marjori já te disse, gostei imensamente do livro publicado pela Academia Passo-Fundense de Letras. Achei a iniciativa excelente, principalmente por se tratar de uma academia que vai ao encontro da comunidade, que faz um trabalho junto aos alunos das escolas locais, que na verdade são os futuros leitores (isto a Academia Brasileira de Letras infelizmente não faz, apesar de o Moacyr ter sempre insistido neste ponto). Um aluno que participa de um concurso literário como o que foi patrocinado pela Academia Passo-Fundense de Letras, estará para sempre engajado na boa literatura, será sempre um leitor do que de melhor se publica em nosso país (e talvez no exterior) e isto, como sabemos, hoje em dia não é nada fácil de se alcançar entre os jovens. Além disto o trabalho realizado pela equipe organizadora deste concurso, na minha opinião, foi primoroso. Os textos premiados são de muito boa qualidade, considerando-se que os autores são estudantes de segundo grau. Eu gostaria que, se possível, transmitisses meus parabéns a todas as pessoas envolvidas neste projeto. Tenho certeza que o Moacyr teria ficado muitíssimo lisonjeado em ter seu nome associado a este projeto e igualmente muito feliz com os resultados deste empreendimento. Ele participou de inúmeras atividades em Passo Fundo, tanto ligadas a Academia como também a Feira Literária de Passo Fundo, com a Tânia Rösig. Eu gostaria de solicitar mais alguns exemplares do livro, pois estamos organizando uma exposição sobre o Moacyr que terá início dia 16 de setembro deste ano no Santander. Na exposição teremos uma biblioteca infanto-juvenil e várias escolas visitando a exposição (com um trabalho prévio sobre a obra do Moacyr em sala de aula). Eu acho que seria muito oportuno que este livro constasse da biblioteca. Eu também gostaria de enviar o livro ao Túlio Millann para que ele colocasse uma nota na ZH, assim o livro não passa despercebido. Acho que o livro merece isto. Também penso em enviar o livro ao meu irmão que é jornalista para que ele fizesse uma sinopse para ser colocado no site do Moacyr. Juarez, te agradeceria muitíssimo se pudesses fazer esta intermediação para mim, pois não conheço o pessoal da Academia Passo-Fundense.

Um grande abraço,

Judith.

Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira 2016



Paulo Monteiro, depois de 10 anos no comando do programa de entrevistas *Literatura Local*, na TV Câmara, recebeu o diploma de Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira, entregue pela acadêmica Antonieta Rovena, em reconhecimento pelo meritório trabalho realizado

Na Sessão Solene de Encerramento do Ano Acadêmico de 2016, realizada no dia 15 de dezembro, houve a entrega do Diploma de Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira 2016 a personalidades e instituições que se destacaram pelos seus trabalhos em prol da cultura em Passo Fundo. Foram agraciados: Celina Madalosso e Fernando Miranda (Instituto Histórico de Passo Fundo), Edemilson Brandão (Educação em Passo Fundo), Edimar Rezende (Grupo de Teatro Timbre de Galo), Eládio Weschenfelder (Projeto Bando e Bandinho de Letras), Paulo Monteiro (Programa *Literatura Local*), Raquel Pirovano e Cláudio Zanatta (Instituto Roberto Pirovano Zanatta).

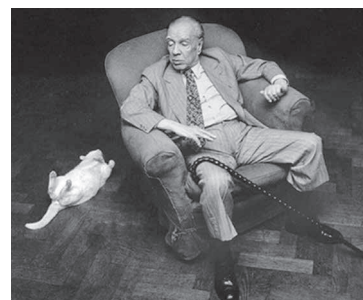
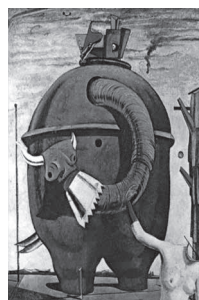
Diretoria 2016-2018

A Sessão Solene de Abertura do Ano Acadêmico 2016, realizada em 17/03/2016, formalizou a posse da nova diretoria do sodalício das letras passo-fundenses. O comando da intuição, no período 2016-2018, estará a cargo dos acadêmicos: Dilse Corteze (presidente), Ivaldino Tasca (vice-presidente), Paulo Monteiro (secretário-geral), Elisabeth Ferreira (1ª secretária), Marilise Lech (2ª secretária), Júlio Perez (1º tesoureiro) e Sueli Frosi (2ª tesoureira).



Dilse Corteze, presidente da APLetras, e Edemilson Brandão, secretário de educação do município de Passo Fundo

Sumário



Editorial.....	1	Poesia: Paz e céu.....	54
Informe acadêmico.....	2	O Projeto Identificando Talentos.....	55
Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2014:		História do Curso Superior de Educação Física,	
Padre Elli Benincá.....	6	da UPF	56
Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2015:		Milonga Nova:	
Veríssimo da Fonseca.....	10	uma reflexão a partir da obra Estética do Frio	58
Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2016:		Gestão da ignorância.....	61
Santina Rodrigues Dal Paz.....	14	A dura tarefa de educar	62
Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2017:		A Faculdade de Direito da UPF	
Paulo Dutra	16	e sua turma de 1964	69
Panegírico 2014: Padre Elydo Alcides Guareschi .	19	Primícias: Petrichor.....	70
Panegírico 2016: Benedito Hespanha	27	Indiferença às diferenças.....	71
Panegírico 2016: Craci Terezinha Ortiz Dinarte.....	28	Verbo Ser.....	72
Panegírico 2016: Selma Gandini Costamilan	29	J. L. Borges e a Filosofia.....	73
Panegírico 2017: Romeu Gaspar Salles Pitthan.....	30	Poesia: Carne de pescoço.....	74
Terra de Cabo Neves.....	34	UPF - Sessão Solene de Inauguração	
O Professor Fuzinato	35	do Curso de Doutorado em Letras	75
Educar é ser uma grande alma	36	Poesia: Escuridão	79
Uma lenda	38	Próxima conquista: Conversar	80
Centenário da Primeira Guerra Mundial:		Os irmãos Ribeiro da Luz	81
A participação do Brasil no conflito.....	39	Poesia: O louco e a gaita.....	82
A formação étnica de Passo Fundo:		Esquerda-Centro-Direita.....	83
história, memória e patrimônio	50	Uma noite na Academia	84
Poesia: As minhas ruas.....	52	CEPA/UPF, 30 anos de ensino,	
		pesquisa e extensão	86
		José Luiz	89
		Poesia: A paixão.....	90
		Aula magna da UPF com o professor	
		Antônio Nóvoa.....	91
		Um invencível	92
		Heloisa Almeida, a Divina!.....	94
		Poesia: A vida.....	95
		Poesia: Ao Poeta	96
		Entrevista: Ilmo Santos	97
		Tudo tem um começo.....	101
		Deus existe? Uma explicação pela ciência	102
		Valsa da Passagem	103
		Preconceito versus diversidade	104
		Conversações com Carlos Galves.....	106
		O meu patrono Tenebro dos Santos Moura.....	107
		Ativismo, uma necessidade!	111
		Poesia: Amor.....	112





Poesia: Imensa casa de morcegos	114	Necrológio: Sérgio Lângaro.....	146
A janela do atelier	115	Necrológio: Deputado Lourenço Pires.....	147
Bombacha barba de bode	116	Poesia: Rir por último	148
Velcy Soutier: o autor da capa	117	Leitores, leitores, à mancheia.....	149
Existe o Anjo da Morte?	120	As memórias de Anildo Sarturi.....	150
Poesia: O Meu Aniversário	122	A morte da irmã de Maria Elizabeth de Oliveira ..	152
História da imigração: uma aventura da Alemanha ao RS	123	Poesia: Vencer.....	153
Educação com espírito olímpico.....	126	O lado oculto.....	154
Jean D'Ormesson.....	128	Violência	156
Poesia: A cela	130	O Guardinha Peri	158
Academia Passo-Fundense de Letras vive momento áureo.....	131	Poesia: Quando um verso pede a palavra	159
Poesia: O corvo	132	O velho fórum.....	160
Necrológio: Dr. Jovino da Silva Freitas.....	133	A participação do sujeito idoso em uma oficina literária	161
Instituto Histórico de Passo Fundo: 60 anos.....	134	Poesia: Vieram me dizer	162
Poesia: Ato devoto	136	Gama - 40 anos de história.....	163
Voltando a falar em violência.....	138	Gama	164
Poesia: Eu e os da minha geração	139	O Gama foi uma das esquinas da minha vida	166
ASEAN: Perspectivas pretéritas e futuras acerca da integração asiática	140	Cursos pré-vestibulares: sonhos, realizações e memória.....	168
O jogo da diplomacia cultural brasileira.....	143	Passo Fundo – minha cidade.....	170
Poesia: O filho e a mãe.....	144	Poesia: Reinvenção	171
Um engano de mais de três décadas	145	Homeopatia: Medicina Alternativa	172
		Placebo.....	174
		100 Anos da Primeira Guerra Mundial: algumas curiosidades marcantes.....	176
		Participação do Brasil na Primeira Guerra.....	179
		Onde mora a felicidade?	181
		Pensamento	182
		Sono e Insônia.....	184
		Poesia: A Tortura.....	186
		20 de maio – Dia da Imigração Italiana no RS	187
		Nós fugimos da Itália	189
		Casamento: Que seja infinito enquanto dure	191
		Hino da Academia Passo-Fundense de Letras	192
		Hino do Centenário de Passo Fundo	193
		O autor do retrato de Maria Elizabeth.....	194
		Et tu, FDP!	196



Padre Elli Benincá

WELCI NASCIMENTO

Senhoras e Senhores,

O apóstolo Paulo, para evangelizar e se comunicar com seus companheiros, fazia uso do meio de comunicação da época: Escrevia cartas.

Uma destas cartas o Apóstolo endereçou ao seu companheiro e amigo Tito, seu delegado pessoal na Ilha de Creta.

Tito, segundo se sabe, era de origem pagã.

Na carta a Tito, Paulo recomenda: - “Mostra-te em tudo modelo de boa conduta, sincero e sério em seu ensino, expressando-se numa linguagem digna e irrepreensível”.

Elli Benincá, professor e Sacerdote da Igreja seria a imagem sonhada pelo Apóstolo Paulo no século XXI?

Pelas boas práticas educativas que se regem por princípio políticos-filosóficos, que constroem a cidadania, para construir seres humanos, livres capazes de gerar pensamentos autônomos e de se construírem como cidadãos, eu afirmo que sim.

Porquê?

Porque mostras-te em tudo modelo de bom comportamento, pureza de ensinamento, linguagem sã e irrepreensível.

A comunidade da Igreja e a comunidade educativa o conhecem bem.

Arvoro-me a dizer que sim.

Mas quem é Elli Benincá?

Eli nasceu num município de características rurais: Severiano de Almeida, situado ao norte o Estado do Rio Grande do Sul, colonizado por imigrantes italianos, que inicialmente o denominaram de “Nova Itália”.

O Século XX dava seus primeiros passos.

Elli Benincá nasceu nesse pedaço de chão gaúcho, no dia 2 de julho de 1936. Seus pais chamavam-se Amadeu Benincá e Leonice Maria Benincá.

Seus primeiros estudos ele fez numa



Welci Nascimento

escolinha chamada Cristo Redentor, lá mesmo onde nasceu.

Da escolinha primária de Severiano de Almeida Elli foi estudar no Seminário Nossa Senhora Aparecida da cidade de Erechim, onde completou o ensino básico.

Ali mesmo, Elli realizou sua primeira experiência docente, trabalhando como professor no educandário.

Concluído o ensino médio seguiu para estudar no Seminário Superior de Viamão, onde cursou a Faculdade de Filosofia e, nos 4 anos seguintes, a Faculdade de Teologia, ordenando-se presbítero em 1965.

Com 29 anos de idade, estando em Passo Fundo, D. Cláudio Colling, bispo diocesano, o nomeia para ser o coadjutor do Pe. Alcides Guareschi na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Nessa época, os cursos superiores começam a se expandirem na cidade de Passo Fundo, culminando com a criação da Universidade.

Elli Benincá aceitou o desafio. Inicia suas atividades de magistério assumindo, de imediato, a disciplina de Introdução à Filosofia.

Diz ele em uma de suas obras que “o melhor mestrado que fiz foram os três primeiros anos de magistério”.

De certa forma, Elli teve que realizar novas leituras e refazer as demais, dentro do campo da filosofia. Ele privilegiava no seu agir, a metodologia indutiva. Por isso às vezes, Elli enfrentava muitas divergências, e muitas resistências.

Por solicitação da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, na década de 70, Elli Benincá traça as bases da criação do Conselho Municipal de Educação.

Criado o Conselho Municipal, reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, as decisões administrativas e pedagógicas, a nível de primeiro grau, passam a ser atribuições do Conselho Municipal de Passo Fundo. Nos anos 80 a rede de ensino municipal cresceu quantitativa e qualitativamente.

No ano de 2003 Elli Benincá recebe da Universidade Federal do Rio Grande do Sul o título de “Doutor em Educação”.

Ao longo de sua vida publicou 69 trabalhos ligados à educação e foi agraciado com 5 prêmios, tais como:

- Diploma de Professor Fundador - UPF



Osvandré Lech (E), Pe. Elli Benincá e Gilberto Cunha

- Educador do Ano
- Insignias 25 anos da UPF
- Educador do R.G.S.
- Medalha Grão Mérito Fagundes dos Reis.

“Não apenas esteve na História ou passou por ela”. Elli Benincá soube ajudar a construir uma história um pouco melhor para nós. Foi agente de transformação, fermento e condutor.

“Celebrando a missa, ouvindo confissões, batizando, na sala de aula, com a barra de giz na mão, defendendo seus pontos de vista em todas as circunstâncias, ele foi o mesmo”, é o que disse o jornalista Ivaldino Tasca, membro desta Academia, em um dos seus comentários.

Na época em que Elli Benincá desempenhava a função de diretor da Faculdade de Educação, o especialista em educação que é também um prolongamento do professor, resultante do crescimento das escolas e da sua organização como em sistema cada vez mais complexo, toma vulto.

O diretor clássico se desdobra na escola em três especialista fundamentais: administração, supervisão e orientação, que se foram com o tempo delineando seja quanto às funções, seja quanto às próprias designações.

A Administração refere-se às escolas, complexos escolares e sistema de ensino.

A Supervisão refere-se aos professores. É a coordenação do processo

didático nos aspectos de planejamento, execução e avaliação.

A Orientação refere-se ao educando.

A Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo toma novos rumos. Toma-se o centro irradiador de formação profissional dos professores, não só de Passo Fundo como também do norte do Rio Grande e boa parte do Estado de Santa Catarina.

Os componentes curriculares são enriquecidos e um novo educador vai surgindo.

Elli Benincá teve uma participação ativa nesse processo.

Não basta apenas criar vagas, porque também é necessário planejar um ensino de qualidade investindo em professores, a começar na educação infantil.

Elli Benincá, ao longo de sua trajetória, como educador e diretor da Faculdade de Educação e do Instituto de Teologia e Pastoral, se preocupou com a qualidade do ensino, com a qualificação profissional do educador. Elli se voltava para formação do professor-pesquisador, sujeito-participativo na construção do homem e da mulher cidadã e de uma sociedade justa e fraterna.

A sala de aula para Elli Benincá é um espaço e um tempo privilegiado para que o professor e o aluno estabeleçam o diálogo.

E para que isso ocorra, cabe ao professor a Iniciativa. Tal iniciativa não deve ser opressora, uma vez que ao professor,

não interessa tal atitude.

No seu livro “Ética e Diálogo na prática Pedagógica”, ele diz: - “A sala de aula deve ser um palco de debates”.

A trajetória intelectual e do agir do professor e Pe. Elli Benincá é marcada por uma constante busca.

Reverência é o que esta Academia está fazendo neste momento na pessoa do educador e do sacerdote Elli Benincá, pelo que ele já realizou e, ainda pode realizar em favor do aprimoramento das relações humanas, pela educação, pela cultura, pela prática educativa, e boa prática, que é regida por princípios políticos-filosóficos, com vistas à construção da cidadania.

Tudo isso consta na literatura pedagógica e no agir do professor Elli Benincá, Mestre em Ciências Religiosas pela Universidade de Católica de São Paulo e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Academia Passo-Fundense de Letras o reverencia concedendo o MÉRITO CULTURAL SANTE UBERTO BARBIERI 2014, Comenda maior desta Casa.

No dizer do apóstolo Paulo: “Mostre em tudo modelo de pureza, de ensinamento e de uma linguagem sã”.

(Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e foi o orador do expediente que homenageou o Padre Elli Benincá, na sessão solene de entrega da Comenda Sante Uberto Barbieri 2014, em 25 de março de 2014.)

Padre Elli Benincá

SELINA MARIA DAL MORO

Imo. Sr. Gilberto Cunha,
MD Presidente desta egrégia Academia
de Letras de Passo Fundo,
Sras. e Srs. Acadêmicos,
D. Antonio Carlos Altieri, Arcebispo da
Arquidiocese de Passo Fundo,
Amigos aqui presentes.

Em razão de suas dificuldades e problemas de saúde, o Prof. Pe. Elli Benincá solicitou-me que, em seu nome, manifestasse ao Sr. Gilberto Cunha, Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e aos demais Acadêmicos seu profundo agradecimento pela eleição de seu nome para receber a honrosa distinção do “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri”.

Pe. Elli, humildemente recebe esta homenagem porque, sobretudo, a entende como manifestação do carinho construído com todos e com cada um dos que com ele, ao longo dos anos dedicados ao ensino, pesquisa e extensão para a qualificação de educadores e desenvolvimento da ciência pedagógica, colocaram a formação da pessoa humana como o alvo de seus ideais e de suas buscas.

Acrescente-se que para Pe. Elli Benincá, o gesto generoso desta Academia é, acima de tudo, expressão de corações generosos e inequívoca manifestação de cada Acadêmico do seu próprio compromisso com a educação do ser humano. Entende, também, Pe. Elli que esta outorga expressa o desejo coletivo de que a educação possa vir a ser um bem para todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos que abrigados sob o signo do cruzeiro do sul são, publicamente reconhecidos como cidadãos brasileiros e assim se autodenominam.

Para ele e para todos os que com ele palmilharam e continuam palmilhando os íngremes caminhos do processo pedagógico, a formação do humano em cada homem e em cada mulher



Selina Dal Moro

se alicerça em dois sólidos pilares: no testemunho do educador e, na ciência pedagógica.

Se por um lado a ciência conduz o processo e para isso requer a investigação, ou seja, requer um olhar atento sobre si, sobre o outro e sobre o contexto, por outro, o testemunho do educador permanecerá como herança incorruptível guardada no recôndito mais profundo do coração de cada educando, impulsionando-o, constantemente, na busca de um saber que, advindo da “práxis”, ou seja da relação teoria-prática, poderá realizá-lo como ser feliz, solidário, criativo, inventor do “inédito viável” como já dizia o grande educador brasileiro Paulo Freire.

Para Pe. Elli a investigação pedagógica o conduziu para a realização das práticas, quase sempre esquecidas, do ouvir, do sentir com o outro, do querer bem. Por isso, hoje, atentamente, se coloca frente a esta nobre Academia

com o coração aberto. Deseja ele ser capaz de apreender com firmeza o sentido da generosidade dessa outorga. Interpretando-a como forte apelo para que prossiga abrindo caminhos teóricos que conduzam à realização de práticas pedagógicas que favoreçam a formação “onnilateral” do ser humano, apesar de suas atuais limitações renova-se no compromisso da formação de pessoas humanamente capazes de, no exercício de sua cidadania, participar na construção de uma sociedade mais feliz, mais justa, equânime, atenta aos “sinais dos tempos” como preconizou o Concílio Vaticano II.

Esse horizonte, constantemente, redesenhado nas falas e nos gestos do Papa Francisco em suas peregrinações pelos quatro recantos do mundo, especialmente, naqueles onde vivem os mais esquecidos, o mais ignorados no investimento mais significativo que é o direito à educação, continuará a ser



Familiars do Pe. Elli Benincá



Dom Antonio Carlos Altieri (E), Pe. Elli Benincá e Dom Urbano Allgayer

o tema anunciado nas palavras e nos escritos de Elli Benincá.

Ao incorporar a herança recebida de seu mestre, considerando-o acima de qualquer dúvida como um educador comprometido com a realização de uma educação de qualidade, educadores e educandos, atuantes e, em formação, especialmente na Universidade de Passo Fundo e na Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades, que foram e continuam sendo os espaços de onde se irradiou o pensamento pedagógico de Elli Benincá e onde se consolidou a prática pedagógica participativa por ele anunciada, com ele

tecem uma rede costurada com gestos de reconhecimento a esta egrégia Academia de Letras de Passo Fundo. Diante da distinção do título lhes asseguram que aqui, nesta solene sessão de outorga do “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri” se fortalece o compromisso com a qualificação da educação que se realiza neste recanto do solo brasileiro que se chama Passo Fundo.

Ao reiterar seu agradecimento, Pe. Elli Benincá deseja ao amigo presidente Sr. Gilberto Cunha e aos demais membros da direção desta Academia, hoje empossados e a todos os Acadêmicos, um profícuo exercício e atuação De

modo muito particular saúda e agradece a presença do Sr. Arcebispo da Arquidiocese de Passo Fundo, das autoridades civis e militares, da direção e dos colegas de magistério nas Instituições já citadas.

Finalizando, em nome de Elli Benincá, de quem recebi a honrosa distinção para representá-lo e agradeço pela carinhosa presença de todos.

(Selina Maria Dal Maro é formada em Filosofia e professora da área de Educação em Passo Fundo. Representando o agraciado, Padre Elli Benincá, foi oradora na sessão solene de entrega da Comenda Sante Uberto Barbieri 2014, em 25 de março de 2014.)

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, um Mestre

PAULO MONTEIRO

Reunimo-nos, nesta manhã de sábado, sob a proteção destas paredes centenárias para o panegírico em memória de nosso confrade em comum Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.

É a primeira vez que a Academia Passo-Fundense de Letras, o Instituto Histórico de Passo Fundo e a Academia Passo-Fundense de Medicina promovem uma sessão conjunta para homenagear um membro das três instituições culturais.

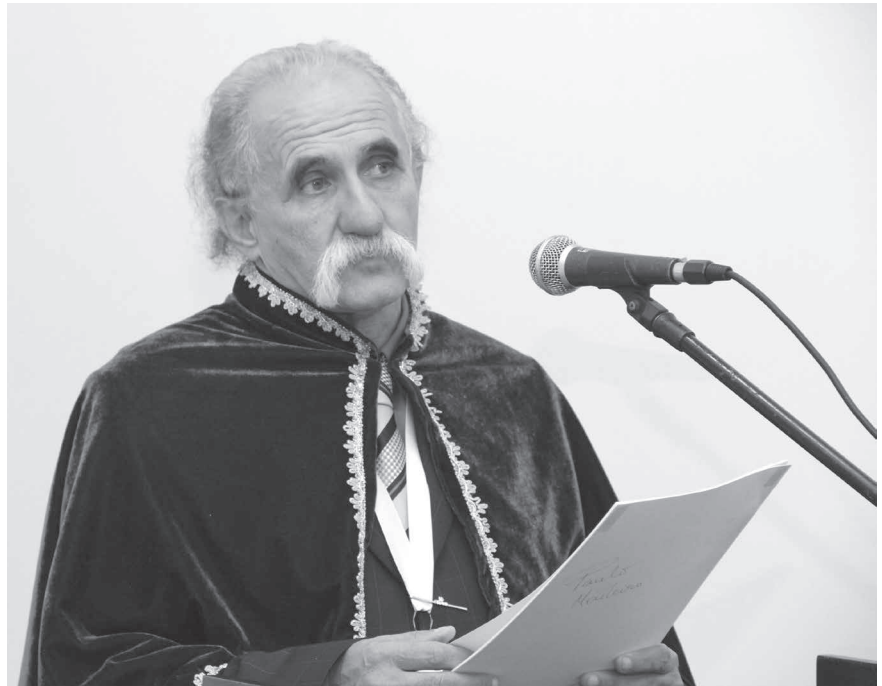
Trata-se de uma insofismável comprovação da importância do historiador e cientista que nos enriqueceu a todos nós com sua sabedoria. Honramo-nos com as décadas de lições que ele nos ministrou. Deu-nos - e deu-nos no sentido literal do verbo - aulas de cultura e humanidade, pois Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, ao longo de largas décadas de atividade pública, viveu o Humanismo no sentido lato da expressão.

De comum acordo as instituições aqui promotoras delegaram ao historiador Fernando Miranda, presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo o poder de falar em nome das três confrarias culturais ou designar alguém para servir como órgão da presente reverência. E ele, em sua imensa bonomia, conferiu-me a responsabilidade pela palavra.

Senhoras e Senhores,

Para mim é fácil e é difícil falar sobre o confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.

Fácil porque desde pouco mais de um menino comecei a ler, nas páginas dos dois ancestrais diários passo-fundenses, seus artigos sobre a história e a cultura de nossa terra. A seguir, vieram a leitura dos seus livros sobre a história e a cultura do Rio Grande do Sul e vários anos



Paulo Monteiro

de convivência sob este telhado que nos abriga, solidificaram um respeito pelo intelectual e o homem que nos deixou no último dia 4 de agosto.

A dificuldade está nas leituras e releituras de suas obras e nas demoradas conversas mantidas que me fizeram absorver muitas das suas informações de grande parte dos seus ensinamentos.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca nasceu em Pinheiro Mercado, distrito de Carazinho, a 4 de setembro de 1931. Ali passou a infância, onde iniciou seus estudos e de lá saiu para realizar o Curso Ginásial no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Passo Fundo, seguindo para o Rio de Janeiro. Na então Capital da República cursou o Curso Científico no Instituto Santa Rosa e o Curso Superior na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Exerceu a Medicina no Rio de Janeiro e em Pelotas, acabando por fixar residência em Passo Fundo.

Em nossa terra contribuiu com o

Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda e Lions Club, além das três instituições culturais congregadas nesta reunião. A todas enriqueceu com seu labor e sua inteligência, mas a uma delas em especial, o Instituto Histórico de Passo Fundo, que se tornou a menina dos seus olhos, dedicou o melhor de si. Reorganizou-o duas vezes, em 1964, e, mais recentemente, em 2007.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca foi menino de uma época em que os guris ouviam sem se intrometer nas conversas dos adultos.

Lá, no seu Pinheiro Machado natal, velhos tropeiros contavam de suas viagens, dos sinais que deixavam com as marcas, de marcar gado, nas cascas dos pinheiros que deram o nome à localidadezinha.

Homens, nascidos em meados do Século XIX, falavam dos primeiros povoadores do local, como se fossem velhos conhecidos.



Depois, em particular, o pequeno Pedro Ari tirava “a prova dos nove” com algum dos convivas, se informando se esta ou aquela “história” era verdadeira. Método que o acompanharia por toda a vida.

O menino cresceu e foi estudar muito longe, numa cidade imensa, a Capital da República Federativa do Brasil. E lá, no Rio de Janeiro, quando a saudade se fazia a sua companhia única, rememorava as conversas ouvidas na infância. Mentalmente organizava aquelas narrativas, que iam tomando forma em seu cérebro.

Um dia, já formado e especializado em Medicina retornou à querência, fixando residência em Passo Fundo. Reviu os amigos, lambeu o sal dos pagos e entre o atendimento de uma criança e outra relembrou os “causos” antigos.

Em meados da década iniciada em 1960 passou a escrever semanalmente nas páginas do Diário da Manhã. O conhecimento demonstrado sobre aspectos históricos, geográficos e culturais do Planalto Serrano e os textos sobre Medicina, especialmente sobre Pediatria e Puericultura, causaram admiração e muitas e variadas discussões. Sempre foi homem de ideias claras e jamais temeu apresentá-las.

O tempo, “senhor da razão”, acabou por validar suas ideias, especialmente na área médica. O contestado, o até mesmo

ridicularizado Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca de anos atrás, hoje está sendo “copiado” por estudiosos e centros científicos dos chamados “países mais desenvolvidos”. Esse é o destino de todos os vanguardeiros: o escárnio de contemporâneos, que acabam sepultados na lixeira da História, e o reconhecimento dos pósteros.

O ano de 1981 marca uma virada na atividade cultural de nosso Confrade. A publicação do livro *Do Caapi a Carazinho*, de Álvaro Vargas, traz versão nova sobre os primeiros tempos de nossa região. Álvaro Vargas contrariava o que Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, ele mesmo descendente dos primeiros povoadores, ouvira naquelas conversas da infância e na contraprova com autores que se dedicara a reunir informações sobre a sociogênese do Planalto Rio-grandense sob a conquista de paranaenses e paulistas.

Numa série de artigos publicados no Diário da Manhã de Passo Fundo, desmonta a tese central do livro, segundo a qual o fundador de Carazinho foi um cidadão de nome Pedro Vargas.

Até hoje outros historiadores apresentam como novidades os argumentos de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, enfiados no livro *Formação do Gaúcho*, de 1982.

Não ficou só nisso. Avançou pelo

Rio Grande do Sul afora, mostrando semelhanças e dessemelhanças entre o gaúcho serrano e o gaúcho fronteiriço.

E como o fez?

Recordando as histórias ouvidas na infância confrontadas com o conhecimento de autores que estudaram a história regional. Ali estão Delma Rosendo Gehm, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Prudêncio Marques da Rocha e tantos outros.

E assim agiu durante toda a vida: recolheu informações da história oral que conferiu com os autores da história propriamente dita.

Em 1986 saiu *Tropeiros de Mula*, em que os tropeiros têm vez e voz.

Se antes, o foco era a fundação de Carazinho e os primeiros colonizadores brancos da Região, agora é o tropeirismo, revivendo conversas ouvidas na infância, enriquecidas com os testemunhos de velhos tropeiros e criadores serranos. É o aprofundamento de informações reunidas naquele primeiro livro, e uma espécie de sua continuidade.

Novamente os prelos das oficinas gráficas do jornal Diário da Manhã de Passo Fundo serviram para a impressão do livro, que tornou o Acadêmico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca reconhecido nacionalmente com um dos mais representativos estudiosos do tropeirismo.

Em 1994 a Editora da Universidade de

Passo Fundo, dá a lume Gaúcho Serrano, usos e costumes, que é a continuidade de Formação do Gaúcho.

Um rápido estudo de literatura comparada comprova a interligação das duas obras.

Façamo-lo, estudando uma única das muitas passagens comuns.

À página 138, da única edição de Formação do Gaúcho consta um tópico sobre a criação e o manejo das ovelhas. Com mínimas alterações encontraremos a mesma passagem às páginas 68 e 69 da primeira edição de Gaúcho Serrano, usos e costumes, passagem que é mantida, levemente alterada às páginas 112 e 113, da “2ª. Edição Corrigida e Ampliada”, deste último livro.

Não é hora e local para aprofundar o sentido dessas alterações. Elas mostram uma continuidade, sob a forma de elos de uma corrente, nas três obras basilares de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca sobre a sociogênese do gaúcho serrano.

Formação do Gaúcho, Tropeiros de Mula e Gaúcho Serrano, usos e costumes, formam uma trilogia. Podem ser lidos separadamente, mas o recomendável é que o leitor siga a ordem em que foram publicados.

Tropeiros de Mula e Gaúcho Serrano, usos e costumes, mereceram duas edições, devidamente revistas e ampliadas pelo Autor. O primeiro deles, em 1994, pela Gráfica Editora Berthier Ltda., e o segundo, há poucas semanas, pelo Projeto Passo Fundo.

Em todos esses livros há uma profunda continuidade temática. Repito, temas comuns formam elos indissociáveis entre os três, sempre reforçados pelo testemunho de quem viu ou ouviu de quem viu fatos históricos e práticas culturais. Mas não só da história oral vive a obra de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca. Ele vai tirar a prova dos nove com autores locais, regionais, nacionais e até estrangeiros. Citações que não se tornam excessivas ou apenas para cumprir exigências técnicas da escolástica universitária.

Destaco, essas três obras fundamentais de nosso homenageado nesta manhã, sem as quais qualquer entendimento da sociogênese do Planalto Rio-Grandense é deficitário.

Ao concluir, Senhores Presidentes da



Dolores e Pedro Ari

Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Academia Passo-Fundense de Medicina, deixo a sugestão de que, também conjuntamente, promovamos um seminário para lembrarmos os múltiplos aspectos da obra deixada pelo confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca.

Aos Senhores e às Senhoras aqui presentes apelo para que contribuam recolhendo artigos do nosso confrade que jazem nas páginas dos jornais citadinos e nas coleções particulares.

Não podemos deixar de lembrar, ainda que de passagem, que nosso confrade se insere no rol dos “intelectuais tradicionais”, típicos representantes das sociedades agrárias.

A vivência no meio rural e o método formativo comum aos homens e mulheres do campo, como demonstrado antes, acompanharam-no durante toda a sua vida. Entretanto, vivendo a maior parte de sua existência no meio urbano, exercendo uma profissão onde se fazem indispensáveis as técnicas científicas de investigação, conseguiu romper com algumas tradições do meio arcaico de onde veio.

Sua obra de historiador foge à ortodoxia do determinismo heroico presente em quase todos os estudiosos do Rio Grande do Sul, embora mantenha algumas características dessa corrente e algo do determinismo sociológico, positivista. Mesmo excluindo o determinismo econômico, pelo que este encerra de proposta no sentido de extinção das

classes sociais, as relações econômicas não ficam totalmente excluídas de seus estudos.

Poderíamos defini-lo como um empirista histórico pelo peso com que as relações sociais da sociedade que estuda, em conjunto e de per si, exercem sobre suas pesquisas.

Esboçamos, em traços rápidos, alguns pontos que contribuem para que o autor de Tropeiros de Mula, se transformasse no mais expressivo estudioso da sociogênese planaltina e o melhor dotado historiador da velha sociedade rural serrana. A bem da verdade, uma sociedade praticamente extinta com a introdução de novas tecnologias e o avanço das comunicações, que impõe a todos modos e vida e cultura urbanos, universalmente aceitos.

Como o próprio autor de Gaúcho Serrano, usos e costumes reconheceu, por escrito, escrevia para ser lido e entendido, como o fazem todos os melhores publicistas, o que na boa e velha língua de Camões significa “intelectual público”, expressão posta em circulação pelos escolásticos contemporâneos.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca escreveu quase uma dezena de livros, que o tornaram reconhecido muito além das fronteiras do Rio Grande do Sul e o incluem, definitivamente ao lado de outros três confrades, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Jorge Edeth Cafruni e Delma Rosendo Ghem, também já levados pela indesejada das gentes.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca não morreu; continua vivo nos corações dos seus familiares, amigos e confrade e continuará pelos séculos dos séculos nas páginas dos livros que nos legou.

Muito obrigado.

NOTA DOS EDITORES: O acadêmico Paulo Monteiro pronunciou três discursos sobre a vida e a obra do confrade Pedro Ari Veríssimo da Fonseca. O primeiro deles no dia 7 de abril de 2015, quando Pedro Ari Veríssimo da Fonseca recebeu a Ordem do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri, homenagem máxima da Academia; o segundo, em 15 de agosto do mesmo ano, oportunidade em que foi lançada a segunda edição de O GAÚCHO SERRANO: Usos e Costumes e o terceiro, que aqui transcrevemos em 3 de outubro, durante o panegírico em memória do nosso confrade.

(Panegírico pronunciado pelo acadêmico Paulo Monteiro em sessão conjunta da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Academia Passo-Fundense de Medicina, em homenagem ao consócio Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, na manhã do dia 3 de outubro de 2015)

Veríssimo da Fonseca

MAURO MARTINS DA FONSECA

Prezados acadêmicos, autoridades, escritores, colegas, amigos e colaboradores da academia.

Senhoras e Senhores:

Hoje, meu pai retorna a esta casa e recebe com orgulho esta homenagem.

Outrora, cidadão ligado à diferentes segmentos da sociedade, pela profissão, se empenhou em modificar a mentalidade de mães sobre hábitos alimentares de crianças: aceitou a tarefa de pequenas escritas sobre o assunto, em colunas, para os jornais. Nestas escritas: levantou dúvidas sobre prescrições de dietas, sem histórico de benefícios em civilizações. Reagiu a pesquisas de causa e efeito mal correlacionadas, e que condenavam alimentos cotidianos nas populações saudáveis, de antes de 1950, como os clássicos: ovos e gordura de porco. Alçou o ex primeiro ministro Tony Blair, a herói inglês, por proibir comida industrializada em cantinas de escolas na Inglaterra. Convicto da repercussão da alimentação, na formação de indivíduos, com capacidade intelectual plena, ainda discorre com temperamento sobre o assunto, a qualquer um que verdadeiramente se preocupe com as futuras gerações.

Oriundo do modo de vida do campo, curioso, atraído pela leitura, foi impelido pela história de homens, que influenciaram o nosso modo de vida. Nas suas muitas leituras e escritas, aprofundou valores, que descobriu no convívio nas fazendas e granjas, por toda a região serrana. foi até as estâncias nas fronteiras, visitou quilombolas, apreciou o modo de vida de nossos vizinhos, platinos. Conversou com tropeiros, mateou com patrões, peões e paydores. Teve a amizade de grandes professores, poetas, músicos, escritores e intelectuais de áreas afins. a sua busca foi enriquecida com convivência em muitas rodas de mate, churrascos e banhos de rio.

Não pode deixar de expressar o seu



Mauro Martins da Fonseca



Veríssimo da Fonseca (E), Santina Dal Paz e Welci Nascimento

ponto de vista sobre o mundo em que viveu. Pesquisou, foi parcial, concordou e discordou por aí. Participou, enfim. Deixa-nos a escrita, em alguns livros e tantos artigos. Leva esta honrosa homenagem, como reconhecimento.

Aos senhores e senhoras, o meu mui-

to obrigado por serem companheiros, ouvintes, leitores, contestadores, nesta caminhada.

(Mauro Martins da Fonseca, filho do agraciado, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, foi orador na sessão solene de entrega da Comenda Sante Uberto Barbieri 2015, em 7 de abril de 2015.)

Santina Rodrigues Dal Paz

WELCI NASCIMENTO

Senhoras e Senhores,

A professora Santina Rodrigues Dal Paz, ao longo de sua vida já recebeu inúmeras e merecidas homenagens. Esta é mais uma.

Santina sempre esteve, umbilicalmente, ligada à educação formal e informal. Ela respira educação no fazer e no falar.

Convém, neste momento, voltarmos ao passado: “É de lamentar, profundamente, o atraso da instrução pública no município de Passo Fundo,...” É isso que dizia o relatório da Câmara Municipal endereçada à Província Imperial, em 1874. E prossegue: “Convém alguma coisa fazer que reanime as esperanças abatidas num assunto de tamanha gravidade...”.

Conta a história que em 22 de fevereiro de 1875 a Câmara Municipal solicitou a quantia de um conto de réis para a fundação de uma biblioteca.

Os anos foram se passando e, hoje, Passo Fundo é descrito como sendo uma cidade com um alto índice de instrução pública. Pessoas lúcidas, inteligentes, lutadoras contribuíram para o desenvolvimento educacional e cultural de Passo Fundo.

Uma dessas pessoas é a nossa homenageada, Santina Rodrigues Dal Paz – Considerada, de fato, uma cidadã Passo-fundense.

Ela nasceu no dia 28 de janeiro de 1930, filha de João Gomes de Oliveira e Natália Rodrigues Gomes.

Órfã desde a idade de dois anos recebeu como mãe de adoção sua tia Olinda Rodrigues. Santina foi alfabetizada pelas irmãs do Colégio Notre Dame, passando, no ano seguinte, a estudar em regime de internato na Escola Mediadora, de Tapejara, convivendo com as irmãs da congregação durante os anos de 1938 e 1939.

Em 1940, por motivo de doença de



Santina Dal Paz

sua tia Olinda Rodrigues, Santina foi estudar no Grupo Escolar de Soledade, quando este era dirigido pela professora, Georgina Rosado, retornando já no ano seguinte ao Colégio Notre Dame em Passo Fundo, concluindo os cursos primário, ginasial e de magistério com distinção, sendo uma aluna exemplar.

Santina contraiu núpcias com o Sr. Augusto Dal Paz, no dia 08 de julho de 1954, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, sendo um de seus padrinhos o Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro e esposa e Delmar Duarte e esposa Sr^a Zaida Meirelles Duarte.

Diplomada pela Universidade de Passo Fundo e pós-graduada pela mesma, Santina exerceu atividades docentes nas escolas Nicolau de Araújo Vergueiro, Protasio Alves e no Instituto Ceci Leite Costa, sendo sua primeira diretora, bem como nas escolas católicas Bom Conselho e Notre Dame.

Uma das grandes iniciativas da professora Santina, foi fundar e organizar o 7º Núcleo de Professores em 1974. Foi eleita, por unanimidade, para assumir a Direção do 7º Núcleo do CEPERGS.

Preocupou-se em aumentar o número

de associados, para fortalecer o futuro sindicato. Eu mesmo tive a oportunidade de visitar, a pé, as escolas estaduais numa batalha incansável para envolver o maior número de professores no CEPERGS.

Santina promoveu encontros, palestras, confraternizações com os professores. A época não era favorável para a realização de palestras e movimentos reivindicatórios. Porém Santina, com sua calma peculiar, venceu à frente de um trabalho árduo. Santina passa a ser uma líder por excelência com a força de superar barreiras.

Santina ressaltou, sempre, a valorização dos professores aposentados, destacando a importância de sua dedicação em tantos anos de luta na missão de educar.

Em 1980 Santina foi uma das lideranças do magistério gaúcho quando o mesmo ajudou a promover uma greve de 1º a 20 de novembro, reivindicando melhores salários e melhores condições de trabalho, visando a melhoria da qualidade do ensino.

Santina não ficava preocupada só com os assuntos da educação formal. Ela se



Santina Dal Paz (E), Dilse Corteze e Gilberto Cunha

engajou nos setores da comunidade que visavam o bem estar da pessoa. Rotary, Círculos de Pais, Academia de Letras, Instituto Histórico, Clubes Culturais e Recreativos, movimentos comunitários... Por tudo isso ela recebeu o título de liderança no magistério, educadora emérita da 19ª Feira do Livro de Passo Fundo.

Foram os jornalistas, Túlio Fontoura e Diógenes Martins Pinto que incentivaram a Santina a escrever e se tornar uma escritora nas páginas do jornal da cidade.

Eu tive o prazer de ser seu coautor em duas obras lançadas por esta academia: “Vultos da História de Passo Fundo”, em duas edições, e “Dona Heloisa: Memórias”

O ano em que a professora Santina nasceu Passo Fundo sofria muitas transformações. Perdia apreciável área territorial, mas ganhava a instalação de indústrias.

Como Santina, somos do tempo de “benzer tormenta”.

“Feche a porta”! Guarde, esconda esse machado! Não vê que está fuzilando...?

E a mãe Joana, onde é que ela se meteu que não vem benzer a tormenta?

Ah! Tá bem; já está benzendo...



Assim dizia o poeta regionalista, membro desta Casa Tenebro dos Santos Moura.

É Santina, somos desse tempo brabo! Santina, Santinha, Santa, palavra na velha língua latina.

Por agir com equilíbrio a Santina sempre tem o apoio dos que a seguem. Essas pessoas acreditam na sua liderança.

Sentimos que Santina tem personalidade forte, tem caráter, disposição e identidade. Seu temperamento é leal e

responsável.

É mansa, jovial...

Em seus relacionamentos, ela procura praticar a justiça e promover a paz.

Ela se revela, no pensar e no agir, com nobreza da alma.

(Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e foi o orador do expediente que homenageou Santina Rodrigues Dal Paz, na sessão solene de entrega da Comenda Sante Uberto Barbieri 2016, em 17 de março de 2016.)

Paulo Gilberto Bilhar Dutra

ODILON GARCEZ AYRES

Senhoras e Senhores,

E stamos aqui nesta memorável noite para homenagear mais uma personalidade do mundo cultural de nossa cidade, com a Comenda Sante Uberto Barbieri.

Mas... antes, permitam voltarmos no tempo, para fazermos um passeio pelas manifestações culturais de Passo Fundo... a noventa anos atrás, no dia 10 de setembro de 1927, quando um destacado grupo de nossa sociedade, imbuídos do nosso atávico gauchismo, formou um grupo de danças folclóricas, intitulado General Prestes Guimarães, e depois de exaustivos ensaios e sarandeios, apresentaram nos salões do Clube União Comercial de Passo Fundo, a dança da Quadrilha... dançada com versinhos e tiradas gauchescas, e a dança de origem Uruguiaia, o velho El Pericon, tendo como posteiro o Sr. Celestino Brock, com as prendas Diná di Primio, Mary Bastos, Clecy e Cecy Porto e Nazi e Ziná Pinto, e os peões Antônio Ferreira da Silva, o Camacho, Dimorvan Gomes, Oscar Kurtz, Javel Silveira, Ari Porto, Assis Magalhães, Brígido e Léco Miranda, os quais, ao som da gaita de Albino Franchini, abrilhantaram essa noitada... amplamente divulgada pela imprensa local, e imortalizada em livros.

Notem bem, que este acontecimento... genuinamente passo-fundense, aconteceu vinte anos antes do movimento tradicionalista, promovido por Paixão Cortes e Barbosa Lessa na capital do Estado.

Com o advento da fundação do 35 CTG, de Porto Alegre, em 1947, por iniciativa do Poeta e Professor Antônio Donin, foi gestado, aqui nesta Academia de Letras, a fundação do pioneiro CTG Lalau Miranda, em 1952, cujas raízes serviram de base para os sucedâneos Getúlio Vargas, Fagundes do Reis, Querência da Saudade e tantos outros.



Odilon Garcez Ayres

Criaram asas... a tradição gaúcha e o nome de Passo Fundo, projetou-se em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais, Argentina e Paraguai... e até apresentadores e artistas da TV Tupi do Rio de Janeiro vieram a Passo Fundo embevecidos pelas nossas tradições e pela gauchada da Capital do Planalto.

Duas décadas depois, por iniciativa do Bel. José Ênio Serafini, surgiu o

primeiro Informativo Folclórico do CTG Getúlio Vargas, 500 exemplares mensais, durante 12 meses, fizeram surgir outros e outros, destacando-se o da Universidade Federal de Santa Maria, e a última coleção serviu de base para fundação do CTG Plácido de Castro, de Cruzeiro do Sul, no Acre!

O mais saliente ícone dos CTGs, o cartão de visitas, foram suas invernadas de danças, com suas prendas e peões,



Agraciado Paulo Dutra (C) e membros da Academia Passo-Fundense de Letras

imbuídos de um ideal maior, a elevação das nossas danças e folclore, partiram para voos maiores, com criatividade, formaram grupos autônomos de projeção folclórica, destacando-se os típicos Farroupilhas, o Vento Norte, o Mate Amargo, o Agronomia e o badalado Terra Pampeana, capitaneado pelo nosso ilustre homenageado.

Passados duas décadas, sentiu-se a necessidade de começarmos uma renovação, e os Departamentos Culturais do CTG Getúlio Vargas e do CTG Lalau Miranda, juntamente com a 7a Delegacia de Ensino e a Câmara de Dirigentes Lojistas, patrocinaram as edições do Festivais das Escolas de 1º Grau... em 1976, 77, 78 e 1979... já como Festival Regional, revelando novos Posteiros, e espalhando-se por outras regiões a semente que aqui ficou quase adormecida, não fosse sua inserção nas Escolas Municipais e na própria Universidade de Passo Fundo, uma cadeira de estudos do nosso Folclore.

Entretanto...serviu de base...Rio Gran-

de afora.. espalhou-se com o vento e ressurgiu como o Festival do Mobrál... que bebeu do nosso regulamento e regimentos...transformando-se depois em FEGART e hoje Enart em Santa cruz do Sul.

A cidade mais gaúcha do Rio Grande, concebida por empresários e Valmor Palma, recebeu pela ousadia, chalaças e rebencaços de Uruguaiana, Bagé, Soledade, São Sepé, Vacaria e até de Carazinho, criando-se no imaginário dos passo-fundenses a ideia de que... nada aqui ia além do primeiro evento, como foi o Festival Gaúcho do Cimo da Serra, a primeira Efrica e a Carreta da Canção Nativista.

Mas... com toda força, ano após anos, de 1985 até hoje, efetivou-se o Rodeio Internacional de Passo Fundo, ao som da Esquadrilha da Fumaça e o rugido diário das delegações do Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai que aqui aportavam, maravilhados, fazendo tremer as bases do nosso padrinho vacariano.

O Festival Internacional de Folclore,

não foi obra do acaso, não surgiu num estalar de dedos, estava criado e arraigado no inconsciente coletivo dos passo-fundenses, mercê de suas realizações, desde o longínquo ano de 1927.

Cada grei que assume nossos destinos quer deixar a sua marca, e viram de inopino que as Danças Folclóricas do Rio Grande do Sul e do Prata, cada vez mais se salientavam e polarizavam os Rodeios do antecessor, e numa tacada de mestre, foram buscar no meio do funcionalismo público quem já tinha farta experiência no folclorismo... uma pessoa séria, culta, ilibada... e que recebeu carta branca e recursos, não só para realizar o 1º Festival Internacional de Folclore, mas para tratar com organismos internacionais, trazendo do mundo, para a capital do mundo, que é Passo Fundo, a nata das manifestações artísticas, culturais e folclóricas de todos os Continentes.

O nosso mais novo comendador a receber a suprema honraria da Academia Passo-Fundense de Letras, a comenda

Sante Uberto Barbieri, mentor deste sodalício, é natural de Passo Fundo, nasceu em 10 de maio de 1956. Dileto filho de João Baptista Dutra e Alba Bilhar Dutra, estudou na Escola Estadual Anna Willig, na Nicolau de Araújo Vergueiro, técnico em contabilidade pela Escola Estadual Fagundes dos Reis. Bacharel em ciências econômicas pela Universidade de Passo Fundo, e formando em Administração Pública pelo IBAM.

Na sua longa carreira...exerceu dezenas de atividades, sócio, culturais e profissionais, destacando-se como: Secretário Municipal de Turismo; Diretor-Geral da Câmara Municipal de Vereadores; Coordenador da 7ª Região Tradicionalista; Vice-Presidente do Grupo Literário Nova Geração; Presidente do Coral Universitário da UPF; Presidente e Secretário dos Corais, Grupos Teatrais e Grêmios Estudantis das Escolas Estaduais Anna Willig e Fagundes dos Reis; Secretário do Diretório Acadêmico da Faculdade de Economia e Administração da UPF; e participante de seis Projetos Rondon como Coordenador Regional da UPF.

Funcionário do Fórum de Passo Fundo; funcionário público municipal, por 42 anos. Professor no Colégio Bom Conselho em diversas cadeiras. Professor, universitário, como delegado participou de mais de 50 Festivais Internacionais de Folclore. Membro diretivo da UNESCO e do CIOFF, e, finalmente, mentor e idealizador desde 1992 do Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo.

Por tudo isso, avaliamos e afirmamos que ele é, acima de tudo, um expoente máximo da nossa cultura. A comenda Santo Uberto Barbieri da Academia Passo-Fundense de Letras, em 2017, merecidamente, é tua Paulo Gilberto Bilhar Dutra!

Muito obrigado.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e foi o orador do expediente que homenageou Paulo Gilberto Bilhar Dutra, na sessão solene de entrega da Comenda Sante Uberto Barbieri 2017, em 7 de abril de 2017.)

Paulo Dutra



PAULO DUTRA

Senhoras e Senhores,

Sinto-me honradíssimo ao receber a comenda “Sante Uberto Barbieri”, que fundamentou sua vida como amante da liberdade e lutador por justiça. E isso ele enfatizava em seus discursos no auditório da Prefeitura, em 1921, quando chegou aqui. Seu tema favorito era a liberdade de pensamento e a dignidade humana e que a violência devia dar lugar ao amor.

O que fiz e faço é porque realmente gosto e me sinto comprometido com esses afazeres e com a comunidade. Nada se faz sozinho. Desde o início sempre tive o apoio de parceiros, amigos, familiares, chefias. Meu envolvimento com o segmento cultural começou cedo, principalmente os aspectos relacionados a cultura local, a cultura popular. Participei de grupos de danças desde o primário, como Grupo Mate Amargo, Grupo Literário Nova Geração, Centro Festival Internacional de folclore de Passo Fundo. Participei com o apoio sempre dos prefeitos, desde 1975, Coronel Edu Villa de Azambuja, Wolmar Salton, Firmino Duro, Fernando Machado Carrion, Aitron Dipp, Carlos Armando Salton, Osvaldo Gomes, Júlio Teixeira e agora Luciano Azevedo, aos quais agradeço penhoradamente, e também aos colegas de trabalho que tive ao longo de todos esses anos. Aos voluntários-amigos que trabalharam conosco, o meu melhor agradecimento.

A Comenda, que hoje a Academia Passo-Fundense de Letras me outorga, é um dos maiores apoios ao trabalho até então desenvolvido. É uma mão no ombro dizendo vá em frente, você está no bom caminho, é isso que deve ser feito. É um alerta de que devemos seguir em frente sempre tentando fazer o melhor possível pelo bem comum, na área que estamos.

Obrigado à Academia Passo-Fundense de Letras, obrigado a Passo Fundo!

Padre Elydo Alcides Guareschi

Na noite de 9 de Junho de 2014, na sede do Clube Comercial, em Passo Fundo, foi realizada a sessão solene de panegírico promovida pelas Academias de Medicina e de Letras de Passo Fundo, com apoio da Universidade de Passo Fundo, CEPROM e Academia de Ciências Contábeis do RS, em homenagem à memória do Pe. Elydo Alcides Guareschi. Participaram diversas autoridades e familiares do homenageado.

A abertura da sessão foi feita pelo presidente da Academia Passo-Fundense de Medicina, Acadêmico Carlos Antonio Madalosso. Logo em seguida falou o Reitor da UPF - José Carlos Carles de Souza, fazendo um relato da trajetória de vida do Pe. Alcides Guareschi e sua histórica contribuição para a UPF. Na ocasião o Reitor entregou uma placa homenageando o Pe. Alcides que foi recebida pelo Sr. Arlindo Guareschi.

Também se manifestaram Gilberto Cunha, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e Afonso Heckler, em nome da Academia Passo-Fundense de Medicina.

Em nome das Academias de Medicina e Letras os Presidentes Carlos Antonio Madalosso e Gilberto Cunha fizeram a entrega de uma placa em homenagem a memória e ao trabalho desenvolvido pelo Pe. Alcides Guareschi. Recebeu a placa em nome da família Guareschi, o Sr. Vital Guareschi.

Pela Academia de Ciências Contábeis do RS, falou o secretário Julio Ferreira de Andrades destacando o trabalho do Pe. Alcides na criação do curso de Ciências contábeis na UPF. Junto com o presidente Eloi Dalla Vechia efetuou a entrega de placa em homenagem a memória do Pe. Alcides Guareschi. Recebeu a placa, em nome da família, o Sr. Luiz Guareschi.

A Sra. Zélia Guareschi Fioresi manifestou-se, ao final, agradecendo a homenagem recebida pela família em nome do Pe. Elydo Alcides Guareschi. Ressaltou que as placas recebidas ficarão no museu criado por Alcides em sua cidade natal, em Colorado/RS.



Gilberto Cunha (E) e Carlos Antonio Madalosso (D) entregam placa ao Sr. Vital Guareschi em homenagem e reconhecimento a trajetória do Pe. Alcides Guareschi



Sessão teve a presença de familiares e lideranças da comunidade



Autoridades presentes na sessão solene

Manifestação da Universidade de Passo Fundo

JOSÉ CARLOS CARLES DE SOUZA

Saúdo, inicialmente, o Dr. Carlos Madalosso – presidente da Academia Passo-Fundense de Medicina; e o Dr. Gilberto Cunha – presidente da Academia Passo-Fundense de Letras;

Saúdo, também, e com especial devoção, aos familiares do Pe. Elydo Alcides Guareschi.

Senhoras e Senhores.

No livro dos livros, Eclesiastes, filho de Davi, rei de Jerusalém, exemplificando os eternos contrastes da vida, mostra que todas as coisas têm o seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu, segundo o seu termo. Assim é que,

Há tempo de falar e de calar;

Há tempo de nascer e de morrer.

No dia 6 de maio de 2014, fomos surpreendidos com a notícia consternadora da morte do Pe. Elydo Alcides Guareschi. Essa data ficou marcada pelo pesar que todos sentimos pela sua perda e por constituir um momento para refletirmos sobre o seu legado de vida e a sua obra.

Por isso, com muita honra, participamos desta homenagem, pois se trata de mais uma oportunidade para expressarmos, em nome da Universidade de Passo Fundo, a nossa gratidão e o nosso reconhecimento a um de seus idealizadores, na verdade, arriscamos dizer, ao mais intelectualizado, ao mais inteligente, visionário e habilidoso, ao protagonista dos principais momentos do processo de constituição e consolidação da história de nossa universidade.

Assim, não há como falar no Pe. Alcides Guareschi sem associá-lo à história da UPF – sendo a recíproca também verdadeira. A sua participação tem início em 1957, quando chegou em Passo Fundo e encontrou na comunidade movimentos que visavam à criação de cursos superiores. Conviveu com os

integrantes da Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo e do Consórcio Universitário Católico.

De imediato, passou a envolver-se em discussões sobre o assunto, demonstrando, desde logo, a sua paixão pela educação. Passado algum tempo, revelava-se um dos líderes do movimento, integrado e comprometido com o tema.

Entretanto, todas as iniciativas encetadas pelos dois grupos, quer pela Federalização ou Estadualização do ensino superior em Passo Fundo, não prosperavam, pois esbarravam nas deliberações do poder público e nas disputas políticas, evidenciando que, à época, o Estado e a União não eram bons companheiros na questão educacional.

A frustração dos resultados de modo algum desencorajou os líderes desse movimento, que, diante das dificuldades e conflitos enfrentados na busca do sonho da implantação de uma universidade, pensaram em outras alternativas.

Superando as questões políticas, interessava ao Pe. Guareschi encontrar meios para conquistar uma universidade para o município de Passo Fundo. Diante desse quadro, no ano de 1965, publicou, no jornal O Nacional, uma mensagem que dizia: “A universidade de Passo Fundo chegará, não como uma esmola, mas como uma conquista de um povo livre, consciente e amante da cultura” (O Nacional – 20.7.65)

Nesse tempo, liderados pelo Pe. Guareschi, os integrantes dos dois grupos discutiam a constituição de uma entidade única com personalidade jurídica adequada, capaz de abrigar os interesses de ambos os movimentos, bem como o conjunto de cursos então existentes. As forças políticas de Passo Fundo endossaram as suas iniciativas.

Em 1967, com a fusão da Sociedade Pró Universidade e do Conselho Universitário Católico, os conflitos serenaram e deliberou-se, então, a constituição da

Fundação Universidade de Passo Fundo, tornando os seus interesses comuns, mediante a reunião do patrimônio e de todas as atividades desenvolvidas. Os cursos, os professores e os funcionários vincularam-se, então, à FUPF.

Importante destacar que Pe. Guareschi teve efetiva participação na convergência de forças para construção dessa unidade de interesses, revelando as características de um líder conciliador, seguro e convicto de sua missão. De imediato, tornou público os propósitos da Fundação UPF referente ao ensino superior, por meio de quatro artigos de sua lavra, intitulados “A caminho da universidade”, veiculados nas edições do jornal O Nacional de 9 a 13 de maio de 1967 e dos quais extraímos pequenos trechos, que ora destacamos:

“Em Passo Fundo, estamos vivendo uma hora decisiva no tocante ao desenvolvimento do ensino superior.

E, certamente, depende principalmente de nós passo-fundenses, de nossa capacidade de entender a evolução dos tempos e de aceitar-lhe as exigências e as pressões, que se torne realidade o ideal de Universidade que empolga a população da cidade e da região.

A Universidade deverá ser estruturada em moldes modernos, segundo o que vem sendo recomendado pelos mais atualizados educadores. No nosso caso, não se trata, pois, de aglutinar simplesmente uma série de escolas superiores, mas de aproveitar a oportunidade para dotar a região de uma Universidade Moderna.

Mas, não queremos colocar os assuntos em termos de vaidades e competições locais.

Em Passo Fundo, queiramos ou não, já existe uma Universidade de fato com características regionais.”

No ano seguinte, em 1968, ocorreu a criação legal da Universidade de Passo Fundo. O Pe. Alcides Guareschi foi indicado para exercer o cargo de Vice-



-Reitor acadêmico, dando início às suas relevantes atividades na universidade, juntamente com o Reitor Murilo Annes.

A sua influência fora marcante desde o início. A universidade apresentou-se como uma instituição de ensino superior inovadora e aberta, aceitando todas as contribuições que lhe eram oferecidas. Tinha uma visão regional e, na sequência, acolheu pedidos de implantação de Centros de Extensão Universitária. Percebendo que a universidade se estruturava rapidamente, o professor Guareschi dedicou-se a atribuir-lhe caráter comunitário e defendeu permanentemente essa característica.

Esse modelo de Instituição de Ensino Superior foi recentemente reconhecido pela nação brasileira, através da Lei das Comunitárias, cujo significado conceitual o Pe. Alcides Guareschi também ajudou a construir.

As importantes decisões tomadas pela Universidade somente foram concretizadas em razão da visão privilegiada desse educador. Destacamos, aqui, apenas duas:

- a implantação da Faculdade de Medicina, curso ao qual sempre devotou especial atenção;

- e a implantação dos cursos de formação de professores de ensino

fundamental e médio, então 1º. e 2º. graus, principalmente aqueles que aproveitavam o período das férias escolares, caracterizando fato novo no cenário da educação nacional.

A UPF, à época, realizava as suas atividades motivada em atender, promover e acompanhar o desenvolvimento do seu entorno.

Pois bem, desde o início, foram marcantes as ações desse pertinaz construtor dessa obra monumental, não no sentido da sua ostentação, mas do seu significado para a comunidade e para as gerações que ainda fariam parte dessa história.

Ele foi um cidadão comprometido com as suas missões, tanto na religião, quanto na educação ou na comunidade. Em todas elas, ele teve destacadas realizações. Foi empreendedor de iniciativas inovadoras. Liderou as atividades que visavam ao desenvolvimento local e regional, merecendo destaque a sua também significativa participação no Condepro. Além disso, sua contribuição com o desenvolvimento e aprimoramento da região nunca cessou e, em especial, teve continuidade com sua atuação como Secretário da Educação no Governo municipal.

Nas suas atividades junto à Igreja, sempre demonstrou compreender o seu

semelhante e renovava os seus votos de entrega à causa cristã constantemente, por meio de seus atos e ações.

Convivemos alguns anos com esta notável figura humana que, mesmo não sendo afeito a honrarias e lisonjas, mereceu várias homenagens. Destacamos o título de Cidadão Passo-fundense, outorgado pela Câmara de Vereadores; de Educador Emérito, pelo Governo do Estado do RS; e de Doutor Honoris Causa, pela Universidade de Passo Fundo.

No seu livro *Universidade Comunitária*, uma experiência inovadora, lançado em 2012 – cuja obra tivemos a honra de prefaciar –, contou como viu acontecer a história da Universidade de Passo Fundo, revelando o seu estilo simples e especial de lembrar dos fatos, fazendo questão de compartilhá-los com os demais protagonistas, rico em detalhes, próprio de quem manifestava daquela forma a sua paixão por tudo que viveu. Ofereceu, por meio de seus textos, uma reflexão sobre o passado sem deixar de lembrar a todos a sua visão de futuro, realçando, na sua narrativa, o comprometimento com que tratava essas questões que servem de inspiração para a nova geração de professores e dirigentes da nossa Universidade.

Já no livro *O que eu aprendi* (Diário



de um secretário de educação), revelou que, como professor, reitor ou secretário municipal, ele nunca parou de aprender. Acrescentamos que, em verdade, o professor Guareschi nunca deixou de ensinar a todos que o cercavam, quer por meio de lições expressas, quer pelo exemplo de suas atitudes.

Embora tenha sempre denominado a si mesmo como um permanente aprendiz, devemos fazer justiça e registrar que ele foi um incansável professor. Referimo-nos, aqui, tanto à sua atuação docente, quanto aos ensinamentos que deixou pelo modelo de vida e pelos também incansáveis registros que se preocupou em deixar para a posteridade, socializando conhecimentos e experiências. Referimo-nos, aqui, ao autor de livros que registram histórias ímpares de nossa Universidade e de nossa querida Passo Fundo. Sobre isso, registramos que, pouco antes do incidente que levou à sua hospitalização, a Universidade de Passo Fundo, por meio de sua editora, havia definido e acertado com o Pe. Guareschi todos os trâmites necessários para a republicação da coleção de sua autoria intitulada O processo de construção da Universidade de Passo Fundo, na qual, em oito livros, retratou aspectos como “antecedentes e origens”, “nascimento e implantação”, “organização multicampi”, “a UPF e o desenvolvimento regional”, “campus físico”, “desenvolvimento do ensino da pesquisa e da educação”, “experiência do planejamento, avaliação e gestão” e “comunidade acadêmica”. Infelizmente, sua hospitalização ocorreu antes da data prevista para o lançamento da nova edição, o que nos fez aguardar pela

sua recuperação. Como não tivemos a felicidade de contar com o seu retorno, aproveitamos esta noite para divulgar o lançamento da coleção em sua versão digital, disponível para consulta e download gratuitos no site da UPF, no link da UPF Editora: www.upf.br/editora. Convidamos a todos para acessar os arquivos e conhecer um pouco mais de nossa história, escrita pelas mãos desse sempre talentoso autor e exemplo de professor.

Nesse sentido, importante registrar, ele nunca clamou para si a autoria da criação da UPF, mas durante esse processo esteve sempre presente e atuante. No seu aspecto macro, por óbvio, a construção da Universidade de Passo Fundo sempre foi coletiva, entretanto, a definição das estratégias, a metodologia e as marcas da sua criatividade sempre foram pessoais e continuam perceptíveis.

O padre Elydo Alcides Guareschi protagonizou a construção da UPF e fez dela a sua catedral. Embora não tenha feito dela a sua morada física, fez o ancoradouro de seus desejos mais sublimes e da sua missão de vida.

Por onde quer que se ande, nos mais variados espaços da universidade, nas ruas, nos diversos setores encontramos as marcas das suas ações. Com jeito humilde e sem alardes, foi semeando as suas ideias e atraindo discípulos.

Por lá permaneceu por mais de 50 anos, pois, além do tempo em que exerceu os cargos de professor, diretor, vice-reitor e reitor, sempre acompanhou todos os acontecimentos da Instituição, ou seja, o Pe. Guareschi nunca se afastou da UPF.

Ainda vivemos um sentimento dúbio, misto de tristeza, pelo passamento dessa exemplar figura, e de agradecimento, por termos desfrutado de momentos na sua agradável companhia e convivido com os seus ensinamentos. Admiramos a sua inteligência invulgar, a permanente altivez, a posição firme e ao mesmo tempo harmoniosa de quem sabia exercer o poder de seu cargo ou função, sem oprimir ou desmerecer os seus subordinados. Sempre manteve o olhar universal, enxergando além, visualizando a majestosa obra que estava permanentemente construindo, mesmo após o seu jubilamento.

Ainda teve tempo para influenciar os seus pares para continuarem a construção da sua Catedral, que, a cada momento pretendia vê-la maior e melhor.

Ao finalizarmos essa manifestação, afirmarmos, tal qual um poeta, que o Pe. Alcides Guareschi continuará vivo, pois, para quem acredita:

Não há mortos,

Há vivos e só vivos. Uns na terra, outros além

A morte é apenas um momento, é a passagem...

Permanecem os ensinamentos, as obras e o exemplo de vida.

Que o exemplo de vida do Pe. Elydo Alcides Guareschi sirva a todos, sobretudo aos mais moços, para que, humildemente, possamos dar continuidade à obra da qual este nosso sempre Reitor foi o principal protagonista.

(José Carlos Carles de Souza é advogado e reitor da Universidade de Passo Fundo.)

Manifestação da Academia Passo-Fundense de Medicina

AFONSO HECKLER

Quem é aquele por quem os sinos dobram?

Quem é aquele por quem a Academia Passo-Fundense de Medicina, juntamente com a Academia Passo-Fundense de Letras; e a própria Universidade de Passo Fundo se unem em sua memória?

Como identificar por quem a comunidade civil e a comunidade religiosa, com a presença de suas mais altas representatividades, se juntam para cultivar sua memória?

A identidade que perquirimos ultrapassa a figura impoluta do Sacerdote; vai além do Reitor Magnífico.

A identidade, isto é, o que acreditamos ser e o que os outros acreditam que sejamos, é o fulcro do relacionamento humano.

Ao interagirmos, o ritual comportamental se pauta pela identidade nossa e a do outro.

Em cada Eu habitam sentimentos não conversíveis em discurso (palavras). Portanto, a identidade transcende a sua própria trajetória.

Neste ponto a figura do Pe. Elydo Alcides Guareschi se agiganta, pois sua identidade possui uma singularidade não idêntica a nenhuma outra.

Portanto, a forma de homenageá-lo in memoriam nunca terá a densidade suficiente para retratá-lo, para enaltecê-lo sem recorrer ao eufemismo, por ele ser um símbolo de religioso, de educador e de administrador.

Na história sempre houve símbolos aos quais o povo se referendava.

Quem tem um referencial simbólico sabe por onde andar para chegar aonde ele chegou e como conquistar seus ideais como ele os conquistou.

Felizes, pois, todos aqueles que conviveram e reconheceram o símbolo padre

Alcides, pois podem repetir o mote latino: *Benedictus Dominus qui nobis dedit symbolum.*

Sentido da vida

Há um anseio adormido no coração humano: descobrir no curso de sua existência o sentido do que está fazendo. Nosso homenageado soube preencher esse vácuo ao cultivar uma gama de valores.

Lembro-me de sua recomendação a nós professores da Faculdade de Medicina da UPF, para que agregássemos valores morais ao conteúdo científico das aulas. Ressaltando o amor, a bondade, a generosidade e a honestidade, porque eles, os valores, enriquecem nossa vida.

O Pe. Alcides “travou o bom combate” durante seus 83 anos... e venceu.

Jogou a competição diária da vida com fé, muita esperança e amor, durante sua vida e triunfou.

Competiu com seus pares... e tornou-se Magnífico na plenitude do termo.

Recebeu raros e honrosos títulos: Educador Emérito do RS; Cidadão Honorário de Passo Fundo; Doctor Honoris Causa pela UPF. Seria longo citá-los todos. Tão laureado e jubilado, ele podia salmodiar com o poeta (Wilson João) o quanto a vida vale a pena:

“Sou alguém carregado de vida

Em cada gota de sangue, um pedaço de vida

Movimentos infinitos, vida infinita”.

Disse bem o sociólogo polonês Zygmunt Bauman quando concluiu que o produto interno bruto – PIB – mede tudo, menos o que faz a vida valer a pena.

É inerente ao ser humano a conviência. Disto já sabia Aristóteles ao dizer a mundialmente repetida frase: *Ho Anthropos zōon politikón estín* (O

Homem é um animal político = social).

Como a vida é uma jornada, sempre haveremos de encontrar mais pessoas pelo caminho. Quantas pessoas o Pe. Alcides encontrou durante esses 83 anos? Quantas pessoas receberam o seu cumprimento? A quantas ele sorriu; estendeu-lhes as mãos; as abraçou e as abençoou?

A biografia do Pe. Alcides não narra apenas a trajetória de um indivíduo, mas é, sobretudo, uma história sobre o que pode um indivíduo realizar durante sua trajetória.

O filósofo Hessen relaciona o sentido com o valor: “o sentido da existência humana reside na humanização de sua essência, na consumação de sua personalidade. Isso ocorre por meio de valores”. Assim, sempre que se realizam valores, cumpre-se o sentido da vida.

Os valores são a nossa herança maior. Dentre todos os valores é consenso universal que a Vida é, em termos de Filosofia do Direito, o maior valor humano.

Com sua racionalidade, o homem sente-se fugaz, transitório. O desejo de permanecer é ameaçado pela lembrança da finitude.

Realmente a vida tem seu tempo limitado, porém as obras realizadas e os legados permanecem: *Tempus fugit – opera manent.*

Nosso homenageado notabilizou-se pela dimensão da sua capacidade de trabalho e pela sua personalidade inconcussa sem ser inflexível. Durante os longos anos de sua vida acadêmica, imprimiu a marca de suas virtudes. Autêntico, firme, determinado.

Perseverante, tinha paixão pelo que fazia. Possuía forte disciplina, caráter inovador, buscando sempre o melhor. Estava disponível.

Aos familiares do Pe. Alcides

Consternados com a partida de um

dos personagens mais conhecidos de Passo Fundo, o primeiro mês do seu passamento ainda não foi tempo suficiente para cicatrizar nosso sentimento de perda. Continuamos em luto com vocês, mas “com esperança”, como ele próprio dizia.

Homenagem póstuma é celebrar a passagem de uma vida, cujo mistério não pode ser respondido, mas mereceu ser vivido.

A homenagem in memoriam sempre será “uma cerimônia celebrada piamente na presença maior do seu rosto ausente”.

Queremos celebrar a efeméride com dignidade e carinho, foi com este desideratum que o presidente da Academia Passo-Fundense de Medicina, acadêmico Dr. Carlos Antonio Madalosso conclamou-nos para prestar-lhe essa homenagem.

Passo Fundo deve imensa gratidão ao Pe. Alcides, pois jamais seria o que é, sem o explícito aporte das suas contribuições.

Quem agradece, sente-se ligado ao outro: ob ligatus.

Portanto obrigado não significa uma dívida a pagar, porque o que recebemos foi de graça.

A gratidão é a rainha das virtudes.

Pe. Alcides magnificou a UPF; sua presença e direção a engrandeceram, a dignificaram e, sobretudo, a enriqueceram com seus valores aportados.

Queremos compartilhar para sempre com seus familiares o privilégio de tê-lo havido por tantos anos entre nós. Pelas memórias, os pósteros saberão quem foi o reitor Pe. Alcides Guareschi.

O museu de Colorado

Nosso homenageado não esqueceu suas origens. Cultuava um grande amor aos seus familiares.

Num domingo de Páscoa, após a missa, Izabel e eu o cumprimentamos e convidamo-lo para almoçar conosco. Disse-nos que iria festejar a Páscoa com seus familiares em Colorado, acrescentando que costumava ir lá sempre que lhe era possível.

Ao final de uma consulta falou que estava montando um museu e perguntou-me sobre alguns objetos que eventualmente eu teria para a sua coleção.

Fiquei sensibilizado com o seu cuida-

do, ao salvar os objetos dos antepassados, como relíquias.

Um museu é um arquivo histórico. Cada objeto conta uma estória. É como um filme mudo e fala aos nossos sentimentos.

Sem este resgate do passado, aquele “mundo” dos antepassados seria como se nunca tivesse existido.

Devemos imenso tributo aos anais históricos, às fotos desbotadas, aos museus que guardam objetos hoje fora de uso, porque eles todos guardam o silêncio do passado; só eles sabem o seu segredo e têm a chave do seu desvelamento.

Sentir-se ligado à Terra-Natal como o Pe. o sentia, é possuir raízes pelo resto da vida.

Mais uma bela qualidade do Pe. Alcides.

Virtudes

O Sacerdote e Reitor, cuja memória celebramos nesta emocionante cerimônia, é possuidor de tantas virtudes e méritos, que não os esgotaremos, ainda que, voltando a citá-los em diferentes momentos.

Sua contribuição como sacerdote na então Diocese de Passo Fundo, com seus sermões preparados e comidos, conseguiram um auditório cativo para a missa dominical. Sua tônica era transmitir-nos a mensagem do “SENHOR Jesus Cristo”.

Dono de personalidade segura e firme, acrescida de bondade; seu trato agradável e conquistador; bom ouvinte – sensível ao que o interlocutor tinha a lhe dizer, com olhar arguto e sobranceiro, mas modesto nas suas manifestações.

Exercia sua autoridade com dignidade. Pessoalmente participamos de muitas entrevistas com o reitor Pe. Alcides, seja em pequenos grupos, seja em caráter estritamente particular. Jamais falava “de cima”, mas de igual para igual.

Sabemos que o importante não é relatar tantas obras realizadas, e sim ter tantas obras realizadas para relatar.

Homenagem merecida

O Pe. Alcides conquistou esta homenagem por mérito, pelo valor de servir na missão nobre de se preocupar com a formação de milhares de jovens da

abrangência do Planalto Médio; consagrado pelo respeito de seus pares e do próprio MEC; recebendo hoje, o reconhecimento dos que tiveram a ventura de sua convivência e usufruíram de sua amizade.

Pe. Alcides foi um artífice na arte de servir milhares de jovens que passaram, passam e passarão pela UPF, que foi, é e será tão excelente porque alguém assim a construiu (desenvolveu). Ele amava a sua missão de educador.

Amar e servir envolvem emoções refratárias de serem quantizadas, mensuradas ou ponderadas. Certamente Passo Fundo também é uma referência educacional porque houve um Pe. Alcides que aqui atuou por meio século.

Sacerdote, educador, diretor de faculdade, reitor por 16 anos, líder comunitário, vigário capitular, membro do tribunal eclesiástico, ... sempre à frente de seu tempo.

Ninguém é apenas a pessoa que vemos. É muito mais, pois cada qual carrega uma história de vida e traz em sua subjetividade marcas, sentimentos e emoções, conhecimentos e anseios que fazem transcender qualquer juízo que dele possamos fazê-lo. Assim também o é com o nosso homenageado Pe. Alcides.

Falta-nos a palavra certa que resuma sua trajetória e mostre todo o significado de seus feitos.

A vida de uma organização universitária não deve ser medida apenas pela sua trajetória, de seus anos de existência. O que importa é o que dela fizeram os homens que lá atuaram.

Amigos do Pe. o classificam como um visionário, querendo dizer que ele tinha uma visão do futuro da UPF; ele sonhava com o futuro da universidade.

Essa homenagem póstuma é o reconhecimento de todos nós, patrocinado pela Academia Passofundense de Medicina, à excelência desse exemplo de educador.

Cada pessoa enriquece o mundo conforme produza obras de valor. E não existe obra boa que não tenha consequências sociais: “Toda alma que se eleva, eleva consigo o mundo” (Teresinha de Lisieux)

Ao relembarmos as realizações do reitor, os seus méritos e conquistas, é



difícil esgotá-las mas é categórico que o lembremos. Eis a razão desta homenagem in memoriam. Memória são vidas, conquistas, sonhos, realizações, trajetórias, mas também perdas.

Aspectos ocultos

Quem conhecia o Pe. Alcides de maneira formal, certamente levava a impressão de que ele vivia uma vida tranquila. Quem o via nas cerimônias públicas como reitor ou quem o via como clérigo nas cerimônias religiosas que oficiava, via nele uma pessoa demonstrando serenidade.

Tanto na Universidade quanto no Serviço Eclesiástico há muito para comemorar e aplaudir. E o Pe. Alcides usufruiu dessas benesses ou direitos de estola.

Com o objetivo de mostrar o reverso, pontuarei alguns dados que também ocorrem nas duas estâncias: Universidade e Igreja. Apenas farei o relato, sem emitir qualquer juízo de valor.

O Brasil conta com 191 universidades e mais 41 centros universitários e faculdades. Na UPF, na eleição para o quadriênio 2014-2018, ocorrida em maio

próximo passado, havia um universo de 4.781 pessoas, entre professores, alunos e funcionários.

A universidade é um Campus do pensar, do julgar, da produção de novos conhecimentos... Lá habitam seres de personalidades distintas; de diferentes ideologias. Há fortes rivalidades na carreira acadêmica. Muitos almejam o mesmo topo.

Principalmente na época do pós-moderno há múltiplas mudanças de paradigmas.

Não se introduz o novo sem resistências, sem luta e sem sacrifícios pessoais, como o mostra a história dos cientistas. Há modelos para serem ultrapassados; paradigmas que devem ser quebrados e superados.

Tomás S. Kuhn prova que os cientistas não seguem exclusivamente a lógica da pesquisa de Karl Popper, mas são influenciados por fatores emocionais e outros.

Até no campo da teologia, Hanz Küng se vale da obra de Tomás S. Kuhn *The Structure of Scientific Revolutions* obra em que o autor fala de conhecimentos, do progresso do nascimento do novo e,

portanto especialmente das controvérsias atuais.

Existem instâncias e patamares na universidade que podem se transformar em torres de cristal.

Naturalmente, tudo que é novo ou que pretende questionar e modificar regras e procedimentos consolidados, desperta restrições e reações a sua aceitação.

Na passagem do século XIX para o século XX, enquanto as ideologias polarizavam-se em torno do capitalismo e do socialismo, uma outra corrente veio aflorar de permeio, equidistante dos extremos que se contrapunham com tanta radicalização. Trata-se da Doutrina Social da Igreja, consubstanciada na encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII.

Foi um paradigma inovador.

Agradecimento

O reitor Alcides Guareschi abriu novos caminhos. Se recorrermos à História, veremos que os dominadores do mundo foram os que começaram seu domínio e suas conquistas, abrindo caminhos. Assim o fizeram os Romanos no tempo de Cristo. Os Portugueses e

Espanhóis, com sua então desenvolvida marinha, abriram caminhos indeléveis nos mares – mesmo que os sulcos das proas fossem apagados pelas ondas – mas as rotas estão até hoje nos mapas.

O Indutor do progresso dos Estados Unidos foram as ferrovias. Construíam-se pontos de partida para os trens, e os trilhos eram colocados à medida em que se avançava. Era o clássico lema: *Se hace el camino, caminando*.

Os bandeirantes paulistas no Brasil abriam caminhos através das florestas, chegando até as Reduções Jesuíticas do sul que, não possuindo embargos infringentes, sofreram infligentes destruições.

A visão do Reitor Alcides ia além do horizonte e fê-lo expandir os campi em cidades do enredor, facilitando o acesso ao ensino superior a uma multidão de jovens moradores daqueles locais ou próximos deles.

Os caminhos do Pe. Alcides se abriam sem destruir, sem ferir.

Foi o homem certo no lugar certo. “Providencial” – diriam os senhores Bispos.

Hoje, o Reitor José Carlos Charles de Souza sabe bem avaliar as conquistas do passado e prosseguir na linha do progresso.

Teologia

Houve inovações na sua carreira sacerdotal?

Quando o Pe. Alcides foi ordenado, a Liturgia da Igreja Católica era unívoca e universal. A missa começava com o *Introibo ad altare Dei* e concluía com o *Ite missa est*. O órgão e o coral reboavam pelas abóbadas, misturando-se os sons com as nuvens de incenso.

Já nos primeiros anos após sua ordenação sacerdotal: *Tu es sacerdos in aeternum*, veio o Concílio Vaticano II. O Papa João XXIII “abriu as janelas da Igreja para que os de dentro pudessem olhar para fora e os de fora pudessem olhar para dentro”.

Dois jovens e promissores teólogos: Joseph Ratzinger de Munique e Hanz Küng de Tübingen trabalharam na mesma comissão conciliar.

Havia grandes expectativas em relação aos frutos – isto é – mudanças pós-conciliares, tanto dos religiosos, quanto dos leigos; tanto de homens

consagrados ao serviço eclesiástico, como de mulheres leigas, querendo ser consagradas para o santo serviço.

Até então valia o imperativo categórico: *Roma locuta causa finita*.

Veio o desafio da pós-modernidade.

Enquanto as ideologias continuaram olhando para trás, as utopias olhavam para frente. Por isso é difícil conciliar, dentro da igreja, as posições opostas de hoje de Joseph Ratzinger que se tornou Bento XVI e as de Hanz Küng, teólogo jubilado por ordens do Vaticano.

É difícil conciliar a profundidade e perspicácia jesuítica de Karl Rhaner, a superbia dominicana de um frei Beto ou a modéstia franciscana de um Leonardo Boff.

Não há química teológica capaz de formar um amálgama de consistência com tantas discrepâncias, nem com a proteção do beato Francisco Castelo, novo Patrono dos Químicos. O resultado disso tudo é que temos uma religiosidade de “massa mole” que é o significado etimológico da palavra grega amálgama.

Não bastasse isso, pergunto aos Srs. Bispos que nos honram com sua presença:

Desvaneceu-se o limbo?

Apagou-se o purgatório?

Esvaziou-se o inferno?

(*Es gibt wirklich eine Hölle, aber sie ist vielleicht leer* = Existe verdadeiramente um inferno, mas talvez ele esteja vazio – Hans Urs von Balthasar).

E onde está o Sacerdote, o Pregador Pe. Alcides nesse contexto?

Certamente também nele tais notícias tiveram sua repercussão ainda que tivesse bem organizadas suas estruturas filosóficas e teológicas baseadas na Escolástica.

Realmente, ei-lo erecto, vertical na sua postura corporal e espiritual, humana e religiosa, nas suas pregações, falava com segurança dos ensinamentos do SENHOR Jesus Cristo que, independente das tergiversações sempre continuarão sendo “palavras de vida eterna”.

Temos fundadas razões de que o seu equilíbrio foi fruto da estreita aproximação com seus quatro prelados:

- Dom Cláudio Colling – arguto e perspicaz;

- Dom Urbano Allgayer – com sua longa e virtuosa vivência religiosa;

- Dom Ercílio Simon – com seu equilíbrio e discernimento;

- Dom Antônio Carlos Altieri – com sua loquaz didática salesiana.

Com pilares deste jaez nenhum abalo sísmico deixaria fendas na estrutura de fé do Pe. Alcides.

Conclusão

A Cosmologia estuda o universo onde a vida se manifesta. Essa ciência afirma que muitas das estrelas que vemos hoje já não existem. O que vemos é seu brilho emitido há 200 ou mais anos-luz e que só agora chega até nós.

Assim é a luz dos homens que souberam brilhar. O alcance de seus feitos continuará brilhando pelo tempo afora.

O universo assiste a passagem das estrelas sem nós nos darmos conta. Logo, parece que isto não é importante.

Mas vale perguntar: e a passagem de um homem por este universo, não é mais grandiosa do que a passagem de uma estrela?

O homem deixa marcas indeléveis. Cada ato seu afeta o outro, pairando para sempre sobre a humanidade. É isto que Teresinha de Lisieux nos quis ensinar.

Ao transpor o Portal da Eternidade, nosso homenageado pode apresentar três credenciais, todas carregadas com méritos colhidos durante sua vida:

1º Credencial: Foi a do seu Batismo: Elydo Alcides Guareschi.

2º Credencial: Foi a do seu Sacerdócio – *Tu es sacerdos in aeternum*

3º Credencial: Foi sua atuação universitária – Reitor Magnífico para sempre.

Peço um instante de silêncio para que cada um possa pensar, à sua maneira, no Pe. Alcides Guareschi.

Pe. Alcides, em instantes, todos estaremos ao redor da mesa, neste cenáculo, repartindo o pão para saciar a fome do corpo; olhando-nos como irmãos para saciar a sede de nossa alma; todos em comum – união.

Faremos tudo isso em sua memória.

Benedito Hespanha

IRINEU GEHLEN

Estou significativamente honrado com o convite que me fez a ilustrada Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Professora Dilse Corteze, para homenagear o acadêmico falecido, Doutor Benedito Hespanha, que era referência no seio deste sodalício. Agradeço a indicação do fundo do meu coração, pois, saudar um expoente da cultura, já é uma distinção inegável, mas, saudar um amigo é emocionante.

O homenageado casou-se em 1958 com a Professora Therezinha Koehler Hespanha, profissional destacada do Magistério Público Estadual de Passo Fundo. O casal possui duas filhas, a Jovem Ana Carla Hespanha e Caroline Hespanha, que nos honram com suas presenças nesta noite, juntamente com os demais familiares aqui presentes.

O homenageado, durante seis anos ininterruptos presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras, fazendo esta entidade reviver, com a sua inteligência e majestoso cabedal de conhecimentos e cultura, Passo Fundo floresceu. Escreveu diversas obras e foi Professor Catedrático da Universidade de Passo Fundo — UPF.

Assim, homenageia-se o promotor ilustre, o mestre destacado, o pai de família abnegado, o acadêmico e o cidadão passo-fundense. Benedito Hespanha formou-se na Universidade de São Paulo, nascido na Bahia em 1929, e promotor de justiça em 1963.

Sempre revelando amor ao direito e a literatura, Benedito Hespanha foi presença na luta pela liberdade já presenciada na legislação Mosaica; na lei das XII tabuas, nos códigos de Hamurabi; no Alcorão; nos Princípios Filosóficos e políticos de Mêncio, na antiga China; e, nas civilizações helênicas e romanas. A liberdade, dizia ele, humaniza o homem.

Estamos todos consternados ao perdermos o intelectual com tantos



pendores e que dardejou pelos caminhos da vida semeando cultura, ilustrando pessoas e disseminando livros.

Afinal, mencionando Gomes de Camargo, cabe indagar: “O que é o homem? Um ser sensível e temporal, posto entre o nada e o túmulo”, “Omnes mori-mur, et quase aguce dilabimur in terram, quae non revertuntur” — Sentença fatal.

Sinae dublo, este é o destino da humanidade. Somos como a água que corre sobre a terra para não mais voltar.

Mas, a crença gerai da humanidade, alicerçada pela religião, é uma esperança consoladora, assentada no fundo do nosso coração. Como disse Job, é um bálsamo salutar, e só ele pode cicatrizar a defecção que acabamos de sofrer nesta Casa de Cultura. Todavia, nenhum ornato da eloquência seria capaz de produzir uma Oração Fúnebre que estivesse á altura da pessoa tão ilustre quanto a de Benedito Hespanha.

O objetivo aqui alcançado, embora com palavras pálidas e frágeis, é dizer a todos que estamos espargindo lágrimas de saudades e realizando um preito de homenagem a colegas deste sodalício e que são merecedores desta solenidade in memoriam.

Se o homem não tiver dignidade e não enobrecer a si mesmo pela prática das virtudes, sua glória vira um fantasma e ele se transforma numa espuma leviana que a tempestade dispersa.

Nosso homenageado sempre brilhou fazendo justiça, beneficência e patriotismo, destacando-se como paradigma

para todos nós, legado que não esqueceremos.

Sem dúvidas o espírito de Benedito Hespanha continuará, “per seculo seculorum”, a existir, compartilhando da glória do pai que a tudo criou, descendentes, filhas e netos, indubitavelmente eternizarão na terra a passagem ímpar desse pai e avô, que, nesse proveitoso tempo que aqui conosco ficou, num verdadeiro período de provação a que todos nós humanos somos submetidos nessa passagem temporal peia terra. Não tenho dúvidas que ele alcançou a aprovação “et cum laudae” do supremo juiz do Universo. Não tenho dúvidas, também, que ele era credor da glória de Deus.

Em desprezioso debuxo oratório manifestei o sentimento pelo grande homem que nos deixou enriquecidos de virtudes e a quem tanto deve a Academia Passo-Fundense de Letras.

Dizia o inolvidável Chesterton: “ Há grandes homens que fazem com que todos os demais se sintam pequenos. Mas o verdadeiro grande homem é aquele que faz com que todos se sintam grandes.” E aqui enquadra-se, com absoluta certeza, Benedito Hespanha.

Hoje, escrevi uma modesta e singela poesia para encerrar este Panegírico:

Lembranças

Passado que não volta mais, futuro que ainda não chegou, presente que já é passado, leva-nos a meditar, não pare no tempo e não deixe de prosperar, edite o projeto interior, faça tudo com calor, olhe pra vida e admire a flor, a natureza exsurge com vigor, mostrando a necessidade de fulgor, suplantemos a dor, viver é obra divina, está escrito na retina mostrando o alvorecer e ditando o melhor caminho, assim é a vida que Deus projetou na imensidão do universo, não sejamos nunca perverso, o fim chegará para reiniciar nova jornada, sem passado e sem futuro, mas num presente infinito.

(Oração proferida pelo acadêmico Irineu Gehlen em memória de Benedito Hespanha, na sessão de Panegírico realizada em 24 de novembro de 2016, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Craci Terezinha Ortiz Dinarte

ELISABETH SOUZA FERREIRA

Acadêmica Craci Terezinha Ortiz Dinarte ocupou durante 27 anos a cadeira nº 01 da Academia Passo-Fundense de Letras tendo como Patrono Paulo Setúbal. Nascida em 15 de outubro de 1932 na cidade de Guaporé, era filha do odontólogo Francisco De Marco e Paulina De Marco, casou-se ainda muito jovem com o Delegado de Polícia Jairo Ortiz Dinarte, de cuja união nasceram três filhos: Carlos Antonio (formado em Direito), Graciela Fátima (fotógrafa em Londres há mais de 30 anos) e o caçula João Carlos já falecido.

A vida para a poetisa Craci nem sempre foi fácil. Seu filho mais novo, carinhosamente chamado de Dinho, sofreu paralisia infantil aos 6 meses de vida e por esse motivo teve que fazer uso de cadeira de rodas desde então até o final da sua vida em 11 de junho de 2011, vítima de infarto.

Em 1961, o esposo de Craci sofreu um acidente automobilístico juntamente com o Dr. Ney Menna Barreto e o motorista do jipe em Erechim. Ele era delegado Regional de 4ª Delegacia e obteve a aposentadoria desde essa época, passando a depender também de uma cadeira de rodas.

Craci era professora. Estudou Letras até o terceiro ano e não quis mais continuar. Trabalhou na 7ª CRE. Teve coluna no Jornal Diário da Manhã. Escreveu 4 livros:

1º - "Poesia: um passe de mágica" de fevereiro de 1997

2º - "Permitam-me sonhar" de abril de 1997

3º - "Nós, entre o céu e a Terra" de 2008 cujo Prefácio foi feito por mim, onde eu digo:

"É uma amostra poética que nos faz viajar no tempo e recordar a inocência de uma infância singela, o despertar das emoções adolescentes, as vivências domésticas com suas alegrias e



dissabores, enfim, a vida na sua tênue fronteira entre o material e o espiritual. É uma coletânea de poesias que aborda as mais diferentes temáticas da realidade palpável de cada ser humano.

Não é preciso ter muito conhecimento para entendê-la. A poesia se traduz por si mesma. Está ao alcance de todos na forma mais simples possível. Foi assim que a autora Craci Ortiz Dinarte resolveu apresentá-la, revelando-se menina e mulher através do longo caminho de maturidade que fez desabrochar em sua alma sofrida e em seu coração eternamente apaixonado, as rosas da verdadeira sabedoria."

E o 4º - "Emoções" de 2012.

Craci entrou para a Academia Passo-Fundense de Letras em 1989 juntamente comigo – Elisabeth Souza Ferreira – Helena Rotta de Camargo, Orfelina Vieira de Mello e o maestro do coral da Catedral, o professor Carino Corso (estes dois últimos já falecidos).

Foram mais de duas décadas de convivência em nossa APLetras, escrevendo e cantando para nós enquanto pode pois além de escrever era uma soprano que encantava a todos com a sua voz fina e

forte ao mesmo tempo.

A confrreira Craci partiu em 2 de setembro de 2016 às 7h30 no Hospital São Vicente-IOT, aos 83 anos, por falência múltipla de órgãos. Deixou além dos filhos, Carlos Antonio e Graciela Fátima, os netos Bruna (médica veterinária na Ulbra de Canoas) e Bruno Augusto (acadêmico de Psicologia na UPF).

Grande companheira, querida confrreira e amiga.

Sua imagem de mulher guerreira e espiritualizada, sensível, educada, vaidosa e elegante ficará para sempre em nossas lembranças. Sua presença nas festas, nas reuniões de família e em todas as atividades acadêmicas deixou marcas profundas em nossos corações. Seus sentimentos foram materializados em forma de poesia e sua poesia será guardada em nossos registros como parte de uma inesquecível obra de arte.

Muito obrigada!

(Oração proferida pela acadêmica Elisabeth Souza Ferreira em memória de Craci Terezinha Ortiz Dinarte, na sessão de Panegírico realizada em 24 de novembro de 2016, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.)

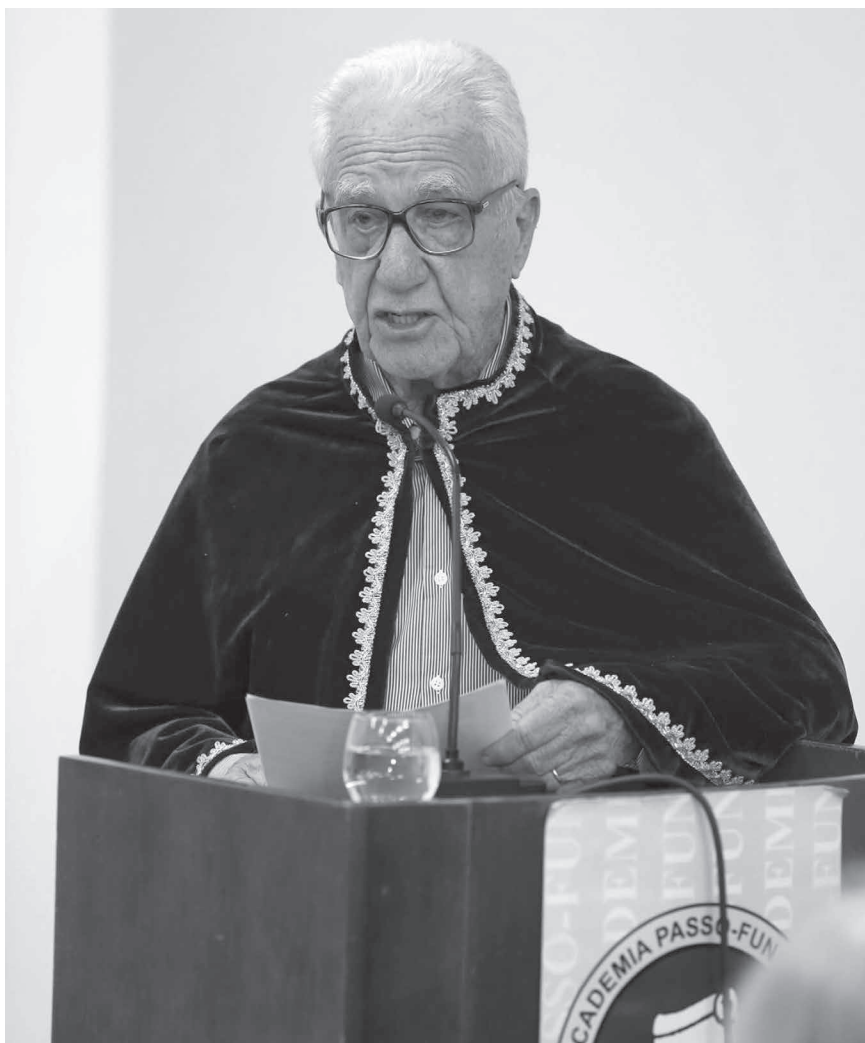
Selma Gandini Costamilan

WELCI NASCIMENTO

O que dizer da companheira Selma? Tudo, se fosse possível dizer. Sua vida entre nós foi um universo de realizações em fazer das pessoas carentes afetiva e materialmente. A conheci nos primórdios da década de sessenta. Selma exercia suas atividades docentes na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, na Vila Luiza. Ela liderava as ações sociais naquele bairro. Na época, uma das vilas mais pobres da cidade. O olhar da professora Selma sempre era voltado para as crianças e adolescentes que necessitavam de ajuda. O Círculo de Pais e Mestres era liderado por ela. Através dessa instituição escolar a professora Selma conseguia ficar perto dos pais e mães dos alunos da escola. Selma, pelas suas habilidades de convencer as lideranças da cidade, conseguia recursos materiais que eram canalizados em favor dos alunos pobres.

O coral Pe. Jacque que encantava a todos era constituído de meninas e meninos pobres da Vila Luiza. Selma que já sabia distribuir amor fez de um grupo de crianças verdadeiros cantores.

Mercê do seu trabalho escolar, Selma Costamilan foi convidada a desempenhar seus trabalhos na sétima delegacia de educação, coordenando a organização de círculos e pais e mestres em toda a abrangência daquela instituição governamental. Fazendo uso dos círculos de pais e mestres e das ações desenvolvidas NE escola onde atuava na Vila Luiza, Selma alargou suas ações atingindo centenas de escolas. Mais tarde, o prefeito Wolmar Salton convidou-a para coordenar as ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização de adultos no município. Centenas de adultos analfabetos, conseguiram aprender a ler e a escrever. Quem não conseguia ler ou escrever por falta de óculos, Selma dava um jeito e cada um conseguia um par de óculos.



A professora Selma era uma autêntica política social. Os meios de comunicação social da cidade, rádio, jornal e televisão podem atestar a participação dela nos movimentos em favor das pessoas desprotegidas, especialmente crianças e adolescentes. Ela possuía livre trânsito perante as autoridades e lideranças empresariais porque seu trabalho visava melhorar a qualidade de vida da pessoa humana.

Na Academia Passo-Fundense de Letras a prof^a. Selma Costamilan procurava ser atuante, fazendo jus a seu espírito e modo de agir. Escreveu e publicou diversos materiais nos jornais da cidade, publicou livros, proferiu

palestras e contribuiu com suas ideias que engrandeceram a vida do sodalício.

No dizer do Papa Francisco “A oração te impulsiona na esperança e, quando as coisas se tornam escuras, é preciso mais oração.” Assim foi a vida de Selma Costamilan, na oração e na caridade fraterna que praticava fez jus ao espírito Vicentino como uma pessoa de fé em Jesus Cristo.

Muito obrigado!

(Oração proferida pelo acadêmico Welci Nascimento em memória de Selma Gandini Costamilan, na sessão de Panegírico realizada em 24 de novembro de 2016, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Romeu Gaspar Salles Pitthan



ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE

Ao saudarmos nossa Presidente, desta Academia Passo-Fundense de Letras, professora Dilse Piccin Corteze, o fazemos extensivo a todos os seus membros aqui presentes.

Saudamos, igualmente, a professora Lourdes Spazzin Pitthan, que é natural de Veranópolis, detentora de vários e significativos títulos como educadora emérita, especialista, dentre outros graus, em Gerontologia Social e no Ensino a Distância, pela Universidade Federal de nosso Estado, saudando com ela todos os demais membros do nosso homenageado, na condição de esposa e viúva.

Também saudamos as autoridades de todas as áreas, de nossa cidade, de forma especial os promotores de Justiça, líderes políticos, a OAB, senhores Juizes e os militantes dos órgãos de comunicação, onde o nosso homenageado deu seus primeiros passos na busca do aprendizado numa das mais promissoras atividades, nos primeiros anos da década de 1950.

Minha presença, neste importante encargo não nasceu por uma mera e mui e respeitável decisão de nossa presidente e seus demais membros.

As nossas vidas, do homenageado e a minha, se cruzaram de forma quase que inacreditável, mesmo que por longos anos, separados por longas distâncias, levados por nossas atividades profissionais. Enquanto Romeu deu seus primeiros passos disputando uma vaga de locutor noticiarista na Rádio Passo Fundo, nos idos de 1955, eu, já três anos antes, na mesma emissora, era contratado por Maurício Sobrinho. Romeu, dono de uma voz radiofônica que perdeu por toda a sua vida, tornou-se o primeiro noticiarista oficial, inclusive tendo, anos após, sido contratado para apresentar o Reporte Esso nas mais importantes emissoras da Capital do Estado. Com o término da 2ª Guerra Mundial, o noticiário não tinha mais razão de sobreviver. Continuava eu na comunicação, pois minha especialidade era de narrador de varias modalidades esportivas. Romeu, regressando para Passo Fundo e sabendo que eu, após três eleições para a Câmara de Vereadores, resolvi parar, pois ingressando na Faculdade de Direito, onde me formei e fui o orador de nossa turma de 1979, num encontro com o velho radialista e amigo, o Romeu disse-me: “Já que vais parar posso tomar o teu lugar, pois também quero ser vereador.” Imediatamente teve meu apoio, mesmo não sendo ele do partido pelo qual sempre concorri e

venci. Teve uma consagrada votação, pois foi o 3º mais votado dentre todos os concorrentes da cidade. Vítima de uma traição entre os próprios companheiros desgostou-se e renunciou deixando da política de Passo Fundo. Foi no pleito de 1972. Um ano após, era eleito para presidir a nossa Academia e o fez com raro brilho e muita dedicação. Após minha formatura, retornei atendendo um veemente pedido do governador Pedro Simon e consegui mais duas legislaturas até parar definitivamente, pois as atividades jurídicas me empolgavam, especialmente o Tribunal do Júri, onde me realizava nos debates memoráveis que os anais registram até hoje.

Mas a presença do Romeu não ficou de mim desvinculada, mesmo ele residindo na Capital do Estado e eu na minha Passo Fundo. Numa das minhas sete gestões, como Presidente, quando reorganizei a galeria de todo os presidentes, Romeu assumiu a busca de fotos com os ainda vivos, na capital, muito poucos, e os parentes dos que já haviam partido, e me enviou, fotos ampliadas de acordo com a estrutura da galeria, sem nada cobrar da nossa Academia. “É para você, Meirelles, meu irmão dentro e fora da nossa Academia”, bilhete que trago até hoje como uma relíquia.

Filho do poeta e líder Maragato, André Pitthan e Elvira Soares, seguiu a



inspiração e os passos do pai sendo autor de dezenas de obras, onde despontaram “Tropel de Rimas” poesias regionais gaúchas e “Sóis e Luas”, poesias líricas. Suas obras superaram meia centena de exemplares e são até hoje encontradas nas bibliotecas das principais universidades brasileiras. Teve cinco filhos, André Luiz, Romeu Filho, Pompilio Jaime, André Carlos, Marilúcia, além da enteada Tassiane. Deixou os Irmãos Júlia Beatriz e Pedro Carlos, além de noras, genro, netos e bisnetos. A esposa que lhe deu os filhos, foi a primeira de quatro que teve em vida, Geracy Varella Pitthan, de família tradicional de Passo Fundo, onde se conheceram e casaram. Ela faleceu no dia 26 de agosto de 2007 na Capital, aqui ficando vários dos seus irmãos. Passava semestres inteiros, fugindo dos rigores de nosso inverno gaúcho, junto com os filhos Pompilio e André Carlos, na cidade cearense de Aracati, conquistou seu povo e recebeu o título de Cidadão Aracatiense. Romeu continua vivo, ativo e com suas criações que o tornam tão próximo de cada um de nós. Passo Fundo, tua terra, a terra de tua esposa e filhos, a terra de teus pais, te saúda agradecendo a Deus por um filho que nos deu grandes momentos de nossas existências.

(Pronunciamento do acadêmico, jornalista e advogado Antonio Augusto Meirelles Duarte por ocasião do Panegírico de Romeu Gaspar Salles Pitthan. Passo Fundo, 29 de abril de 2017.)



Senhora Lourdes Spazzin Pitthan recebe flores da presidente Dilse Corteze

Romeu Gaspar Salles Pitthan

LOURDES SPAZZIN PITTHAN

Ilma. Prof^a Dilse Peccin Cortese - Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras. Dr. Antonio Augusto Meirelles Duarte - Ex-presidente desta instituição cultural. Demais autoridades acadêmicas e da cidade de Passo Fundo. Queridos familiares e amigos.

Inicialmente, na impossibilidade de se fazer presente, a Dr^a Julia Beatriz Pitthan Stolf, irmã de Romeu, conferiu-me a responsabilidade de lhes transmitir sua mensagem.

Minha vontade e, quase certeza, seria estar neste momento compartilhando pessoalmente desta homenagem ao meu irmão Romeu, porém, mais uma vez, a vida nos mostra que não somos donos absolutos de nossas vontades, pois devido à saúde de meu único irmão Pedro, único ainda neste mundo, nos impossibilitou comparecer.

Estava eu a pensar em falar algo sobre meu irmão, enquanto folheava, aleatória e displicentemente as páginas de seu livro *Sóis e Luas*, quando me deparei com um dos seus últimos poemas intitulado *Calouro*, o qual achei apropriado para a ocasião e que assim fala:

Sou calouro na velhice,
Pois nela acabo de entrar
Fiz o Pré da mocidade
Passei no Vestibular...
Essa nova faculdade
Por certo irei terminar
Sem qualquer dificuldade
É só o tempo passar
E o tempo – corpo docente
Não será tão exigente
No novo curso, afinal,
Para outorgar o diploma
Basta fazer a soma
Da frequência existencial!...

Então Maninho! Essa soma foi feita, após o cômputo de uma longa jornada, iniciando pelo seu primeiro emprego,



como locutor da Rádio Passo Fundo, aos 16 anos, até sua promoção a Procurador de Justiça, quando atuou na 4ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça do Estado, onde concluiu sua carreira Ministerial, com a aposentadoria. Devemos ainda computar às suas notas, a atuação como pai, marido, irmão e amigo e, ao final dessa soma, Romeu, alcançaste, com certeza, a nota máxima com louvor, sendo, então outorgado o diploma que te conduziu ao mundo que todos, um dia,

pretendemos alcançar. Por isso te peço:

Das alturas, onde te encontrares,
Não esqueças estes pobres mortais
Que, com certeza ainda não mereceram

Obter suas notas junto ao Pai.

Camaquã, 29/04/2016

E a mim nada mais cabe senão falar de amor...desse nobre sentimento que os seres humanos são capazes de sentir e viver ...assim como eu e o Romeu tivemos a felicidade de conhecer e compar-



tilhar, numa fase de maturidade, como ele mesmo definiu,”é o amor adulto que garante a tranquilidade de uma união de paz, pela mútua compreensão, solidariedade, confiança e serenidade.”

E foi com essa maturidade que, no dia 11 de outubro, de 2008 sobrevoando o Rio de Janeiro, rumo a Salvador, que Romeu começa a recitar ao meu lado o soneto...

Eu decidi por você,
Com os pés firmes no chão... (e)
A 10 mil metros de altura,
Confirmo essa decisão.

Recebe, pois entre as nuvens
Que singramos neste instante,
O anel que simboliza
O nosso amor. E constante

Ele há de ser, com certeza
Intenso e com tal beleza
Que o tempo pode até voar...

Mas sendo doce e tão terno
Eu sei que será eterno,
Enquanto a gente durar!...

Assim foi sempre o Romeu romântico que esteve constantemente ao meu lado por nove anos, em que, juntos, compartilhamos ótimos momentos e também as horas difíceis.

Com toda certeza, eu reafirmo que esse amor será eterno no meu coração.

Pois o valor das coisas e dos sentimen-

tos, não está no tempo em que duram, e sim, na intensidade com que eles acontecem, isto, porque há momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis, como tu foste, Romeu, meu companheiro de todas as horas....

Neste momento, o que eu mais queria é poder te tirar da saudade e sentir aquele teu forte e caloroso abraço....

Tua partida entristece a todos os que te amam, mas tuas lembranças, jamais serão esquecidas, pois sabemos o quão valiosas elas são, quer tenham sido na área profissional, como pessoal e também, nos últimos anos, na convivência diária com amigos, através do uso das tecnologias da comunicação, divulgando tuas mensagens, posicionamentos críticos e produções poéticas, no facebook ou no teu blog.

Romeu nos deixa sua rica história de vida, um legado de exemplo de inteligência, bom humor e saber viver intensamente todos os dias que a vida lhe proporcionou.

Neste momento, quero, em nome da minha cunhada, irmã do Romeu, Dr. Julia Beatriz Stolf, em nome do meu cunhado, Dr. Pedro Carlos Pitthan, em meu nome, da minha família e demais familiares, deixar aqui expresso um agradecimento especial a dois acadêmicos que merecem uma distinção particular:

À Ilustre Professora Dilse Corteze,

presidente atual desta Instituição cultural, em que o ex-acadêmico, Romeu Gaspar Salles Pitthan, também teve a oportunidade de presidir por dois períodos.

Professora Dilse, agradecemos pelo seu brilhante trabalho que vem sendo feito em prol da Cultura de Passo Fundo, através de sua dedicação a esta Academia, criada há 79 anos.

Ao nosso ilustre e estimado Dr. Antonio Augusto Meirelles Duarte, ex-presidente desta Academia por 7 vezes, colega de rádio, de atividades políticas e confrade de Dr. Romeu, que não mediu seu tempo e esforços para que essa homenagem viesse acontecer, com tanto brilhantismo, o nosso muito obrigada de coração.

Para encerrar, quero lembrar do Romeu quando dizia não querer tristeza pelo seu passamento.

Então, assim como todo passo-fundense, ele era apaixonado pela terra natal, pela tradição gaúcha e seus hábitos e costumes, como está comprovado nos poemas de sua obra Tropel de Rimas.

Convido, então, neste momento, a todos os presentes para ouvirmos a poesia Churrasco de Costela declamada por seu autor Romeu Pitthan.

Muito obrigada!

(Oração proferida por Lourdes Spazzin Pitthan, viúva de Romeu Gaspar Salles Pitthan, na sessão de Panegírico realizada em 29 de abril de 2017, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Terra de Cabo Neves

GILBERTO R. CUNHA

Ainda que não seja a mesma coisa dizer que Manoel José das Neves, o Cabo Neves, foi um cabo muito respeitado da nossa briosa Brigada Militar, que morava na Vila Alice, como supõem alguns moradores daquela localidade em função da Travessa Cabo Neves, que o homenageia naquela vila da cidade, ou, como escreveu um “pretenso” historiador, que foi um militar designado, na época imperial, para comandar uma escolta de seis praças e assegurar a integridade territorial de Passo Fundo, também não se pode afirmar, como reza a boa análise, que são diferentes: ambas são asneiras (bullshit) ditas ou escritas sem o mínimo de crítica historiográfica.

Foi para sanar esse mal que são acometidos muitos passo-fundenses e prestar a devida reverência ao fundador da cidade de Passo Fundo, que Ney Eduardo Possapp d’Avila, o nosso historiador local de escol, dedicou os últimos 25 anos a resgatar a história de Manoel José das Neves, o popular Cabo Neves, cujos resultados dessas pesquisas, foram, para nossa felicidade, agora reunidos no livro “Cabo Neves: fundador da cidade de Passo Fundo”.

Não são muitas e nem precisas as informações sobre Manoel José das Neves. Nem dos seus restos mortais sabe-se o destino. Todavia, os dados que Ney Eduardo Possapp d’Avila conseguiu recolher, apesar das muitas suposições, são mais que suficientes para desmontar boa parte da mitografia que ainda impera sobre a fundação de Passo Fundo. Manoel José das Neves, nascido em São José dos Pinhais, Comarca de Curitiba, Capitania de São Paulo, por volta de 1790, foi um miliciano (tropa de 2ª linha do Exército), que integrava o Regimento de Cavalaria Ligeira, sediado em São Borja. Na Guerra Cisplatina acabou gravemente ferido no combate do Rincão das Galinhas, em 24 de setembro de 1825. Recolhido ao quartel de São Borja, depois de recuperado dos ferimentos, foi promovido a Cabo e reformado, sendo dispensado do serviço militar. Foi assim que, em dezembro de



1827, acompanhado da esposa Reginalda da Silva e demais familiares, agregados, escravos e alguma gado, chegou e arranchou-se à beira do caminho das tropas (atual Av. Brasil) junto à nascente do Goixim, onde hoje fica o Chafariz da Mãe Preta (homenagem à escrava Mariana, ama de leite dos filhos do Cabo Neves). Depois construiu a sua morada no alto da coxilha, provavelmente no hoje leito da Rua Paissandu, entre as ruas Teixeira Soares e XV de Novembro, nas cercanias da Praça Tamandaré.

A confusão sobre o fundador de Passo Fundo, Cabo Neves x Fagundes dos Reis, pode ser atribuída ao Instituto Histórico de Passo Fundo, que, em 1957, às vésperas do 1º Centenário da Emancipação Político-administrativa do Município, arbitrariamente, escolheu um capitão do exército para ocupar o posto de fundador, sem assinalar se era a cidade ou o município, designando simplesmente: “Passo Fundo, terra de Fagundes dos Reis”.

Ney Eduardo Possapp d’Avila insiste que, nessa escolha do fundador de Passo Fundo, contra Manoel José das Neves pesaram três pecados: ser um releas Cabo de Milícias, haver combatidos os rebeldes farroupilhas e ser semianalfa-

beta. E a favor de Fagundes dos Reis, sobressaíram-se os predicados: Capitão do Exército, homem letrado e Maçom e que havia tido simpatia pelos farroupilhas. E mais, que Manoel José das Neves merece o título de Fundador da Cidade de Passo Fundo, por, pelo menos, três razões: foi o primeiro morador, recebeu a concessão de terra onde surgiu a cidade (em 1831), além de ter doado à Igreja Católica parte do terreno recebido, não pela devoção religiosa, mas para obedecer a legislação da época e oficializar a incipiente povoação.

Manoel José das Neves, o Cabo Neves, foi homenageado pela Câmara Municipal de Vereadores, em 1965, com a denominação de uma viela na Vila Alice (entre a Vila Santa Maria e o bairro São Luiz Gonzaga), e, em 2015, com um monumento na Praça Itália, em iniciativa do Cavaliere Aldo Alessandri. É pouco! Por isso, Ney Eduardo Possapp d’Avila sugere que seria justo denominar de PARQUE CABO NEVES a área do antigo quartel do Exército. Com a palavra o executivo municipal e os nossos nobres edis.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Professor Fuzinato



MARIA HELENA MARQUETTI

No dia 10 de agosto de 2016, estava em sala de aula quando fui chamada para atender um telefonema. Recebi a notícia de que o “Fuzi” tinha partido. Quantos além de mim ao receber a notícia foram emanados por um sentimento de tristeza e muitas recordações: quanto aprendido, quanto repensar na nossa prática educadora e na nossa vida pessoal.

Que presente a vida nos deu poder conviver, partilhar ideias, sonhos e projetos com ele.

Dia 11 de agosto, dia do estudante fomos nos despedir do “Fuzi”, muitos passaram por lá, verbalizaram seus sentimentos. Quantas lembranças dos seus ex-alunos e colegas. Lembranças, alegrias e a tristeza, uma mistura de sentimentos. Quem teve o pri-

vilégio de conviver contou com entusiasmo e a paixão pela causa do educar transcritos no texto “Educar é ser uma grande alma”, que ditava suas ideias para que pudesse escrever.

Na última visita, poucos dias antes de sua partida, reclamou que não conseguia mais ler, uma das suas grandes paixões. “Fuzi quer que eu venha ler para você?” E a resposta: “Vou pensar e depois te aviso, mas leva este livro com você.” Era um exemplar de obra “Nossa América”, de José Martí. Não deu tempo.

Deve estar passeando pela terra dos Aramitas ou no seu amor pela Mãe América, pela pátria e pelos seus ideais, ou quem sabe pendurando sonhos nas estrelas...

(Maria Helena Marquetti é vice-diretora do EENAV e professora da Rede Municipal de Ensino.)

Educar é ser uma grande alma

OLINDO FUZINATTO, in memoriam

Educar é a tarefa mais importante para o ser humano. Tarefa sempre inacabada cujos frutos nem sempre, ou quase nunca são perceptíveis imediatamente. Por isso é uma tarefa fantástica quando feita com paciência, muita, mas muita mesmo, calma, sem pressa em ver os resultados. Esperar por eles é o fruto de educar e educar-se.

O novo Dicionário da Língua Portuguesa do Aurélio coloca na definição de educação como “o ato ou efeito de educar(-se). Processo de desenvolvimento da capacidade física intelectual moral e emocionai da criança e do ser humano, visado melhor integração individual e social”. A atenção é chamada pelo termo entre parênteses “... educar(-se)...”. Ninguém pode educar se não se educar. Na maioria das vezes ás partimos da educação do outro.

O grande problema dos adultos é quando se sentem educados, prontos para usar a si mesmo como molde para os educandos. Por isso usamos como sinônimo de educação formação que vem da palavra fôrma. Fazemos de nós uma fôrma para os outros.

A origem do termo educação vem do Latim. A grande maioria dos pedagogos diz que o termo vem de “educere” e o dicionário traduz “tirar de”. No momento em que aceitamos esta definição, determinamos o sujeito e o objeto, alguém tira de ouro, alguma coisa. Não existe sujeito e objeto. Todos são sujeitos e por isto educar-se.

Uma minoria de pedagogos, entre eles Paulo Freire, define a educação como vinda do termo latino “educàre” que significa criar, amamentar, produzir. Para os romanos “educàre” significa dar alimentos. Esta é a tarefa do educador dar alimentos, dar valores, acompanhamento, carinho, compreensão. Quando damos alimento temos a certeza que o crescimento será em forma de processo. A mesma coisa devemos fazer com os valores que pretendemos com a criança e outras pessoas. Por isto é muito mais difícil o educar-se do que simplesmente educar. Primeiro devemos nos alimentar para

depois podermos alimentar os outros.

Não serve nem a educação paternalista (“eu dou tudo para meu filho. Não lhe falta nada”), neoliberal (“meu filho tem a liberdade que nunca tive”), ou, muito menos, a ditatorial (“quem manda sou eu”). Estes três tipos caem sempre no sujeito e objeto. No momento em que eu tiro algo de alguém é porque já errei na educação.

A criança nasce com a hereditariedade, mas ela vai acrescentando desde o útero outros elementos, valores negativos ou positivos e vão sendo mostrados no decorrer de suas vidas. Os primeiros anos de vida são fundamentais para a pessoa humana, porque é nessa época que começa a formar o quadro de referência, começa a formar conceitos de valores.

A educação deve de ser libertadora, onde o indivíduo se liberta. Libertar-se é quando alguém abre a porta para dentro, deixa entrar os alimentos que precisa, porque se o outro abre a porta entra quem quer. A pessoa pode não estar preparada para receber tudo. Isto é, ser liberal. O papel dos pais é estar

perto, acompanhar, amamentar, ser firme, amar.

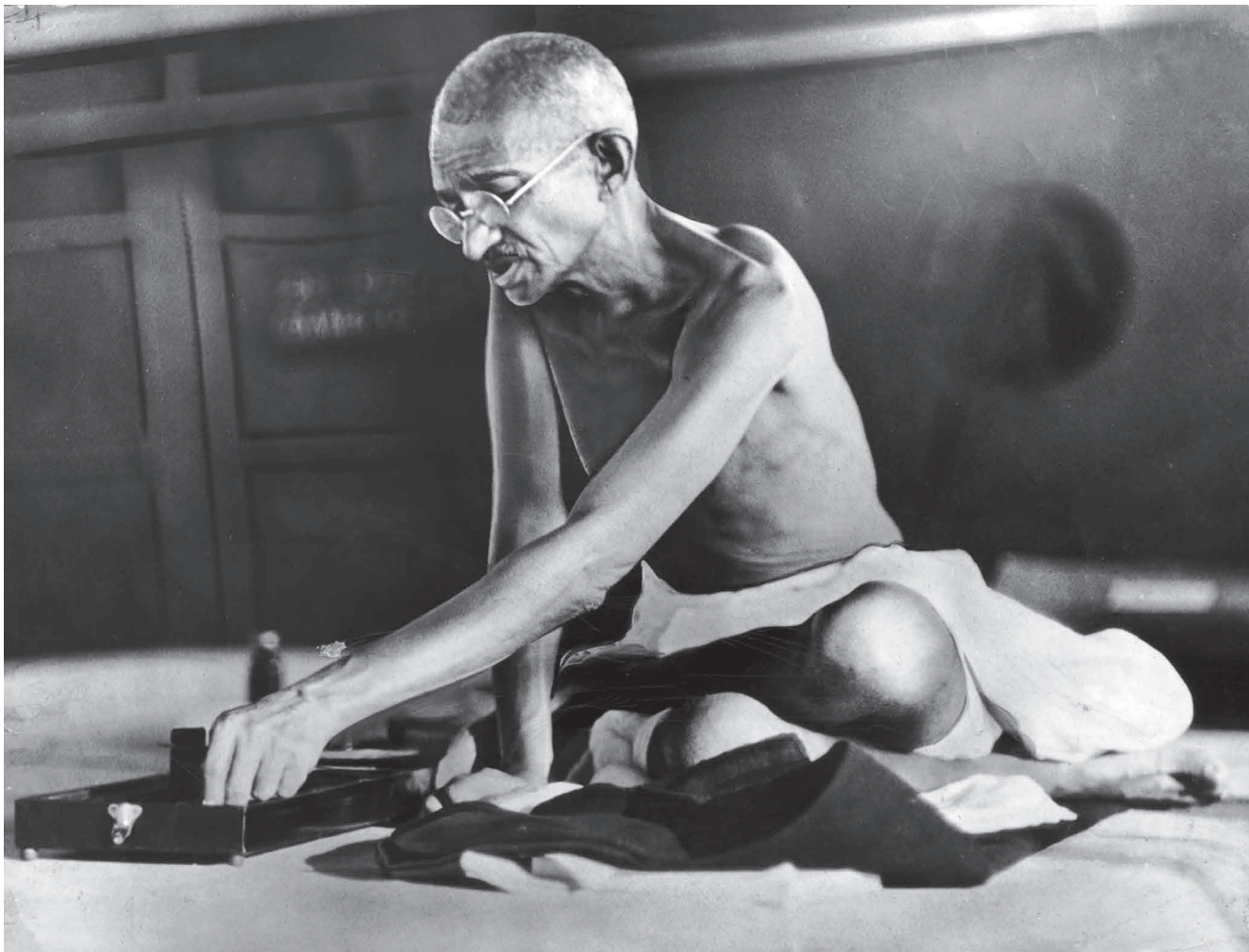
Todos os pais sabem que a criança, quando começa a descobrir o mundo, pergunta sobre tudo. É o desejo de aprender. Ela está abrindo a porta. Se os pais não responderem para ela, outros responderão. A satisfação do aprender vai gerando mais e mais conhecimentos, valores, e, principalmente a criança começa a fazer as suas relações entre os fatos. É muito chato? Por quê? Não temos tempo.

Errar faz parte da finitude humana. Quando alguém erra, principalmente a criança deve ser encarada como algo natural. “Já que é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente”, diz Paulo Freire. E aqui uma grande dificuldade: O QUE FAZER ?. Ainda mais hoje em dia, em que a criança é influenciada por uma série de fatores provocados externamente, que muitas vezes têm um apelo muito mais forte do que os da família e da escola.

O que fazer? A resposta, com certeza não é ser paternalista, nem permissivo e muito menos ditatorial. É ser compreensivo, é ser amigo, é vibrar com o acerto do filho, conversar, mostrar e ser firme, exigente, e ouvir. Acompanhar. Ser o companheiro. Quantas vezes nos queixamos das “más companhias”. Por que tem más companhias não nos perguntamos.

Ser firme e exigente e não compactuar com o erro. Calar-se, nesta hora, é ser permissivo. Não querer se incomodar. É diferente ser firme e exigente como companheiro do que como comandante. Quase sempre confundimos autoridade com autoritarismo, licença com liberdade. O comandante é da tropa. E o filho não faz parte da tropa, faz parte da minha família. Aqui está um das grandes dificuldades do professor. Considerar o aluno como um membro da tropa, e ele se considerar um comandante na sala de aula. Nestes casos o professor cai no autoritarismo e o aluno vai tentar de qualquer maneira driblar a chamada disciplina. Em 1999, em setembro a revista ISTO É, publicou uma reportagem sobre a volta da rigidez da disciplina nas escolas. Aparece numa foto um aluno que





se aproveita do momento para passar a cola para outro colega. Quantos políticos, que vivem metidos em escândalos, foram formados nestas escolas, onde se aprende a burlar as normas, onde o mais vivo é aquele que sabe fazer sem ser atingido pelas consequências.

Conversar muito. Falar não significa gritar. O grito não é argumento. A criança, o adolescente e o jovem entendem o argumento e não o grito. Normalmente o grito é feito quando o argumento é fraco: “porque não quero”. Falar não só o que interessa ao pai, mas, principalmente, o que interessa ao filho, as suas preocupações, seus erros, e suas alegrias. Conversar não é monólogo e nem só diálogo. Conversar significa ter muito amor. Insistir sempre em valores.

Conversar é também saber ouvir. Como é difícil ouvir, porque estamos sempre com pressa. Afinal de contas “sustento a casa”. “Tenho muitas tarefas”. Mas qual é a tarefa mais importante? Uma criança contou-me que seu grande desejo era ter uma ferida bem em cima do pé. Perguntei-lhe o porquê. Não queria em baixo do pé porque não daria para caminhar e porque lá em casa

ninguém ligava para ele. Assim iriam se preocupar com ele, dar atenção que ele estava exigindo. A televisão, talvez, fosse mais importante. Se os filhos não fazem festa quando o pai chega em casa é porque alguma coisa está faltando.

Acompanhar a vida do filho. Quantas vezes, na escola, chegam os pais e a gente pergunta a série do filho, e o pai não sabe e ainda diz: “a educação é com a mulher”. Nas reuniões quem participa é a mãe e o pai fica lá fora, nervoso porque a reunião não termina mais. Saber se preocupar com o filho em todos os momentos. Quando o pai acompanha o filho e não o prende a ele, as preocupações com a influência dos outros se tornam muito menores. Os jovens, hoje, têm necessidades diferentes da época em que os pais eram jovens. Assim para ser companheiro, também tem que entender o mundo em que vivamos hoje.

De nada adianta ser firme, companheiro, pai, se não existe a coerência. Falar é muito fácil. Falar e fazer é bem mais difícil. O filho deve saber que os pais também erram. Reconhecer o erro é um sinal evidente que quer ser coerente. Mahatma Gandhi, a grande alma, foi a

pessoa que melhor expressou a ligação entre o erro e a coerência, quando uma senhora acompanhada do filho lhe disse:

Gandhi, diz para meu filho, que comer muito açúcar faz mal.

Está bem, diz a ele, volte a semana que vem.

Na semana seguinte lá se foi a mãe. Chegou, Gandhi olhou para a criança e disse:

Meu filho comer muito açúcar faz mal à saúde.

A mulher nada entendeu:

Mas isso o senhor poderia ler dito semana passada.

Respondeu Gandhi:

Não minha senhora, eu também comia muito açúcar e queria ver se eu era capaz de deixar.

Os pais, professores, devem ser uma Grande Alma, onde caibam as alegrias, as tristezas, as preocupações, os defeitos, as conquistas e principalmente os erros dos filhos e dos alunos.

(Olindo Fuzinato, Professor e Educador, morto em 10 de agosto de 2016, deixou órfã toda uma geração de professores passo-fundenses, que, em sala de aula, diuturnamente, presta o seu tributo à memória de um verdadeiro Mestre.)

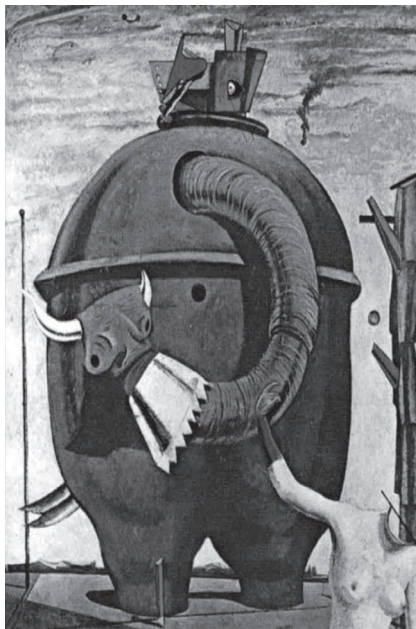
Uma lenda

IVALDINO TASCA

Aura de respeito e admiração transformou-se em reverência. Os moradores são gratos pelo impacto positivo que sua presença causou na economia libertando a localidade da pasmeira. Botou o lugar no mapa sem imaginar que isso aconteceria. No mapa turístico. Muito tempo passa e ele, por seus feitos (tão somente por seus feitos, repetem incisivos seus defensores), transforma-se em lenda. Quem sabe como e quando a lenda nasce? O cheiro de mistério – só os mistérios dão sentido ao viver, a objetividade fria exaure a magia, e, sem magia, você é um invertebrado gasoso qualquer, pregava um morador de rua que ali viveu por anos – que exala dessas circunstâncias açula a imaginação e o mito vira fato. Ele, de fato, agora é um mito.

Ele é, definitivamente, a primeira referência do lugar, orgulho dos moradores. É a unanimidade vigente. Quando o tema gira em torno dele a voz é respeitosa, o tom modulado move os interlocutores que sempre citam uma ou outra frase dele. “Temos essa necessidade de acreditar que a virtude ou algo transcendente existe em alguém que nos rodeia”, dizia em suas palestras. “Temos essa ânsia de pertencer a algo maior do que nós, de querer possuir algo que outros não têm”, também defendia diante dos jovens. “Alguém deve nos referenciar perante os que estão mais longe de nós”, ele falava. “A concretude da realidade, a objetividade do que somos é aplastante, tão aplastante, que, se não douramos a pílula desistiríamos do amanhã colocando nossas vidas em riscos”, explicava com voz mansa como se descrevesse o por do sol.

Passava dos 80 anos quando morreu. Não sofreu, morreu dormindo. Residia no sótão do antigo moinho de trigo (o acesso se dá pela escada externa, tinha vigor para subi-la sem se estafar). Os visitantes – agora chamados de turistas, tal o número deles – percorrem os aposentos mantidos como foram encontra-



dos no dia do desenlace (nas prateleiras livros e mais livros, no criado mudo jazem apenas os exemplares de *Ulisses*, de James Joyce, traduzido por Antônio Houaiss, editado pela Civilização Brasileira, e *Contraponto*, de Aldous Huxley, traduzido por Erico Veríssimo e Leonel Vallandro, editado pela Globo de Porto Alegre). Há inúmeras outras coisas interessantes ligadas ele, mas os dois livros são os reais atrativos do ambiente. É proibido tocá-los; o poder de atração que exercem sobre o visitante é típico das bruxarias. É compreensível: esses dois exemplares são a causa principal da pequena revolução ocorrida com ele na pacata localidade rural que se tornou um centro de atração turística na região.

O moinho, edificado por imigrantes italianos, foi restaurado e virou museu. O sótão foi oferecido pelo prefeito. Relutou, mas aceitou, pois localizado no final do perímetro urbano o local o livrava do irritante burburinho noturno. “Quem explica essa devoção dos jovens pelo barulho?”, ele se perguntava.

Os dados sobre ele são escassos. Sua vida pregressa não era tema de conversas. Teria sido professor de geografia na capital, a mudança para o interior, bem antes da aposentadoria, teria sido por decepção amorosa. “Se todos os que sofrem alguma decepção amorosa



trocassem de lugar, as estradas estariam congestionadas”, disse-lhe um bêbado certa vez. Ele sorriu... Para consumo externo ali veio morar, décadas antes, para ter qualidade de vida, fugiu do estresse da cidade grande. De início participou de atividades culturais, colaborou na reorganização da biblioteca pública, iniciou o museu regional, fez palestras sobre literatura universal, aquecimento global, diversidade biológica e geografia humana. Tinha talento especial para se comunicar com as pessoas, principalmente com as menos letradas. Pouco antes de morrer, a Câmara de Vereadores lhe outorgou o diploma de cidadão honorário do município; após falecer virou nome de rua e da biblioteca.

Sua morte mereceu três páginas no jornal semanal local; o atilado repórter abordou inclusive o enorme orgulho da comunidade em ter entre seus moradores um intelectual de escol que engrandecia o mundo das letras da mãe-pátria e destacou o seu grande feito, o que efetivamente lhe canalizou todas as honrarias do lugar e o tornou uma lenda: ser a única pessoa conhecida que, comprovadamente, tinha lido as 846 páginas de *Ulisses* e as 469 páginas de *Contraponto*...

(Ivaldino Tasca é jornalista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Centenário da Primeira Guerra Mundial: A participação do Brasil no conflito



**HENRIQUE DE MESQUITA BARBOSA
CORRÊA**

Prezado leitor, três foram os motivos que me impulsionaram a escrever este artigo. O primeiro deles, e até o mais óbvio, é termos vivido o centenário do início da I Guerra Mundial, em 2014. O segundo estímulo advém da circunstância de eu ser médico, e por isso tentar dar a devida evidência à Missão Médica enviada à França em 1918. E como último motivo, de cunho mais pessoal, comentar um episódio que me permitiu estar frente a frente com um dos poucos médicos brasileiros que estiveram nesta Missão Militar.

100 anos do início do Conflito

Em contraste ao ano que relembremos o Centenário do início da PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL, no Brasil emerge um fato inconteste a ser admitido: - O pouco conhecimento que muito de nós possuímos sobre a participação do Brasil nesta guerra, que foi um dos

maiores e mais sangrentos episódios da História da Humanidade. E este desconhecimento decorre talvez pelo fato da participação brasileira ter sido pequena, ou talvez pelo pequeníssimo acervo iconográfico brasileiro existente da guerra. O conjunto de fotos da participação de brasileiros na I Guerra Mundial é extremamente pequeno, sendo que em vários episódios, não existe uma única

foto sequer documentado estes eventos.

Alguns dirão também que a falta de conhecimento foi decorrência da nossa participação infinitesimal no conflito, em relação a todo o montante de esforços empregados por diversos países, nesta que foi uma guerra de proporções mundiais. Os que defendem esta posição fixam-se nos seguintes dados estatísticos:

	CONTINGENTE	MORTOS
Grã-Bretanha	9.500.000	1.000.000
França	8.200.000	1.500.000
Rússia	13.000.000	1.700.000
Itália	5.600.000	533.000
Estados Unidos	280.000	116.000
Alemanha	13.250.000	1.950.000
Áustria-Hungria	9.000.000	1.050.000
Império Otomano	2.850.000	325.000
TOTAL	61.680.000	8.174.000

Somente na Batalha de Verdun, uma das principais batalhas da Frente Ocidental, que colocou frente a frente o exército alemão e as tropas francesas, no período de 21 de fevereiro a 18 de dezembro de 1916 teriam morrido, por estimativas contemporâneas, 714.321 homens! 377.231 do lado francês e 337.000 do lado alemão. Em média 70.000 baixas/mês.

Já a participação do Brasil, o único representante sul-americano, contou apenas com um contingente de 1.651 homens, sofrendo 177 baixas no conflito. Vale também salientar que nenhuma destas mortes ocorreu em decorrência direta de ações em combate, sendo uma delas advinda de um acidente aéreo com um dos nossos aviadores durante seu treinamento na Inglaterra e todas as outras acometendo nossos homens da marinha, provocados pela gripe espanhola, tendo todos eles sido enterrados no cemitério de Dakar.

Comparando também com os Estados Unidos, uma das potências aliadas que levou o menor número de homens participantes e que também sofreu o menor número de mortes, as proporções ainda são mínimas.

Mas esta argumentação estaria apenas mitigando e menosprezando as atividades humanitárias, altruístas e corajosas desenvolvidas por muitos jovens compatriotas no início do século passado. Não estaríamos levando em conta a história da participação individual de cada um deles como sendo um ato de bravura, sendo muito de seus esforços reconhecidos através de condecorações e medalhas meritoriamente oferecidas pelo governo brasileiro ou mesmo por outras nações aliadas como França e Bélgica.

Do ponto de vista militar, a possível adesão brasileira aos aliados podia trazer poucas vantagens. Sem força aérea, com uma esquadra naval obsoleta e com um exército mal equipado, o Brasil não tinha condições de contribuir na luta contra o poderio dos impérios alemão e austro-húngaro. Em 1917, o país contava com menos de 100 metralhadoras, contra mais de 15 mil da Alemanha.

Mas apesar destes fatos, houve por parte do Brasil uma ação em prol dos Aliados no Conflito, que foram muito bem desenvolvidas por um grupo de militares e civis de escol, que souberam dignificar as suas fardas e a nossa bandeira nacional.

Vamos então rememorar alguns fatos



ocorridos no Brasil e na Europa no período de 1914 a 1918.

O Brasil no período da 1ª Grande Guerra

Cenário Europeu

No início do século XX havia uma forte concorrência comercial entre os países europeus, principalmente na disputa pelos mercados consumidores. Esta concorrência gerou vários conflitos de interesses comerciais entre as nações.

Existia também, entre duas nações poderosas da época, uma rivalidade muito grande. A França havia perdido, no final do século XIX, a região da Alsácia e Lorena para a Alemanha, durante a Guerra Franco-Prussiana. O revanchismo francês estava no ar, e os franceses esperando uma oportunidade para retomar a rica região perdida.

Ao mesmo tempo, os países estavam empenhados numa rápida corrida armamentista, já como uma maneira de se protegerem, ou de se atacarem num futuro próximo. E esta corrida bélica gerava um clima de apreensão e medo entre os países europeus.

Em contra partida, o pan germanismo também influenciou e aumentou o estado de alerta na Europa. Havia uma forte vontade nacionalista dos germânicos em unir, em apenas uma nação, todos os países de origem germânica.

O estopim deste conflito foi o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, durante sua visita a Sarajevo (Bósnia-Herzegovina). As investigações levaram ao criminoso, um jovem integrante de um grupo Sérvio chamado Mão Negra, contrário a influência da Áustria-Hungria na região dos Balcãs. O Império Austro-Húngaro não aceitou as medidas tomadas pela Sérvia com relação ao crime e, no dia 28 de julho de 1914, declarou guerra a Servia.

Os países europeus começaram a fazer alianças políticas e militares desde o final do século XIX. Durante o conflito mundial estas alianças permaneceram. De um lado havia a Tríplice Aliança formada em 1882 por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha (a Itália passou para a outra aliança em 1915). Do outro lado a Tríplice Entente, formada em 1907, com a participação de França, Rússia e Reino Unido.

Cenário Brasileiro

No Brasil, a indústria começa a despontar como atividade econômica relevante. Em 1913, o parque fabril nacional já conseguia atender a quase 100% do consumo interno de calçados. Além disso, quatro de cada cinco peças de roupa usadas pelos brasileiros eram produzidas por fábricas locais, que também respondiam por quase 70% das bebidas e mais de 40% dos remédios consumidos pela população. O Estado de São Paulo contava com o maior centro industrial, abrigando cerca de 30% das fábricas brasileiras.

As questões comerciais, no entanto, estão longe de serem as principais mazelas brasileiras. Desde a proclamação da República, o Brasil mantém um sistema democrático de bases questionáveis. Em razão do voto aberto, a manipulação dos currais eleitorais é realidade em praticamente todas as regiões, com a onipresente figura dos capangas amedrontando quem se atreve a votar contra os coronéis, o chamado “voto de cabresto”.

Suporte para o desenvolvimento das sociedades mais avançadas, a educação universal ainda é uma utopia no Brasil. A cada 10 brasileiros, oito são analfabetos. E não há dúvidas de que chegar a um curso superior seja privilégio quase exclusivo da elite. Com raríssimas exceções, filhos de pequenos comerciantes, bancários, profissionais liberais, artesãos e funcionários públicos - a classe

média brasileira - alcançam o status de bacharéis.

Distante das hostilidades, a República Federativa dos Estados Unidos do Brasil já não se vê tão à margem dos acontecimentos europeus. Em 4 de agosto de 1914, logo na primeira semana da guerra na Europa, o Brasil declarou-se oficialmente neutro, no mesmo dia em que o presidente americano Woodrow Wilson anunciou semelhante decisão. Mas, em 1º de maio de 1916, no norte da Inglaterra, um submarino alemão afundou o navio brasileiro Rio Branco, e a neutralidade do país começou a ruir.

Assim que a notícia do incidente chegou ao país, em 5 de maio de 1916, a população ensaiou uma violenta reação contra os imigrantes germânicos, fomentada pela imprensa, de tendência pró-aliada. Entretanto, o fato de a embarcação ser tripulada principalmente por noruegueses e navegar em águas restritas, a serviço da Inglaterra, acabou por enfraquecer a revolta popular. Segundo nota oficial do governo brasileiro, a tripulação era composta por escandinavos, um inglês e dois noruegueses naturalizados brasileiros.

A tensão entre brasileiros e alemães cresceu em 1917. Em 3 de abril, o Paraná, um dos maiores navios mercantes brasileiros (4.466 toneladas), foi torpedeado por um submarino alemão nas proximidades do litoral francês, e três brasileiros foram mortos. Seguido de nova e mais vigorosa onda de manifestações antigermânicas, o ataque resultou no rompimento de relações por parte do governo brasileiro. Em seguida, outras duas embarcações foram afundadas por alemães, também nas proximidades da costa europeia - o Tijuca, em maio, e o Lapa, em julho, causando nova revolta país a fora.

Em vários Estados, houve manifestações contra a presença de empresários, banqueiros e negociantes de origem teutônica do lado de cá do Atlântico, praticamente impelindo o presidente Wenceslau Braz a abraçar a causa aliada, na esteira de um caminho trilhado anteriormente pelos Estados Unidos. Se ainda não declarou guerra aos Impérios Centrais, como fez o presidente Woodrow Wilson, depois do torpedeamento do Lusitânia que matou 1.201 pessoas, entre elas 128 americanos, nenhum brasileiro duvida que, caso precise optar por uma das trincheiras, Braz escolherá a da Triplíce Entente, ao lado de americanos, franceses, ingleses e russos.

Discurso de Rui Barbosa em favor dos Aliados

Em 1916, no Centenário da Independência da Argentina, e na qualidade de Embaixador do Brasil, Rui Barbosa proferiu na Faculdade de Direito de Buenos Aires a famosa Conferência – Conceitos Modernos do Direito Internacional, demonstrando que “neutralidade não quer dizer impassibilidade, mas imparcialidade” A subsequente versão espanhola foi feita por Manuel Bernardez, ex-ministro do Uruguai no Rio de Janeiro, amigo de Rui Barbosa e francamente aliadofilo.

No mesmo dia em que era proferida em Buenos Aires esta conferência foi transmitida (telegrafada) na íntegra para Paris por intermédio de Bouilloux Lafont, outro amigo e admirador de Rui Barbosa. Foi enorme a impressão por ela causada, assim na América como na Europa. Em Paris os jornaleiros apregoavam *L'entrée de l'Amérique dans La Guerre!* - Discours de Ruy Barbosa.

Temos o seguinte relato no livro *A GRANDE GUERRA – O Maior monumento de Eloquência em torno da maior Conflagração do Mundo*:

“A análise do egoísmo com que a América até então se procurava isolar na Grande Guerra, foi um dos elementos que mais contribuíram para a gigantesca repercussão desse discurso”. Os Estados Unidos tinham cruzado os braços. Wilson resistia à pressão da maioria da opinião pública. A imprensa aliada dos Estados Unidos tomou o discurso de Rui como argumento decisivo no pleito, e recrudescer na campanha da intervenção pelos Aliados. Grupos norte americanos, em passeio pela Europa, telegrafaram a Rui, dizendo-lhe que, pela sua boca, tinha falado toda a América.

Rui não determinava, nem podia determinar a entrada da América no grande conflito, em que debatiam os destinos da Humanidade. Fizera, porém, mais do que se podia esperar. Fornecera a mais poderosa das alavancas, a alavanca do raciocínio, ao grande movimento de opinião que procurava remover o rochedo da inércia do caminho da justiça”.

A Alemanha pediu contas ao governo do Brasil por este ato, que ela considerava uma quebra da neutralidade. Lauro Müller, ministro das Relações Exteriores, desafeto de Rui, move uma campanha de descrédito para o glorioso e imortal Embaixador. Rui defendeu-se cabalmente no Teatro Municipal do Rio em 17 de setembro de 1916.



A Grande Guerra - Relato da repercussão das Conferências de Rui a favor dos Aliados

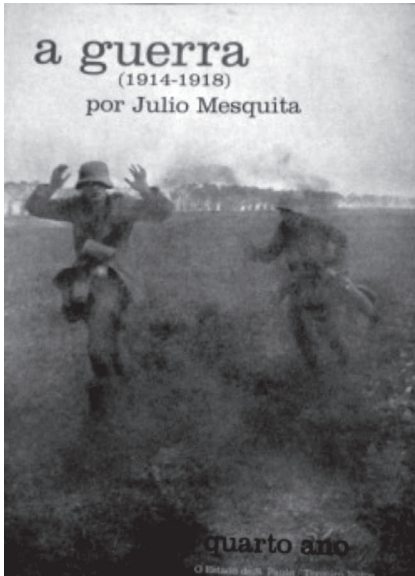
Em Petrópolis, a convite da Cruz Vermelha e dos Amigos dos Aliados, pronuncia, a 17 de março de 1917, a monumental conferência em que descreve os horrores da guerra, e clama o seu protesto contra a ferocidade germânica e o desprante dos seus escritores militares.

Um mês depois, na grande manifestação popular que lhe fizeram, Rui, em discurso pronunciado de uma das janelas do Jornal do Comércio, prega ao povo a fé na justiça da causa dos Aliados, e, ainda uma vez, demonstra que o Brasil não pode ser neutro entre o crime e a justiça, entre a ambição armada e o Direito espeznhado.

O jornalista Julio de Mesquita emitia no jornal *O ESTADO DE SÃO PAULO* artigos semanais sobre a Grande Guerra, que eram transcritos na forma de artigos jornalísticos. Foram depois reunidos em um extenso livro denominado *A Guerra (1914-1918)*, dividido em quatro volumes, um para cada ano da guerra.

No seu quarto volume encontramos o artigo de 1º outubro de 1917 com o título “A Hesitação Brasileira”, onde o jornalista assim descreve o seu inconformismo com a hesitação brasileira frente a guerra.

“Tornamos a proclamar que não nos conformamos com a ambiguidade, desconhecida do Direito Internacional, em que o nosso governo nos colocou depois do torpedeamento dos nossos navios mercantes. E, se essa inexplicável indecisão nos repugna, imensamente mais repugnantes se nos mostra a espécie de germanismo criminoso que dela resulta



A Guerra (1914-1918) - O quarto ano



Presidente Wenceslau Braz assinando a Declaração de Guerra - 26/10/1917

e é manifesta em diversos atos oficiais. Se o Brasil não declarou guerra à Alemanha, pelo menos, num assomo de brio fôlego curto, cortou as relações de paz que a ela o uniam”.

Submarinos germânicos torpedeiam navios brasileiros

No ano em que o Brasil entrou na I Guerra, após uma série de ataques de submarinos alemães contra embarcações nacionais na costa europeia, milhões de soldados já haviam morrido nas trincheiras.

A gota d’água para o ingresso do país no conflito foi o torpedeamento do navio Macau, em outubro de 1917, próximo à costa espanhola. Antes disso, os submersíveis germânicos já haviam afundado os navios Rio Branco (maio de 1916), Paraná (abril de 1917), Tijuca e Lapa (maio de 1917). Em 25 de outubro de 1917, após a nova “agressão germânica”, o presidente Wenceslau Braz, pressionado pela população, declarou guerra à Alemanha.

Navios Afundados				
Nome do Navio	Toneladas	Data do afundamento	Submarino U-boat	Comandante Alemão
RIO BRANCO	2,258	1/5/1916	UB 27	Victor Dieckmann
PARANÁ	4,461	4/4/1917	UB 32	Max Viebeg
TIJUCA	2,304	20/5/1917	UC 36	Gustav Buch
LAPA	1,366	22/5/1917	U 47	Heinrich Metzger
MACAU	3,557	18/10/1917	U 93	Helmut Gerlach
Em 26/10/1917 é assinada no BRASIL a Declaração de Guerra				
ACARY	4,275	2/11/1917	U 151	Waldemar Kophamel
GUAHYBA	1,891	2/11/1917	U 151	Waldemar Kophamel
MACEIÓ	3,739	3/8/1918	U 43	Johannes Kirchner

Levados a bordo do submarino U-93, comandado pelo capitão-tenente Helmut Gerlach, de 32 anos, o capitão do Macau, Saturnino Furtado de Mendonça, e o despenseiro, Arlindo Dias dos Santos, nunca mais foram vistos. Na época, o seu desaparecimento ajudou a ampliar a revolta popular contra os imigrantes germânicos no país.

Uma semana depois da declaração de guerra, outros dois navios brasileiros seriam postos a pique (Guahyba e Acary) — os dois abatidos pelo mesmo submersível alemão, o U-151. Até o fim da guerra, o Brasil ainda perderia outra embarcação, o Maceió, atingido pelo U-43, em 1918.

A Participação Brasileira

Força Naval – A DNOG

O Brasil para contribuir com o esforço de guerra e para proteger as suas rotas comerciais, formou a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG). Esta era composta por oito embarcações de guerra:

Cruzadores - “Rio Grande do Sul” e “Bahia”;
cruzador auxiliar - “Belmonte”;

Contratorpedeiros - “Piauí”, “Rio Grande do Norte”, “Paraíba”, “Santa Catarina”;

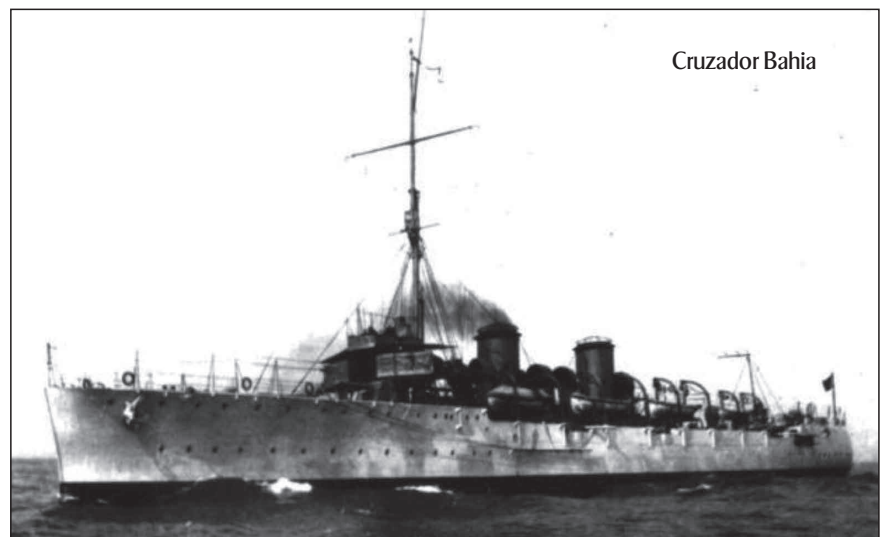
Rebocador de alto-mar - “Laurindo Pitta”.

Composta de um efetivo total de 1502 homens: 75 oficiais de armada, 4 médicos, 50 oficiais de máquinas, 5 oficiais comissários (intendentes), um farmacêutico, um dentista, um capelão, um submaquinista, 41 suboficiais, 43 mecânicos, 4 auxiliares de fiel, 702 marinheiros, 481 foguistas, 89 tarefeiros, um padeiro e três barbeiros.

Após um longo período de preparação seguiu, em 31 de Julho de 1918, oito embarcações de guerra brasileiras (entre elas o Cruzador Bahia) para a zona de guerra formada pelo triângulo Gibraltar, Dakar e o Arquipélago de Cabo Verde, com a missão de reforçar a esquadra britânica de Gibraltar na neutralização dos submarinos alemães que operavam naquela área, e especialmente na entrada do mediterrâneo.

Aviadores Brasileiros

A participação brasileira no conflito foi modesta. Em janeiro de 1918 oficiais do Exército e da Marinha, comandados



Cruzador Bahia

PILOTOS enviados para a EUROPA	
NOME	PATENTE
Manoel Augusto P. de Vasconcellos	Capitão-Tenente
Virgínius B. Delamare	Primeiro-Tenente
Heitor Varady	Primeiro-Tenente
Fabio Sá Earp	Primeiro-Tenente
Belisário de Moura	Primeiro-Tenente
Eugênio Possolo †	Primeiro-Tenente
Mario da Cunha Godinho	Primeiro-Tenente
Fileto Ferreira da S. Santos	Primeiro-Tenente
Olavo Araújo	Segundo-Tenente
Lauro de Araújo	Segundo-Tenente
Epaminondas Gomes dos Santos	Segundo-Tenente
Aliatar de Araújo Martins (Exército)	Tenente (Exército)
Antonio Joaquim da S. Junior	Suboficial



Alto a esquerda: Ten. Cristóvão de Castro Barcelos / Alto a direita: Ten. José Pessoa C. de Albuquerque. Baixo a esquerda: M. Firmino Antônio Borba / Baixo a direita: Ten. Izauro Regueira.

pelo Capitão Manoel Augusto Pereira de Vasconcellos, foram enviados à Grã-Bretanha, a fim de receberem treinamento de pilotagem de aviões junto ao Royal Naval Air Service – RNAS (o antigo corpo aéreo da Real Marinha Britânica). Esses oficiais foram treinados

nas estações aeronavais de Eastbourne, Lee-on-Solent e Calshot.

Cabe aqui a lembrança que formalmente, o Ministério da Aeronáutica só seria fundado em 20 de janeiro de 1941 e o seu ramo militar foi chamado “Forças Aéreas Nacionais”, alterado para

“Força Aérea Brasileira” (FAB) em 22 maio daquele ano. Os ramos aéreos do Exército (“Aviação Militar”) e da Marinha (“Aviação Naval”) foram extintos e todo o pessoal, aeronaves, instalações e outros equipamentos relacionados foram transferidos para a FAB.

Porém, no final do curso, dois deles sofreram acidentes. Em decorrência disto o Segundo-Tenente Olavo Araújo foi repatriado ao Brasil para tratamento médico, e o Segundo-Tenente Eugênio Possolo faleceu em consequência aos ferimentos sofridos neste acidente, tornando-se por isso a primeira vítima da Aviação Naval brasileira.

Após o treinamento, aqueles oficiais desempenharam missões de guerra, integrando uma esquadrilha da então recém-criada Royal Air Force – RAF (Real Força Aérea Britânica), a qual contava com pilotos brasileiros, norte-americanos e britânicos.

A Cavalaria Brasileira na 1ª Guerra Mundial

Quatro oficiais da Cavalaria participaram diretamente como combatentes junto ao Exército Francês na condição de adidos à cavalaria daquele país.

Dentre os quatro cavaleiros o que obteve o maior destaque foi José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (irmão do futuro governador da Paraíba - João Pessoa), que comandou pelotões de cavalaria francesa de três regimentos diferentes, sendo que pelo menos em um dos casos ele comandou uma pequena unidade do 504º Regimento de Dragões, equipados com tanques (Renault FT-17).

A experiência adquirida com esses carros e o papel deles no conflito fez com que o exército comprasse o primeiro material blindado do País, uma companhia de 12 carros Renault FT-17, que seria comandada por Albuquerque.

Graças a sua experiência com este tipo de carros, foi possível a sua posterior adaptação para o Brasil, corrigindo-

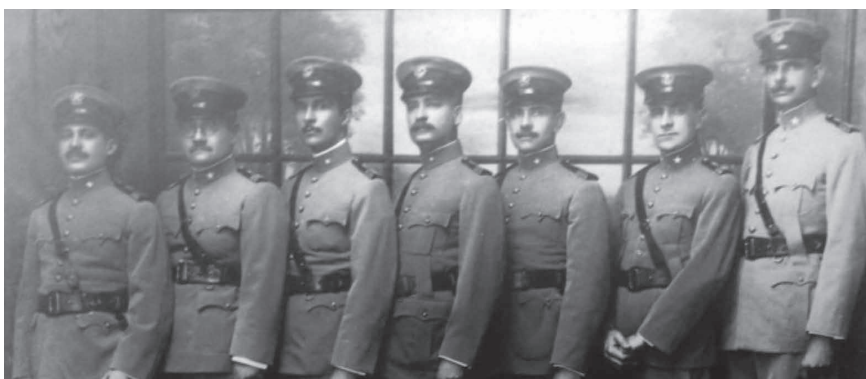


Renault FT-17

OFICIAIS BRASILEIROS DE CAVALARIA PARTICIPANTES DO CONFLITO	
1	MAJOR DE CAVALARIA – FIRMINIO ANTÔNIO BORBA.
	Nascido: 17 out 1874 – Atingiu posto de General.
	Participação: Junto ao 15º Regimento de Dragões do Exército Francês.
Medalhas e condecorações: Cruz de Guerra, Cavaleiro da Legião de Honra.	
2	1º TENENTE DE CAVALARIA – CRISTÓVÃO DE CASTRO BARCELOS.
	Nascido: 25 jul 1883 – Atingiu o posto de General.
	Participação: Junto ao 17º Regimento de Dragões do Exército Francês como comandante de Pelotão: participou da ofensiva da Bélgica sendo elogiado por bravura em combate.
Medalhas e Condecorações: Cruz de Guerra, Cruz de Campanha.	
3	1º TENENTE DE CAVALARIA – IZAURO REGUEIRA.
	Nascido: 17 de jun 1883 – Atingiu o posto de General
	Participação: Junto ao Comandante do 1º Corpo de Cavalaria do Exército Francês. Foi elogiado por bravura em combate.
Medalhas e Condecorações: Cruz de Campanha, Oficial de Legião de Honra, Medalha da Vitória, Medalha de Guerra.	
4	1º TENENTE DE CAVALARIA – JOSÉ PESSOA C. DE ALBUQUERQUE.
	Nascido: 12 set 1885 – Atingiu o posto de General.
	Participação: Junto ao 4º Batalhão de Dragões do Exército Francês como comandante de Pelotão, participou da campanha de Flandres.
Medalhas e Condecorações: Comendador da Legião de Honra, Cruz de Campanha, Medalha da Vitória, Medalha de Guerra, Cruz de Guerra da França, Cruz Militar de 2ª Classe da Bélgica, Medalha de guerra da Bélgica.	



Membros da Expedição Médica na 1ª Guerra Mundial



Médicos participantes da 1ª Guerra Mundial integrando a Missão médica -. Salvador BA
Da esquerda para a direita: Cesário de Andrade, José Adeodato de Souza, Fernando Luz, Pirajá da Silva, Antonio Borja, Eduardo de Moraes, Caio Moura.

-se uma série de pequenos defeitos de projeto. Por essas razões o General Albuquerque é conhecido como o pai da força blindada brasileira.

Missão Médica

A expedição foi chefiada por Nabuco de Gouveia, homem de representação na classe médica e merecedor da confiança do Ministro da Guerra, General Caetano de Faria. Era deputado, cirurgião, Professor de Ginecologia e Diretor do Hospital da Gamboa, foi comissionado no posto de Coronel do Exército.

A missão chegou a Marselha no dia 24 de Setembro de 1918.e era composta de:

1 Comandante da Expedição Médica, na categoria de Coronel

10 Diretores de Serviço, servindo na categoria de tenente-coronel;

20 chefes de enfermaria, no grau de capitão;

29 médicos na classe de 1º Tenente;

8 auxiliares como 2º Tenente e

15 doutorandos na mesma categoria.

2 Farmacêuticos,

1 Intendente na classe de 2º Tenente.

1 Secretário da Missão na classe de 1º Tenente

Incorporadas também:

Uma delegação do corpo de saúde do Exército, com 5 representantes

Uma delegação da Marinha de Guerra, com 6 oficiais.

Seguiu também um contingente de 31 soldados que, segundo narrativa de Mário Kroeff, depois do armistício, no défilé de la Victoire, desfraldaram nossa bandeira e marcharam sob o Arco do Triunfo ombro a ombro com soldados de outras pátrias. Nesta confraternização geral estes homens cantaram a Madelon, canção militar que distraía o soldado francês nas pausas da linha de frente.

Em conclusão, 131 combatentes totalizavam a falange brasileira da Missão Médica, mandada para se incorporar aos exércitos aliados, na frente francesa.

O Hospital Franco Brasileiro de Vaugirard

Afora a participação da Divisão Naval, o Brasil também enviou um contingente para a montagem de um hospital completo para Paris, com 89 médicos e seu respectivo pessoal de apoio, assim como oficiais para participarem do corpo médico em várias localidades francesas durante o conflito.

Segundo nos conta Kroeff a montagem do Hospital Brasileiro foi efetuada remodelando-se o prédio de um antigo



Comemoração do Cinquentenário do fim da I Guerra Mundial
Membros da Missão Médica agraciados com a Medalha do Pacificador - 1968



Hospital Franco-Brasileiro de Vaugirard

Convento Jesuíta localizado na Rue Vaugirard. A instalação dos 260 leitos foi feita com trabalho acelerado, tendo Nabuco Gouveia dado nesta ocasião provas de sua capacidade de organização.

Uma vez em Paris, foram todos entregues ao alto comando francês que os distribuiu pelas Províncias, a fim de imediatamente prestarem serviço contra uma epidemia de gripe, que dizimava a população civil, enfraquecia a linha de frente e prejudicava a ação da retaguarda. [...] Enquanto uns eram assim espalhados pelo interior e cooperavam na saúde pública em geral, outros trabalhavam com o chefe da Missão, na montagem do Hospital Brasileiro, remodelando o prédio de um antigo convento

de Jesuítas, que existia na rue Vaugirard.

Desde a escolha do prédio, a limpeza da área, reformas na estrutura do prédio, e montagem das alas e salas, tudo foi organizado pelos brasileiros com apoio do governo francês. A montagem deste hospital demorou várias semanas até que ficasse pronto, mas outro atraso na sua plena ação como hospital de feridos foi ocasionado pela epidemia de Gripe Espanhola, recebendo então muitos soldados do front que foram acometidos pela gripe. Dificuldades diversas surgiram até se iniciarem efetivamente os primeiros atendimentos a feridos em combates.

Mas em um dado momento, por exemplo, os brasileiros chegaram a disputar a conquista do prédio do novo hospital

com os americanos:

A posse desse edifício não foi fácil. Entre nós e o governo americano estabeleceu-se uma espécie de concorrência. Logo que os americanos souberam que pretendíamos ali instalar um hospital, estabeleceram uma porfia conosco, tendo o governo francês tido necessidade de invocar a sua palavra empenhada conosco para se ver livre dos pedidos insistentes dos americanos, que, nesse momento, com grande quantidade de feridos vindos do “front”, onde a luta atravessava uma fase intensíssima precisavam de hospital urgentemente.

Assim o edifício logo foi oferecido aos brasileiros, com a contrapartida de que estes cuidassem tanto dos feridos de guerra quanto dos doentes pela Gripe. Este hospital, além de prestar ajuda à assistência pública francesa, também serviu como uma espécie de quartel-general brasileiro durante o período de guerra, reunindo quase na totalidade os missionários brasileiros.

O estabelecimento hospitalar foi classificado como de primeira classe, em condições de receber feridos e ficou nivelado com o hospital americano de Neuilly, no dizer dos próprios franceses. Os responsáveis diretos pela sua montagem e operação receberam a Legião de Honra: Tenentes-coronéis Benedito Montenegro, Eduardo Borges da Costa, Paulo Parreiras Horta e Jorge de Toledo Dodsworth.

O hospital, que deveria ter caráter temporário, continuou servindo à sociedade parisiense no pós-guerra, alternando sua administração entre entidades religiosas e da assistência pública de Paris. Funcionou ainda ali durante alguns anos um setor de clínicas, terapêuticas e cirurgias da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris.

A missão começou a reduzir seu contingente de homens conforme se apontava o fim progressivo da guerra. Em março de 1919, já haviam retornado grande parte dos médicos da missão e encerrava-se a participação brasileira.

O Hospital Franco-Brasileiro para os feridos da Grande Guerra, montado e mantido pelos brasileiros, como contribuição ao esforço de guerra dos Aliados. E no 80º aniversário da presença da Missão Militar Brasileira foi descerrada uma placa comemorativa nos jardins onde existe o Hospital.

Continua existindo, nos dias de hoje, o hospital neste prédio, apesar de ter recebido inúmeras modificações, am-



Hospital de Vaugirard Gabriel Pallez



Placa comemorativa do 80º aniversário da presença da Missão Militar Brasileira no jardim do hospital

pliações e descaracterizações em seu estilo ao longo dos anos. Atualmente atende pelo nome de Hôpital Vaugirard Gabriel-Pallez, e serve à assistência pública parisiense, com especialidade em geriatria e, também, como um hospital universitário.

A remodelação/construção de um novo hospital começou em 1989 e termina no final de 1991 e tornou-se um hospital geriátrico independente em Assistência Pública. Em 26 de março de 1999, recebe a denominação de “Hospital Vaugirard - Gabriel-Pallez”, em homenagem ao Diretor Geral da Assistência Pública dos Hospitais em Paris no período de 1969-1985.

Mas respondendo a uma indagação que surge, mesmo após vários anos do término do conflito: — “Que resultou de útil na ação dos brasileiros?” o Tenente-Coronel Maurício de Medeiros da Academia Brasileira de Medicina Militar afirma:

“Ficou na França que tanto amamos

um real documento de nossa capacidade de organização hospitalar, no magnífico estabelecimento que lá deixamos. Ficou por todas as províncias daquele país o testemunho da competência de nossos médicos e do zelo, com que atenderam às populações civis. E ficou, sobretudo, a prova de que o Brasil, quando necessário, sabe cumprir o seu dever”.

Passarei agora a fazer uma breve resenha de três nomes relevantes da história da Missão Militar Brasileira na França.

Benedito Montenegro

Benedito Augusto de Freitas Montenegro, mais conhecido por Benedito Montenegro, nasceu em Jaú (SP), aos 7 de abril de 1888. Graduiu-se em medicina pela Universidade da Pensilvânia (EUA), em 1909, tendo revalidado seu diploma no Rio de Janeiro.

Atleta por excelência praticava natação, tênis, salto e luta romana, sendo campeão paulista de futebol pelo Mackenzie.

Iniciou suas atividades profissionais na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e, em decorrência de sua dedicação, recebeu anos mais tarde o título de “cirurgião honorário”.

Em 1917 participou da Missão Médico-Militar brasileira enviada à França, na I Guerra Mundial. Cirurgião brilhante, atendendo as vítimas mais graves, foi distinguido com a “Medalha do Pacificador Duque de Caxias” pelo Exército Brasileiro e, elevado pelo governo francês à condição de “Cavaleiro da Legião de Honra da França”.

Foi também, pela sua liderança, na Revolução Constitucionalista de 1932, indicado a presidente da “Federação de Voluntários”. E em sua passagem pela política foi um dos fundadores do Partido Constitucionalista; Deputado Estadual, e vice-presidente em exercício da Assembleia Estadual Constituinte, tendo nesta condição assinado a Constituição de São Paulo, aos 9 de julho de 1935.

Na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) tornou-se professor de clínica cirúrgica de 1931 a 1956 (e catedrático já a partir de 1934). Foi diretor no período de 1941 a 1947, além de ter sido durante três meses, em 1947, reitor da USP. Benedito Montenegro, pelo seu brilhante trabalho foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela USP, por proposta dessa faculdade.

Foi um homem de ampla visão. Enquanto diretor da Faculdade de Medicina teve marcante atuação administrativa, participando da conclusão das obras da primeira etapa de ampliação do Hospital das Clínicas (HC). De 1941 a 1956 presidiu o Conselho Administrativo do HC, época em que deu início às construções do Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT), de Psiquiatria e da Escola de Enfermagem, anexos ao Instituto Central.

Dirigiu ainda várias entidades de classe o que lhe valeu dezenas de títulos honoríficos. Foi membro titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje, Academia de Medicina de São Paulo, tendo tido a honra de presidir esse sodalício num mandato anual entre 1952-1953. Presidiu também a Associação Paulista de Medicina no biênio 1953-1954. Outrossim, foi membro titular, fundador e primeiro mestre, em 1941, do Capítulo de São Paulo do Colégio Brasileiro de Cirurgiões (CBC). Tornou-se membro emérito dessa entidade e teve a honra de receber, em 1970, o primeiro Prêmio “Colégio Brasileiro de Cirurgiões”, outorgado pela sua contribuição ao ensino, progresso e desenvolvimento da cirurgia no Brasil.

Ensinando e formando discípulos durante 42 anos, foi fundador da “Escola Cirúrgica Benedito Montenegro”. Sua dedicação à cirurgia fez dele um pioneiro no Brasil na área gastroduodenal, tendo sido contemplado, em 1947, pelo American College of Surgeons, com o título de Honorary Fellow.

Montenegro trabalhou também no Hospital da Beneficência Portuguesa,



O Ministro do Exército Lira Tavares condecora Benedito Montenegro com a Medalha do Pacificador na comemoração do cinquentenário da Missão Médica na França

no Sanatório Esperança e no Hospital Santa Catarina, tornando-se nesse último, em 1934, diretor clínico, cargo que desempenhou até a sua aposentadoria, em 1956.

Em 1978 escreveu “MEUS 90 ANOS – autobiografia”, um testemunho de sua dedicação às Faculdades de Medicina e de Farmácia e Odontologia da USP, bem como de todas as suas atividades políticas, administrativas, didáticas e científicas.

Após uma vida profícuca, pródiga de dons e realizações, Benedito Montenegro faleceu em São Paulo aos 91 anos, em 23 de agosto de 1979, sendo honrado com a patronímica da cadeira nº 21 da augusta Academia de Medicina de São Paulo, além de dar nome a um prêmio do Capítulo de São Paulo do CBC, que homenageia, anualmente, desde 1985, cirurgiões que tenham atuado no estado.

Mas, com relação ao professor Benedito Montenegro, vivenciei uma experiência única, pois tive a oportunidade de o conhecer pessoalmente no ano de 1970. Naquela ocasião eu estudava no Colégio Visconde de Porto Seguro, na cidade de São Paulo, e tinha um colega de classe chamado Orlando Montenegro, que era neto de Benedito Montenegro.

Certa vez, convidado a participar do aniversário do Orlando, passarmos pela sala de jantar de sua casa e vimos o professor caminhando com certa dificuldade apoiando-se na sua bengala (ele havia sofrido uma amputação do pé direito decorrente de complicações da

diabete). Naquele momento Orlando me apresentou a seu avô, e devido a nossa diferença de idade, eu com meus 12 anos e Benedito com seus 82 anos, trocamos apenas algumas breves palavras de cortesia. Mas naquela tarde eu já tinha a informação de que ele participara da I Guerra, mas pela minha pouca idade, não tive a real dimensão de estar diante de um dos principais atores daquela importante missão militar, e por certo teria conversado por mais tempo com ele, tentando colher maiores pormenores das histórias sobre a sua participação na Guerra. Mas de qualquer forma me sinto honrado de ter conversado e apertado a mão de um dos ícones da história médica-militar brasileira!

Mario Kroeff

Outro nome relevante na história da 1ª Grande Guerra que deve ser lembrado é o do médico gaúcho Mario Kroeff.

Kroeff nasceu em São Francisco de Paula - Rio Grande do Sul, em 13 de outubro de 1891, e formou-se em Medicina pela antiga Faculdade da Praia de Santa Luzia, no Rio de Janeiro, em 1915, tendo sido sua tese de Doutorado aprovada com distinção.

Clicou na cidade de Porto Alegre, em Campos Novos e em Brusque.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial, fez parte da Missão Médica Militar Brasileira, na França, como 1º Tenente Médico da Marinha. Atuou como subchefe de um Serviço de Cirurgia em um hospital para civis e militares na cidade de Tours, atendendo a prisioneiros alemães. Em Paris, foi chefe

de enfermagem no “Hôpital Brésilien”. Em 1919, recebeu o diploma de Oficial da Academia, conferido pelo governo francês.

Em 1920, de volta ao Brasil, fez concurso para Médico Sanitarista e foi nomeado subinspetor sanitário, tendo dirigido o Dispensário Central de Doenças Venéreas. Nessa época, pediu demissão da Armada.

Em 1924, foi comissionado para estudar na Europa na Organização da Luta contra a Sífilis e as Doenças Venéreas. Trouxe para o Brasil, em 1927, o primeiro aparelho de eletro-coagulação que, na época, era considerada a arma mais poderosa na luta contra o câncer, tendo sido o pioneiro a usá-lo no país.

Em 1929, tornou-se Livre Docente de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a tese sobre “Diatermo Coagulação no Tratamento do Câncer”.

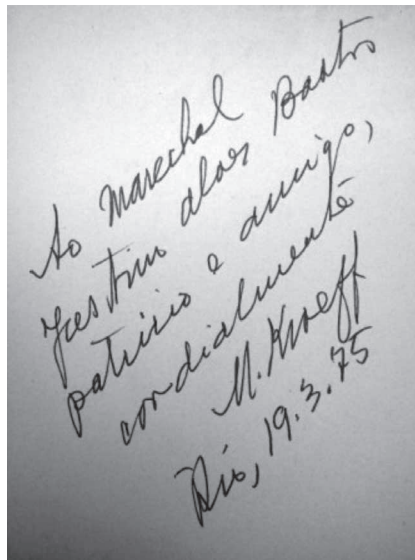
Após perseverar durante vários anos como oncologista, conseguiu finalmente o apoio do Presidente Getúlio Vargas para criar o Centro de Cancerologia, o primeiro núcleo governamental de combate ao câncer no país, para o qual foi nomeado Diretor, por Vargas, em 1938. Por sua insistência, o Centro converteu-se em Serviço Nacional de Câncer (SNC), em 1941, tendo sido empossado Diretor deste serviço no mesmo ano. Segundo Kroeff, a criação do SNC deu-lhe atribuição de “organizar, orientar, controlar, em todo o país, a Campanha Contra o Câncer”, ampliando a visão inicial do governo de se limitar à instalação de um órgão hospitalar para tratamento da doença na Capital da República.

Mario Kroeff é considerado o iniciador do INCA (Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva). Foi o criador do Hospital Asilo para os Cancerosos Incuráveis que, inaugurado em 1944, foi transformado em um grande hospital, o HOSPITAL MARIO KROEFF.

Em 1954, foi demitido do SNC, sob o argumento da “renovação da mentalidade” no setor, o que provocou grandes protestos divulgados pela imprensa. Esta polêmica causada pelo embate de duas visões - uma pública e outra privada - da questão do câncer no país perdurou durante muitos anos na instituição. Sempre fiel a suas ideias, o Prof. Mário Kroeff foi pioneiro na defesa da concepção do câncer como problema de saúde pública. Mesmo afastado do cargo administra-



Livro de Mario Kroeff com dedicatória ao Marechal Justino Alves Bastos - 1975



tivo, continuou a ser requisitado pelo Instituto, como figura notável que era.

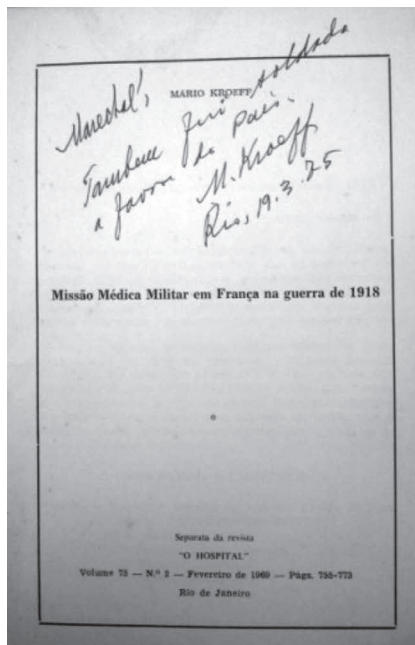
Alguns outros Títulos Honoríficos de Kroeff

- Idealizador, Fundador e 1º Diretor do Serviço Nacional de Câncer (1938-1954)
- Membro Titular da Academia Nacional de Medicina - ocupando a cadeira nº 27
- Fundador e Ex-Presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia e Ex-Diretor da Revista Brasileira de Cancerologia
- Ex-Presidente do Conselho Administrativo do Hospital dos Servidores do Estado
- Cofundador do Colégio Brasileiro de Cirurgiões
- Livre-Docente de Clínica cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro
- Comendador da Ordem do Mérito

Mário Kroeff faleceu a 23 de dezembro de 1983, em Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, tendo sido sepultado nessa mesma cidade.

Mas com certeza um dos principais méritos deste médico gaúcho foi, sem dúvida nenhuma, a de assumir a condição de principal narrador dos fatos ocorridos na Missão Médica. Primeiramente por ter participado diretamente da Missão Médica e em segundo lugar por ser um brilhante escritor.

Em um artigo publicado na revista "O Hospital" de 1969, assume de forma irrefutável a posição de principal referencial histórico como narrador deste episódio da nossa história. E em seu



Separata da Revista "O HOSPITAL" com o artigo Missão Médica Militar em França na Guerra de 1918. Com a seguinte dedicatória: "Marechal, também fui soldado a favor do País".

livro "Ensariando as Armas" de 1973 traz também, de forma harmoniosa as preciosas informações de cada etapa daquela Missão. Faz a narrativa desde a partida, percorrendo a difícil viagem, todas as dificuldades e peripécias do trajeto, a chegada, a avassaladora gripe espanhola, a posterior montagem do hospital militar e narra até a participação de brasileiros na Marcha da Vitória sob o Arco do Triunfo em Paris, no final do conflito.

Estes dois trabalhos são exaustivamente repetidos por quase todos os pesquisadores e escritores que trata-

ram deste assunto a partir do final dos anos 60.

Vejam alguma de suas narrativas transcritas de forma humilde e singela sobre a sua experiência na Europa em guerra nestes seus trabalhos.

Em 1918 eu partia para a Europa conflagrada, integrando a Missão Militar em França, mandada a guerra como contribuição do Brasil à causa dos Aliados. Servi no hospital que instalamos em Paris. Fui condecorado lá e aqui, recebendo medalhas.

O médico e escritor Pedro Nava assim se refere ao livro Ensariando as Armas de Mario Kroeff:

"É uma autobiografia e obra indispensável a quem queira escrever sobre dois capítulos importantíssimos da história de nossa Medicina: a luta contra o câncer e a participação de nossa missão médica na 1ª Guerra Mundial. Em ambos, sua figura sobreleva, e aqui o digo: felizes aqueles cuja vida se confunde com a crônica de sua terra. E a sua é inseparável da do Rio Grande e da do Brasil".

Austregésilo de Athayde, presidente da Academia Brasileira de Letras no período de 1958 a 1993 assim se refere ao seu amigo médico e escritor:

"Nesse livro vê-se como é pena que se haja perdido um estilista, pois por ele se atesta a presença de um escritor roubado pelo bisturi e pela paixão científica à seara das letras. Dir-se-á que a vida foi muito bem empregada na grande luta de que é o pioneiro contra o mal ainda sem remédio. Mas é uma pena que não tivesse podido, como agora o faz, juntar ciência e literatura, dando largas à vocação que possui para ambas".

Kroeff emite em seu livro uma eloquente profissão de fé aos 82 anos de vida:

"Ao anoitecer da existência, quando depositar meu bastão de viagem à beira da estrada, fito ao longe, no horizonte, tudo o que ficou para trás. Já sentado, conto no fundo do meu bernal as poucas moedas encontradas no caminho e enxugo o suor, para dizer ao viandante: Escrevi um livro, plantei uma árvore, tive filhos, salvei alguns homens doentes, incisando-lhes o corpo, e a muitos outros dei remédio, para que pudessem morrer aliviados. Simplesmente, desse modo cumpri minha missão.

(...) Aprendi que é agradável poder dormir tranquilo, sem os remorsos causados por alguma falta cometida entre



Rachel S. Haddock Lobo e enfermeiras da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) com militares que atuaram na Revolução Constitucionalista de 1932



os concidadãos; acordar sereno, revigorado, cheio de esperança, ansioso por iniciar novas realizações em benefício próprio ou de outrem, dentro de cada atuação profissional”.

Rachel Haddock Lobo

Como última personagem deste relato, mas não menos importante, faremos um justo tributo a uma voluntária, legítima representante do pensamento de Ana Neri.

Em 1917, o médico militar Roberto da Silva Freire estava presente na Missão Médica na qualidade de Chefe de Enfermaria, comissionado no posto de Capitão do Exército. Este médico casou-se com a brasileira Rachel S. Haddock Lobo.

Rachel, originária de importante família do Rio de Janeiro, nasceu em 18.06.1891, recebeu educação em colégio católico e tradicional do Rio de Janeiro e também partiu para a França onde participou como voluntária da Cruz Vermelha Francesa, no Hospital Militar Brasileiro, em Paris, sendo mais tarde homenageada com a Cruz da Legião de Honra.

Sua formação em Enfermagem foi na França, tendo complementado seus estudos na Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN). Em 1922, retorna a Paris para estudar enfermagem na École de Enfermières de L'Assistance Publique com formatura em 1924.

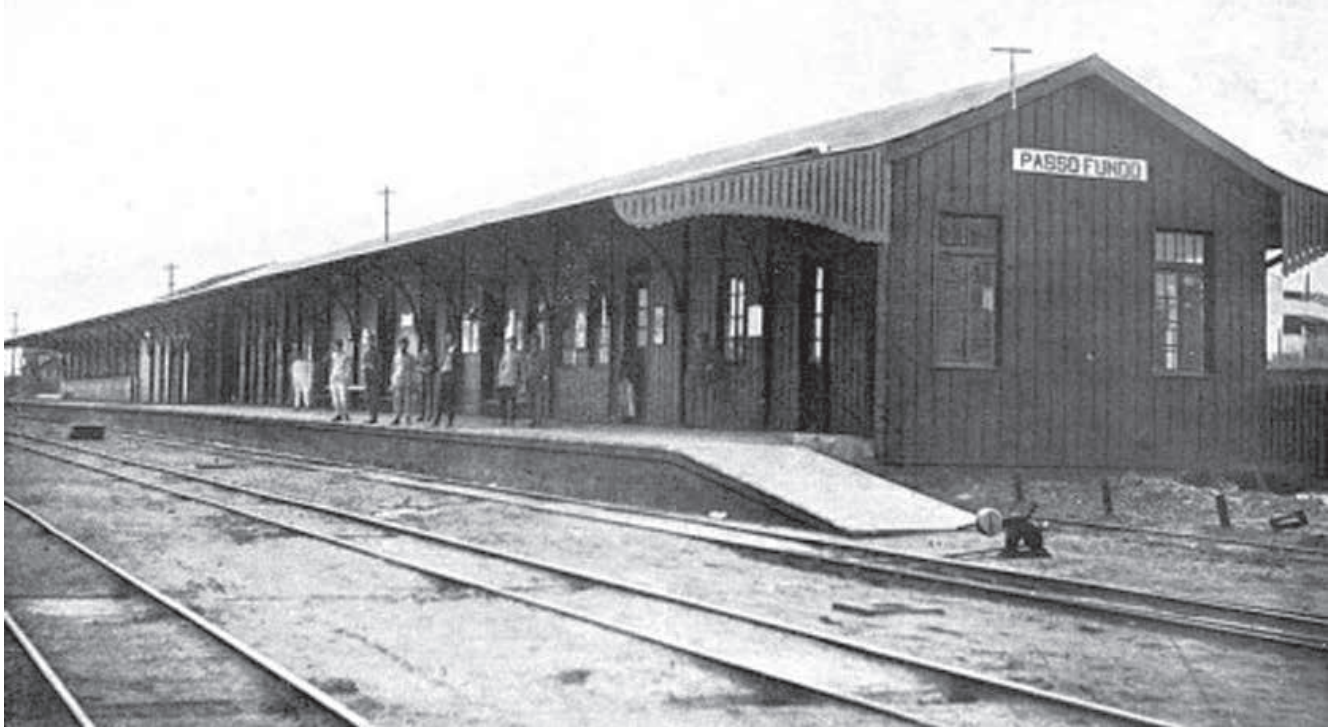
Em 1925, retorna ao Brasil e passa a trabalhar na Fundação Graffé Guinle por pouco tempo, sendo convidada para trabalhar na Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública. Em 1927 parte para os Estados Unidos, como bolsista da Fundação Rockefeller onde frequentou o Hospital Geral de Filadélfia e o Teachers College da Universidade de Columbia, Nova York. Ali conclui o curso de Administração Geral, com Especialização em Moléstias Contagiosas, Tuberculose e Pedagogia, retornando em 1929 ao Brasil.

Em seguida trabalhou na área de Saúde Pública onde dirigiu o serviço de enfermagem no Hospital Paula Cândido, no Rio de Janeiro. Em 1931, substituiu Bertha L. Pullen na direção da Escola de Enfermeiras Anna Nery (EEAN) como a primeira diretora brasileira desta instituição, onde auxiliou na fundação da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras e foi a primeira redatora-chefe da primeira Revista de Enfermagem brasileira, tendo permanecido nesse cargo até sua morte prematura, em 25 de setembro de 1933.

Panteão de Heróis

Assim, com o final destes relatos resumidos, e já passados 100 anos das principais ações brasileiras no cenário da Grande Guerra, rememorado vários nomes de expoentes figuras relativas a este engajamento militar, estamos certos de termos percorrido uma bela caminhada no Panteão dos nossos Heróis da I Guerra Mundial.

(Henrique de Mesquita Barbosa Corrêa é Gerente Médico do HURP- Hospital da Unimed de Ribeirão Preto/SP)



A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio

DILSE PICCIN CORTEZE

No dia 19 de abril de 2017, por ocasião da realização do 1º Fórum Sul-brasileiro de Institutos Históricos em Passo Fundo, foi lançado um livro inédito organizado por João Carlos Tedesco, Alessandro Batistella e Rosane Marcia Neumann intitulado *A formação étnica de Passo Fundo: história, memória e patrimônio*, pela AllPrint Varela, Erechim. Nele encontramos pesquisas muito bem analisadas por sábios estudiosos que buscaram as raízes da formação étnica de nosso município que neste ano completa 160 anos de emancipação política.

A população do município de Passo Fundo se originou da miscigenação de várias etnias como: os guaranis, os kaingang, os luso-brasileiros, os afro-descendentes, os alemães, os italianos, os sírios e libaneses, as comunidades judaicas, os poloneses dentre outros. No livro lançado em abril, encontramos pesquisas de todos estes grupos étnicos citados o que nos leva a entender melhor os habitantes desta região, seus usos, costumes, hábitos, tradições, crenças...

Dentre as etnias abordadas no livro gostaríamos de dar ênfase especial aos Italianos pela sua representatividade e singularidade na formação comercial e

industrial deste município. Os italianos juntamente com os alemães estiveram presentes desde o início do povoamento do município. Enquanto os alemães preferiam a região próxima à residência do Cabo Neves, na atual Avenida Brasil, entre a atual Rua Teixeira Soares e 10 de Abril, os italianos se localizaram do outro lado da cidade, na atual Avenida Presidente Vargas.

O médico passo-fundense, Pedro Ari Verissimo da Fonseca, muito pesquisou e escreveu sobre a história da formação e ocupação do município de Passo Fundo e região. Em seu livro, *Tropeiro de mulas: A ocupação do espaço, A dilatação das fronteiras*, publicado em 2004, pela editora Berthier, ele descreve sobre a Vila Victório Vêneto, equivalente ao que é hoje a Avenida Presidente Vargas e o Bairro São Cristóvão. Segundo Verissimo foi ali que se estabeleceram as primeiras indústrias e pode ser considerado o bairro em que concentrou a maior riqueza do município por conta de suas pujantes indústrias e comércio instaladas pelos imigrantes italianos que se fixaram nas imediações.

Veríssimo cita o nome de várias indústrias e casas comerciais que se instalaram, no início do século XX, na Via Victório Vêneto: “A Via Vêneto era exclusivamente uma via comercial-industrial. Não havia uma só casa

que fosse exclusiva de moradia.” E apresenta uma lista com dez pontos de estabelecimentos naquele trecho da rua que iniciava onde hoje é a Avenida Sete de Setembro, no estabelecimento comercial da família Rosseto e terminava no Hotel do Bilibio, hoje ocupado pela matriz da firma Sérgio Ricci. “Em torno destes pioneiros, a vila Victório Vêneto tornou-se o maior centro industrial e comercial de Passo Fundo. E ainda hoje é assim. Na vila Victório Vêneto nasceu o primeiro grande centro industrial e comercial de Passo Fundo.” (FONSECA, 2004, p.200). Segundo o autor o que existe hoje no bairro São Cristóvão seria uma herança da semente plantada por aquelas famílias que aí chegaram no fim do século XIX e início do século XX, dispostos a fazer fortuna, imbuídos de espírito empreendedor, que se organizaram ao redor de uma capela que inicialmente servia também como escola que ensinou o idioma nacional brasileiro para os italianos recém-chegados.

Para a historiadora Delma Ghem, o primeiro italiano a chegar em Passo Fundo foi o genovês Giuseppe Sevignone Marchi, vindo de Rio Pardo, mais ou menos em 1851, aqui se estabeleceu na região do Tope, sendo também conhecido por José Marques Italiano. José Stello aqui chegou logo após a José Marques Italiano, mas faleceu logo em seguida.



(FOTO MODERNA)

Crê-se que a chegada do elemento italiano na região de Passo Fundo das Missões foi feita em entradas isoladas.

No período da guerra do Paraguai (1865-1870), não se tem registro de chegada de imigrante na região. O movimento imigratório/migratório retorna com toda força no final do século XIX. Com a chegada da ferrovia, o norte do estado do Rio Grande do Sul é ligado com o restante do estado e do País o que facilita o deslocamento populacional entre regiões.

A primeira família de imigrantes italianos a chegar em Passo Fundo foi a de Luigi Ricci, no final do século XIX. Como oleiro e construtor, se estabeleceu à margem esquerda do Rio Santo Antônio e construiu uma olaria nos anos de 1896 no local onde hoje é a Rua Camilo Ribeiro, nº 1523. Logo Francisco Formighieri chegou à localidade com sua família. Vindo de Caxias do Sul e se estabeleceu na outra margem do rio com moinho de trigo, milho e soque de erva-mate.

Foi aos vinte e nove de setembro de 1898, chegavam a Passo Fundo, vindos da Itália, o senhor Francisco Formighieri, a esposa Maria Posser e seus filhos. Lembra bem o filho mais velho, Celeste, então com oito anos de idade, que ao chegarem em Pulador a ferrovia acabou, tendo que continuar a viagem a pé, com suas duas mulas que haviam comprado

em Caxias, onde tentaram a vida, mas resolveram instalar-se aqui, mais no planalto, onde encontraram água boa para aquilo que se propunham: a instalação de um moinho. É assim que dona Ignes Formighieri Bernardon inicia a narrativa em seu livrinho intitulado, *Capela de Santo Antônio*, uma tradição centenária, publicado em 1999, pela gráfica e editora Pe. Berthier.

Para Verissimo: “Luigi Ricci logo ganhou dinheiro e construiu um galpão à margem da estrada que liga Passo Fundo a Marau e para ali se mudou com a família, onde está o Edifício Sérgio Ricci.” (2007, p. 125) A fixação destes primeiros imigrantes e suas indústrias nas margens do rio Santo Antônio logo atraíram outras famílias de imigrantes nas imediações. Chegaram então as famílias, Rossetos, Giavarina, Patussi, Reolon, Pavam, Lazareti, Escorteganha, Verardi, Bilibio, inaugurando novos empreendimentos comerciais e industriais em uma nova rua. Esta rua aberta por estes novos imigrantes italianos inicialmente denominou-se Avenida Progresso, depois Mauá e hoje Presidente Vargas, mantendo sempre as características, comerciais, industriais e pouco residencial.

Em 1926, chegou a Passo Fundo, Inocêncio Scorteganha com cinco filhos. Aqui nasceram mais quatro. Eles criaram uma indústria de carnes suínas

e vendiam banha para São Paulo e couro para Guaporé. Eram filhos do senhor Inocêncio Scorteganha: Domingos, Casemiro, Gioconda, Iria, Ernesto, Arlindo, Armando Antônio, Alberto e Osmar.

Alguns imigrantes italianos estabeleceram-se na região onde hoje é o centro da cidade. É o caso das famílias De César, Lângaro e Floriani. Giovanni De César se destacou como arquiteto na época e segundo Verissimo, suas obras ainda não foram superadas. Temos ainda como lembrança suas obras arquitetônicas intactas: Quartel do Exército, colégios Notre Dame e Protásio Alves, Clubes Comercial e Caixeiral e o prédio onde hoje está o banco Itaú. Outro construtor italiano que merece destaque pelas suas construções inesquecíveis em Passo Fundo foi Luigi Ricci. Foi ele que construiu os prédios que hoje fazem parte do Centro Cultural Roseli Doleski Preto.

Referências

- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. **Tropeiro de mulas: A ocupação do espaço, a dilatação das fronteiras.** Passo Fundo: Berthier, 2004.
- FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. *Imigração italiana em Passo Fundo.* In: LECH, Osvaldo. (Org.). **150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo.** Passo Fundo: Méritos, 2007.

(Dilse Piccin Corteze é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, mestre em História Regional e professora da Rede Municipal de Ensino.)

As minhas ruas

(Rascunhos para um poema...)

As minhas ruas são destinos ou remansos de rios,
Lagos ou cachoeiras em que fiquei sem querer,
Ou porque desejei, em que me movimenter para saber.
A minha primeira rua foi uma trilha acompanhante dos trilhos do trem,
Existe apenas na minha memória uterina no parto das palavras de minha mãe.
Ela flertava com meu futuro pai jogando-lhe pedrinhas detrás do muro,
Quando ele passava para trabalhar no frigorífico ou jogar futebol no Glória de Carazinho.
Já fui concebido sob chuvas de meteoritos do amor em uma paixão provinciana.

Na minha segunda rua eu brinquei.
Em Capinzal, na vila dos operários do frigorífico Ouro,
Minha ruazinha tinha uma irmã maior, que levava meu pai ao trabalho,
No extremo sul; ao centro, ao estádio, a igreja; e ao cinema, na outra ponta.
E dois irmãos mundanos, caminhos para o mundo: os trilhos da ferrovia
E o rio do Peixe, que deságua no Uruguai, que se derrama no Rio da Prata,
E se alaga todo doce no Atlântico, onde, guri do sertão, um dia cavalgaria meu veleiro.

O trem maria-fumaça fumegava para o mundo mas também era a vereda das ameaças.
Mulheres fechavam-se nas casas, minha mãe comigo nos braços, luzes apagadas,
Alguém forçando a porta e, súbito, briga de morte na rua em que eu gatinhava.
Lâminas tinindo no escuro, homens ensanguentados; soube cedo que meu pai peleava.
Só foi golpeado de morte doze anos depois pelo cigarro que lhe estocou um câncer no pulmão.

Das ruelas da vila operária, passava à rua geral, dos caminhões e das tropas,
Varava os trilhos onde alargava moedas sob as rodas das locomotivas,
Chegava à planície costeira, ao campinho de futebol, e à barranca do rio,
Calmo em seus remansos, temível em suas corredeiras e tenebroso nas chuvas;
Desesperos das mães quando o desafio da piazada era descer na enchente.
Naquela rua líquida naturalizamos a nudez. Pecado eram calções molhados,
Produção de prova de nossos delitos, de gazeadores de aula no encanto do rio.
Pais furtivos recolhiam as roupas para interditar os filhos dos perigos das águas,
Mas decidiram por penitências mais rudes quando se formaram os bandos de pelados.

Pela estrada geral vinham as tropas para os estertores dos berros de morte no matadouro do frigorífico,
Caminho para o abate trilhado pelo meu avô em sua vida de biriva caboclo.
Na vanguarda, um tropeiro, aos gritos de “boi brabo”, recolhia as famílias.
Meu tio na chefia da matança obrigava os sobrinhos a beber sangue morno
Vertido pelas facas carneadeiras para Golin ficar forte como touro xucro.

Nas patas dos animais estiveram as estradas da minha família,
Nos cascos marinheiros dos barcos espalharam-se pelo mundo.

A Rua do Jardim da Infância descortinou o cenário da escrita,
Da catequese, da existência dogmática do bem e do mal,
Do preconceito, do dogma, do racismo e da xenofobia,
Vida dos dilemas das expiações, das culpas do outros e da salvação.

Na Rua da Escola encontrei a menina de Alto Alegre;
Descobri a desilusão por questão de classe e não de amor.

700 quilômetros dali, na campanha rio-grandense, em São Gabriel,
A rua da minha avó materna na vila Capiotti era empoeirada.
Passavam as carretas cangadas por juntas de bois estradeiros,
Carregadas de melancias, mandiocas, e produtos da terra.
À noite, cavaleiros furtivos escondiam as montarias nos pátios das amadas.
Gente do bando do procurado Talco vinham abastecer nas vendas.

O faroeste era pilchado no arrabalde dos entreveros de São Gabriel.

Aos doze anos, na Rua do Cotovelo, na atmosfera violenta do baixo meretrício,
Simulava com os primos peleias de adagas para chamar a atenção das gurias.
Entre gaudérios, nenhuma delicadeza de flor, nenhuma fraqueza afetiva.
Viver tinha desafio de conquista, em especial as incursões na Rua das Meninas da
Vila Maria.

No amor, as ruas são pedaços de bom ou mau caminho:
Existem portais de felicidade nas Ruas das Conquistas.
Garboso, na Rua do Exibido desfilei com o amor querido.
Mas na Rua da Triste Passarela outro passou com ela.
As ruas das paixões formam a Esquina da Espera,
Encruzilhada da angústia, bifurcação dos desesperos.

Temporais nas minhas ruas. Eu em estado de ventania.
As ruas das despedidas são sempre morro acima.
Na Rua das Separações, rastros de lágrimas nas calçadas,
Ácidos de enganos carcomem as trilhas, secam os jardins.

De todos os caminhos não podemos mudar o da Rua Maldita.
Mas como gostaria de alterar o traçado de seu destino,
Aterrará-la, plantar flores sobre seu dorso macabro,
Deixar um bandonión tocando incessante para afogar
Seu vagido trágico, sua imanência de finitude,
Seu rumo magnético imutável e de morte.

As ruas da minha imaginação traçam a minha vida.
E a Rua Maldita desemboca no Beco do Cemitério.



Inverno

Enquanto o frio
se enrola nos pelegos
e o tição bafora
seu charuto,
a geada desprende o coque,
jogando, sobre o relvado,
a alvura de seus cabelos.

Paz e Céu

Dia desses sonhei que eu era Deus
E fui no paraíso residir.
As estrelas me cobriram de brilhantes
E, entre os santos, me ensinaram a luzir.

A mesa era sortida de iguarias:
Havia papos-de-anjo e pães-de-ló.
E as nuvens, em seu traje vaporoso,
Valsavam sutis, como elas só.

Descobri que o lugar era uma festa
De guirlandas e canções de roda.
E nas vestes, que os ombros me cobriam,
As rendas e o cetim ditavam moda.

As crianças corriam pelos gramados,
Juntando bolinhas de cristal.
E os velhos, de olhos sorridentes,
Afangavam esperanças no bernal.

Jamais pensei, quando vivia na terra,
Que o céu fosse tão belo assim!
Peço, pois, ao Senhor daquelas bandas,
Que esse meu sonho nunca tenham fim!

Fugacidade

Tempo doce de quindins,
de sereias e arlequins.

Tempo airoso de folguedos,
escorrendo pelos dedos.

Tempo amigo que não seca
a saudade da boneca.

Tempo farto de iguarias,
confeitando as fantasias.

Tempo louco por viver,
que morreste... sem eu ver...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Projeto Identificando Talentos



ELISABETH SOUZA FERREIRA

O Projeto Identificando Talentos foi idealizado pela atual Presidente da APLetras, a Sra. Dilse Piccin Corteze em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo e teve como objetivo proporcionar uma oportunidade de descobrir e desenvolver novos talentos aos adolescentes das Escolas Municipais de Passo Fundo que apresentassem uma determinada aptidão para a escrita. Todas as Escolas foram convidadas a participar desse programa educativo e coube a elas a tarefa de encaminhar os seus melhores alunos até o Sodalício para que, a partir de então, se desse início a aprendizagem. No começo, foram em torno de cinquenta jovens que compareceram às aulas, mas, à medida que o tempo foi passando, uma boa parte desse grupo foi ficando pelo caminho, desistindo por uma série de fatores que não nos cabe aqui julgar. E os mais persistentes são os que se fazem presentes agora nesta solenidade de formatura.

Estes adolescentes enfrentaram todos os tipos de dificuldades possíveis para chegar até aqui. Suportaram o frio, a chuva, o calor excessivo, a falta de tempo para estudar, a correria do dia

a dia, os problemas no âmbito familiar e na Escola, mas não deixaram de vir semanalmente buscar o conhecimento porque todos tinham o mesmo e único sonho: escrever. Escrever contos de terror, de ficção e poemas. Alguns destes já escreviam em casa; já tinham até um livro começado, rascunhado. Queriam aprender mais, ter uma orientação mais específica para agirem de acordo e se possível, tornarem-se escritores. Vários acadêmicos estiveram em contato com eles. Cada qual, ensinando o que se propôs transmitir.

Agradecemos à Marisa Potiens Zílio, ao Luis Lopes de Souza, ao Xico Garcia, ao Pablo Morenno, ao Agostinho Both, ao Júlio Perez e outros convidados especiais que se prontificaram a vir até à Academia para motivar estes jovens com vários temas. Ao Secretário-Geral, Paulo Monteiro, coube a tarefa de ensinar os poemas, ensinando a sua turma como caçar inspiração em toda parte porque tudo é motivo para se inspirar quando se tem uma alma voltada para a poesia da vida. A mim, coube o ensino dos contos, a introdução, o desenvolvimento e a conclusão das histórias curtas, aliadas às noções básicas da língua portuguesa. A Academia Passo-Fundense de Letras selecionou alguns alunos que mantiveram durante todo o curso as melhores

médias, os mais participativos, enfim, os que mais se destacaram em matéria de apresentação dos seus trabalhos. Por isso mesmo, eles receberão além do diploma comum a todos, uma pelerini com uma das cores da nossa bandeira acadêmica para que possam participar de algumas atividades e ter um contato mais próximo com a APL.

Aprender a escrever bem não torna ninguém um escritor. Escritor é aquele que se dedica a essa tarefa com amor e faz dela quase como que uma profissão. Portanto, nem todos aqui serão escritores. Mas a escrita em si é uma das mais belas manifestações do pensamento humano e a tarefa mais útil em todas as profissões. O que vocês aprenderam aqui levarão para toda a vida. Mas, nunca percam a humildade, por mais sucesso que consigam ter. Sempre haverá alguém que sabe mais e alguém que sabe menos que nós. Sendo assim, eu peço a cada um de vocês formandos que continuem estudando não para se sentirem superiores aos outros, mas para que todas as suas potencialidades possam ser desenvolvidas e desenvolvidas para o bem.

(Discurso da Acadêmica Elisabeth Souza Ferreira por ocasião do encerramento do Projeto Identificando Talentos, edição 2017.)

História do Curso Superior de Educação Física, da UPF

**MARILISE BROCKSTEDT LECH e
ANDRÉA BONA**

O nascimento do curso de Educação Física da Universidade de Passo Fundo está ligado ao nascimento da própria Universidade, pois os esforços para sua criação datam de 1968, mesmo ano em que a UPF teve oficializada sua fundação. No entanto, foi em 1970, ano em que o Brasil tornou-se tricampeão mundial na Copa do Mundo de Futebol, no México, que tiveram início as aulas da primeira das mais de sessenta turmas de professores de Educação Física que já obtiveram seu diploma de graduados na consagrada Universidade de Passo Fundo.

São mais de 1.500 professores formados, ao longo desses 46 anos, que hoje levam saúde e educação à comunidade de Passo Fundo e região. Esse é um número considerável se entendermos que, à época da instalação do curso de Educação Física, primeiro do interior do estado e décimo do Brasil, a cidade de Passo Fundo contava com apenas treze professores graduados em Educação Física atuando nas escolas da cidade.

Foi nos idos anos de 1970 que, graças ao incentivo de alguns e ao incansável trabalho de outros, que nasceu a “Escola Superior de Educação Física”, da Universidade de Passo Fundo. Mediante a autorização publicada por Decreto Federal de nº 68.857, suas atividades tiveram início em 28/01/70. Três anos mais tarde, em 12/11/73, novo decreto confirmou sua instalação, sob o número 73.143.

Nessa época havia somente 10 escolas superiores de Educação Física no país e apenas uma no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Bem se vê que já era hora da instalação de um curso que pudesse atender as demandas da sociedade, a qual, nesse período, se abria cada vez mais para a prática esportiva e não somente para a formação de militares, como visavam os primeiros cursos de nascidos no início do século passado,



Ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Coronel Octacílio Moura Escobar

em especial o primeiro deles, na cidade do Rio de Janeiro.

No parecer de instalação do curso, a justificativa deixou clara a necessidade desse ato: “O ensino da EF, em cursos de graduação, tem sido muito descurado em nosso meio, pelo desconhecimento de sua real significação para a formação harmônica do homem integral. Contribuindo, há um tempo, para o desenvolvimento físico, a coordenação dos reflexos e atos automáticos, como virtudes cívicas, cooperação, lealdade, desprendimento, etc., merecia a EF ser largamente ministrada nos meios universitários e, para isso, muitos professores bem formados são necessários.”

Inicialmente o curso constituía-se de dois departamentos: um de Ginástica e outro de Desportos, e funcionava utilizando-se de estruturas físicas de diferentes locais da cidade. As aulas teóricas eram realizadas nas dependências da Faculdade de Filosofia, que disponibilizou suas salas de aula, no turno da manhã, e a maioria das práticas realizavam-se no Sport Club Gaúcho, a partir da autorização do seu então presidente, Agnielo D’Arienzo.

A parceria com clubes e outras insti-

tuições foi fundamental para que fosse possível oferecer uma variada gama de disciplinas práticas, como natação, futebol e atletismo, visto que, naquela época, a UPF não contava com os excelentes espaços que hoje possui. Da mesma forma, quando de seu nascimento, a biblioteca dispunha de reduzidos 143 livros específicos da área. Hoje, a biblioteca disponibiliza 2.803 exemplares, de 945 títulos, tanto aos seus estudantes como também aos seus egressos.

Por ocasião de sua instalação, no Colegiado do Curso constava o nome de diversos profissionais da área de educação e da saúde. Sabe-se que muitos desses professores acabaram não seguindo carreira na ESEF, contudo ficaram registrados na lista que segue: Octacílio Moura Escobar (um dos principais idealizadores do curso) ministrava juntamente com a Professora Leda Maria Basso, a disciplina de História, organização e administração da EF e do Desporto; Jorge Ferrari – Atletismo; Euclides Miotto Juriati – Desportos Coletivos; Pedro Carlos Salles Pithan e Prof Ferreira – Ataque e defesa; Marlene Maria Flores da Silva – Didática da Ed. Física; Eula Xavier Porto – Recreação; Luba Ferraz – Desportos Aquáticos e Náuticos; Norma Silveira da Silveira – Ginástica Geral feminina; Ione Warena Pacheco – Danças; Maria da Conceição Teixeira Kurtz – Psicologia aplicada; José Carlos Ferreira de Medeiros e Gaston Endres – Socorros de Urgência; Sérgio Lângaro – Anatomia Humana; Isaac Matone – Cinesiologia; Jesus Mário Lopes e Bruno Marcus – Higiene; João Carlos de Oliveira – Biometria; Hélio dos Santos Ferreira e Paulo Loureiro Azambuja – Fisiologia; Acely Escobar e Wolmar Antonio de Souza – Ginástica geral masculina; Major Grey Belles e Dirce Therezinha Franceschetto – Desportos terrestres Individuais e Carlos Frederico Funfgelt – Desportos Coletivos.

Dentre as curiosidades que compõem essa interessante história, cabe ressaltar que o curso de Educação Física tinha,

à época de sua instalação e até meados dos anos 80, dois currículos diferentes: um para os alunos de sexo masculino (que não tinha a disciplina de dança, por exemplo) e o feminino (que não tinha incluída a disciplina de futebol). Eram oferecidas, inicialmente, 35 vagas, sendo 20 vagas para as mulheres e 15 para os homens. Anos mais tarde passaram a oferecer 80 vagas, sendo 40 vagas para as mulheres e 40 vagas para os homens. Atualmente são oferecidas 50 vagas para o curso de Licenciatura e 50 para o curso de Bacharel. Na época o curso era desenvolvido em 6 semestres e, atualmente, em 7 semestres.

Além disso, para poder prestar vestibular para o novel curso, os candidatos precisavam apresentar exames de saúde, de caráter eliminatório, mostrando estarem em perfeitas condições para participar das aulas práticas e realizar uma série de testes físicos e motores que incluíam a natação, a corrida “Teste de Cooper”, a prática de arremessos, chutes, toques de bola, etc. Caso não demonstrassem ótima performance nos testes, não poderiam sequer inscrever-se para o vestibular.

Entre 1980 e 1982, o colegiado do curso de Educação Física encaminhou aos conselhos superiores proposta de reformulação curricular, as quais foram aceitas, passando a unificar as turmas e a isentar os candidatos dos testes práticos. Muitas coisas já iam mudando desde que o então Prefeito de Passo Fundo, Mário Menegaz, o Reitor da UPF, Murilo Coutinho Annes, o Diretor da Faculdade de Filosofia, Pe. Alcides Guareschi, e o primeiro diretor da ESEF, Otacílio de Moura Escobar, assinaram os termos de instalação do novo curso.

Inúmeras reformas curriculares foram realizadas durante a trajetória histórica do curso, a fim de adequar-se à realidade local e aos avanços da categoria de profissionais da área, que apenas em 1998, teve seus direitos e deveres definidos por meio da instalação do Conselho Federal de Educação Física (CONFEFF). Esse órgão regulamentou o exercício dos profissionais da área e, no início dos anos 2000, propôs que o curso de Educação Física fosse ofertado em duas formas: Licenciatura e Bacharelado. Assim, desde 2004, apesar das divergências com o MEC, assim seguem os seus currículos.

Atualmente o curso de Educação Física da UPF possui aproximadamente 1000 alunos, distribuídos no Campus de Passo Fundo (Licenciatura diurno e



noturno e Bacharel noturno), Palmeira das Missões e Soledade (ambos com Licenciatura noturno), sendo que sua estrutura física conta com 12 laboratórios e espaços para o exercício de atividades práticas, dentre os quais se podem citar: ginásio de esportes, ginásio de ginástica, sala de dança, academia de musculação, piscina, pista de atletismo, bem como dezenas de amplas e modernas salas de aula.

Reuniões de estudo, trabalhos de extensão e pesquisa sempre permearam as atividades do curso. Pode-se destacar o projeto “Atleta do Futuro”, “Equoterapia”, “Atividades motoras para pessoas com espectro autista”, “Educação da Corporeidade e Ludicidade”, “Grupo Étnico”, “Dança sobre rodas e próteses”, “Aptidão física para promoção de um estilo de Vida Saudável”, “Resgate da Cidadania e Direitos do Idoso”, “Pólo Reginal de Esporte e Lazer”, 3 sub-projetos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), dentre outros.

Desde 2010, o curso de Educação Física realiza, bianualmente, o Congresso Nacional de Educação Física e Fisioterapia (CONEFF). Esse evento, que congrega os dois cursos da Unidade FEF, tem como objetivo qualificar os profissionais e acadêmicos dessas duas áreas e de áreas afins, por meio da atualização de conhecimentos e da troca de vivências. Essa parceria estabelece um marco na forma de atuação da FEF, que reconhece a importância e necessidade do trabalho interdisciplinar, como meio para atender de forma qualificada a demanda nessas esferas do conhecimento. Nesse sentido, acredita-se que a realização de um evento dessa natureza amplia as possibilidades de diálogo entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão da unidade.

Outros eventos como o Seminário Internacional de Políticas Públicas

(SIPPEL) para o esporte e lazer e workshops com a equipe de representantes da Federação Internacional de Educação Física (FIEP) compõe o leque de atividades complementares que o curso de Educação Física oferece aos seus alunos e aos profissionais de toda região, fazendo jus à UPF como a Universidade da Comunidade. Cursos de especialização em Treinamento Esportivo, Dança e Educação Física Escolar são oferecidos regularmente, e o curso de Educação Física tem participação efetiva no curso de pós-graduação stricto sensu de Mestrado Multiprofissional em Envelhecimento Humano.

Muitos dos egressos do curso são profissionais de grande reconhecimento na comunidade, o que confirma a qualidade do curso, que, em 2020, completará 50 anos. Por ocasião da passagem dos 40 anos da FEF, muitas comemorações e homenagens foram feitas e, para marcar a data, a escultura do Discóbolo de Miron, personagem da mitologia grega que foi eleita pelo CONFEFF como o símbolo da Educação Física no Brasil, foi inaugurada em frente ao prédio da FEF.

Com base no que representa a imagem desse personagem-símbolo – a tenacidade, a garra e o dinamismo –, o curso de Educação Física segue atualizando-se, porém mantendo os mesmos ideais da época em que os audaciosos professores o criaram. Na face tranquila do Discóbolo de Miron é possível ver, ainda, a calma e a confiança na vitória. Que siga sendo inspiração para a formação de muitos profissionais que ainda passarão por ali.

NOTA

1- O Coronel Octacílio Moura Escobar, que empresta o nome a um canteiro na Vila Petrópolis, nasceu em São Borja, no dia 16 de setembro de 1910. Coronel da Brigada Militar. Formou-se em Economia (PUC), Estatística (UFRGS) e Educação Física no Rio de Janeiro. Vereador pela Coligação Popular Passo-Fundense, entre 1963-1969, quando foi presidente da Câmara de Vereadores (1963 a 1967). Presidiu a Academia Passo-Fundense de Letras, no ano de 1988. Fontes: Lei 3.697 de 03/01/2001, proposição do ver. Édison Nunes; PIMENTEL, R. Páginas; ROSSETO, N. Galeria. Do Livro Passo Fundo: O passo das ruas. Fonte: <http://www.projetopassofundo.com.br/principal.php?modulo=texto&tipo=texto&con_codigo=26035>.

(Marilise Brockstedt Lech, mestre e doutoranda em Educação, coordenadora do curso de especialização em Educação Física Escolar – FEF/UPF, psicóloga educacional e membro da Academia Passo Fundense de Letras – Cadeira 39.

Andréa Bona, mestre em Educação, coordenadora do curso de Licenciatura em Educação Física da UPF, coordenadora dos cursos de especialização em Treinamento Esportivo e de Dança.)



Milonga Nova: uma reflexão a partir da obra Estética do Frio de Vitor Ramil

GHADYEGO CARRARO

O texto em questão aborda algumas ponderações sobre a milonga, um gênero musical ocorrente da fronteira do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Com base em pesquisas recentes no doutorado em história com ênfase na música sul-rio-grandense, apresento neste texto uma pequena reflexão sobre este gênero, dialogando com elementos musicais presentes na obra *Milonga Nova* do meu primeiro álbum instrumental gravado em 2010. Neste sentido, procuro alvitrar discussões juntamente com a obra *Estética do Frio* do músico, compositor e escritor gaúcho Vitor Ramil (1997, 2004).

Milonga Nova e a Estética do Frio

A obra *Milonga Nova* aparece primeiramente no álbum *Influências* (Ghadyego Carraro, cd com obras autorais e arranjos de compositores brasileiros, 2010) e aborda o diálogo do contrabaixo acústico com o violão. Está estruturada na forma ABA, porém recebe adições estruturais que buscam evidenciar o caráter camerístico da obra, entre os quais introdução e interlúdio, além de trechos abertos para a improvisação.

Ramil (2004) esclarece que sempre houve uma busca de sua parte em definir a música feita no sul e como esta se associava a uma estética do frio. Sua conclusão foi de que tudo sempre acabava desencadeando para a milonga. De fato a milonga como gênero musical pode ser enquadrada como de origem platina, de procedência lusitana e africana, estrutura-se na métrica binária (compasso dividido em duas partes, ou seja, dois tempos) normalmente cantada ao som do violão. Sua origem etimológica de acordo com Cascudo (1972): “termo originário da língua bunda-congolense é o plural de mulunga, palavra só usado entre negros, significando ‘palavrada’, palavras tolas ou insolentes” (CASCUDO, 1972, p. 560). A milonga se estabeleceu na Argentina por volta da metade do século XIX na cidade de Buenos Aires, inicialmente presente nas regiões campestres e em um segundo momento nas regiões urbanas. Assim como Vega (1998) aponta para a presença da milonga na Argentina, Ayestarán constata que ela se desenvolveu também no Uruguai.

Alrededor del año 1870 ya está presente en el folklore musical uruguayo uma espécie perfectamente definida que irrumpe con su nombre próprio después de 20 años de gestación: la Milonga (AYESTARÁN, 1979, p.67).

No estado do Rio Grande do Sul a milonga tem sua chegada pela região fronteira indo de Itaqui (divisa com a Argentina) até Jaguarão (divisa com o Uruguai), segundo Lessa e Côrtes (1997), seriam esses os pontos iniciais de migração do gênero no estado. Nativamente é interpretada com canto em voz empostada, demonstrando muita rigidez, sentimento e melancolia. Para o compositor Vitor Ramil a referência estética da milonga vai muito além de um conceito musical, antes disso para Ramil, representa o próprio jeito de ser do gaúcho que vive na região do pampa (RAMIL, 2004). O autor ainda complementa:

Assim como o gaúcho e o pampa, a milonga é comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, inexistindo no resto do Brasil. A discussão em torno de sua origem expressa bastante bem sua relevância no encontro dessas três culturas: há teses para sua origem rio-grandense, sua origem argentina e sua origem uruguaia; sua ascendência ora é portuguesa, ora espanhola, ora latino-americana, mais especificamente cubana. (RAMIL, 2004, p. 21).

Para Loureiro Chaves o disco *Ramilonga – A estética do Frio* (1997) de Vitor Ramil reflete musicalmente muito mais do que se ouve tradicionalmente na

milonga, pois apresenta uma visão estética ampliada do gênero, transformando a música regional em música do mundo. Neste sentido segundo Chaves, esta obra promove uma reinvenção da poesia e da música onde a voz suave substitui o canto forte e, o requintado tratamento harmônico e melódico redirecionam as estruturas usuais da milonga, que em termos subjetivos, representa o refinamento da própria figura gaúcha. O conceito perseguido por Ramil (2004) faz uso do gênero milonga dentro de moldes estéticos amplos, por tanto não nativo apenas, mas cosmopolita, que recebe influências do mundo, ao passo que também influencia.

Na obra Milonga Nova, estão algumas características estéticas que tornam esse tipo combinação sonora atraente, explorando o diálogo do contrabaixo acústico e o violão, pois explora uma nuance intimista que propicia uma variedade de texturas e timbres, sugerindo associações com o clima do pampa gaúcho e da música sulina. Esteticamente esta obra não corresponde aos moldes

tradicionais de estruturação do gênero, a não ser pela utilização do violão e emprego de uma melodia cantábil. Ao explorar uma maior abstração, que ocorre pelo enfoque instrumental, que entrelaça momentos de rigor rítmico a outros totalmente líricos, intercalados ao interlúdio em harmonia suspensa remetendo a uma sensação de flutuação instrumental, remetem há algumas novidades estéticas presentes na obra. Outro importante fator, diz respeito à intencionalidade composicional que valoriza e evidencia à escrita camerística, todos, atributos provenientes da prática musical em câmara, que parte do princípio da igualdade de importância entre os instrumentos na composição e arranjo musical (BORÉM; RAY; ROSA, 2011).

Na obra Milonga Nova as características exploradas no violão, estão principalmente a técnica de rasqueado, arpejos e blocos harmônicos em isoritmia, todos, recursos comuns na execução do violão erudito e popular. A escolha dos instrumentos teve como critério a relação e possibilidades de

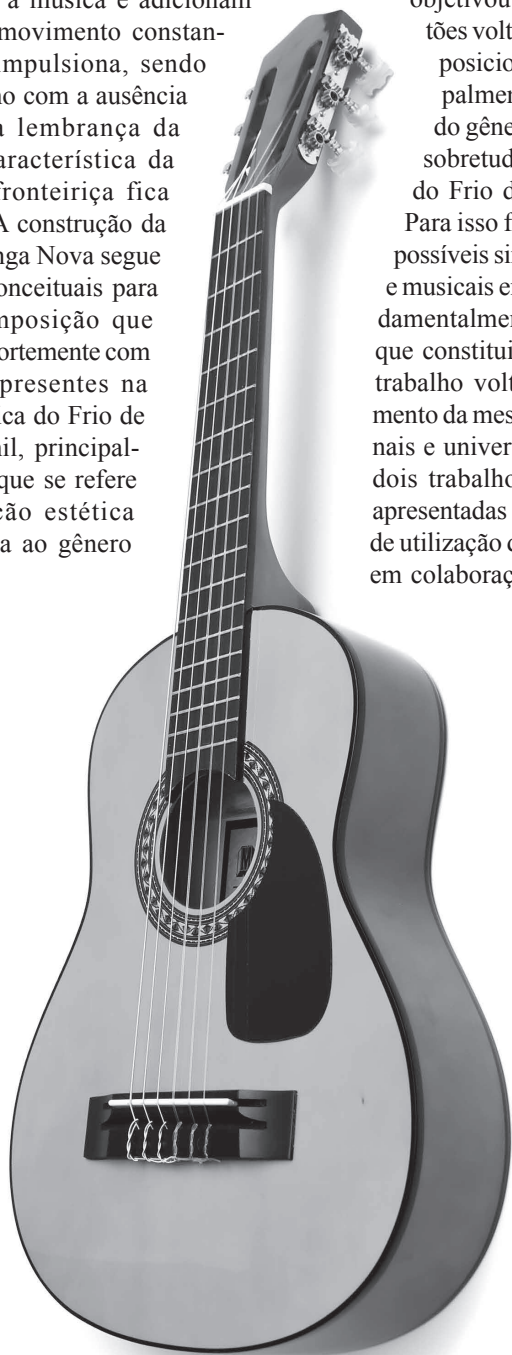
combinação sonora, também de particularidades musicais e estéticas de cada um dos instrumentos. Dentre elas, o violão por ser um representante genuíno das manifestações musicais do pampa gaúcho, estando presente juntamente com a “gaita” (como é conhecida no Rio Grande do Sul) em praticamente todos os gêneros musicais praticados no sul, sendo sua sonoridade imprescindível à estética da música sul-rio-grandense. O contrabaixo acústico por sua vez é um instrumento que ainda necessita ser melhor explorado na música popular brasileira, principalmente no âmbito solista e camerista¹. Isso porque atualmente é sabido que o mesmo oferece muitas possibilidades de atuar amplamente em um arranjo ou composição musical, tanto como acompanhante, solista e improvisador.

De fato a utilização do contrabaixo acústico na música popular brasileira ainda não é homogênea, segundo Borém e Santos (2002), o mesmo tem sido utilizado ainda tradicionalmente na maioria das formações instrumen-



tais populares como instrumento de acompanhamento, quase sempre em pizzicato. Tanto o contrabaixo como o violão são instrumentos transpositores uma oitava abaixo, de forma que soam em regiões complementares e próximas, facilitando combinações harmônicas e dispensando o uso de scordaturas na escrita para esta formação. Exemplo que pode ser observado na figura em questão, onde os instrumentos atuam em inúmeros momentos promovendo o diálogo musical camerístico.

Essas combinações hora enfatizam o caráter rítmico, hora o melódico, delineando inflexões harmônicas que conduzem a música e adicionam a ela um movimento constante que a impulsiona, sendo que, mesmo com a ausência da letra a lembrança da poética característica da milonga fronteiriça fica aparente. A construção da obra Milonga Nova segue critérios conceituais para a sua composição que dialogam fortemente com questões presentes na obra Estética do Frio de Vitor Ramil, principalmente no que se refere à ampliação estética relacionada ao gênero milonga.



A musical score for Contrabaixo (Cb.) and Violão. The Cb. part is in bass clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 4/4. It features a melody with various fingerings (1, 2, 3, 4) and a 'pizz.' marking. The Violão part is in treble clef with the same key signature and time signature, featuring a rhythmic accompaniment with a 'dedilhado doce' marking. The score includes chord markings for D and G.

Trecho da obra Milonga Nova (CARRARO, 2010). Arranjo contra-baixo e violão - Ghadyego Carraro (2012).

Considerações

A proposta discutida neste breve texto objetivou inter-relacionar questões voltadas à abordagem composicional, explorando principalmente elementos musicais do gênero fronteiriço milonga, sobretudo a luz da obra Estética do Frio de Vitor Ramil (2004). Para isso foram traçadas algumas possíveis similaridades conceituais e musicais entre as duas obras. Fundamentalmente a reflexão estética que constituiu o fio condutor deste trabalho voltou-se para o entendimento da mescla de elementos regionais e universais, elucidados nestes dois trabalhos. Além disso, foram apresentadas algumas possibilidades de utilização do contrabaixo acústico em colaboração com o violão, con-

siderando os recursos idiomáticos dos instrumentos e algumas possibilidades de diálogo camerístico entre ambos e das possíveis contribuições quanto à exploração destes dois instrumentos na música sul-rio-grandense. As contribuições esperadas referem-se ao fomento de discussões que envolvem os gêneros de músicas regionais e seu diálogo com a obra estética do autor Vitor Ramil. Por fim, espera-se que o texto possa de alguma forma contribuir com aqueles que se interessam por temáticas que envolvem música, história, literatura e a cultura regional.

(Ghadyego Carraro é doutorando em História com pesquisa voltada a música sul-rio-grandense pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Possui graduação em Música Licenciatura Plena também pela UPF e mestrado em Música - Contrabaixo Acústico pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem atuado como educador, instrumentista e arranjador em colaboração com músicos e pesquisadores de várias partes do Brasil e exterior.)

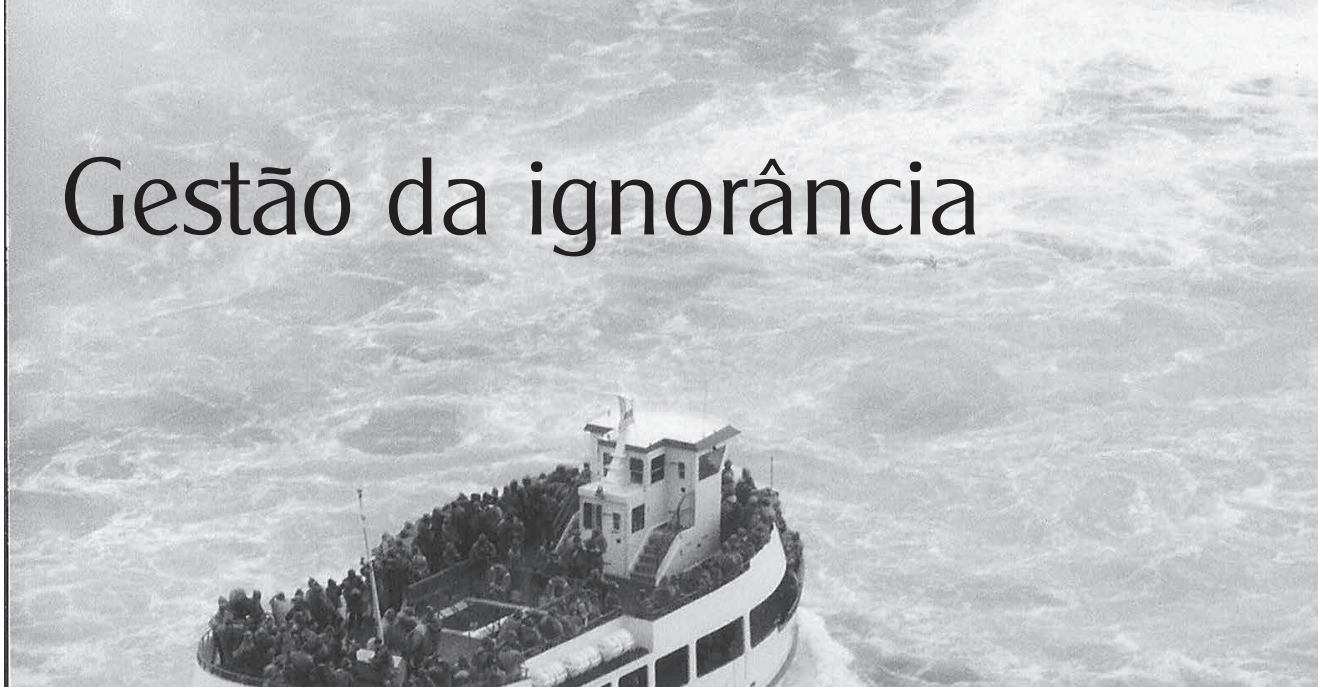
Referências

- AYESTARÁN, Lauro. **El folklore musical uruguayo**. Montevideu: Arca Editorial, 1967.
- BORÉM, Fausto; SANTOS, Rafael dos. Práticas de performance “erudito-populares” no contrabaixo: técnicas e estilos de arco e pizzicato em três obras da MPB. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 14., **Anais...** Porto Alegre: ANPPOM, 2003, p. 1-20.
- BORÉM, Fausto; Ray, Sônia; Rosa, Alexandre. Manhã de Carnaval: percepções na elaboração e realização de um arranjo para trio de contrabaixos. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA. 11., **Anais...** Goiânia, 2011, p. 59-64.
- CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3ª ed. Vol. 02. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- LESSA, Barbosa; CÔRTEZ, Paixão. **Manual de Danças Gaúchas**. 8ª ed. São Paulo: Irmãos Vitale, 1997.
- LOUREIRO CHAVES, Celso. **Ramilonga – a estética do frio**. Disponível em: <http://minerva.ufpel.edu.br/~ramil/vitor/discog/ramilong/release.htm>. Acesso em 20/07/2013.
- RAMIL, Vitor. **Ramilonga – a estética do frio**. (Satolep Music, 1997).
- RAMIL, Vitor. **A estética do frio: conferência de Genebra**. Porto Alegre: Satolep, 2004.
- VEGA, Carlos. **Panorama de la música popular argentina**, Edición facsimilar. Buenos Aires: Instituto Nacional de Musicología “Carlos Vega”, 1998.

NOTA

1- Apesar de no século XX, alguns compositores observarem novas possibilidades timbrísticas para o contrabaixo, a exemplo dos Quintetos para cordas de A. Dvorak (1841-1904), Quintetos de S. Prokofiev (1891-1953), a Sonata de H. W. Henze (b.1926), as orquestrações de K. Penderecki (b. 1933), ainda há muito que fazer para a ampliação do repertório em câmara e solista, principalmente na música popular brasileira.

Gestão da ignorância



GILBERTO R. CUNHA

Ainda que a sociedade contemporânea seja rotulada de sociedade do conhecimento, no dia a dia, a maior parte do nosso tempo, quer sejamos o CEO de uma grande corporação ou apenas um cidadão comum lutando pela sobrevivência, é gasta na gestão da ignorância; a nossa própria ou a de terceiros. A clássica assertiva de Sir John Maddox, ao estabelecer que “a cada descoberta, pela ampliação do conhecimento, também são expandidas as fronteiras da nossa ignorância”, infelizmente, pelo que parece, até agora, ainda não pode ser refutada.

A economia da ignorância, que se contrapõe à economia do conhecimento exatamente pelo custo causado pela falta de conhecimento, adquire relevância cada vez maior no mundo das organizações. A ideia de ignorância no caso em pauta diz respeito à falta de informação, à desinformação e à inabilidade em campos específicos do conhecimento (em qualquer área das ciências: agrárias, engenharias, biomédicas, sociais, jurídicas, etc.). O ignorante a que nos referimos é o sujeito desconhecedor, desinformado, alienado do mundo atual e das possíveis tendências, que revela falta de saber e imperícia para lidar com as coisas concretas ou executar funções que, supostamente, por ter cumprido programa de treinamento específico ou pelo grau de escolaridade que possui, são inimagináveis.

Lá se vão muitos anos desde que Peter Drucker, em seus instigantes livros e ensaios sobre gestão, esmiuçou o papel e

vaticinou o futuro, no mundo corporativo, das pessoas que trabalhavam mais com o cérebro do que com os músculos, que ele denominava de “trabalhadores do conhecimento”. Um novo tipo de profissional, cuja função básica não era física, exercida com o corpo, mas mental, que deixara de ser apenas mão de obra para atuar como pessoa na sua plenitude e que não gosta de ser gerenciado, mas sim liderado. Não foi por nada que, nas empresas, muitos dos antigos setores de recursos humanos (SRHs) foram renomeados para Setores de Gestão de Pessoas (SGPs). A regra básica, que, infelizmente, poucos gestores atentam ou sabem colocar em prática, para se lidar com esse novo tipo de trabalhador, segundo Drucker, é possibilitar que os chamados trabalhadores do conhecimento façam aquilo para qual são remunerados. Simples assim: nada mais que sair do caminho (não atrapalhar); eliminar atividades desnecessárias que prejudicam o rendimento, tipo e-mails supérfluos (inclua-se Facebook, Twitter, WhatsApp, etc.), reuniões inúteis, pedidos de relatórios desnecessários; e nomeações para grupos de trabalho/comitês/comissões sindicantes etc. destituídos de utilidade. Isso por um lado (o lado do trabalhador), pois, se outrora, o trabalhador do conhecimento, era a exceção, hoje, ele virou a tônica nas organizações, não se podendo mais ignorar o outro lado (o lado do gestor), que se sobressai por um desafio tão difícil quanto o primeiro, que é lidar com a ignorância do pretense trabalhador do conhecimento.

Imagine um barco descendo rio abaixo. Você, eu e outros companheiros de

viagem dentro dele. Há um mapa, que está nas mãos do comandante, indicando uma cachoeira ao estilo Cataratas do Iguazu ou Niagara Falls nesse percurso. Mas, infelizmente, o comandante não sabe ler esse mapa e não tem discernimento pra buscar ajuda em quem sabe, ainda que esses estejam entre os passageiros. No máximo, apoia-se naqueles que sabem tanto quanto ele. Ou seja: muito pouco ou quase nada. A cachoeira, significando o desastre fatal e o nosso fim iminente, por mera obra do acaso, pode estar logo ali adiante ou a muitos quilômetros de distância. Como é comum acontecer, nesse tipo de caso, alguns passageiros denotam preocupação com a situação vivida e outros, por alienação, ignoram o mundo e tudo mais ao seu redor, inclusive o próprio risco que ora estão correndo. Mas há um grupo que, mesclando esperteza e ignorância, por gozar de benesses conferidas pela proximidade do comandante, tipo convites para jantares suntuosos na sua cabine exclusiva, tira proveito da situação e está adorando a viagem, independentemente de qualquer possível fim trágico anunciado.

Não são necessárias muitas luzes para transpor a situação fictícia para o mundo real e entender porque tantas empresas, quer seja na esfera pública ou na privada, comandas por “ignorantes” assessorados por “ignorantes”, repousam nos campos santos espalhados pelos quatro cantos do mundo ou apenas esperam para receber a unção dos enfermos.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A dura tarefa de educar

AGOSTINHO BOTH

Ser pai

Pensar educação, nestes tempos de paradigmas quebrados, é tarefa implicante e complicada. Para pensá-la, resolvi mostrar alguns escritos antigos.

Quando penso educação chega a me doer, porque educar se constitui em atos contínuos, medindo-se tudo entre o certo e o errado, entre conquistas e derrotas. E as circunstâncias em ambientes pobres e sofridos deixam o educador em situações ainda mais críticas. A ternura não tem como não ser quase infinita dentro de um educadora(or), carregado de finitudes. As crônicas e reflexões abaixo facilitam um pouco a ver a concretude na qual os educadores estão metidos.

É esta a parte multiplicada da vida, que se denomina de filhos. Se os amigos ampliam a existência pela comunhão dos bens em comum, os filhos são a parte principal que se vai livre, sem deixar de existir dentro dos pais. A celebração da vida se desdobra como o som da corda de viola dentro da caixa. As suas dores deletam-se, apenas por horas. Os pais têm medo de suas falas quando dizem: tudo bem, enquanto a voz sai tímida ou angustiada.

Eles se sentem, muitas vezes, como nesta curta mensagem:

O pai é um conversador, pois na infância e pelo resto de seus dias, entre histórias e explicações vai desempenhando seu ofício e, às vezes, por ser ouvido, anima-se, e conversa ainda mais.

Na adolescência vira um estrategista de guerra. Pilota seu aviãozinho, vendo se é possível aterrissar com seu filho sonhador. E, por vezes, entre gritos, mostra que os mortais vivem na terra.

Busca ser um técnico, que se esforça para pôr seu time em campo, sem passar

vergonha. Quando empata pode se sentir feliz. Mostra as regras do jogo e o lugar de cada um. E é aí que também se torna um torcedor. Não pode jogar, mas bate com as mãos na cabeça quando o seu descendente perde um lance, mas vibra, com o coração na mão, quando a bola é dominada com perfeição.

O pai também é um humorista quando está debaixo do mau tempo: mulher nervosa ou triste, trabalho sem resultados, filho jogando contra o próprio time, aí, então, é o momento de rir de si mesmo.

O pai também é um trapalhão, e é difícil ser diferente. Não há condições de sempre acertar, ainda mais com a variação do tempo e as tempestades. Mas não pode perder a elegância, desfazendo dos seus esforços ou falando mal de seu time.

É também um terapeuta, avaliando e interpretando conversas desanimadas. Terapeuta também de si, porquanto, se consola afirmativamente quando se angustia com os dias de amanhã.

Esperando o milagre da professora

Vinha de ver a gente pequena chegando à escola e de um menino muito branco: chamavam-no para que aprendesse bem qual seria a sua identidade:

-Ô mandioca!

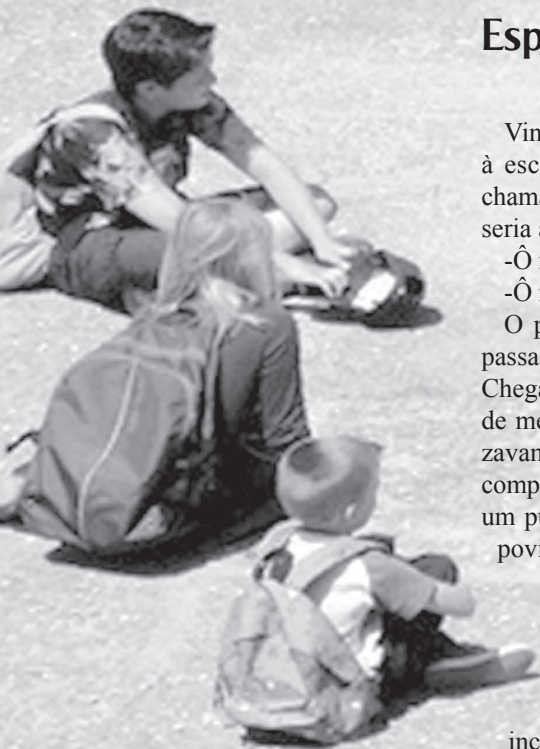
-Ô mandioquinha!!

O pequeno olhava o horizonte a ver se passasse a imposição de sua inferioridade. Chegavam as meninas e, num outro grupo de meninos, ouvia expressões que vulgarizavam o corpo e a mente das pequenas. Para completar a cena vi uma garotinha vestida de um puído verde-amarelo. Assim se via um povinho que se desmontava.

E o caminhar tem disso: inspira. Vinham as razões mais profundas de toda esta situação: vinham em caravelas costurando a desconsideração. E escreviam ao rei: praza que este povo inculto lhe deva obediência e no batismo se lhes conceda a salvação. Morriam de puro sofrimento entre a peste, a escravidão, ao fio da espada e nos dentes dos cães. Para com-

pletar a cena trouxeram negros. Aqui em tudo a liberdade era uma proibição e Jesus Cristo em nenhuma vez veio junto nas caravelas. Um Deus que mata foi posto como consolo, assim falou o sacerdote asteca. Aqueles que vinham diziam que Ele também havia passado por tudo isto. As famélicas intenções pessoais prevaleciam sobre o dito serviço que prestavam a Deus e sua majestade o rei. O costume vingou. Vieram os imigrantes entre índios e negros. Não vieram iguais a estes: um pouco mais de liberdade, mas sem tirar de vez a inferioridade, exemplo disso é o menino branco.

Nem tudo está perdido: as crianças negras, brancas e morenas iam à escola e uma professora esperava a todas; que lhes ensinaria a dignidade, a longevidade, a linguagem, o trabalho, a cidadania, a igualdade e a bondade. Aprenderiam isso tudo de uma vez, graças à bondade de uma professora...



No palco

Vocês artistas que fazem teatro em grandes casas,
Sob a luz de sóis posições, ante a plateia em silêncio,
Observem de vez em quando, esse teatro que tem na rua.
O seu palco: cotidiano, multifácio, inglório mas tão
Vivido e terrestre, feito de vida em comum dos homens.
Esse teatro que tem na rua o seu palco. (Brecht)

Em nossa terra, na qual nos juntamos em culturas diferentes,
há uma representação épica de curtos e longos atos. Uma
aluna da UPF trouxe um diálogo breve que teve com um aluno
de apelido Mancha. Que pobre degrada seu próprio nome
me afirmou um dia a mesma professora.

Mancha- Sabe, sora, qui meu pai foi preso!

Profa. – Mas como? Se teu pai é tão legal!

Mancha- Não é o que o soldado achô!

Profa. – Como é que foi?

Mancha – O cobrador de ônibus disse prá
ele apurar mais na catraca.

Profa. – E aí?

Mancha- Ele tropeçou e bateu com a
mão no troco e voou tudo! O Cacete
e o Filó pegaro quage tudo!

Profa. – E daí?

Mancha – Daí que o cobrador disse
que foi meu pai que tinha robado. O
véio tocô um soco no cobrador. Foi
um rebu! Como meu pai é pe-
queno, machucaro ele.

Profa. – Mas não podiam
prendê-lo!

Mancha- Mas prendero!
Veio a polícia e levaro meu
pai. Ele é gago e daí que os
otro tivero razão.

Profa. – Isso não vai ficar
assim!

Mancha – Num vai mesmo! Vou pará de istudá!

Profa. – Nem pensar!

Mancha – Tá decidido! Pra sê mais rico não carece istudo!

Profa. – Mas tu não quer ir mais na frente?

Mancha – Quero!

Profa. – Então?

Mancha- Tenho outro pensá!

Profa. - Qual?

Mancha- O qui é certo é qui não vão me prendê por uns
trôco!

Profa. – Não me diga que...

Mancha- Digo e faço!

A professora continuou narrando... Dez anos depois do
acontecido, li no jornal...



Aniversário de professor

Estava no vigésimo ano de seu ofício de professor. De manhã pensou: quem há de se lembrar de meu aniversário? A mulher e os dois filhos vieram com bons desejos ainda de manhã. De presente um par de meias, para variar, que no ano passado recebera um par de cuecas. Todos já se cansavam da mesma expressão: o dinheiro está curto. A greve não resolveu o aumento. A sua esposa já havia sugerido que abandonasse o magistério, mas parecia empacado em sua vocação: ganho pouco, mas me alegro com meu ofício. Quando, porém, viu os pijamas puídos dos filhos, pensou que poderia deixar de ser professor. Afinal um corpo se mede também por suas vestes. Ficou em conflito entre sua literatura e a pobreza. A mulher foi ter com ele enquanto corrigia as provas e falou-lhe.

-Olha, fui ao médico pelo IPE, e ele me pediu para aplicar uma série de vacinas para proteger a garganta do Henrique.

O professor se deu conta de que o dinheiro do mês já havia se esgotado. E era apenas o dia 20, do vigésimo ano de professor. Sentiu-se traído pela escolha

que fizera e sem saber a razão passaram-lhe pela mente versos de Drummond:

Chega o tempo em que não se diz mais:
Meu Deus!

Tempo de absoluta depuração.
Tempo que não se diz mais: Meu amor.
Por que o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.

Foi assim que se conformou à nova ordem das coisas e disse à mulher.

-Vou pensar no necessário.

Ao corrigir a última prova lá estava alguém que não havia se esquecido de seu aniversário. Era a filha de seu amigo Onofre e, mostrando o quanto aprendera de suas lições, escreveu ao final da prova:

Quero agora que tua alma sinta
A tênue luz de uma estrela linda,
Que paira sobre o dia de teus anos!

Deu-se por satisfeito e dormiu, deixando, mais uma vez, para outro dia a decisão de abandonar o magistério.

Pra bicar o sol

Caminho e leio: Rua Professor Stigler. Sabia quem era, por isso caminhei em suas poeiras com certa devoção. Fez de tudo e mais um pouco para trazer o Colégio Conceição. De sua pequena fortuna sustentou uma escola e trouxe os irmãos maristas. Caminhava na manhã de domingo a ver se punha melhoras em todas as musculaturas e atinei também sobre seus esforços.

Ao chegar em casa fui ler o livro Tamacuri no qual o piauiense Cândido Guerra conta sua infância. Dele retiro suas impressões sobre o magistério. Diz que da austeridade do ensino tirou lições. Custava-lhe a atenção nas letras, já que as cabras e as malhadas, os socavões e os tabuleiros se enfiaram firmes em sua alma e competiam com a disciplina da inteligência. E conta que, de uma feita, o professor apanhou um amigo com o fumo que era dele. Defendeu Cândido seu colega: o fumador sou eu! E conclui:

se é assim honesto, quem lhe fez foi o professor. E finaliza: em todas as altas produções e nas poesias, atrás, bem atrás tem um menino distraído e uma professora cuidadosa. Tem gente que não vê.

E me lembrei do pequeno pássaro da cor do macegal, não maior que um dedo. Tinha seu trinado entre o assovio e o chiado sobre os fios de cobre. Contra o sol se punha e dizia para a manhã um agradecido canto. O seu bico erguido, não sabendo eu se para soltar o canto ou se para bicar o sol. Ali na macega, os bem feitos da natureza, mas para qualquer encanto, na vida dos meninos se impõe um professor, que ninguém nasce sabendo assim é com os pequenos pássaros. Na vida dos homens não tem aprendizado sozinho. Postos sentimentos a prumo e a cabeça em ordem, para avaliar o mundo: somente com a sorte de quem ensina os meninos a quererem bicar o sol.





Os jovens de victor graeff: pode isso?

A vida deu de me oferecer uma positiva extravagância. Outra que me foi dada doeu mais que dor de dente. Mas é nesta gangorra que se faz a vida. Sou filho de Deus e mereço uma gentileza, semelhante à maçuda fruta-do-conde ou ao pássaro azul na saia verde do mato. Foi o que recebi:

Uma pequena cidade de jovens educados: é mais fora do comum que pássaros azuis nas fimbrias da mata ou frutas maçudas. Gente muito interessante é uma novidade.

Meninos eu vi: jovens de fala certa, de palavras elegantes. Expressivos como uma mesa com toalha de linho com pães e frutas dos quais as gentes se alimentam: uma verdadeira esperança em que se anda devagar: pra não espantar. Provei do que digo e provo do que falo: fizeram silêncio para ouvir sobre o valor da vida e de sua proteção. Verbalizei minha opinião: a vida se faz com um cuidado de Deus pela mão humana. Cada um sabe o valor que tem. Fui falando entre palavras escolhidas, pois mereciam ouvir da melhor forma possível. Os atos de fala são uniões e aí se faziam quase perfeitas. Me concediam

tanta atenção que respeitei suas almas adolescentes, tirando da minha, que tinha mais de cinquenta, o que havia de melhor. A verdade da vida era avassaladora para mim e para eles.

Terminado meu monólogo começaram eles a externar opiniões e sentimentos a respeito da vida. Pasmei como um camelo sedento diante do oásis. As palavras eram exatas na forma e no conteúdo. Avaliaram o tema em duas direções. Que a vida dos velhos merece o cuidado, afinal, se eles, que são jovens, estão de mãos firmes é para dividir com quem as tem mais fracas. Outra direção foi verificar o estilo de vida de cada um. Assim falaram por mais de meia hora. Mas nisto ainda não consistia o milagre que eu via.

Silenciavam diante das opiniões, perguntas, sugestões de seus colegas. Podia duvidar, mesmo que fosse em sonho: estava diante de mim mais de 100 jovens silenciosos uns diante das palavras dos outros. Nenhum deles desmerecia a palavra de quem quer que fosse.

Voltei para casa e me alegro agora por lembrá-los. Me contento em saber que eles existem. Isso aconteceu em 1992.

Professora de vila

Me comove ver a professora da vila. É ali o lugar dos maiores constrangimentos do corpo e da alma. A última edição da escravidão. Sobre aquela humilde gente se instalou uma estreita possibilidade humana, pois que, mal e mal, respira a alma. Uma fresta por onde se espia a condição humana: pequenos ladrões que vivem de migalhas, pequenos servidores que jantam à noite, como se fosse o café da manhã, mães sozinhas que caminham entre espinhos. Entre gritos e suspiros, sustos e brigas, crescem os meninos. Vejo-os de alçapão na mão, espreitando o cimo das árvores, escutando pássaros.

Pouco se retira de seus pensamentos e de suas vontades; se estabilizam como rolha em água corrente. Tem uma alminha que anda entre paus e pedras. São vistos como quase nada, pouco mais que um

estorvo. E se matam tantos deles, como se fossem passarinhos.

Fui certo dia ter com suas mães a ver seus desejos sobre os filhos. Manhã de geada. Esperavam tudo, quase em desespero. Estavam de roupas leves, e seus pés feridos pelo frio. Acreditavam, entre queixas, como em sonho, algum bem para suas crianças. E sorriam quando a professora lhes dizia que seus meninos estavam bem. Os esforços da mulher sozinha eram como uma casa pequena que arrostasse tempestades. A prosódia, a sintaxe e o léxico estão tão machucados que a professora, por mais que desse de si, pouco faria. Eles têm mais de 7 anos, mas a palavra está incapaz. O pronunciamento da professora pouco lhes diz: o mundo dos meninos é outro. Sozinha anda e impotente. O peso dos séculos é grande.



Da leitura inesquecível

Parte de minha vida é dedicada às escrituras e, por certo, às custas das leituras. Disso testemunho: fazia dias que minha mãe firmava posição de me cobrar uma leitura a ver de como andava nesta arte e obrigação: quero ver se tu é capaz de juntar as letras e as idéias. Quero você um homem estudado e não andar bobo por aí, sem saber o que dizer e o que fazer da vida. E completou: não vai pensar que vou permitir de tu andar vadiando na escola; e filho meu é pra saber. Eu sabia, se não apresentasse uma leitura conformada à excelência, podia contar com uma palmadas, no menor gaguejo. Dizia ainda ela: traseiro leva a lição se a cabeça não aprende. Batia firme, por saber que estava educando.

Vinha eu, sabedor de suas certezas,

preparando um texto e abrindo, à força, o livro de leitura para que viciasse na página escolhida: o 3o livro das leituras escolhidas. A palavra da educadora, a mais bela/austera/sincera/convicta, veio, numa noite, em minha direção e já sabia o que queria.

-Vai pegar o livro, guri.

E eu a rezar : tomara, meu Deus, que caia na página do papagaio. Treinei sozinho, abrindo e fechando e deu certo. Não é agora que vai falhar. Já imagina se cai na página da Riqueza do pobre, que mal tinha visto.

À luz do lampião, um silêncio de todos meus irmãos, sabendo do perigo. O cusco ao pé da mesa esperando uma migalha, humilde, que dela se contentava.

Ofereci o livro fechado: a senhora

quer escolher?

-Abre em qualquer lugar! Estou ouvindo!

Fiz a cena, deixando que o próprio livro indicasse sua vontade que era uma só. Lá estava a figura cinzenta do papagaio, preso ao tosco galho. E lasquei como uma metralhadora:

O papagaio

Quem haverá quem não conheça o papagaio a ave parlador a podescência? O papagaio é uma ave trepadora... O cusco saiu ganindo, entendendo que a gritaria fosse para ele. Minha mãe olhou-me, convencida que em sua frente havia um gênio. Vi seus olhos brilhando, à luz do lampião.

Chega, que o Nero é capaz de ter um troço.

Deus ajuda quem madruga

Era esta a orientação que a mãe queria passar ao garoto que amava dormir pela manhã. Baldados os esforços, a boa senhora não convencia o menino. Preferia a preguiça escondida nas cobertas. A mãe num esforço da palavra ainda argumentou: o filho do vizinho encontrou uma carteira recheada de dinheiro bem cedo da manhã.

Retrucou-lhe o menino: bem mais cedo perdeu quem mais cedo acordou!

A mãe, perdido o argumento, acordou o piá no grito! Ele ainda protestou, apelando para a carteira recheada. Ela decidida retrucou:

Perde quem tem! Prefiro que percas teu dinheiro de manhã a não ter nenhum!

Sigo a orientação desta senhora.

Pois bem, domingo, uma modorra levitava no meu peito. Mas, preciso comunicar na igreja do Retiro sobre a

novidade que se impunha: os mais velhos precisam de uma nova visibilidade. As vestes antigas não lhes cabem mais. A súbita decisão de derrotar as imprevisões das horas mostrava-se oportuna.

Ao abrir a porta, um par de gansos - que o vizinho trouxe não sei donde - começou a tocar suas buzinas. Quem tem casa tem autoridade, mas com tanto ladrão e com policiais incofiáveis, nem tanto. Mas deixemos o mal que nos assiste!

Vendo os animais e seus gritos, me dirigi à Casa de Retiros. Mulheres velhas e umas poucas jovens punham em dia suas orações. Homens, nenhum. Como dizia o Pe. Lucca: estes vão até Deus quando não tem mais força pra pecar.

Veio a irmã Teresinha, uma das senhoras de minha coleção, guardada no arquivo Das Pessoas Melhores e mais

Amáveis que Conheci, pediu se não queria convidar as velhas senhoras para a 1ª Semana Acadêmica da Terceira Idade. Deitei o verbo num convite bem escolhido, propalando as conferências, teatro... e outros motivos.

Uma velha, após a missa, encostou-se em mim e sorria...

-Muito obrigada!

O seu sorriso aberto valeu por mais de uma carteira recheada e continuava o canto de despedida:

Na história que fazemos
Deus vai à nossa frente,
Eterno é seu Amor!

Na densidade da hora me senti em Sua casa.

Selvagens, bárbaros e civilizados

Quando meninos e meninas do Rio Grande do Sul, pelos idos dos anos 40, estudavam Geografia, faziam a divisão dos povos em relação ao seu desenvolvimento social e físico.

E dizia o livrinho de Geographia Elementar de Souza Lobo, da editora Selbach:

Os povos em relação ao seu desenvolvimento social dividem-se em:

1- Selvagens – Bárbaros – Civilizados

1- Povos selvagens são aqueles que ignoram ou conhecem imperfeitamente a arte de escrever e as outras mais necessárias à vida, mantendo com as outras nações mui poucas ou nenhuma relações.

2- Povos bárbaros são aqueles que conhecem as artes mais necessárias à vida; têm polícia e magistrados; tratam com outras nações; mas não tem língua polida nem legislação bem concebida.

3- Povos civilizados são os que têm língua polida, legislação bem concebida; governo activo e previdente; e as ciências e as artes em grande estima.

Junto a este discurso atrai a anotação do professor primário:

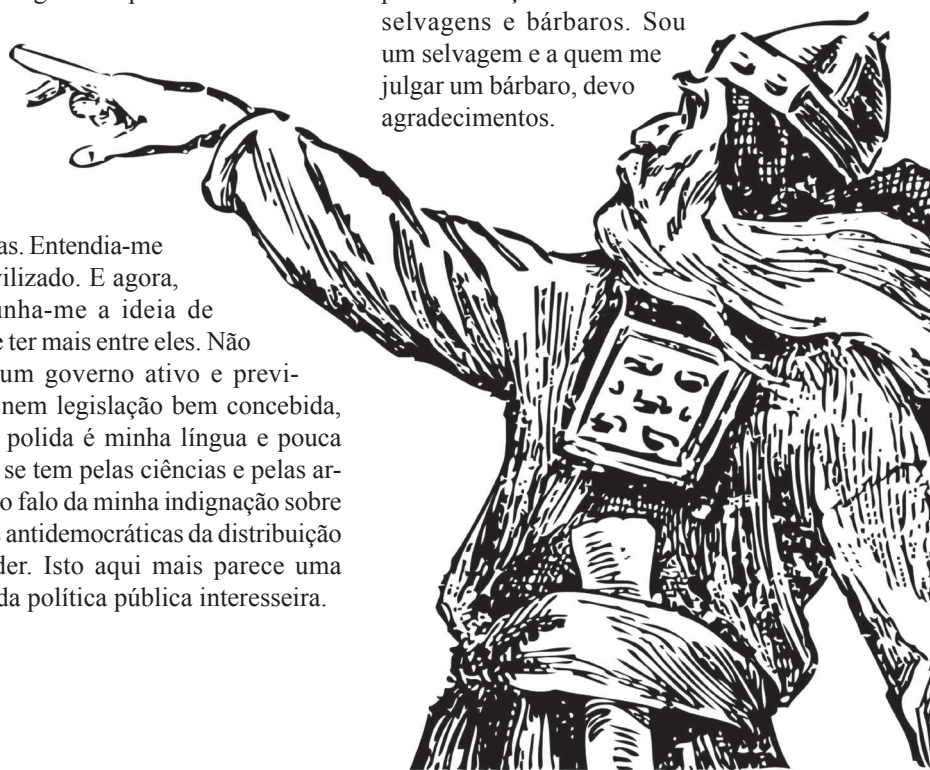
“Civildade é um certo grau de educação que facilita ao homem o viver em harmonia com o seu semelhante”.

Retorno ao tempo de criança onde via tão ingênua e perfeitamente todas

as coisas. Entendia-me um civilizado. E agora, acabrunha-me a ideia de não me ter mais entre eles. Não tenho um governo ativo e previdente, nem legislação bem concebida, menos polida é minha língua e pouca estima se tem pelas ciências e pelas artes. Não falo da minha indignação sobre formas antidemocráticas da distribuição do poder. Isto aqui mais parece uma pátria da política pública interesseira.

Sou selvagem e possuo algumas características bárbaras.

Conhecemos imperfeitamente a arte de escrever. A polícia corrompe-se com facilidade e a magistratura é frágil. Temos com outras nações mui poucas relações. Habito entre selvagens e bárbaros. Sou um selvagem e a quem me julgar um bárbaro, devo agradecimentos.





Uma abelha e um menino

Oito horas da manhã: a abelha, que fora surpreendida no frio da noite, mal se mexia de manhã. No caminho do jardim, surpreendeu-a o vento gelado. Estava ainda com o feltro amarelo das flores de maio.

Dez horas da manhã: No primeiro raio, a vespinha encolhida exercitou o primeiro movimento. Segundos depois zuniam as asas na inesquecida direção.

Dez para o meio dia: Num voo sofrido, mas decidido elevou-se. Urgia entregar o pó a ser regurgitado. O sol devolveu-lhe a sociedade.

A esta apiária crônica se uniam outros acontecimentos com o menino Martim, aluno da professora Tânia. O menino era proveniente de uma casa de vila,

precária como as tocas. Filho de uma mãe que sonhava de pés descalços e no inverno se cobria com um casaco de brim. Tenho sonhos para o Martim, dizia. Por tantos sonhos maternos, o menino sonhou também. Tânia também lhe inspirou esta chance de sonhar: o que levava o piá a fazer os temas na luzinha do lampião. Assim cresceu. Do pai não tinha notícia, pois tantos poderiam ser.

Foi à escola maior para chegar à oitava série. Tânia conhecia uma professora, a quem o menino foi recomendado. Edviges, era ela. Alemoazinha esforçada que também sabia o preço do pão.

Edviges, por sua vez, tinha um irmão, Faustino, ligado em motor de carro. Este falou se não conhecia um guri zeloso e

que lhe fosse aprendiz. Recaiu o pedido em Martim. Sorte do guri. Que só a sorte, alguém a mais, o sonho e o esforço tiram o pobre da miséria. O sorvo da miséria é forte. A alemoazinha aprendera a divisar na gurizada quem ainda tinha salvação.

Em pouco tempo, pouquinho, Faustino percebera o ouvido afinado do Martim. De fato, em pouco tempo, os motores recobravam o seu som original e o guri apreciava demais devolver a força da máquina doente. Foi muito adiante e com os estudos dominava claramente todas as necessidades de um motor.

Os dois devolvidos à sociedade.

Numa manhã de 92: em torno de um frango

Passando em frente a um mercadinho, li: frango, 450.

Pensei: bom preço!

Um franguinho de um quilo e oitocentas.

Vou ao caixa com o frango enrolado.

-Mil e duzentos paga tudo!

-Não é quatrocentos e cinquenta o quilo?

-É seiscentos e cinquenta!

-Não é isso o que diz a tabuleta aí fora!

O caixa-dono dirigiu-se ao menino que embrulhara o frango.

-Escuta piá! Tu não mudô o preço?

-Ah!! É! Misquici!

Deixei por isso mesmo, para não humilhar o menino.

Ao sair estava lá o menino, tirando o preço do frango.

Frango: 650

Falou baixinho: muito obrigado!

-Obrigado de quê?

-É que si o sinhô fosse ingrossá, ia sobrá pra mim!

Achei de conversar com ele por que deles é o reino dos céus.

-Escuta, você vai indo à escola?

-Vô!

-Onde?

-Aí no Gumercindo.

-Está gostando?

-Não!

-Mas se não fosse nem escreveria os 650!

-Ah! Isso é!

O frango gelado gelava minha mão. Dando uma de pedagogo, animei-o: a cabeça fica melhor quando vai à escola.

Olhou desatento e percebi que tudo que passasse disso já era demais.

-Tchau!

-Até logo!

Dificuldades de minha pátria: ignorância e imprevidência.

Para concluir

Rezo como Bergmann, pela boca de um pastor, ao pedir para a falecida Agnes, no filme Gritos e sussurros:

Que você saiba que língua falar

Para que Deus possa ouvir e entender.

Que você possa, então, falar

Com Deus e que Ele a ouça.

Reze por nós, que fomos deixados na escuridão

Com um céu, acima de nós, impiedoso e vazio.

Peça a Deus que nos liberte

De nossa ansiedade e de nosso cansaço,

De nossas apreensões e medos


Para que Ele dê sentido e significado a nossas vidas,

Você que suportou a angústia e o sofrimento por tanto tempo,

É digna de defender a nossa causa.



(Agostinho Both é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



A Faculdade de Direito da UPF e sua turma de 1964

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA
DE AZEVEDO**

Como era usual à época, a maior parte dos integrantes da turma de 1964 veio a exercer a profissão de advogado, que era então a vocação preferencial do bacharel em direito. Tivemos também os nossos magistrados, pois foram juízes de direito os saudosos Luiz Zanetti e Diniz Ferrugem de Oliveira, que prematuramente nos deixaram. Outros foram promotores e procuradores de justiça, procuradores de Estado, procuradores municipais e autárquicos, servidores públicos, fiscais de tributos, empresários, professores e profissionais de variadas áreas. Tivemos Alcides Guareschi, sacerdote, professor universitário, doutor honoris causa e reitor da nossa Universidade. Jarbas Lima, além de promotor de justiça e docente da Faculdade de Direito da PUC, foi secretário da justiça, líder partidário, deputado estadual e federal

em várias legislaturas.

Daquele tempo recorro o convívio nas salas de aula, na biblioteca, nos corredores, nos pátios e no bar Buda, da velha Faculdade da calçada alta, na Avenida Brasil. Nossos professores, nas diversas cadeiras, foram Galves, Rache, Reissoli e Goron no primeiro ano; Walter e Ernani Graeff, Verdi e o jovem Catarino no segundo; no terceiro Facchini, Busato, Fiori e Rômulo Teixeira; Daudt, Salim Buaes, Murilo e César Santos no quarto ano; e, por fim, no quinto, Morsch, Dante Guimarães e Bandarra, Hespânia, Conceição Kurtz, substituindo Montserrat Martins, e Alberi Ribeiro, como assistente de processo Civil.

Houve mestres que conquistaram a nossa admiração e sua recordação perdura indelevelmente nas nossas lembranças. Um deles foi Rui Rache, da Teoria do Estado, comunicativo, carismático, popularíssimo e idolatrado por seus alunos. Rache, depois das aulas, frequentemente prosseguia conosco, ao

longo da noite, em demoradas tertúlias pelos cafés da cidade. Ouvíamos fascinados as suas divertidas conversas sobre fatos da vida e suas experiências como advogado, contadas sempre com graça e bom humor invariáveis. Era o nosso ídolo e modelo: Todos queríamos ser como Rui Rache.

Fomos alunos dos professores Catarino e Alberi, depois professores insígnies da nossa Faculdade, no segundo e no quinto ano, quando recém se iniciavam no ofício de ensinar. No primeiro ano tivemos na cadeira de Economia Política o sábio Carlos Galves, um verdadeiro gentleman inglês, com sua fleugma e simpatia singulares, sempre brilhante e acessível aos discípulos. O temperamental e irrequieto Celso Fiori, com seu raro e inseparável manual de Spencer Vampré, foi quem nos iniciou nos temas do direito comercial e cambiário, cuidando de ensinar-nos a prática contratual.

Avaliado à distância e comparado com a experiência que depois tive como

professor e diretor da Faculdade, nosso curso já naquela época se mostrava altamente qualificado e eficiente. O grupo de professores, constituído em essência por advogados, juizes e promotores, foi desde logo muito bem sucedido em sua tarefa de transmitir aos alunos os melhores e mais atualizados conhecimentos da ciência jurídica de então.

Com efeito, o curso de direito de Passo Fundo logo se distinguiu nas áreas do Direito Civil e do Processo Civil, o que veio a confirmar-se pela experiência ulterior. Tantos bons resultados apresentou que nossos egressos, desde as primeiras turmas, já iam conquistando os primeiros lugares nos concursos para a magistratura, ministério público e procuradoria do Estado. Rui Rosado de Aguiar, que seria da primeira turma, aprovado para o Ministério Público, foi desembargador no Tribunal de Justiça e culminou sua gloriosa trajetória na função de ministro do Superior Tribunal de Justiça. Mário Ferrari, da primeira turma, e Décio Erpen, da terceira, depois desembargadores, foram classificados nos primeiros lugares em concurso para a magistratura. Um significativo número de nossos egressos ingressou no Ministério Público: Da nossa turma lembro o colega Raimundo Ferreira da Silva. No primeiro concurso para a procuradoria

do Estado, no cargo de advogado de ofício, tivemos dois aprovados, Warley Farinatti e eu. Através desses desafios iniciais, em seus primórdios já se vislumbravam os resultados positivos do ensino da nossa Faculdade.

Todos nós evocamos com saudade os ambientes da cidade de então, frequentados pelos acadêmicos. As pensões São Jorge e Tagliari e os hotéis Franz, Avenida, Excelsior, Glória, Internacional, Planeta e o Turis para os mais abonados. Os bares e cafés do centro, Oásis, Cubanita, Elite e Maracanã, e o bar Havaí, enfrente à Faculdade. As inesquecíveis festas do Comercial e do Caixeiral, onde tivemos o nosso inesquecível baile de formatura.

A nossa vida acadêmica não se limitava às salas de aula e conferências, aos compêndios, às sebtas, aos júris simulados e às assembleias do centro acadêmico. Os estudantes de direito, assim como os seus professores, eram parte saliente da vida da cidade, prestigiados em todos os ambientes locais. Havia os trotes, integrando veteranos e bichos, com as animadas festas a cada início de ano letivo. Tínhamos nossos lentes, alguns identificados por curiosas peculiaridades. Os estudantes eram conhecidos e bem recebidos em todos os lugares: no fórum, nos cafés, nos jornais onde escrevíamos, nas livrarias, nas

competições esportivas, nos teatros e cinemas. E, como estudantes, também não podíamos ser indiferentes às atrações da movimentada vida noturna da cidade.

Passo Fundo, desde que teve a sua faculdade de Direito, começou a assumir ares de uma Coimbra, Salamanca, Heidelberg ou Bolonha. Do modesto burgo agropastoril que fora até então, com a presença dos alunos da Faculdade, transformou-se numa orgulhosa cidade acadêmica. Com o advento do ensino superior, iniciava-se o período — que desde então não cessou — da evolução transformadora do município.

Como decorrência da criação da faculdade de Direito, matriz da Universidade, já se anunciavam os novos tempos. Estes foram os tempos da Universidade, instalada em 1968, quando começou a operar-se a vertiginosa transformação da cidade, progressivamente convertida no esplendoroso centro de cultura que veio a ser e em um incomparável núcleo de excelência no ensino, nas ciências, na educação, na medicina, na saúde, no comércio e nas artes.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Integrante da turma de 1964 da Faculdade de Direito da UPF. Procurador do Estado aposentado. Oficial do Registro de Imóveis de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Primícias

GABRIEL SCHLEDER

Petrichor

A existência é como o fogo,
consome a própria essência.
E a chama com o combustível do tempo,
queima as esperanças.

Sinto a felicidade em minha tristeza,
eu sinto...
Até o relógio de meu tempo,
parar,
de bater.

Um milhão de perguntas foram feitas,
nenhuma resposta foi ouvida.
Silêncio, silencioso,
silêncio.
E mesmo ao meio de milhares de pessoas,
vazias.
Não se pode ouvir mais nada.

Boiando no mar da existência,
onde não se ouve,
onde não se ama,
onde não se vive.
E a água com paciência, afoga.

Cada minuto a mais,
é um minuto a menos.
Tudo que se inicia está fadado a cessar.
E esse é o fim,
o fim do mim.

NOTA:
Petrichor é o nome dado ao cheiro que a chuva provoca ao cair em solo seco.

(Gabriel Schleder é estudante do Ensino Médio da EENAV, do Passo Fundo/RS.)



Indiferença às diferenças

VILMA CONFORTIN SCHERER

Ouvi nesta semana (12/04/2014), a expressão que intitula este texto, e digo que não prestei atenção ao que a ele se seguiu, pois esta afirmativa fez-me desviar o foco da conversa.

Indiferença é a negação da diferença. É um entrave muito sério a uma vivência fraterna e amigável.

E pensar que não há duas pessoas iguais, que somos únicos.

Por vezes parecemo-nos fisicamente com alguém, num todo, mas cada parte do físico comparado ao do outro, é desigual. Isto em comparar os dons, aptidões, temperamento, desempenho dos sentidos, da fala, da memória...

E é nesta desigualdade toda, que reside a beleza da vida.

Se em alguns aspectos temos direito à igualdade, em outros temos o mesmo direito de sermos diferentes.

Lutamos pela busca da igualdade, ao mesmo tempo que reivindicamos o direito às diferenças.

Contudo, se temos o direito de reclamar igualdades e diferenças, o mesmo não ocorre com as capacidades e dons existentes e desenvolvidos em cada um.

É a estas diferenças que não se pode ficar indiferente.

Deve-se respeitar todas as pessoas, suas capacidades e a forma de elas externarem seus dons, suas maneiras de ser e agir.

Elas, as pessoas melhor dotadas, com maiores oportunidades na vida, com mais visão, mais desenvoltura, não podem menosprezar as pessoas que, com ou sem culpa, não desenvolveram suas aptidões tanto quanto aquelas, e serem por isso, deixadas à margem.

Acontece, no entanto, com certa frequência e facilidade, de haver atos discriminatórios e as pessoas sentirem esta rejeição.

O egoísmo, as injustiças sociais, o grau de instrução, raça, cor, posição social e até a religião por vezes criam abismo intransponível entre os humanos.

No mundo, somos iguais e diferentes, mas não temos o direito de sermos indiferentes. Indiferentes às diferenças.

A indiferença é o instrumento dos fracos unida ao medo da vida, que a todo instante nos coloca frente à decisões e envoltimentos.

A indiferença mata sem matar e é uma cruel agressão. O fator diferença anda com uma percentagem bem elevada em todos os meios sociais. Dificilmente

alguém poderá afirmar que não discrimina ninguém, que aceita integralmente a todos com sua carga diferencial.

Encontrei na edição Especial da Revista Época, n. 826, de março de 2014, uma afirmativa de Giorgiana Guinle, que diz de seu pai Jorginho Guinle, o playboy mais famoso do Brasil: “Ele nunca diferenciava as pessoas. Tratava os garçons e as celebridades de maneira igual. Não tinha inimigos, só invejosos.”

Este tema “Diferenças e Indiferenças”, complexo e de difícil prática e vivência, mereceria um estudo aprofundado já que constitui o dia-a-dia de nossa vivência em todos os setores da sociedade.

Sobre o assunto, o grande estadista e imortal Rui Barbosa nos deixa praticamente um quebra-cabeça ao dizer:

“A regra da igualdade não consiste senão, em quinhonar desigualmente aos desiguais, na medida em que se igualam. Nessa desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade. Tratar com desigualdade a iguais, ou a desiguais com igualdade, seria desigualdade flagrante e não igualdade real.”

(Vilma Confortin Scherer – 75 anos é aluna da “Oficina da palavra”, Departamento Cultural do CRJ.)

Verbo Ser



MARIA THERESA S. SFOGGIA

O início do curso universitário era todo um vislumbrar de sonhos. Embevecia-se a cada palavra do professor. O estudo da Filosofia a fascinava. Filosofia Oriental. Num estado de encantamento, o corpo todo eletrizado pelo choque do novo, mascarava a sua ambivalência. Moça do interior, a cidade grande a aturdiu. Sentia-se numa Torre de Babel. Na sua dificuldade de adaptação, refugiava-se - subia as montanhas do Tibet. Extraía do ar os elementos necessários à sobrevivência. Não desceria ... Em terra, esperava-a a “terrível festa dos bichos...” Felizmente, os veteranos se desentenderam. A festa fora suspensa, temporariamente. E quando acontecesse... Ausência - esta palavra cabia como uma luva na sua insegurança. Menina mimada, não aprendera a lutar. A fortuna do pai, herdada, diluíra-se como açúcar na água. E ela?! - Soprada pela brisa das montanhas tibetanas,

não se diluía. Pesava. A cabeça era uma massa de chumbo. A angústia descolore, imobiliza. Sofria. Sua imobilidade estéril impedia-a de dinamizar o óbvio, o necessário. Os dias passavam. O seu desespero, somatizado numa gripe, livrou-a do trote dos veteranos. Um acaso deu um rumo produtivo ao seu currículo estudantil. Tomou-se amiga de um professor, que a encaminhou a uma terapia de apoio. Na algazarra dos grupos de estudo, sua simpatia serviu-lhe de ponte. Impunha-se pelo bom nível de raciocínio verbal, pela habilidade em suscitar consenso. Progrediu. Diplomou-se. Ao ser nomeada para o interior - cidade desconhecida e pequena -, ouviu da professora que a instruiu para a assunção do cargo: “estás sendo nomeada para terra de gente não muito culta, mas de muito dinheiro ... Quem sabe você encontra um pretendente ... “

Casou. No magistério deu-se bem. Vieram os filhos. E os criou numa confluência de fraldas e livros. A escola a absorvia. Os filhos a absorviam. Omitiu-se em relação a si mesma. Aposentou-

-se. A casa , um espaço vazio. Abre um armário. Dentro, um par de luvas, um capacete. Um motor de moto dá o arranque... aciona lágrimas... Os filhos se foram. Recua no tempo e integra-se na sua última certeza: “tudo é maia, ilusão ... tudo passa.”

Não se evade para o Tibet. É forte. Monologa: “as mulheres da minha geração têm suporte melhor estruturado; dispõem-se a um reavaliar mais lógico - de si mesmas, do homem, do mundo.”

Senta-se na terra, à beira de um rio. Pensa: a água é uma força cega - carregando, polindo, impulsionando. Como a vida. No fundo, há o leito. Este permanece. Ela permanece. Há dentro de si, um potencial de vida não realizado. Ela o realizará, independente das águas que passaram. Consegue emergir. Permanece como o leito do rio - no mesmo lugar’. Fiel a si mesma. Não desintegra a sua identidade. Continua sendo. É. A partir de agora, capaz de administrar com produtividade a sua solidão.



J. L. Borges e a Filosofia

GILBERTO R. CUNHA

Quer seja a leitura dos textos de Jorge Luis Borges a partir de uma perspectiva filosófica ou a busca de indícios de filosofia na obra do escritor argentino, a questão que se impõe é uma só: afinal, J. L. Borges pode ser considerado um filósofo? E a resposta: não, indubitavelmente NÃO. E pouco importa que Borges tenha feito uso de sistemas filosóficos para fins literários e estéticos à exaustão ou que gente como Derrida, Foucault e Deleuze, por exemplo, tenham lido a sua obra com interesse, além do meramente literário, também filosófico.

O profissional da filosofia usa e abusa da argumentação e da prova no exercício do seu ofício. Jorge Luis Borges, de certa forma, na criação de suas peças literárias singulares, também faz isso com maestria ao utilizar, de modo displicente (aparentemente displicente, mas intencional de fato), conceitos filosóficos para justificar afirmações, promover demonstrações e, por sua vez, dependendo do caso, também refutar demonstrações. Em jogos de criação literária que beiram à perfeição, dá-se ao luxo, não raras vezes, a uma liberdade que é vedada ao filósofo profissional: a liberdade de contradizer-se. E isso, por si só, bastaria para excluir Borges da categoria dos filósofos e mantê-lo onde ocupa lugar de destaque, que é no

panteão dos escritores canônicos.

Jorge Luis Borges foi leitor de Schopenhauer e de Nietzsche. Sobre o primeiro disse que, se tivesses de escolher um único filósofo, designaria Schopenhauer, e que poucas coisas lhe eram mais dignas de lembranças que o pensamento do filósofo alemão, autor de “O mundo como vontade e representação”. Quanto a Nietzsche, Borges, a quem, ironicamente, chegou a referir-se como “Friedrich Zaratustra”, foi o leitor qualificado que a obra do ilustre pensador alemão sempre exigiu (ler Nietzsche é, antes de tudo, uma arte; frizou Thomas Mann).

No epílogo de “Otras inquisiciones”, datado de 25 de junho de 1952, Jorge Luis Borges foi taxativo ao afirmar que lhe agradam as ideias religiosas e filosóficas pelo seu valor estético e pelo que contemplam de singular e maravilhoso. Eis mais um argumento para não incluí-lo na categoria de filósofo. De forma sarcástica, referiu-se à filosofia e à teologia como duas espécies de literatura fantástica. Mas, sem qualquer margem de dúvida, Borges foi um escritor genial que, usando doutrinas metafísicas, por meio de abstrações personalíssimas, deu vida imaginativa a proposições filosóficas sofisticadas, buscando sempre extrair delas as nuances estéticas possíveis.

Em “Pierre Menard, autor del Quijote”, J. L. Borges ao comparar a célebre passagem escrita por Cervantes, no século 17, “(...) la verdad, cuya madre es

la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.”, com a produzida por Menard, 300 anos depois, “(...) la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.”, e insistir que esses textos, apesar de literalmente idênticos são também diferentes, pode deixar perplexo o leitor menos atento. E, de fato, esses textos são diferentes. Totalmente diferentes! Percebe? São diferentes porque há um universo simbólico, que rodeia Cervantes e Menard, separados por três séculos. O texto de Cervantes realça um mero elogio retórico da história. E o de Menard termina destacando o pragmatismo do porvir. Não há textos idênticos, pois a recontextualização torna a repetição diferente. O contexto, nesse caso, faz toda a diferença entre Cervantes e Menard. Frise-se que Pierre Menard, no conto de Borges, não quis escrever outro Quixote, mas sim o próprio Quixote, a partir da sua experiência de vida. Algo que lembra Heidegger e a destruição (desmonte) da história da ontologia. Quer saber mais sobre o assunto? Então leia o livro do Edgardo Gutiérrez: “Borges y los senderos de la filosofía” (Buenos Aires: Las Cuarenta, 152 p., 2009).

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Carne de pescoço

Há tempo tenho por vício
Carregar papel e caneta,
Escrevo e componho músicas
Que agrada a “branca e a preta”,
Mas até hoje não tive a sorte
De acertar nessa roleta...

No violão eu desempenho
Uso bem corda e palheta,
Pura poesia é meu verso
Desafio a quem se meta...
Problema é encontrar palco
Pra velho sem silhueta...
Nessa hora o que mais vale
É coxa, bum-bum e curva... eta...
Ou ser um garoto lindinho
E resmungar coisa sem letra...
Outros nem chorar não choram
E vivem de boca na teta...

Há quem faz qualquer besteira
Já explode mais que espoleta...
Pra mim só surge atoleiro
Pra atolar minha carreta...
Pois aqui o sino se cala
E sobra chance pra sineta...

Pois não fumo certas coisas
Que bem no fim é fumeta,
E também não cheiro outras
Prá não virar num xereta...
Não sou quem parece rico
Mas sem grana na gaveta...

Envelheci vivendo aqui
Aguentando tudo no osso,
Já andei o maior trecho
Logo ali é o fim do poço,
E paguei por filé mignon
Mas só vem carne de pescoço...

Não venham sentar em mim
Pensando que sou banquetta,
Ser corno é ter guampas
E instrumento é a corneta,
Vaca tem de vários tipos
Barrosa, malhada e preta...

Não penso “que sou o cara”
Pra não virar num careta,
Tem gente que é só um xulo
Mas xulo não é chuleta,
A picanha é bem mais nobre
Outra coisa é picareta...
Uma serve pra alimento
A outra pra abrir valeta,
Vale também pra pessoa
Que não merece etiqueta...

Envelheci vivendo aqui
Aguentando tudo no osso,
Já andei o maior trecho
Logo ali é o fim do poço,
E paguei por filé mignon
Mas só vem carne de pescoço...

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, Pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 3045-3137.)

UPF - Sessão Solene de Inauguração do Curso de Doutorado em Letras

TANIA RÖSING

Excelentíssimo Senhor, Prof. José Carlos Carles de Souza, Reitor da Universidade de Passo Fundo, Excelentíssimo Senhor Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Dr. Leonardo Barcellos, Ilustríssima Senhora Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Dr. Rosani Sgary Sgslavisky, Ilustríssimo Coordenador da Área de linguísticas e Letras da Capes, Prof. Dr. Demerval da Hora Oliveira, Ilustríssimo Senhor Presidente da Anpoll, Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, Caro professor e pesquisador da UERJ, escritor Dr. Flávio Carneiro, Cara colega coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Prof. Dra. Fabiane Verardi Burlamaque, demais colegas do Programa presentes, distintos professores pesquisadores convidados para este momento, senhores e senhoras convidados para este importante momento acadêmico, caríssimos alunos e ex-alunos que prestigiam este importante momento da história do nosso Curso de Letras da UPF.

Recebi a feliz incumbência de falar, neste momento, em nome dos professores que constituem o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, exatamente no momento em que inauguramos o Curso de Doutorado em Letras. Talvez os senhores não consigam imaginar a emoção que sinto. Atuando nesta Universidade como professora há 43 anos, além dos 4 anos em que cursei a Graduação em Letras, posso afirmar que dos 66 anos de minha vida, a maior parte de 47 anos foram usados a serviço desta instituição. Esta constatação me faz mais feliz, ao mesmo tempo que continua a se constituir num desafio.

É preciso enfatizar, neste momento inicial, que esta celebração não começa no dia de hoje. Com o trabalho sério e criativo de colegas de diferentes gerações, com a confiança de muitos grupos de alunos, chegamos ao Doutorado realizando ações com foco interdisciplinar na formação de leitores. Entre tantos professores que atuaram no Curso de Letras, referimos o nome do Prof. Dr. Juan Pedro Ottenstein, imigrante que escolheu nossa universidade para exercer o magistério superior com foco interdisciplinar durante muitos anos,

que merece ser citado representando todos os professores que, em diferentes décadas, não mediram esforços para realizar um trabalho digno, competente, profissional, neste curso, atendendo às peculiaridades e os desafios do ensino superior, propiciando a caminhada crescente desenvolvida pelo Curso de Letras. Ottenstein já exercitava a interdisciplinaridade, aproximando o ensino de línguas e a música. Precisamos reconhecer que as conquistas de agora foram iniciadas há vários anos, há várias décadas, com o sonho de muitos, com o esforço e o trabalho de muitos. Nenhuma história se faz somente com o presente. Há que se lembrar e valorizar todos os passos dados, todas as etapas realizadas, todas as conquistas feitas coletivamente por meio do ensino, da pesquisa e da extensão na área de Letras.

Sim, chegamos ao Doutorado. Que fazer? Permitam-me que faça algumas sugestões. O primeiro olhar devemos dirigir para o interior de nossa universidade. Faz-se necessário observar os passos dados pelos professores do primeiro curso de mestrado e de doutorado da UPF – da Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. Para os demais programas também. Acertos, dificuldades, inadequações, parcerias, otimização de recursos precisam ser observados para cortarmos caminho, inspirando-nos nas conquistas desses programas. Devemos, também, aprender com os programas de pós-graduação na área de Letras do estado do Rio Grande do Sul – na UFRGS, na PUC. Alargando nosso olhar, faz-se necessário que observemos a caminhada feita por programas de pós-graduação na área de Letras em universidades do centro do país como o da USP, da UNICAMP, da UFRJ, UERJ entre tantos outros cujas trajetórias também são crescentes e inspiradoras de conquistas acadêmicas no ensino, na pesquisa e na extensão.



Estamos convictos de que alcançamos graus mais elevados de maturidade no programa de mestrado que merece ser ampliada, conquistando outros níveis por meio do doutorado. Nenhum programa de pós-graduação atinge seus objetivos se não desenvolver com os alunos pesquisas capazes de construir novos conhecimentos na área, inovando a área, provocando transformações no ensino superior e nos demais níveis de ensino promovidos nas escolas de ensino fundamental e médio

sem deixar de valorizar o trabalho de cooperação entre as áreas, portanto, numa perspectiva inter, multi e transdisciplinar no ensino de línguas e de literatura.

Temos o desafio de qualificar alunos, professores que possam se destacar no mercado de trabalho, promovendo mudanças significativas na área.

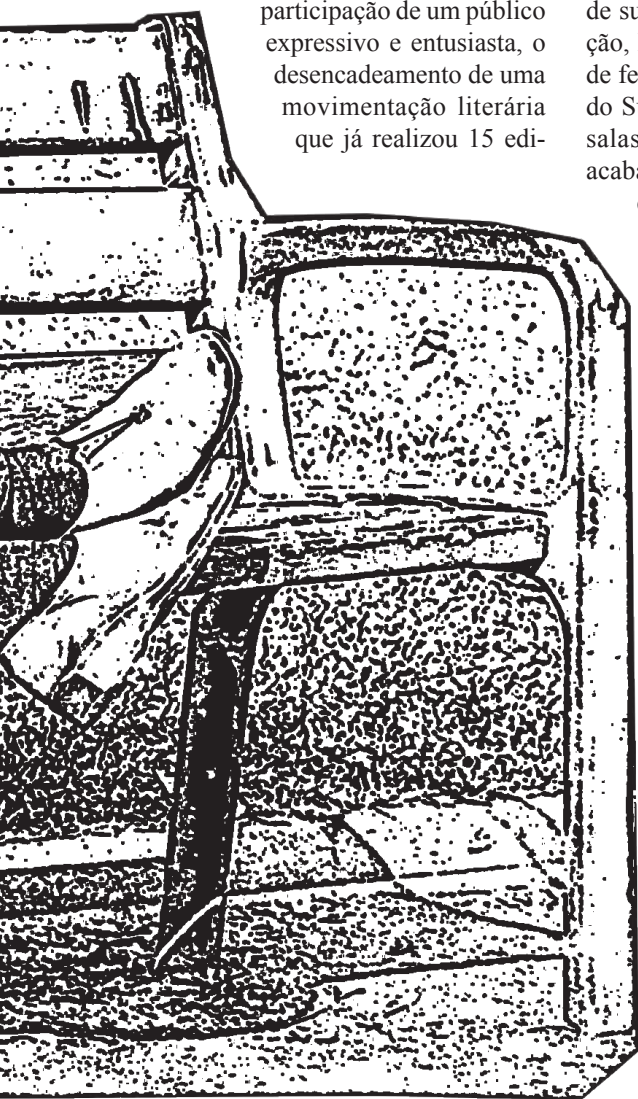
Qual é a garantia que temos a oferecer? Nossa trajetória. Peço-lhes licença para lembrar de atividades importantes realizadas pelo Curso de Letras ao longo de sua história. De forma precursora, foram realizados cursos de férias na UPF para formar professores em diferentes

licenciaturas. Letras foi fortemente frequentada por professores de diferentes estados brasileiros que buscavam sua formação de forma intensiva e na modalidade curso de férias. Experiência rica com destaque ao interesse desses alunos-professores, realmente desejosos de desenvolver uma formação sólida.

Já preocupados com a necessidade de formar leitores, na segunda metade da década de 1970, o acervo de literatura infantil e juvenil existente na Biblioteca Central era levado, aos sábados, para as praças, para os pátios de escolas públicas, com o objetivo de propiciar a aproximação de crianças, pré-adolescentes, adolescentes de livros literários. Era uma forma de estimular a leitura de textos qualificados, buscando despertar o gosto pela leitura, o desejo de se envolver com mais e mais livros, com outros autores. Era uma forma de atingir meninos de rua, pré-adolescentes



que vendiam produtos na rua entre tantos outros curiosos. Iniciaram-se os convites para escritores ministrarem conferências para professores sobre a importância da leitura, sem deixar de lado os encontros com o público infantil e juvenil para estimulá-los a se envolverem com leitura literária. Campanhas nas escolas, rifas cujo resultado era aplicado na aquisição de livros literários. Em 1981, foi realizada a primeira Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura. Nove escritores gaúchos entre os quais Josué Guimarães, nosso grande incentivador, Mário Quintana, Cyro Martins, Carlos Nejar, Armindo Trevisan, Sérgio Capparelli se fizeram presentes aqui, acreditando na metodologia da leitura antecipada de obras dos autores convidados, para fortalecer o diálogo com os leitores. Essa que seria a única Jornada, provocou, com o estímulo e a mediação de Josué Guimarães, com a participação de um público expressivo e entusiasta, o desencadeamento de uma movimentação literária que já realizou 15 edi-



ções nacionais, durante 33 anos, com a presença, em toda essa trajetória, de 1022 escritores e pesquisadores além de artistas. Em 1982, foi realizado na UPF o primeiro Seminário Regional do COLE da Unicamp, promovendo o deslocamento de pesquisadores do centro do país para o grande encontro com professores de língua materna, línguas estrangeiras e literatura desejosos de participar de um processo de formação contínua. A partir de 1984, nossa universidade participou do grupo inicial responsável pela organização do modelo de curso preparatório para professores de escolas brasileiras com a incumbência de receber acervos literários distribuídos pelo Programa da FAE-MEC (Fundação de Apoio ao Estudante) intitulado Salas de Leitura. Aqui, contribuimos com a criação e organização de 1127 salas de leitura na região de abrangência da UPF. Estas mesmas salas, quando da gestão do governador Alceu Collares tiveram de sua Secretária de Estado da Educação, Prof. Neusa Canabarro, a decisão de fechar todas as salas do Rio Grande do Sul. Determinou o fechamento das salas de leitura, mas não conseguiu acabar com os leitores, muito menos com a nossa determinação em formar leitores. Paralelamente ao Programa Salas de Leitura, o Curso de Letras da UPF passou a integrar o projeto Encontro Marcado, patrocinado pela IBM-Brasil, quando tivemos a honra da presença de escritores como Ferreira Gullar, Rubem Braga, Ignácio de Loyola Brandão, Thiago de Mello, Oswaldo França Júnior, Fernando Gabeira, entre tantos outros. As Jornadas continuavam sua trajetória, foram se alargando em cursos, seminários, simpósios, encontros... O Programa Salas de Leitura, que propiciou a criação de uma sala no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, transformou-se no Centro de Referência de Literatura e Mídias, em funcionamento de segunda à sexta nos três turnos e, aos sábados, pela manhã e tarde há dezessete anos, em espaço contíguo à Biblioteca Central.

Espécie de laboratório dos cursos de graduação e de pós-graduação de

Letras reúne monitores de diferentes áreas do ensino, professores, oferecendo à comunidade escolar e acadêmica práticas leitoras multimídiais permanentemente, registradas em publicações e divulgadas em eventos científicos além de outros espaços acadêmicos. Como desdobramento do Centro, em parceria com a UPFTV, foi criado o programa televisivo Mundo da Leitura, no ar há 10 anos, sendo apresentado 4 vezes por semana no Canal Futura em parceria com a UPFTV. É o programa infantil de maior recall do Canal Futura, feito por profissionais do Mundo da Leitura e da UPFTV, roteirizado por docente do programa de pós-graduação, apresentando um retorno mensal de mais de 3000 e-mails enviados pelos telespectadores. Devemos lembrar a importante participação da UPF no PROLER, projeto de leitura inovador liderado pela Fundação Biblioteca Nacional iniciado nos anos 90, quando realizamos três módulos de formação de professores leitores com uma participação ímpar de, aproximadamente 2000 professores, ampliando nossas relações com o povo da leitura e o conceito de leitura, incluindo mais verticalmente, o envolvimento com manifestações culturais e artísticas. Das Jornadas Literárias, em 2001, surgiram as Jornadinhas, destinadas ao público infantil e juvenil, movimentação cultural que prepara crianças, pré-adolescentes e adolescentes com a leitura de textos literários, para receber e dialogar com escritores que destinam suas obras para essas faixas etárias. Essa ação com público infantil e juvenil tem rendido produção científica importante, além de inspirar ações semelhantes no Brasil e na América Latina.

A trajetória exitosa das Jornadas Literárias rendeu a Passo Fundo, por força de lei estadual e federal, o título de Capital Estadual e Nacional da Literatura. Esse título provocou não apenas a construção de marcos arquitetônicos na cidade que referem esse título – largos da literatura, árvore das letras, túneis das letras divulgando obras da literatura universal, brasileira, infantil e juvenil, de escritores locais, humorísticas, gaúchas - e o significado do mesmo, mas também o surgimento do Projeto Livro do Mês em funcionamento permanente desde 2006. Trouxe a Passo Fundo, em parceria com editoras, com a Prefeitura Municipal, a Coordenadora Regional de Educação e escolas particulares, 57 escritores até o mês de abril de 2014,

estando previstos 5 até o final do corrente ano. O diálogo que precede a vinda dos escritores, quando da leitura e da discussão das obras selecionadas para cada mês são um estímulo à formação de mais leitores num país de raros leitores. Todas essas ações foram alvo de atividades integradas de ensino, de pesquisa, de extensão, promovendo um número significativo de publicações científicas.

Foram realizadas 8 edições do Seminários de Ensino de Língua Estrangeira, 4 edições do Seminário do Ensino de Língua Materna, 5 edições do Seminário Nacional de Língua e de Literatura, ampliando as reflexões sobre o ensino de língua e de literatura em diferentes níveis.

Professores do Curso de Letras dispuseram-se há, aproximadamente, 20 anos, a contribuir com docentes de outras unidades acadêmicas da UPF, revisando textos científicos a serem apresentados em seminários, congressos, simpósios, artigos a serem publicados, atividade que se ampliou e se transformou na Editora da Universidade de Passo Fundo.

Abrigamos o Acervo Literário Josué Guimarães, segmento importante do Programa de Pós-Graduação em Letras, que tem oportunizado a alunos da graduação e da pós-graduação em Letras vivências com relíquias de acervos, bem como a realização de trabalhos acadêmicos sobre a obra de Josué Guimarães, já mencionado como o escritor que efetivamente apoiou a realização das Jornadas Literárias.

Temos doutorado. Não podemos trabalhar sem parcerias importantes. Temos tido a contribuição significativa da Capes, do CNPq, do FNDE, da Fapergs, de editoras, de empresas públicas e privadas, das Leis de Incentivo à Cultura—Rouanet, LIC-Estadual, envolvendo os ministérios da Educação, da Cultura, de Ciência e Tecnologia, Secretarias de Estado de Ciência e Tecnologia, de Educação, de Cultura, do Turismo as quais contribuem para a viabilização de tantos projetos e programas. A participação da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, por meio das secretarias de Educação, da Cultura e Turismo, tem sido preciosa na realização de atividades capazes de provocar mudanças significativas na área da leitura em nossa cidade e na região de abrangência da Universidade de Passo Fundo. Pertencemos a uma Red Internacional de Universidades Lectoras com sede na Universidade de Extremadura, Badajoz, Espanha.

Temos doutorado. Estamos tratando da oportunidade de construção de conhecimentos mais profundos a partir de investigações significativas. Estamos conscientes de que nosso programa precisa ampliar ainda mais sua inserção social, promovendo um maior impacto educacional. Precisamos preparar recursos humanos capazes de provocar transformações na escola, na sociedade. Precisamos realizar a titulação de egressos com perfil docente pesquisador e com capacidade de transformar a educação do país desde a educação básica até a universidade. No impacto educacional que já temos provocado e que pretendemos continuar a fazê-lo, encontra-se a formação de recursos humanos com a competência para realizar a gestão pública e privada, com o compromisso de diminuir a dívida social do país. Por sermos área de Letras, não estamos descompromissados da realização de impacto tecnológico e econômico: devemos contribuir efetivamente para o desenvolvimento loco-regional, estadual e nacional.

Temos de reiterar nosso compromisso com a transformação da realidade do ensino de língua e de literatura no contexto da transformação da realidade como um todo no momento em que se fala da geração 3.0 em desenvolvimento no setor empresarial nacional e internacional.

Estamos falando do programa de pós-graduação. Temos mestrado. Temos doutorado. Qual é o nosso compromisso com a graduação? Nosso trabalho precisa qualificar a graduação. Se nosso trabalho na pós-graduação for realmente qualificado, teremos uma graduação forte, capaz de promover transformação na área.

Precisamos ampliar os projetos de cooperação acadêmica em diferentes níveis, local, regional, estadual, nacional. Precisamos buscar uma interlocução com outras áreas, estimulando as práticas interdisciplinares. Precisamos vivenciar mais fortemente o processo de internacionalização, aproveitando a oportunidade que o doutorado oferece de mobilidade acadêmica docente e discente por meio do doutorado sanduíche.

Na tentativa de finalizar este pronunciamento em nome dos colegas do programa de pós-graduação em Letras, desejamos agradecer o apoio da Capes, decisivo na abertura deste doutorado ao mesmo tempo desafiador de realizações realmente importantes nas mudanças do ensino e da aprendizagem na área

de Letras. Desejamos, também, agradecer o entusiasmo da ANPOLL nos avanços das pesquisas na área. Desejamos agradecer o apoio da reitoria, em especial da Vice-reitoria de pesquisa e pós-graduação para que tivéssemos os recursos necessários e a oportunidade de oferecer um doutorado em Letras, ampliando as condições do fazer universitário que abrange a graduação e a pós-graduação, atingindo o doutorado. Também merecem nosso agradecimento colegas de outros programas da UPF que nos estimularam nesta caminhada.

Nosso especial agradecimento aos alunos da graduação, de cursos de especialização, do mestrado e, agora, aos futuros alunos do doutorado que buscaram na UPF o lugar para a sua titulação embasada numa formação qualificada, transformadora, criativa, inovadora.

Nosso agradecimento se estende ainda aos funcionários do programa de pós-graduação, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, do Mundo da Leitura, do Setor das Jornadas Literárias, das divisões de pesquisa e pós-graduação da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

Desenvolvemos uma caminhada árdua, mas exitosa. Precisamos avançar com passos mais seguros, com inovação, com comprometimento social, com desempenho acadêmico muito mais qualificado.

Finalizo me apropriando de algumas palavras proferidas por Edgar Morin como meditação, registradas em seu livro X da Questão: o sujeito à flor da pele:

Temos doutorado. “(...) tudo é evidente. O essencial, para mim, é não me sentir fechado, bloqueado, é sentir-me polivalente, poder participar de tudo. Seria necessário que, ao final desta meditação, eu tivesse tecido os elos que necessariamente unissem todos os meus raios, que eu encontrasse o centro de onde parte a aranha de caneta que tece sua teia em todos os pontos cardeais.” (2003, p.39)

(Pronunciamento da Profa. Dra. Tania Rösing, em nome do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, proferido na sessão solene de inauguração do Curso de Doutorado em Letras da UPF, em 25/05/2014.)

A Poesia

Aonde está a tal felicidade?
Será em alguma rua desta cidade?
Devo continuar tentando procurar?
Ou deixar ela me encontrar?

Procurei felicidade
E encontrei ansiedade
Com um papel e uma caneta
Escrevo minhas verdades
Tenho encontrado na poesia
A forma para não me tornar mais fria

E a cada palavra se descreve
Um fardo cai e você se vê mais leve
A poesia é como uma terapia
Que te acalma e te guia
Ou como uma droga que te vicia

A poesia te acalma
Por tirar o que te passa na alma
Com ela você fica à vontade
Talvez seja ela o início do longo caminho
para a felicidade.

Escuridão

Eu sou escuridão
Você é a luz
Eu perto
Você me conduz

Eu sou o fogo
Você é a água
Eu lhe tiro o sono
Você me tira a magoa

Eu sou o sol
Você é a lua
Eu em tristeza me afundo
Você em alegria flutua

Somos tão diferentes
Mas nós dois
Somos tão dependentes
Você pensa muito no agora
E eu no depois.

Confusão

Um dia você me ama
No outro me odeia
Num minuto você me afasta
No outro me rodeia

Um dia você me abraço
No outro me empurra
Num minuto acha graça
No outro se emburra

Um dia você me dá carinho
No outro me deixa sozinho
Num minuto quer ficar por perto
No outro seguir diferente caminho

E é sempre assim
Confusão que não tem fim
Mas prefiro viver confusa
Do que sem você por perto de mim.

Próxima conquista: Conversar

TÂNIA DU BOIS

Conversar é, sem dúvida, um exercício sem rótulos e com liberdade no sentido amplo da palavra. É falar sobre coisas que fazem parte do universo de alguém que recria o mundo ao suprir a “necessidade” de determinado tipo de expressão. Neste sentido, exige investimento de tempo e atenção; e o tempo é sempre o dono da possível dinâmica da conversação.

A conversa tem por característica a forma simples de expressar a opinião sobre determinado assunto, desde que a verdade esteja exposta junto com o conhecimento. Leandro Gomes de Barros diz, “Se eu conversasse com Deus / Iria lhe perguntar: /... Quem foi temperar o choro / É acabou salgando o pranto?”

Observo que as pessoas reclamam não ter mais tempo para conversar. As

como mostram os poetas: Filomena, em *Conversa com Deus*; Welton Santos, em *Conversa entre o amor e a amizade*; Sidônio Muralha, em *Conversa de Tatus*; Zé Laurentino, em *Conversa de Passageiro* e Basilina Pereira, em *Conversa com o Mar*.

Sonhamos com a liberdade que até esquecemos como evitar as armadilhas, como por exemplo, quando é para conversar, ficamos calados; quando é para ouvir, conversamos. Isso ocorre em palestras, teatro, cinema e saraus poéticos. É intrigante, pois são momentos únicos e o tanto de conversas paralelas é assustador, parecendo *Conversa de Hospício*, “Conversemos então, mas sobre o quê? / O não e o nada, puxa vida! / Nada mais simples de dizer, do que sim por eles; / Contudo; / Sem mais para dizer, afirmo...” ou *Conversa sem Fim*, de Silvania Amaral, “... Meu lugar não sei onde fica / Onde estou? / Somente

definirmos o rumo na vida. O diálogo entre amigos flui e colore a vida, onde as histórias e os resultados são apreciados por todos e, assim, esquecemos a ideia de que é preciso passar horas olhando através da vidraça; T.S.Eliot em *Conversa Galante* divaga conversando com a Lua.

Somos responsáveis pela condução da conversa e, muitas vezes, expressamos termos, tempos e palavras erradas, deslocadas do contexto, dificultando o poder de dialogar e de entender o rumo da conversação.

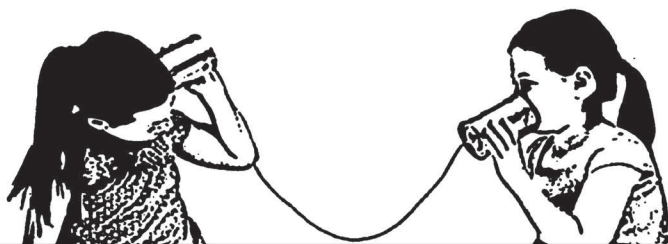
Conversar é dialogar ao entender o seu objetivo; o rumo que ela segue deve prender a nossa atenção. Mas, é necessário se policiar no que iremos dizer, pois a palavra - (mal)dita - que fere, também pode unir e transformar a vida das pessoas.

Quantas vezes, numa discussão, alguém chega perto e diz: “calma, é conversando que a gente se entende” e, como dizem os poetas, “um relacionamento feliz é uma conversa longa que sempre parece curta demais”. Quantas vezes, depois do encontro, na despedida, ouvimos, “a gente vai conversando”.

Então, questiono: quantos tipos de conversa encontramos pelo caminho? *Conversa afinada, afiada, fiada, rimada, pessoal, sentimental, temperada, virtual, banal, de bar e tantas outras*; para Zaymond Zarondy, “A poesia é uma forma de conversar com o mundo e com as pessoas. // Vamos conversar então?”

Conversar é arte ou manifestação filosófica? Se através do diálogo podemos dar e receber atenção dos amigos com argumento para desenvolver ou esclarecer um assunto, por razões diferentes, as pessoas procuram a felicidade; ao conversar com alguém fugir da solidão e do estresse, como refletido no livro *Prá início de Conversa*, poesias de Zaymond Zarondy.

Conversar é a conquista que estimula a alcançar o desejado e que faz nos sentirmos especialmente bem, ao desfrutarmos da companhia e das coisas simples, como lidar com a opinião oposta.



famílias não conseguem mais se encontrar nas refeições, onde havia diálogo para saber como foi o dia de cada um; as novidades, dúvidas e o apoio entre as partes. Vamos combinar: que saudades dos encontros acolhedores, até dos discursos vazios e das discussões sobre determinado assunto. Além de divertido, na maioria das vezes, podíamos mascarar o nervosismo e até a tensão, como em Carlos Drummond de Andrade, “... Há sempre / uma família na conversa //... A conversa o restaura e faz eterno”.

Nos dias de hoje é impossível abraçar tudo; na verdade, é difícil conciliar profissão com família, porque vivemos no “drama” do que chamo “tempo”. A flexibilidade dos horários nem sempre é uma opção, por que não escolhemos onde e como a podemos encaixar na rotina o quanto e quando queremos ou podemos conversar com os amigos.

A conversa descortina corações,

a certeza que não é aí. // *Conversa sem meio / Nem fim / Arco-íris sem cor...*”.

O essencial é preservar o momento em que a vontade causa sensação diferente, como quando a criança quer falar e o adulto não a escuta, então ela em dose extra de necessidade, grita: quero falar! HSerpa reflete, “Sem televisão / chama para uma conversa / Acende a nossa chama / Sem nos cegar...”. Particularmente no mundo cuja rotina exige tempo, que muitas vezes, perdemos em deslocamentos, é vital “multiplicar as horas” para mantermos o diálogo, como em Cláudia Liz, “Vem tomar um café comigo? / Nessa tarde ensolarada / Pra podermos conversar / Lembrar a adolescência / Nossos contos aventuras / Que faz bem ao coração...”.

Preservar momentos para conversar é importante, já que os interesses e os desejos do outro são fundamentais para vivermos em sociedade e, juntos,

(Tânia Du Bois, autora de *AUTÓPSIA DO INVISÍVEL*, de Balneário Camboriú/SC.)

Os irmãos Ribeiro da Luz

ODILON GARCEZ AYRES

Zeferino Ribeiro da Luz, o irmão mais velho, quando o conheci, Patrão do CTG Getúlio Vargas, era uma pessoa educada, ponderada e atenciosa, que dirigia a entidade num período muito triste, como já relatei, pois a sede estava em lenta construção, entretanto, o mesmo esbanjava simpatia e cultura, através do seu especial dom de “declamar”, uma poesia especial, bastava alguém pedir, e de pronto à declamava ao microfone ou no burburinho de um churrasco.

Além de ter dirigido o CTG com esmero e carinho, Zeferino, teve o mérito de autorizar e ajudar, para que o 1º Informativo Folclórico Gaúcho do CTG. Getúlio Vargas, (1975) fosse lançado, numa noite de gala, com um suculento churrasco, com a presença das mais altas autoridades de Passo Fundo.

Mais não sei, cada um seguiu sua jornada, além de que, sua bonita filha, Marli Ribeiro da Luz, ex- Primeira Prênda Getulista, casada com meu amigo e colega de Conceição, Celso Moraes Fernandes, perderam a vida, num acidente, ali na ponte, despediram-se como o rio Passo Fundo, que passa em nossas vidas, rápido e correntoso como chuva de verão.

Zeferino foi a Luz, Pedro o Luzeiro, não temos uma biografia completa do mais autêntico, controvertido, cômico e sarcástico Trovador, Repentista ou Versejador do Rio Grande do Sul. Cada um que o viu, ouviu ou privou de seu convívio, e foram milhares e milhares, em décadas, tem algo, uma faceta ou um caso para contar sobre este tropeiro, pedreiro, quase analfabeto, que regulava a voz com goles de canha chegando ao fim do dia ou da noite, de crista inchada e vermelha, tal calcuta na rinha, (como dizia Jaime Caetano Braum), contrastando com sua tez indiatca, mas ninguém contesta, tinha o “Dom de Deus” que só os imortais possuem.

Eu não estava lá, mas me contaram, e eu tento reproduzir, que no 1º Rodeio de Lages, chovia muito, e a peonada do Getúlio, ficou confinada às barracas, emprestadas pelo Exército, amplas e



Trovador Pedro Ribeiro da Luz, Comissão Julgadora, Adelar Bertussi, Itajaíba Matana, Cleber Mércio e, no microfone, Peão de Ouro

confortáveis, tal qual peneira, mas, no outro dia tinha o concurso de Trovas, e os meus compadres Eurli Grando e José Ênio Serafini, atinaram que o Pedro não sabia ler, só assinava o nome por extenso, e que o tema da trova era a formação de Lages, então, conseguiram um livro, e na barraca, à noite, gotejando, o leram para que o nosso representante subisse ao palco sabendo do que se tratava.

Os peões do CTG. Getúlio Vargas, já tinham levantado a taça de cinco primeiros lugares, em chula, gaita, declamação, danças, e até tiro ao alvo com revólver 38, cujo campeão foi o Dr. Plínio Moura, (pioneiro do Festival Gaúcho do Cimo da Serra) e ai veio a decepção que ninguém, esperava, pois o representante de Lages, intitulado de “Peão de Ouro”, que nem se classificara em Vacaria, onde o Pedro fora Campeão, foi aclamado pela Comissão Julgadora como Campeão de Trovas do 1º Rodeio de Lages.

Se taparam de nojo, resmungaram, reclamaram, contestaram, vaiaram, mas não adiantou nada, a comissão Julgadora era “luzidia”, mais que “Pedro Ribeiro da Luz”, o luzeiro das trovas, que analfabeto, tinha dado um banho de História no Peão de Ouro, de cujus não se sabe o nome, levou uma surra, laço e canzil, do Tri Campeão do Rodeio Internacional de Vacaria e alhures, o Maior Trovador que Rio Grande do Sul, já conheceu!

Felizmente, as fotos que ilustram estes fatos, resgatadas, são testemunhas mudas, que falam por si!

In memoriam dos citados que já se foram, e do cronista Getúlio Dutra, e do Patrão Campeiro, Nery Fauth.

Em tempo: Resgate de dois versos reproduzidos em depoimento por Matheus Vieira Leite, em 20.10.2008, que fora vizinho e amigo de Pedro Ribeiro da Luz:

Vacaria – Rodeio Internacional – sábado – janeiro – meio dia – Pedro Ribeiro da Luz já estava alto – Às 15 h no tablado – Concurso de Trovas – 1º verso do Pedro:

Boa noite plateia amiga,
Voltei cantar novamente,
E por falar em boa noite,
Já reflito na minha mente,
Sou louco por dar boa noite,
Com o sol rachando de quente!

O Trovador Luiz Muller (cego de nascença) e Pedro Ribeiro da Luz – O primeiro chama-o de esmoleiro (por estar mal arrumado), e pedreiro (sua profissão), eis a resposta do Campeão do Rio Grande:

Tu me chamas de pedreiro,
E na profissão eu me apego,
A medicina está avançada,
Estão curando até cego,
Mas duvido que eles curem,
trovador depois que eu pego!

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O louco e a gaita

Levando em consideração a notícia que faleceu uma pessoa de frio, durante uma das nossas noites de clima próprio de inverno que se registra em Passo Fundo. O local onde isso aconteceu teria sido na praça principal de nossa cidade, a qual tem me gerado motivação para escrever poesias de diferentes fatos ali acontecidos. E também de diferentes circunstâncias a exemplo de uma que musiquei com o título “As Primaveras de Nossa Praça”, a qual tem um enredo bem romântico. E está fazendo parte do livro 150 MOMENTOS mais importantes da história de Passo Fundo editado pela Academia Passo-Fundense de Letras. A notícia atual tem uma conotação bem diferente do enredo do que lá documentei, pois o fato se caracteriza por um drama que levou alguém a perder a própria vida, isso me levou a uma reflexão semelhante à outra poesia que já estava elaborada e fazendo parte do meu repertório poético, que ultrapassa um número de mais de 1000 temas, cada uma com sua particularidade histórica e que tem como ambiente da ocorrência uma praça que não é em específico a Marechal Floriano e nem da pessoa lamentavelmente vitimada pela circunstância do efeito da temperatura.

Viveu na roça da safra só tinha meia
Mas desistiu por serem terras alheias,
Hoje nas ruas da cidade ele vagueia
Troepeia gado, serra lenha e gineteia,
A gurizada lhe ataca com chacota
“Louco sem sorte é a mãe filho da peia”...
Ele enfrenta enquanto só não é um forte
Pelo carisma alguém surge e lhe costeia,
Usa uma gaita que lhe ajuda na missão
Embora antiga ele toca e não floreia,
É companheira no combate a solidão
E na oração se tropeja e relampeia...
Tem voz de Santa, trilha pra Ave Maria
No Pai Nosso o contrabaixo cadencia,
Quem a conhece é recheada de harmonia
E no dia a dia não reclama e nem odeia...

Ele nas lidas do campo, cura, dá sal e carneia
Fica feliz quando alguém lhe escuta um pouco,
Teve família, mesa farta e Santa Ceia
E hoje vive do que sobra para um louco,
Recebe moedas e alguma roupa usada
Quando tem fome sempre restos de comida,
Mesmo levando uma vida sem ter nada
De gente humana sempre vem à sobre vida,
Dão-lhe carinho mesmo de forma velada
Joga sozinho pra manter essa torcida...

Mostra carinho pela sua gaita velha
Como o que tinha por outras coisas da vida,
Acaricia como esposa ou namorada
E faz de tudo pra mantê-la protegida,
Usa palavras que a mais fria das pessoas
Sente na pele como foram conseguidas,
Em altas horas e também na madrugada
Faz serenata pra cidade adormecida,
Com a certeza que ela esconde uma plateia
Que até lhe aplaude, mas assim às escondidas,
E o silêncio dá lugar ao som da gaita
E a cantiga de um poeta sem guarida...

Noite de inverno em pleno banco da praça
Fim da desgraça pra ele não mais clareia,
Chorou, cantou, discursou e fazia graça
E fez da gaita o que a aranha faz da teia,
Passou também, como qualquer objeto.
Que águas levam na enxurrada de uma cheia,
Morreu louqueando uma mensagem tão vasta
Ser louco basta circular sangue na veia,
Já vi sadios agindo pior do que loucos
Só por ganância se matarem na peleia...

E o conceito de loucura se difere
No fazendeiro, no gaiteiro e nos anseia,
Louco e poeta quase todo homem é
Porém, a fê Deus quem vê se é linda ou feia,
Ou um ditado falado na agricultura
A mesma semente depende de quem semeia,
Deixou a gaita como última comparsa
Mesmo sem alça já caiu em mão alheia,
Se não for louco com certeza não teremos
Mais serenata em noite de lua cheia,
Este gaiteiro não vai ter busto na praça
Mas orações, pois cantou a sua aldeia,
Esta história é homenagem a um mendigo
Dele o que digo é mensagem que passeia...
Ao pensar nisto fico sempre a meditar
E documentar me deixou de alma cheia...



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, Pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 3045-3137.)

Esquerda-Centro-Direita

GETULIO VARGAS ZAUZA

Há certos dias que sinto uma inclinação a refletir acerca do sentido das palavras. Procuo saber o significado original e os que foram tomando no decorrer do tempo e no contexto em que são aplicadas.

Hoje, dia 8 de maio de 2014 me ocorreu refletir sobre as três palavras acima: Esquerda-Centro-Direita. A primeira coisa que me ocorreu foi a posição e o nome dos braços e suas respectivas mãos de cada lado do corpo tendo no centro o coração. Pensei, a designação de esquerda e direita não tem lógica, ou então eu é que não a descobri. Se não se basearem numa realidade serão denominações convencionais, arbitrária, pois que no Universo não existem de fato.

Já em relação a em cima, em baixo, em frente e atrás as denominações tem uma referência. Visto que estamos sujeitos à força da gravidade e tempos os pés colados sobre a superfície do planeta, aquilo que se encontra sob nossos pés está em baixo, mas uma posição que realmente se define por si mesma é o centro, isto tanto na Geometria terrena quanto na cósmica. Por exemplo, nosso sistema solar tem como centro o Sol. Na nossa Geometria temos o ponto central que e equidistante de todos os pontos que formam a periferia no círculo. Já no aspecto anatômico temos no ser humano o coração colocado no centro do tórax.

Extrapolando o nosso tema para sabedoria oriental encontramos a expressão clássica “A virtude está no meio”. É como na balança que simboliza a justiça, em que o ponto de apoio dos braços se encontra no meio e os pratos devem estar com o mesmo peso em ambos o que é constatado pela posição do ponteiro chamado “fiel da balança”, significando equilíbrio.

Desloquemo-nos agora para o campo social, em particular á política. Que significado tem esses três vocábulos objetos destas reflexões?

Começemos a análise do que dizem as pessoas que se situam ideologicamente na chamada Direita. Elas dizem que são do “bem”. Tem posição definida, porém seus interesses são aqueles que



garantem sua segurança, seu bem estar e somente cedem algo que seja direitos humanos forçados pela lei que em geral é conquistada pela ameaça dos não bem aquinhoados. Exemplo? Em todo o mundo a conquista, muitas vezes a custa do próprio sangue, dos direitos trabalhistas e outros que não se faz necessário citar. Eles amaldiçoam aqueles que agem ou falam sobre a necessidade de proporcionar aos necessitados os direitos que todo ser humano tem. Estes se situam no campo designado como Esquerda que para os da direita são os do “mal”.

Dia desses alguém que não se situa em posição nenhuma, mas que sabe reconhecer o que é justo e o que não o é, me disse o seguinte: “quando se ouve as pessoas que querem o que é bom só para si, se tem a impressão que só existe inteligência e bom senso nos que se situam na esquerda, porque somente eles reconhecem a necessidade de se proporcionar as condições que possibilitam a evolução pessoal, o verdadeiro progresso da nação e a paz social”. Dessa maneira quando alguém excomunga os da esquerda porque lutam, reivindicam e conseguem fazer, como é por exemplo o caso das quotas para universidades e os direitos dos trabalhadores domésticos, estão na verdade elogiando, sem querer naturalmente, aqueles que desejam depreciar.

Agora vamos aos do Centro. Na verdade há pouco a dizer. É uma gente que funciona como o “fiel” da balança. Vai para o lado do prato que pesa mais. É o grupo do leilão. Simplesmente grita: “quem dá mais?!”. ... e está resolvido o problema. Deles é claro!

Retornando à polêmica das quotas

para afrodescendentes, índios e estudantes de escolas públicas cheguei ao entendimento de qual a classe que era contra. Ora, analisando a realidade nas classes A, B e C percebi o seguinte: a classe A que é a dos ricos nunca precisaria tomar posição contrária à concessão pois seus filhos tendo todas as melhores condições como boa alimentação, as melhores escolas com os melhores professores e as melhores condições de ambiente para estudar, tinham as melhores chances de ingressar na universidade e curso que desejassem. Portanto, não teriam que preocupar-se com as quotas.

A classe C portanto, que seria a beneficiada, seria o cumula da ilogicidade e da ignorância ser contra. Por conseguinte a não concessão desse direito aos estudantes provenientes de famílias pobres só poderia interessar aos oriundos da classe B ou seja classe média alta que assim não teriam que competir, agora com os da classe A e C.

Não conceder esse direito aos estudantes de escolas públicas convinha a eles que vem de uma classe a quem interessava que nada fosse feito que pudesse mexer na sua acomodação. Seu pensamento é que as coisas permanecessem como estavam, bom para eles. Os outros que se danassem! Portanto, concluí, (certo ou errado) que a classe B é maior ou única inimiga do progresso social, o qual por sua vez é a principal alavanca do progresso econômico do País, fato que os empresários mais inteligentes estão percebendo.

(Getulio Vargas Zauza é membro emérito da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Uma noite na Academia

JÚLIO CÉSAR PEREZ

O acionamento dos botões só fazia a porta ir e voltar, escancarando-lhe a face do vazio, onde o facho da luz interna fazia iluminar uma parte do chão batido e das vigas de concreto que sustentavam o primeiro piso.

O elevador havia travado no subsolo do edifício.

Bem haviam lhe dito não apertasse o térreo. Aquilo iria até o fim e poderia não subir, como de fato aconteceu.

A solenidade havia terminado, e o elevador havia cumprido a sua função, até o momento em que ele decidiu descer por ele uma última vez. Era bem possível que ninguém desse por sua falta.

O edifício da Academia já fora sede do Partido Republicano de Passo Fundo. Muitas histórias haviam testemunhado aquelas paredes. Era provável que o subsolo escondesse os restos mortais de alguma das vítimas daqueles tempos, quando era comum que as disputas políticas fossem resolvidas à bala e à faca. Revolução Federalista de 1893; Revolução de 23, de 30, de 64.

Temia ter de passar uma noite ali, ouvindo o eco desses tempos reverberarem nas antigas paredes.

Aquilo começava a enchê-lo de pavor.

Começou a se sacudir para ver se o elevador pegava. No tranco. O compartimento balançava. Parecia haver uma folga entre a caixa do elevador e motor, embaixo. Após algumas tentativas, a porta se fechou e o elevador começou a subir.

Que alívio ouvir de novo as vozes vindo lá de cima!

Subiu até o auditório onde havia deixado a todos. Quando a porta se abriu, no entanto, percebeu que, ao contrário do que havia imaginado, a sessão não havia terminado. Parecia

estar apenas começando.

Nós, reconhecendo o valor que as letras têm na formação moral, cívica e intelectual do povo, e querendo contribuir à grandeza de nossa Pátria, pelo pensamento e pela ideia, resolvemos fundar um Grêmio Literário, que tomará o nome de Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Que estranho! Quem são essas pessoas?! Pegou-se pensando ao se aproximar da mesa, onde os trabalhos estavam sendo conduzidos por pessoas que ele não conhecia, para uma platéia que ele também não conhecia, embora os seus rostos não lhe fossem de todo estranhos, afinal ali estavam, no centro da mesa, coordenando os trabalhos, Sante Uberto Barbieri, o mesmo que há pouco havia pronunciado aquelas palavras. Ao seu lado Arthur Ferreira Filho, o primeiro Presidente do sodalício, prefeito nomeado pela ditadura Vargas, encarregado de redigir a ata. Gabriel Bastos, o autor de Atlântida, com o olhos perdidos no vazio, provavelmente pensando no enredo do seu próximo romance.

Na plateia, entre outros, Gomercindo dos Reis, cochichava alguma coisa no ouvido de Celso Fiori, enquanto Túlio Fontoura revisava o que parecia ser um discurso que o deputado Nicolau Vergueiro lhe havia pedido que publicasse excertos em O Diário da Manhã. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, o pai da história de Passo Fundo, apoiado com queixo apoiado no castão da sua bengala era o único que prestava a atenção no discurso de Sante.

Personagens da história da cidade. Todos mortos! Tão vivos naquele momento.

Beliscou-se para se certificar: não estava sonhando. Ele acabava de presenciar a sessão de fundação da Academia Passo-Fundense de Letras, naquele primeiro momento – 1938 – denominada Grêmio Passo-Fundense de Letras.

Ao final, se levantaram e entoaram o hino nacional, com grande solenidade. Assinaram a

ata, encerrada pelo Secretário Geral e deram-se as mãos, felicitando-se. A próxima reunião foi marcada. Ele sabia a história: 12 de abril. E foram saindo, trocando impressões sobre leituras e escritos, outros mais reservados, preferindo o silêncio dos seus pensamentos. Exatamente como acontecia até hoje.

Acompanhou-os na saída, quando foi detido por um outro evento. Uma reunião do Partido Republicano, no primeiro piso:

Os maragatos estão organizando uma grande confraternização para receber o Dr. Assis Brasil. Penso que Clube deve proceder a uma contra-ofensiva, para mostrar quem manda nessa terra.

Não acho que seja uma boa ideia. Os ânimos de 93 ainda não foram serenados. Não é do agrado do Dr. Borges que reabramos velhas feridas – ponderou o Dr. Vergueiro em resposta à sugestão de Gabriel Bastos.

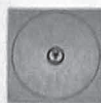
Nesse momento, Vergueiro dirige-se a uma das conversadeiras e é ovacionado pelo povo, do lado de fora, muitos a cavalo, sobre o leito então de chão batido da Avenida Brasil. Antonino Xavier, ao seu lado, começa a fazer a saudação ao novel líder empossado, no lugar do falecido Cel. Gervásio Annes, em 1917.

No interior do Clube, todo iluminado, grande movimentação de senhoras, organizavam o que parecia ser um sarau, acompanhado de um chá.

Lá fora, o povo entoava o lema do Clube:

Um por todos, todos por um!

Sentindo-se intimidado pelos brados vindo de fora, retrocedeu para o interior do Clube, quando um outro ato começava a se organizar:



Declaro aberta a sessão e de imediato convido ao acadêmico Artur Ferreira Filho, presidente da Academia Sul-Riograndense de Letras, para presidir a esta sessão de instalação da Academia Passo-Fundense de Letras...

Estava em 1961, quando o Grêmio Passo-Fundense de Letras passou a se denominar Academia Passo-Fundense de Letras, por sugestão de Celso Fiori, lendário advogado, seu primeiro Presidente.

Ainda pode ouvir a estrofe final do acróstico proferido por Gomercindo dos Reis naquela ocasião:

Lutar e repelir o mau poder,
Esse que ao povo e à pátria causa danos,
Tratarás na tua memória até morrer!
Rui Barbosa já disse, há muitos anos:
A força do direito há de vencer
Sobre o direito da força dos tiranos!

Voltou ao auditório, a última peça reconstruída depois que a construção original ruiu, durante os anos 80, só terminando de ser reerguida em 2007 e reencontrou os confrades da solenidade daquela noite, quando efetivamente davam por encerrados os trabalhos, no momento em que o orador finalizava o discurso de posse dos novos acadêmicos.

Entre os componentes da mesa, ele mesmo.

Fomos feitos de barro, mas o deus do sopra soprou sobre a argila, resultando alguém frágil e ao mesmo tempo divino, pois a partir de então podemos falar como falam os deuses...

Após entoarem o hino e assinarem a ata, encerrada pelo Secretário Geral, a mesa foi desfeita. E, enquanto uns já começavam a sair, preferindo a solidão dos seus pensamentos, outros ficavam mais um pouco, dividindo entre si as angústias da criação literária ou trocando impressões sobre algum livro que estavam lendo ou escrevendo, como o Xico que, naquele momento, veio lhe perguntar o que havia achado do seu último poema, a sair em próximo livro.

O Presidente, em particular, incitava-os para que não esquecessem as matérias para a próxima edição da revista. Mais distante, dois animados acadêmicos interagiam com um grupo de estudantes, explanando a ideia de levar a Academia para dentro das escolas, de forma a tornar conhecida pelos alunos a literatura que se produzia em Passo Fundo.

A cena lhe era familiar, afinal era a mesma que ele tinha visto diversas vezes naquela noite.

À saída do auditório, a boca do elevador imóvel, permanecia aberta, como um convite a uma nova viagem.

Por precaução, preferiu a escada.

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo Fundense de Letras, titular da Cadeira nº. 8.)

CEPA/UPF, 30 anos de ensino, pesquisa e extensão

ELMAR LUIZ FLOSS

No dia 20 de maio de 2015, foram comemorados os 30 anos de criação do Centro de Estudos e Pesquisa em Alimentação (CEPA), vinculado à Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, da Universidade de Passo Fundo (UPF).

A ideia inicial de criação do Centro de Estudos e Pesquisas em Alimentação – CEPA, em 1984, foi do Padre Eli Benincá, então Diretor da Faculdade de Educação (Curso de Economia Doméstica), que me procurou na Faculdade de Agronomia, onde eu era diretor, propondo a criação de um Centro interdisciplinar ligado às questões da Alimentação e Nutrição Humana. Marcamos a primeira reunião, convidando a participar da discussão também os professores Luiz Eurico Spalding (Diretor do Instituto de Ciências Exatas e Geociências), pois havia o interesse do Curso de Química e o professor José Carlos Moraes (Diretor do Instituto de Ciências Biológicas), para envolver os Cursos de Ciências Biológicas e Enfermagem.

A proposição da criação de um Centro interdisciplinar em Alimentação foi apresentada ao Vice-reitor Acadêmico Agostinho Both e ao reitor Elydo Alcides Guareschi, sendo aceita e formada uma comissão para a elaboração do projeto do novo Centro. Além de representantes das quatro unidades, foi também convidado a participar da Comissão a Embrapa/CNPQ (hoje Embrapa Trigo), que indicou os pesquisadores e doutores Augusto Carlos Baier e Vanderlei Rosa Caetano.

A justificativa era de que a grande região de influência da UPF já era importante produtora de grãos alimentícios (soja, milho, trigo, aveia branca, feijão, dentre outras culturas), mas com pouca pesquisa na área de processamento e controle de qualidade de alimentos. A região também despontava na produção animal, com os sistemas integrados de produção de suínos, aves e leite. A

Universidade já vinha conduzindo um Programa de Pesquisa em Aveia desde 1977 e havia necessidade de fomentar seu maior uso na alimentação humana, especialmente, a introdução na alimentação de escolares. Apesar da abundante produção de alimentos na região, havia problemas de subnutrição, inclusive na alimentação de escolares, cujo Programa de Merenda Escolar, na época, era federal. E faltava a agroindustrialização, para agregar valor e aumentar a renda aos produtores.

Definido o regimento do centro e a sua aprovação nos colegiados internos de cada Unidade e pela CEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão), fui indicado, pelo Conselho do mesmo, como seu primeiro Coordenador, cujo mandato foi concluído, em agosto de 1986.

A finalidade maior do CEPA era “dinamizar o ensino, a pesquisa e a difusão de conhecimentos e técnicas de alimentação, integrando os diferentes departamentos da Universidade de Passo Fundo”. Os objetivos iniciais estabelecidos para o CEPA foram: a) oportunizar o preparo técnico-científico e pedagógico de docentes da UPF vinculados à área de alimentação e nutrição humana; b) oportunizar o aprofundamento das técnicas e/ou metodologias de pesquisa em alimentos; c) obter conhecimentos específicos acerca da organização, instalação e uso de laboratórios para realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão; d) incentivar a integração dos docentes da UPF com entidades ligadas à produção, industrialização e comercialização de alimentos; e) propiciar a articulação do CEPA com programas governamentais de alimentação e nutrição humana; f) difundir experiências e resultados de estudos e pesquisas na área de alimentação; g) conscientizar a população da importância da formação de hábitos alimentares mais saudáveis; h) realizar análises químicas, físicas e biológicas de controle da qualidade de alimentos.

O financiamento foi obtido junto a Subin, órgão da Secretaria Especial

de Ciência e Tecnologia, através de convênio com a Universidade Federal de Viçosa (UFV), cujo signatário foi o reitor Geraldo Chaves, sendo designado como coordenador do projeto, pela UFV, o Professor Dr. Renato Cruz, então Chefe do Departamento de Tecnologia de Alimentos.

O projeto elaborado previa, num prazo de dois anos (1985 a 1987), a implementação do CEPA, com financiamento da Subin, da ordem de Cz\$ 210.000,00 (duzentos e dez mil cruzeiros) em 1985 e Cz\$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), em 1986. Os recursos financeiros destinavam-se a realização de um Curso de Especialização lato sensu em Ciência e Tecnologia de Alimentos para 19 docentes da UPF, ministrado por docentes da UFV e com apoio da CAPES; a montagem de um laboratório de Ciência e Tecnologia de Alimentos; e, a contratação de dois professores/pesquisadores com mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos. Foi contratado o professor Ernesto H. Kubota (atualmente professor da Universidade Federal de Santa Maria) no primeiro ano e o professor Jorge Gruhn Schulz (atual coordenador do CEPA) no segundo ano. Também foi instalada uma Unidade Experimental de Panificação, com o objetivo de desenvolver linhas de pesquisa visando o aproveitamento de diferentes farinhas produzidas na região, em substituição à farinha de trigo e melhorando o valor nutritivo com mais proteínas e fibras.

Ao final da vigência do Convênio UPF/UFV/Subin havia um grupo de professores titulados, mestres contratados, laboratórios (Físico-química, Microscopia, Microbiologia e Análise Sensorial) e equipamentos básicos instalados, que deram início às atividades de ensino, pesquisa e extensão/prestação de serviços na área de alimentos. Esta infraestrutura existente permitiu que novos projetos fossem elaborados e financiados por diversas agências de fomento, como Fapergs, CNPq, FAE (Fundo de Assistência ao Educando-MEC), Fun-



dação Banco do Brasil e Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, através do Polo de Modernização Tecnológica e Alimentos. Em 1986, foi executado um projeto de ampliação do CEPA, com recursos financeiros de FAE, da ordem de 230 milhões de cruzeiros.

Já no primeiro ano, o CEPA participou das discussões do Projeto da Municipalização da Merenda Escolar, ainda em vigor.

Alimentação de escolares

Uma das principais diferenças entre países desenvolvidos e não desenvolvidos, está nos cuidados na saúde materno-infantil, especialmente sua alimentação adequada, em quantidade e qualidade. Uma criança que nasce bem e recebe alimentação adequada até os cinco ou seis anos, desenvolve adequadamente o sistema nervoso central, tem todas as condições de aprender bem, o que abre as portas ao mundo do trabalho. O melhor remédio continua sendo uma alimentação adequada. Criança bem alimentada tem tudo para ser um adulto mais sadio, com maior longevidade. E, quem aprende bons hábitos alimentares na infância, continua na vida adulta e transmite aos seus filhos no futuro.

Na discussão em profundidade do

tema, por médicos e nutricionistas, a conclusão óbvia é de que, se tivéssemos uma melhor política de alimentação materno-infantil, bilhões seriam poupados no Brasil em gastos de saúde do adulto. Maior seria a produtividade no trabalho, e perderíamos o título de campeões mundiais em acidentes de trabalho.

A partir de 1984, quando coordenei a implantação do CEPA na UPF, como diretor da Faculdade de Agronomia, a questão da melhoria da qualidade de alimentação de escolares era uma prioridade. Uma das mais importantes regiões produtoras de alimentos não tinha um centro de estudos e pesquisas na área. Perguntava-se: será que as pessoas na região estão bem alimentadas?

Uma das atividades iniciais do CEPA foi realizar um seminário, no dia 05 de dezembro de 1984, com a presença do Presidente da Fundação de Assistência ao Educando-FAE, do Ministério da Educação, Dr. Francisco Scárdua, para discutir a Municipalização da Merenda Escolar, hoje alimentação de escolares. Na época, toda a aquisição da merenda escolar era centralizada em Brasília. Além do forte tráfico de influência, o que acontecia na prática era um absurdo. Carne seca e feijão miúdo ou feijão de corda, adquiridos no nordeste, eram distribuídos em escolas do Rio Grande

do Sul, ao passo que o charque gaúcho e o feijão preto do sul, eram levados para nordeste. Um desrespeito à cultura alimentar das diferentes regiões de um país continental, além dos altos custos com logística.

Os prefeitos da região presentes no Seminário apresentaram outros problemas graves como o atraso no recebimento dos alimentos e sua deterioração. Também mostraram a importância da aquisição de alimentos regionais, respeitando o hábito alimentar da população e promovendo o desenvolvimento da região.

Municipalização da merenda escolar

A partir das discussões do Seminário, por iniciativa do Curso de Economia Doméstica (sob coordenação da professora Cleusa Bandeira Veloso) da Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo foi elaborado um “Projeto regional de municipalização da merenda escolar”, considerando que: a) o programa merenda escolar não atende as necessidades nutritivas das crianças e também é oneroso, pois utiliza produtos oriundos de outras regiões ou produtos regionais beneficiados e industrializados em outros locais, cujo transporte

aumenta o custo final destes alimentos; b) a necessidade de criação de hábitos alimentares adequados utilizando-se produtos agropecuários regionais; c) apesar do Planalto Rio-Grandense ser uma região agrícola alcançando grandes produções de cereais, leguminosas, hortifrutigranjeiros e criação de aves, suínos e bovinos, que são alimentos de alto valor nutritivo, observa-se que grande parte da população apresenta subnutrição devido à falta de uma educação alimentar e aproveitamento de alimentos; d) a intenção da FAE (Fundação de Assistência ao Educando) em descentralizar a merenda escolar; e) o potencial da UPF (Universidade de Passo Fundo), como o Cepa (Centro de Estudo e Pesquisa em Alimentação), Curso de Economia Doméstica, Química e Agronomia, poderá dar apoio técnico-científico aos municípios na orientação, acompanhamento e análise qualitativa dos alimentos necessários a um melhor aproveitamento dos produtos regionais;

O principal objetivo era desenvolver um programa regional a fim de aperfeiçoar o sistema de distribuição e a melhoria da qualidade da merenda escolar. Os objetivos específicos eram: a) desenvolver hábitos alimentares mais saudáveis com o uso dos produtos regionais; b) proporcionar às crianças, alimentos de alto valor proteico, vitamínico e mineral, na faixa etária de alta necessidade nutritiva; c) estudar a economicidade da utilização de alimentos regionais na merenda escolar; d) estimular a produção de alimentos e o desenvolvimento de pequenas indústrias alimentares na região; e) orientar pais, professores e alunos sobre a importância da alimentação adequada.

Inicialmente, o Projeto teve como abrangência os municípios de Passo Fundo, Marau, Carazinho, Palmeira das Missões, Lagoa Vermelha e Soledade, dentro da área de influência da Universidade de Passo Fundo. Foram definidas também as responsabilidades das instituições envolvidas com o referido projeto.

A Universidade de Passo Fundo, atendendo seu espírito comunitário e a missão de promover o desenvolvimento regional, teria como responsabilidades: a) assessoramento aos Municípios na escolha dos produtos alimentares e no seu processamento visando à utilização na merenda escolar; b) treinamento de uma equipe de professores e merendei-

ras em cada Município, no preparo dos alimentos; c) a preparação de cardápios com níveis calóricos e proteicos de acordo com as recomendações técnicas, a partir dos produtos regionais; d) a realização de análises visando o controle de qualidade dos alimentos utilizados na alimentação das crianças; e) a orientação sobre a instalação de hortas e pomares escolares.

Aos municípios caberia: a) a aquisição de alimentos; b) a manutenção de equipe de supervisores da merenda escolar; c) a manutenção de infraestrutura, nas escolas com condições de preparo dos alimentos; d) e, a prestação de contas conforme as normas da FAE.

Já a FAE, teria a responsabilidade de: a) repassar os recursos financeiros aos Municípios; b) o credenciamento do Laboratório de Ciências e Tecnologia dos Alimentos, do CEPa/UPF, para concessão do competente certificado de qualidade.

Comissão Pró-municipalização da merenda escolar

A partir daquele seminário na UPF, foi formada uma comissão que participaria de eventos nacionais na busca da municipalização da merenda escolar. Participei dessa Comissão Nacional, como coordenador do Cepa, juntamente com os prefeitos Fernando Machado Carrion de Passo Fundo e Francisco Sérgio Tura, de Marau, do professor Ernesto Kubota do Cepa-UPF, entre outros. Esses prefeitos foram indicados pela qualidade da merenda escolar oferecida nos seus municípios. Na época, Passo Fundo também coordenava a distribuição regional da merenda. Foram várias reuniões em Porto Alegre, Curitiba e Brasília, até que a “Nova República” implantasse a municipalização da merenda escolar.

O repasse do dinheiro aos municípios permitiria a aquisição de alimentos regionais, com qualidade, mas respeitando a cultura alimentar. Também promoveria uma agregação de renda nos municípios. Foi uma política que proporcionou enormes avanços nesse setor ao longo dos anos. Mas, ainda há alguns fatores limitantes. Primeiramente, pelos baixos valores repassados pelo governo federal para alimentar cada criança. Como organizar um prato, que atenda às necessidades nutritivas de uma criança conforme recomenda a Organização Mundial da Saúde-OMS, com valores tão baixos? Evidentemente,

os municípios necessitam complementar esses recursos. E, nas cidades onde a alimentação de escolares é exemplar, o gasto do município é maior do que o repasse federal.

Outro aspecto preocupante é a “terceirização da merenda escolar”. Parece jurídica e operacionalmente adequada, em função da burocracia nas licitações. Mas, na prática, distancia o objetivo da aquisição local.

De outro lado, muitas crianças, do nascimento até chegar à escola, continuam com alimentação inadequada, com reflexos irreversíveis para o resto de suas vidas. Pior ainda, quando a mãe se alimenta mal durante a gestação ou é consumidora de álcool e drogas. Nesses casos, por melhor que seja a merenda na escola, ela não resolve o dano fisiológico já ocorrido.

Por isso, a criação do Bolsa Escola (Lei 10.219 de 11 de abril de 2001), durante o governo de Fernando Henrique Cardoso e gerenciado pela primeira dama Ruth Cardoso. A proposta inicialmente foi apresentada por Cristóvão Buarque de Holanda, professor e reitor da Universidade de Brasília, em 1986. Depois passou a ser chamado de Programa Nacional de Acesso à Alimentação – Fome Zero (Lei 10.689 de 13 de junho de 2003), pelo Presidente Lula, gerando o atual Bolsa Família. Esses programas têm como objetivo propiciar essa melhor alimentação das pessoas de baixa renda. Para agilizar o processo, o referido programa deveria ter sido acoplado ao Programa de Alimentação de Escolares, já consolidado. Além de fornecer alimentos aos alunos, inclusive nas férias, proporcionar alimentação aos irmãos menores e às mães gestantes. O custo do programa seria muito menor.

Essa alimentação inadequada é uma das responsáveis pelo aumento da obesidade entre jovens, cujas consequências e tratamentos exigem o dispêndio de altas somas de recursos financeiros do setor público. Visto que o pão, os biscoitos e as bolachas são utilizados e apreciados pelas pessoas, na merenda escolar deveriam ser fornecidos, mas produzidos com farinha integral. Assim, além das calorias, também haveria a ingestão de fibras e proteínas, fundamentais para o adequado desenvolvimento infantil.

A utilização dos alimentos regionais, além de promover a formação e preservação de um hábito alimentar e a melhoria do valor nutritivo do alimento fornecido, favorece o desenvolvimento

econômico da região, pois os programas de alimentação de escolares representam somas vultosas. Por isso foi um avanço no processo a autorização aos municípios de adquirir alimentos da Agricultura Familiar.

Além de melhorar a alimentação dos alunos, a logística dos programas de alimentação deveria oportunizar que as crianças menores que moram próximas das escolas e as mães gestantes também recebam uma alimentação adequada, que deveria ser fornecida às crianças também nas férias, evitando a subnutrição.

A evolução do CEPA, de 1984 a 2015

Ao longo de seus 30 anos, o Centro de Pesquisa em Alimentação - CEPA cumpriu com as finalidades para as quais foi criado. Ampliou significativamente o espaço físico (2002), a infra-estrutura de laboratórios como o SARLE (Análise de Rebanhos Leiteiros), em 1996, Cromatografia (1996), Nutrição Animal (1997), Cereais (1997), Micotoxinas (1997) e Águas e Análise de Efluentes -Lace (2002). Promoveu o ensino, melhorando a parte prática nos cursos já existentes (Agronomia, Medicina Veterinária e Nutrição), criou a infraestrutura básica

de apoio ao novo curso de Engenharia de Alimentos (1998). Desenvolveu inúmeras pesquisas que foram difundidas através de cursos, publicações, palestras e treinamentos ministrados. Realizou milhares de análises de alimentos das mais diferentes origens. Permitiu a formação de recursos humanos através de estágios. Proporcionou treinamento a muitos estudantes que hoje atuam nas mais diferentes atividades do setor.

O qualificado corpo docente, a pesquisa consolidada e a moderna infraestrutura instalada ao longo dos anos, permitiu a implantação do Curso de Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos, aprovado pela Capes, em 2013 e iniciado em 2014.

Graças a qualidade dos recursos humanos e os modernos recursos laboratoriais, o CEPA, ao longo desses anos, deu uma contribuição significativa ao aperfeiçoamento da alimentação de escolares na região, realizando o controle de qualidade dos alimentos oferecidos. Também é um suporte importante no controle da qualidade das matérias-primas e dos alimentos processados, às indústrias alimentícias que se instalaram na região.

Os resultados alcançado nos 30 anos de atividades do CEPA, devem-se à dedicação de muitas pessoas, entre

coordenadores, professores/pesquisadores, laboratoristas, funcionários administrativos e estudantes estagiários. Foram coordenadores os professores Elmar Luiz Floss (1984/1986), Eunice Oliveira Calvete (1986/1993), Cleusa Bandeira Veloso (1993/1995), Jorge Gruhn Schulz (1995/1997), Elci Lothar Dickel (1997/1999), Luiz Carlos Gutkoski (1999/2001), João Walter Dürr (2001/2004), Tereza Friedrich (2004/2006) e Jorge Gruhn Schulz (2006/2015).

É muito bom olhar para trás e ver um projeto, implantado com muitas dificuldades a partir de 1984, construído com muitas mãos, ter evoluído tão extraordinariamente e se consolidado como um dos principais centros de ensino, pesquisa e extensão/prestação de serviços na área de alimentos, no Sul do Brasil.

Que o CEPA tenha vida longa!

(Elmar Luiz Floss é Engenheiro-Agrônomo e Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia, Professor aposentado da UPF, Diretor e professor do Instituto Incia, Consultor em Agronegócios, Professor Emérito de Passo Fundo e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

José Luiz

MARIA THERESA S. SFOGGIA

Entre os homens, há aqueles que se qualificam pelo que constroem, pelas marcas de valor cunhadas em seu tempo de vida. Emergem do comum porque uma luz maior os impulsiona. Entre esses homens, venho destacar a figura de um, muito especial, cuja vida, deixou há pouco. Tentarei esboçar o perfil desse homem: físico longilíneo, esguio, ágil expressando no sorriso - largo, franco, bom a capacidade de fazer, a grandiosidade de ser. O dom de empatia, o calor humano, multiplicador, atingindo a todos, sem discriminar. As mãos estendidas, o gesto afetuoso, dispondo-se sempre a dar. O olhar sere-

no, a fala macia, expressão sensível de quem sabe o que diz e ama o que faz. Figura de líder, carismático, empreendedor, arquiteto de ideias, destemido, ao concretizá-las. Cerne gaúcho, amante dos pagos fez jus a honraria - "Cidadão de Alegrete" - terra que amou!

Hoje, aqui, não estás ...

...Numa Estância Maior, onde o espaço é infinito, a luz é perene, visualizo tua imagem: camisa branca, lenço vermelho, num galope macio, vais cavalgando, solene, rumo às estrelas!...

Até qualquer dia, meu amigo, meu irmão, gaúcho guapo, José Luiz.





A paixão

A paixão provoca o medo de uma avalanche.

A paixão é o delírio de um voo na amplitude da alma!

A paixão é a cegueira para sentir, ver e andar até o infinito.

A paixão amplia em dimensão cósmica as minúcias.

A paixão me presenteou com as delícias das minúcias.

A paixão revela o gozo de caminhar nas veredas solitárias do sofrimento.

A paixão misturou as tintas para o quadro da pintura perfeita.

A paixão escolheu a madeira, os instrumentos da invenção no cerne,
para esculpir a estátua do amor ideal.

A paixão, como estilo incontido da alma, significa a lasca da pedra,
a felpa da madeira, os fragmentos sacrificados para despi-la e encontrá-la
no cotidiano da descoberta...

A paixão é o jeito humano de dar vida a fórmula física do oxigênio.

A paixão é o estado encantado do amor em devaneio.

A paixão tem a luz dos girassóis de Van Gogh refletindo a tua cara no meio,
comigo em transe procurando versos de Fernando Pessoa para expressar
o devaneio da minha alma.

A paixão se suicida quando atinge sua natureza sufocadamente claustrofóbica...

A paixão tem o efeito do melhor anestésico...

(Tau Golin é historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Aula magna da UPF com o Professor António Nóvoa

HUGO ROBERTO LISBOA

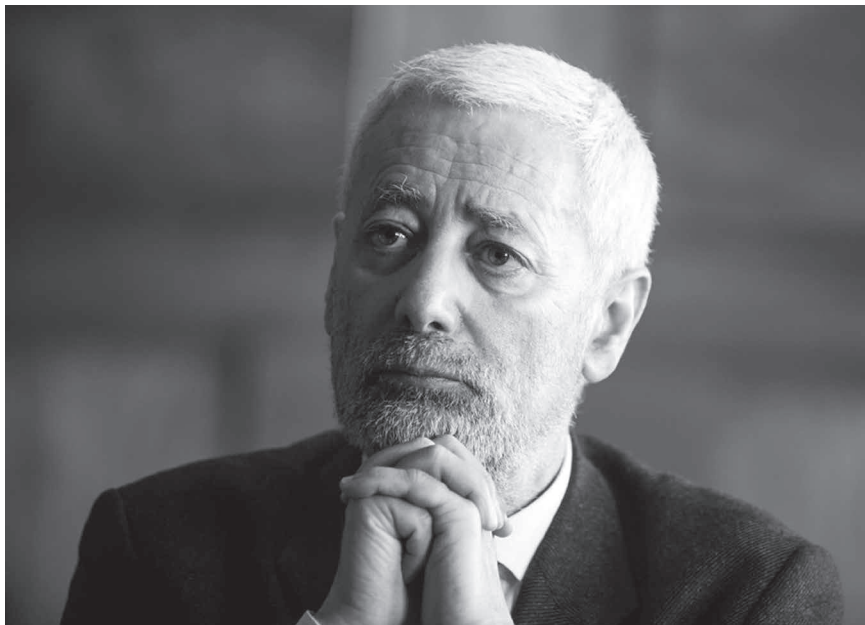
Num ambiente cordial e entusiasmado teve lugar, no dia 23 de fevereiro de 2015, a Aula Magna que assinalou o início do ano letivo da Universidade de Passo Fundo. A dose de discursos foi apropriada e uma apresentação de músicos percussionistas da Universidade trouxe um contraponto legal para aquela noite.

O Professor António Nóvoa com uma voz delicada e um nítido acento português de Portugal, já iniciou com uma gentil provocação. Comentou da beleza do nosso campus mas lamentou não ter visto bicicletas já que estas são um meio de transporte não poluidor e portanto vindo em favor da sustentabilidade. Enfatizou que o discurso não deve ser dissociado da prática. Contou que quando reitor da Universidade de Lisboa, algumas vezes, cobria os 23 quilômetros que separavam sua casa da Universidade, a bordo de sua bike. Concitou nosso Reitor, José Carlos de Souza, a fazer o mesmo nos 12 km que separam a casa deste da UPF.

Com a simplicidade dos sábios e justificando o seu notável currículo internacional, descreveu as três revoluções que mudaram o ensino no mundo. A primeira foi a escrita, a segunda a impressão de livros pelo Gutemberg e a terceira é a que estamos vivendo, a revolução digital. Neste momento estamos com o conhecimento acumulado durante séculos há um toque no computador, que quase todos tem acesso.

Com esta nova realidade o ensino deve mudar. Temos que deixar a pedagogia antiga da transmissão do conhecimento para uma participação na consolidação do conhecimento. Esta nova perspectiva deve ser baseada na pesquisa e na experimentação, disse ele.

Da mesma forma, sugeriu que a Universidade esteja fortemente ligada com a sua região e priorizando a solução de problemas que afetam a sua área de interesse. Disse não se encontrar mais



espaço para uma universidade fechada em si mesma, envolvida em um academicismo rococó exagerado, e perdendo a visão das questões locais. Pensei que, para nós de Passo Fundo, o importante seja trabalhar na educação, saúde, segurança e planejamento urbano.

Por outro lado pregou que tenha que haver liberdade para que o professor universitário possa atuar na pesquisa ou na graduação conforme o seu perfil e seu desejo naquele momento. Falou que o professor precisa de tempo livre para pensar e até para errar. Vão haver momentos em que a produção não será tão intensa e condenou aqueles pesquisadores que fatiam os seus achados para publicar em mais revistas.

Comentou sobre a burocracia e as questões corporativistas que bloqueiam o desenvolvimento pleno. Sugeriu que deva haver liberdade acadêmica e que nesta se subentende liberdade da pesquisa, dos professores, dos estudantes e o uso das nossas possibilidades intrínsecas para chegar lá. Para isto é preciso confiança entre todos.

Falou muito da instituição americana, California Institute of Technology (Caltech), que a despeito de ter 7000 alunos e 250 professores, se encontra

classificada entre as melhores universidades do mundo incluindo Harvard. O segredo da Caltech é que os professores não são especialistas e podem atuar em várias áreas. Todos os projetos são feitos por professores de variadas áreas sendo portanto multidisciplinares. Há liberdade de atuação para professores e alunos e um mínimo de burocracia.

Seus ensinamentos levam a uma reflexão sobre a nossa UPF que traz intelectuais do ensino acadêmico do peso do Dr. Nóvoa para instigar rapidez nas mudanças inexoráveis que virão. Nossa Universidade não se satisfaz com uma avaliação excelente no Índice Geral dos Cursos, órgão federal que avalia as instituições de educação superior recebendo nota 4, sendo o máximo 5. A Reitoria atual, reeleita por unanimidade, começa com chave de ouro seu novo ciclo no comando da Universidade de Passo Fundo.

Nota:

Texto autorizado para publicação, após revisão, pelo Professor António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa em 05/03/2015.

(Hugo Roberto Lisboa é professor da Faculdade de Medicina da UPF e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Um invencível



Oswaldir (E), Miguel, Dutra, Quevedo e Sérgio Florão

GERSON LOPES

“Ainda não caiu minha ficha”. O sentimento do amigo e parceiro de palco, Miguel Penteadado, é o mesmo do público que atravessou quatro décadas ouvindo clássicos da música nacional e internacional, interpretados na voz do cantor Luís Carlos Quevedo. O músico, que morreu no início de junho, aos 64 anos, após uma batalha de quatro anos contra um câncer na tireoide, é considerado referência pelos colegas de profissão.

Autodidata, Quevedo começou a surgir na cena musical de Passo Fundo no início dos anos 70. Cantando e tocando bateria ao lado de Fiu Percussion (baixo) e Miguel (guitarra), o trio formou a banda Os Invencíveis. “Na verdade era para se chamar Os Batman’s, mas como estávamos escavando e tirando a terra embaixo da minha casa para fazer um porão e ter um lugar para ensaiar, percebemos o tamanho do esforço e concluímos: nós somos Os Invencíveis” revela Fiu, idealizador do projeto.

Equipados com guitarra, baixo e bateria produzidos artesanalmente por Pedro Castanho, o Duca, irmão de Fiu, as primeiras experiências com o público sugiram nos salões paroquiais das vilas de Passo Fundo. Com um repertório repleto de Jovem Guarda, e clássicos de

bandas internacionais, entre elas, Pink Floyd, Creedence Clearwater Revival, Led Zeppelin, Deep Purple, Rolling Stones e Beatles, a presença dos jovens cabeludos passou a ser obrigatória nas reuniões dançantes. Em pouco tempo, eles já estavam tocando bailes nos principais clubes sociais. “A tarde do rock, aos domingos, no Centro Social Santa Terezinha, na vila Rodrigues, era demais. Aquilo ficava lotado” lembra Miguel.

Embalados pela voz potente de Quevedo, Os Invencíveis ganharam a estrada. A bordo de uma Kombi viajaram pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Além do trio inicial, a banda teve outras formações, com participações de Oswaldir, que mais tarde faria dupla com Carlos Magrão, Touro, Sergio Florão, Algir e Dutra. “Viajávamos esmagados pelos instrumentos. Estradas ruins. Era um sofrimento, mas na semana seguinte estava todo mundo lá, pronto para encarar tudo novamente. A música estava no sangue” recorda Miguel.

Os Invencíveis também acompanharam artistas conhecidos nacionalmente. Após um show com Sergio Reis, no Paraná, o cantor convidou os músicos para seguirem juntos, mas não teve jeito. Em Passo Fundo, a banda tocou com Nelson Ned. “Eles mandavam o repertório com antecedência. A gente

ensaiava e deixava tudo afiado” conta o guitarrista.

Com o fim de Os Invencíveis, Quevedo trocou a bateria pelo violão e começou a se apresentar em bares de Passo Fundo e região. Artista carismático, dono de uma voz marcante e um repertório variado, costumava lotar as casas onde se apresentava. Casablanca, New Bar, Wings, (todos abertos pelo parceiro Fiu), Butterfly, Barravento, Dez Bar e Parole, foram alguns dos endereços onde o músico bateu ponto por várias madrugadas. Muitas delas acompanhados por ex-integrantes da banda, ou pelo irmão Paulo Quevedo, na percussão. Época em que não faltavam no repertório canções de Zé Ramalho, Ednardo, Caetano Veloso, Chico Buarque, Zé Geraldo. Nas baladas internacionais, Quevedo modulava a voz fazendo cover de Rod Stewart, banda Eagles, entre outros.

“Tocamos muito tempo juntos. A vida dele era cantar e tocar. Não recusava convites. Chegou a largar o emprego que tinha na prefeitura para se aventurar na estrada” recorda o irmão. Paulinho, como é conhecido, diz que o músico, no início da carreira, recebeu convite de uma banda para ir morar em São Paulo, mas recusou. “O negócio dele era ficar em Passo Fundo, perto dos amigos”. Revendo arquivos do irmão, Paulinho retorna ao ano de 1987, quando Quevedo venceu o Festival de Música de

Chapada. Interpretando a canção Porto Solidão, clássico na voz de Jessé. “Neste festival ele representou a Passotur, concorreu com outros 33 intérpretes e venceu”.

Após a descoberta da doença, o músico teve de passar por uma cirurgia na garganta, e acabou perdendo a voz, encerrando assim uma carreira de mais de 30 anos. O músico passou os últimos dias na cidade de Eldorado aos cuidados de uma irmã. No sábado passado, sentiu-se mal e foi levado às pressas para Porto Alegre, onde acabou falecendo. Ele deixou três filhos.

Influências

Além do carisma com o público, Quevedo também foi responsável por influenciar diversos músicos de sua geração. Um deles foi o passo-fundense Jua Ferreira. Radicado em Porto Alegre desde os anos 90, o baterista conta que costumava ir até o salão da igreja na vila Santa Maria, ver as apresentações de os Invencíveis. Durante o show, não tirava o olho de Quevedo na bateria. “Meu pai era saxofonista e havia me dado uma bateria com o dinheiro que ganhou tocando no carnaval. Como eu não sabia tocar, ficava olhando o Quevedo, às vezes pela janela do salão porque não tinha dinheiro para entrar. Chegava em casa e repetia os movimentos” conta. Mais tarde os dois tocariam juntos no Reflexo Som. “Foi uma honra tocar ao lado de um músico como ele” afirma.

No início dos anos 80, o cantor Ricardo Pacheco ensaiava os primeiros acordes no violão, quando conheceu o trabalho de Quevedo, no lendário Casablanca, esquina da Moron com a Fagundes dos Reis. “Nesta época ele tinha um grupo de samba, junto com Pacote (já falecido), Betinho e Paulinho. Comecei a matar aula para ver os shows. Foi a grande inspiração para eu começar. Me chamava a atenção o fato de ele cantar e tocar bateria, até hoje é uma coisa raríssima. O timbre rouco da voz dele me encantou. Ver ele cantando Rod Stewart era bárbaro. Ficamos amigos logo e tocamos muito juntos” revela.

“Foi um dos melhores cantores do Rio Grande do Sul” afirma o músico Osvaldir Souto, ex-integrante de Os Invencíveis. Os dois dividiram o mesmo palco por cerca de 10 anos. “Ele era meu ídolo, cantava rock demais, foi muito prazeroso participar desta história ao lado dele” acrescenta.

(Gerson Lopes é jornalista de O NACIONAL.)



Quevedo durante um show na praça central de Passo Fundo



Primeira formação da banda Os Invencíveis, com Fiu, Miguel e Quevedo.

Quevedo era nosso Robert Plant

RAUL BOEIRA

C heguei à cidade no carnaval de 1974, aos dezessete anos. Roqueiro, arranhando o violão, sonhando ser guitarrista. Logo ao chegar, vi Os Invencíveis em um chope-bar que existia na Morom fundos do Correio. Fiquei amigo dos músicos, e passei a frequentar os ensaios do conjunto, que, nessa época, já era prestigiado e presença constante em bailes nos clubes do centro e em cidades da região. Como uma espécie de “roadie”, ajudava a carregar e montar equipamento, colar cartazes pela cidade, vender ingressos, essas coisas. A recompensa era tocar guitarra ao final dos ensaios, com Sergio Florão, Miguel e Touro, que tinham muita paciência com o aspirante a músico.

Passei a levar aos ensaios fitas k7 com uns rocks pesados... Deep Purple, Led Zeppelin, etc. O cantor Quevedo

ficou fascinado com os vocalistas dessas bandas e pediu que eu datilografasse as letras para que ele pudesse ensaiar. Eu já era razoavelmente fluente no inglês e, no outro dia, apresentei a encomenda. Acontece que Quevedo - o nosso Robert Plant - não sabia ler em inglês. Então, para que pudesse cantar da forma mais correta possível todos aqueles rocks que amávamos, datilografei a pronúncia: “mai úman from Tóqui-ô / xi meiqsme fil / mai úman from Tóqui-ô / xis uou gud tu mi” e por aí fora.

Enquanto pode exercer a profissão, Quevedo, emocionado, sempre contava essa história ao me avistar nos lugares onde se apresentava. Como um gesto de gratidão, uma homenagem... Sua morte interrompeu uma boa amizade de mais de 43 anos. A tristeza passa. Ficam as histórias, fica a saudade.

(Raul Boeira é compositor, de Passo Fundo/RS.)

Heloisa Almeida, a Divina!



Herlon Almeida (E), Marcos Lima, Heloisa Almeida e Osvandré Lech

OSVANDRÉ LECH

Queremos acreditar que crianças e idosos que vivem a mendigar, possam ter, afinal, saúde, trabalho, teto e uma mesa farta para se alimentar, do livro biográfico “Dona Heloisa – Memórias” (2012) de Welci Nascimento e Santina Dal Paz.

Foi cercada pela família “central” - Lauro e Estela, Herlon, Ana Lúcia, Luciana e Gabriela, Dorisa, Paulo, Fernanda e Fábio, Bibiana, Sílvio e Augusto – e alguns amigos que Heloisa Goelzer de Almeida celebrou 90 anos de vida.

A cidade de Passo Fundo não seria a mesma sem a genialidade, disposição, doação, garra e energia desta pequena mulher em estatura, gigantesca em atos e ações. Ela nunca mudou os hábitos e conversa simples e a impressionante vontade de estar presente na comunidade e de fazer diferença na vida das pessoas mais necessitadas. As pequenas limitações físicas não esmaeceram o sorriso no semblante sereno e o passar do tempo apenas confirmou a certeza das suas convicções e lutas de uma vida

inteira. A riqueza do seu currículo não pode ser descrita em texto breve sob pena de omitir momentos importantes e sublimes.

Nascida em março de 1927 na Fazenda do Butiá, interior de Passo Fundo, foi educada pela mãe aos cinco anos. Teve uma rica vida de aprendizado rural e depois veio estudar no Colégio Notre Dame como interna. Aos 12 anos conheceu Odorico bastos de Almeida, de 20 anos. Proibidos de namorar, ele jurou: “vou casar contigo”, o que aconteceu em 1945. Viveram uma linda história de amor em família e doação comunitária. Em 1950, Heloisa organiza Natal para famílias carentes em Coxilha, onde Odorico era subprefeito, na gestão do Prefeito Daniel Dipp; na época ajudou leprosos que viviam no Mato Castelhana. Em 1960 organiza cursos de aproveitamento de soja no Clube de Saúde Dr. Artur Leite, auxiliando na obtenção da benemerência da instituição. Em 1967 organiza sopão – a única refeição diária - para meninos de rua atendidos na Escola Assistencial Manoel Peres. Em 1970 organiza e funda na gestão do prefeito Guaraci Barroso Marinho a Casa Lar Lídia Moschett, localizada

no Boqueirão, para abrigar meninas excluídas sociais. Em 1972 é eleita presidente do Círculo de Pais Mestres do CENAV e da ENOC. De 1977 a 1983 exerce o cargo de vereadora de Passo Fundo, a única mulher da gestão, e se dedica a projetos sociais e aos desamparados e pela anistia ampla geral e irrestrita. Divide o plenário da Câmara com Adirbal Corralo, Antônio Lourenço Pires de Oliveira, Argeu Santarém, Candinho, Ivo Pacheco, José Mário de Lima Cruz e outros notáveis homens públicos. Em 1981 envolve-se no Movimento pela Previdência Social da Mulher do Campo, o início da luta pela igualdade dos direitos sociais entre os gêneros. De 1986 a 1990 desenvolve na LBA o “Projeto Meninos de Rua” em parceria com o Sargento Alberi. Em 1987 funda a Associação dos Aposentados e Pensionistas e em 1988 a Associação dos Papeleiros. Em 1992 consegue sensibilizar o empresário Bruno Borella Borges para que permitisse que pacientes com problemas mentais trabalhassem na sua fábrica de plásticos; Heloisa já desenvolvia na época o que se conhece hoje por terapia ocupacional. Durante muitos anos manteve contato

direto com a comunidade através de programas de rádio (Comunidade Urgente) e textos publicados nos jornais. Foi sócia-fundadora do Rotary Club PF Integridade e criou a Escola Assistencial do Centro Espírita Dias da Cruz.

A grande obra social de Heloisa Almeida acontece a partir de 1992 através do Comitê da Cidadania Contra a Fome e a Miséria, uma idéia do sociólogo mineiro Herbert de Souza, o Betinho, irmão do músico Chico Mário e do cartunista Henfil. Com o lema “Quem tem fome, tem pressa”, passou a mostrar para a sociedade passo-fundense que era possível olhar de frente e sem sentir vergonha dos desempregados, papeleiros, moradores de rua, prostitutas baratas, desvalidos e excluídos sociais em geral. Buscando restos de alimentos em mercados, restaurantes e festas e mais tarde roupas, móveis, utensílios e muito mais, Heloisa Almeida ajuda a resgatar a dignidade humana num período que a nossa cidade possuía cinturão de pobreza extrema, as “malocas”. A ação inicial de Heloisa desencadeia um sentimento necessidade e satisfação pelo auxílio ao próximo em toda a comunidade. Quem viveu o dia a dia da cidade nos últimos 25 anos sabe apreciar os benefícios desta ação social na diminuição da criminalidade, obtenção de educação e emprego e resgate da cidadania em época caracterizada pelo individualismo. Muitos se manifestaram e aplaudiram ao longo do tempo o projeto de vida de Heloisa Almeida; Miriê Tedesco, por exemplo, a descreve como ... começou reciclando lixo e hoje recicla vidas.

Heloisa Almeida é homenageada no livro “PF – Nome Próprio Feminino” (2001), de Geraldo Silva e Selma Costamilan. Em 2002 recebe o carinho da Escola de Samba Era de Aquarius através do samba-canção “Do Lixo ao Luxo”. Em 2003, tem sua foto descerrada na Câmara de Vereadores e se torna “Vereadora Emérita”.

As homenagens se sucedem e são recebidas com naturalidade por Heloisa Almeida. Nada, porém, a afasta dos dogmas espíritas e extrema simplicidade.

Durante a breve cerimônia, os presentes a saudaram de pé com um singelo “MUITO OBRIGADO PELA VIDA, HELOISA DIVINA!”

(Osvandré Lech é médico, escritor, bibliófilo e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)



A vida conjunção alternativa

Ora sou alegre
Ora sou triste

Ora sou forte
Ora sofrível

Ora pai
Ora filho

Ora sou nuvem escura
Ora sol radiante

Ora encanto
Ora desencanto

Ora poeta
Ora poesia

Ora vivo
Ora sobrevivo

... louca
... sã

... me escondo
... me apresento

... faleço
...ressurjo

Por que?

Ora, ora...

(Liciane Toazza Duda Bonatto é artista plástica e poetisa, de Passo Fundo/RS.)

Ao Poeta

Talvez ao poeta baste o ritmo das palavras em desafios murmurantes e gritos explosivos; o desafio do andar e a luz sob o manto do ocorrido na versão descontrolada do início: indícios não bastam ao poeta que continua e termina e recomeça.

Talvez ao poeta baste a incompreensão dos ares satisfeitos dos bonecos alçados à condição de estetas; profetas ditos em voz alta ensaiam temas preferidos aos tontos espíritos desnecessários.

Talvez baste ao poeta a sensação de antes de a matéria ser solidificada e flutue em asas descobertas em ventos de solidário espaço.

Talvez ao poeta baste o atentar sereno das noites antagônicas em dizeres gravados nos panfletos entregues anônimos.

Talvez baste ao poeta o fruir da fruta no gosto menos azedo das notícias participando mortes antes do tempo (todo tempo é antes) previsto na antecipação frígida das esperas.

Talvez ao poeta baste levantar a mão e pedir ao garçom a bebida de sempre, a comida sobre o prato, o distrato entre amigos após a ceia: cada um em seus afazeres.

Talvez ao poeta baste saber-se nu ante a hora acertada para a volta; ser na revolta o ânimo e a crueldade explicitada em nomes o anônimo revoar das aves; sobre as aves ao poeta cabe recriminar a mão que oferece o pouco.

Talvez baste ao poeta ser poeta. Adivinhar no texto a descoloração do átimo, o pátio desertado em árvores infrutíferas; o desfolhar do outono é o renascer primaveril das flores em pétalas abertas.

Talvez ao poeta baste discorrer em mãos agitadas no vazio sobre a predição, a contrição, a educação adulterada em números e cientificamente expor ao todo o menos; ao menos cabem protestos.

Talvez ao poeta baste a consecução do plano invertido em sonhos de descidas aos infernos particularizados no extrato do infortúnio; ser seu próprio oposto de reescritas notas no esforço desconcentrado ao nada.

Talvez baste ao poeta o anúncio do amor distanciado em dias, meses, anos e décadas: o reencontro no aperto sentido – o grafite quebrado na ponta – da lâmpada queimada: a tortura acompanhada no degredo do segredo agora revelado.

Talvez ao poeta baste o reconhecimento da presença na indiferença rente ao caminho não percorrido; o banco da praça ocupado pelo corpo despreparado em ocorrências e a decorrente história mal contada.

Talvez ao poeta baste olhar o perto e retirar o longe desconhecido em físicos acidentes: a geografia estanque do planeta; o lento deslocar das placas.

Talvez baste ao poeta a necessidade da urgência intercalada no langor do isolamento. Ficar estático no revolver as cinzas em ocidentes.

Talvez ao poeta baste alisar o pelo do animal sobre o colo deslocado; descobrir ensinamentos simiescos ensimesmados nos ensinamentos.

Talvez ao poeta baste possuir a chave enferrujada da porta secundária por onde entram minotauros instalados nas peças lendárias dos amantes.

Talvez ao poeta baste realizar o sonho da criança perdida em crescimento: recuar o tempo anímico das paredes preenchidas em riscos produzidos das imagens do dia acondicionado.

Talvez baste ao poeta se desvencilhar da hora dos negócios, perder o prumo, o rumo, desviar das pedras rolantes dos embustes; salvar a pele no desconsolo do tédio dos amantes.

Talvez ao poeta baste se dizer o tanto permitido no quanto possuir de forças para se entranhar nas notícias repetidas.

Talvez ao poeta não baste o descobrimento de novas terras, exija o reconhecimento espacial dos mares na sinfonia abafada dos cometas: em cujas caudas, sabe o poeta, trafegam poeiras estelares.

De office-boy a magnífico senhor reitor

Uma carreira, no mínimo, singular, quando comparada aos demais professores que, até hoje, ocuparam a posição de comando supremo na Universidade de Passo Fundo (UPF): o cargo de reitor. O professor Ilmo Santos, que começou trabalhando como office-boy no Consórcio Universitário Católico, que era dirigido pelo Pe. Alcides Guareschi, a quem ele, na época, jamais imaginaria que viria a substituir, ingressou como professor na instituição em 1976, depois passaria pela vice-reitoria administrativa e, para surpresa de muitos, acabaria, como candidato de posição, eleito reitor da Universidade de Passo Fundo, em 1998.



Para contar a sua história de vida, a trajetória profissional, que vai de office-boy até o posto de magnífico reitor, o professor Ilmo Santos, ora afastado da vida acadêmica, recebeu, na sua residência, nos altos da Vila Fátima, em Passo Fundo, os acadêmicos Paulo Monteiro e Gilberto Cunha. Foi uma longa conversa, travada numa manhã de quinta-feira, em novembro de 2015, repleta de pausas e lembranças pessoais, em que, em detalhes, foram relatados fatos, por quem de direito foi protagonista, que, efetivamente, colaboram para o melhor entendimento da história da construção

do ensino universitário em Passo Fundo.

Ilmo Santos ocupou o cargo de magnífico reitor da Universidade de Passo Fundo de 1998 a 2002. Eis a entrevista:

Academia Passo-Fundense de Letras - Começamos com um relato de seus primeiros anos de vida: local de nascimento, família...

Ilmo Santos - Nasci em Sertão, no dia 10 de novembro de 1945. Meu pai chamava-se Ariovaldo Santos e minha mãe Eli Armange Santos. Papai era pequeno agricultor e contava que o sobrenome original de nossa família era Correa. E nunca descobri por que

foi mudado para Santos. Minha mãe era filha de imigrantes alemães, também pequenos agricultores.

Quando foi criada a Estação Experimental de Sertão meu pai, a exemplo de muitos outros pequenos agricultores se empregou ali, como forma de melhorar o sustento de uma família numerosa.

Comecei meus estudos em Sertão mesmo. Ao concluir o Curso Primário, com uma bolsa de estudos fornecida pelo governo de Leonel Brizola, me mudei para Passo Fundo, como aluno interno do Colégio Marista Conceição. Ali fiquei até ir para o Quartel.

APLetras - O Senhor serviu em 1964? Como foi esse período?

Ilmo Santos - Muito difícil. Muito difícil mesmo. Servi num dos quartéis de Alegrete. Eram quatro grandes quartéis, politicamente muito divididos. Dois apoiavam Brizola e os outros dois o combatiam. Quase houve confronto armado entre as forças do Exército.

Não tínhamos a mínima noção do que estava acontecendo. Era punição gravíssima escutar rádio. A única coisa que nos diziam é que estávamos preparados para enfrentar os paulistas que queriam invadir o Rio Grande do Sul. Fiquei dois meses incomunicável. A cada três dias nos aplicavam uma injeção, que eu nunca fiquei sabendo o que era.

Por ironia do destino, participei de missões para prender muita gente. Enquanto isso, meu pai, que já era funcionário do DAER - Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem -, foi demitido do serviço e preso acusado de participar dos "Grupos dos Onze".

Foi um período de grandes dificuldades. Meu pai preso e desempregado e eu, o mais velho de nove irmãos, no Quartel. Quando fiquei sabendo da situação, passei a tirar serviço nos sábados e domingos para os que podiam pagar e mandava todo o dinheiro para minha família.

APLetras - E quando o Senhor saiu do Quartel, como reorganizou sua vida?

Ilmo Santos - Quando dei baixa do Exército retornei para Passo Fundo. Comecei trabalhando como office-boy no Consórcio Universitário Católico, que era dirigido pelo Pe. Alcides Guareschi. Depois consegui um trabalho no Banco Rio-Grandense, que foi incorporado pelo Bradesco e reiniciei meus estudos no Colégio Conceição, onde concluí o Curso de Técnico em Contabilidade, no ano de 1967. Logo a seguir fui trabalhar na Fábrica de Máquinas Darcélio Britto.

Quando saí dessa empresa montei meu próprio escritório de contabilidade, o Contalex, que mantive durante vários anos.

APLetras - E o seu ingresso como professor da Universidade de Passo Fundo?

Ilmo Santos - A Universidade de Passo Fundo sempre teve dificuldades para conseguir professores. Hoje é muito diferente, mas naqueles tempos não era fácil encontrar quem lecionas-

se praticamente de graça. Apenas por status ou amor à causa. Ex-alunos eram aproveitados como professores. Foi o meu caso. Comecei em 1976, lecionando Auditoria. Depois ministrei outras matérias.

APLetras - Nessa época o Senhor tinha intensa militância política...

Ilmo Santos - Sim. Meu pai era trabalhista. A Ditadura acabou com o pluripartidarismo, criando apenas dois: a ARENA - Aliança Renovadora Nacional -, governista, e o MDB - Movimento Democrático Brasileiro -, que queria a redemocratização do País. Filiei-me ao MDB, integrei seu Diretório, presidi sua Juventude e concorri a vice-prefeito. Exerci o cargo de Secretário Municipal da Fazenda, durante o mandato do prefeito Wolmar Salton. Posteriormente,

“Hoje é muito diferente, mas naqueles tempos não era fácil encontrar quem lecionasse praticamente de graça. Apenas por status ou amor à causa.”

fui um dos fundadores e presidente do PDT - Partido Democrático Trabalhista.

Há vários anos estou afastado da política partidária. Hoje estou muito decepcionado com a política partidária.

Acho que puxei um pouquinho ao meu pai, que acreditava que as coisas melhoravam através da educação. Queria que pelo menos um dos seus filhos colocasse um anel de doutor. Quando me formei comprei um anel que nunca usei.

O trabalhismo de Leonel Brizola e Alberto Pasqualini não existe mais. Não há mais doutrina. O próprio Brizola me decepcionou, com o seu coronelismo e, ao apoiar Fernando Collor. Brizola não admitia sombra: afastou Miguel Arraes e Saturnino Braga. Afastava qualquer companheiro que crescesse dentro do PDT.

Como presidente do PDT organizei o Curso Supletivo Libertação, que ofereceu oportunidade de estudos, de graça,

a centenas de passo-fundenses. Ao mesmo tempo, professores trabalhistas, organizaram núcleos de alfabetização em bairros e vilas.

APLetras - Mas voltando à UPF. O Senhor nunca foi muito envolvido na política interna da Universidade e, de repente, começa a desempenhar cargos importantes. Como isso aconteceu?

Ilmo Santos - De fato. Eu dava as minhas aulas à noite e não me envolvia nas disputas internas. Acontece que a UPF entrou numa grave crise, com salários atrasados, dívidas e até greves de funcionários e professores. O vice-reitor administrativo, professor Acioli Rösing, acabou renunciando. Em seu lugar, provisoriamente, assumiu o professor Elmar Floss, o que agravou ainda mais a crise.

Acabei convencido por um grupo de professores a assumir a vice-reitoria administrativa. O argumento principal é que eu tinha experiência administrativa como Secretário Municipal da Fazenda e bom relacionamento com todos os segmentos universitários. Meu amigo professor Rudah Jorge que, de início, apoiou meu nome resolveu disputar o cargo comigo. Empatamos em 176 votos para cada um. O Conselho Diretor da Universidade acabou desempatando, com cinco votos a meu favor e dois para o Doutor Rudah.

Assim é que fui eleito vice-reitor Administrativo da UPF. E consegui fazer um bom trabalho junto com o reitor, Pe. Alcides Guareschi.

O Pe. Alcides Guareschi sempre fez um excelente trabalho pedagógico, mas, na parte administrativa, a Universidade de Passo Fundo estava estagnada. Sabíamos que enfrentaríamos a concorrência de outras instituições, que tinham interesse em investir pesado em Passo Fundo. Tínhamos um único professor com Doutorado e vários cursos corriam o risco de desaparecerem por falta de qualificação dos professores.

APLetras - Para enfrentar esses problemas quais as medidas que foram tomadas?

Ilmo Santos - Começamos negociando as dívidas com professores, funcionários e fornecedores. Depois partimos para a elaboração de projetos que proporcionassem a entrada de recursos no caixa da Universidade. Logo a seguir, firmamos parcerias



com universidades de outros estados, objetivando o aperfeiçoamento e a profissionalização dos professores. E o resultado aí está: a quase totalidade dos professores têm doutorado, mestrado e até pós-doutorado.

Outra medida foi adotar uma política salarial aumentando a remuneração dos professores. Decidimos remunerar bem, pois é preciso a profissionalização dos professores.

Mantivemos todos os cursos, mesmo aqueles que eram deficitários, e criamos novos cursos.

APLeTRAS - E sua eleição para reitor?

Ilmo Santos - As eleições sempre eram meio simbólicas. O Pe. Alcides Guareschi, por seu carisma pessoal, era reconduzido meio informalmente.

Em 1998, como o Pe. Alcides não poderia mais concorrer à reeleição, aconteceu um movimento para que eu concorresse no lugar dele. As pessoas entendiam que era preciso realizar algumas mudanças administrativas. Consideravam o Pe. Alcides “muito bitolado” administrativamente.

O Polo Tecnológico de Alimentos foi um fracasso. Até por que o então reitor não ouvia para decidir.

Eu tinha um estilo diferente. Conversava com todos. Ouvia e, somente depois disso, decidia. Isso favoreceu o incentivo das pessoas para que eu concorresse. Relutei em concorrer até por que, pessoalmente, não me considerava o melhor indicado.

APLeTRAS - E a eleição, Professor?

Ilmo Santos - A eleição foi difícil. Enfrentei a oposição do Pe. Alcides, que era muito forte eleitoralmente, pois tinha o apoio da Igreja Católica. Como não podia concorrer apoiou a professora Salette Bona. Apesar das dificuldades ganhamos folgado, pois o desejo de mudança era muito forte.

O medo da renovação gerou alguns questionamentos e não aceitações. Mas superamos tudo.

Tenho algumas restrições quanto às obras que o Pe. Alcides Guareschi escreveu contando a história da Universidade de Passo Fundo. A Senhora Rosa Santos, viúva do Doutor César Santos, me forneceu cópias de vários documentos que desmentem a versão oficial sobre a “intervenção na Universidade, em 1964”. Segundo esses documentos, a tal de intervenção estadual foi uma farsa montada pelos adversários políticos do Doutor César Santos, com o apoio do então governador Ildo Menegheti. O próprio Ministério da Educação negou validade à “intervenção”, que mesmo assim foi mantida. Nessa história entram, além de interesses políticos vinganças pessoais.

Só não escrevi a história desse período baseado nos documentos que tenho por que sou “preguiçoso para escrever”.

APLeTRAS - E a colaboração da comunidade nos primeiros tempos do ensino superior em Passo Fundo?

Ilmo Santos - Foi muito grande. As pessoas colaboraram muito. Empresas

colaboraram. O próprio prédio onde a Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo se instalou, na Avenida Brasil, em frente à “Prefeitura Velha” foi doação de uma empresa Uruguaia, dos Irmãos Maillos, uma coisa assim.

APLeTRAS - Por falar em Hospital da Cidade, a relação entre a UPF e o centro de referência médica em que Passo Fundo se constituiu nos dias de hoje?

Ilmo Santos - Sem a Universidade de Passo Fundo, o município não seria o centro de referência médica em que se constituiu.

Chegou a haver um momento anterior em que se pensou em federalizar a Universidade, o que não correu. Segundo se comenta essa universidade federal foi barrada por Dom Cláudio Colling. A verdade é que o Hospital São Vicente de Paulo começou a crescer com a criação da Faculdade de Medicina. A transformação do São Vicente em Hospital Escola possibilitou a introdução de equipamentos médicos, de exames e laboratoriais, que estavam entre os mais avançados do mundo. Isso abriu espaço para o avanço dos serviços médicos e de pesquisa em Passo Fundo.

APLeTRAS - O Senhor enfrentou oposição de empresários? É verdade?

Ilmo Santos - Sim. Quando Antonio Britto era candidato a governador do Estado fui chamado para uma reunião na ACISA - Associação Comercial, Industrial, de Serviço e Agronegócio

de Passo Fundo -. Estavam muito preocupados com a possibilidade de que Britto perdesse a eleição. Queriam que a Universidade colaborasse com militância e dinheiro para a campanha daquele candidato. Disse-lhes que a Instituição era, politicamente, apartidária e que não contribuiria financeiramente com ninguém e mais: que não obrigaria ninguém a fazer propaganda eleitoral para quem quer que seja. E me retirei da reunião. Isso fez com que alguns empresários e jornalistas ligado ao PMDB e seus aliados fizessem oposição.

APLetras - E sua orientação à gestão universitária? Como vê hoje?

Ilmo Santos - Conseguimos ter um controle da parte financeira. Realizamos construções e titulação de professores. A Faculdades de Direito, Economia e Administração estavam para fechar por falta de professores titulados, segundo as exigências do Ministério da Educação da época. Os convênios firmados com faculdades de outros estados, como falei antes, foram fundamentais para a manutenção desses cursos. Além de instalar novos cursos na área de Engenharia.

O Campus de Carazinho esteve para fechar. Atitudes tomadas no relacionamento com a comunidade daquele município, antes que assumíssemos a Reitoria fizeram com que a Ulbra lá se instalasse. Conseguimos contornar a situação e manter a UPF em Carazinho.

Quanto ao professor Lourivan Figueiredo, seu trabalho foi importante nesse período. Mais tarde se afastou para cuidar do Grupo Garra, que lhe fez uma proposta que não podíamos cobrir. Aliás, ele participou de um episódio pouco conhecido: quando a situação da UPF era mais crítica e os juros de financiamentos extremamente altos, ele teve a ideia de conseguirmos um empréstimo internacional. Chegou até a viajar ao exterior para conseguir esses recursos, que não foram aprovados dentro de nossa Universidade.

O relacionamento com professores, alunos e funcionários melhorou. Criamos a Rádio UPF e a UPF TV, que foram inauguradas posteriormente.

Acredito que se, antes, essas medidas tivessem sido postas em prática, hoje, a Universidade de Passo Fundo seria muito maior do que é.

APLetras – E a questão da perda da filantropia pela Universidade de Passo Fundo?

Ilmo Santos – Se existe um responsável pela perda da filantropia por parte da Universidade de Passo Fundo, essa pessoa se chama Murilo Coutinho Annes. Ele era o procurador, o advogado de confiança da Universidade. E deixou vencer prazos para a apresentação de recursos. Com isso a Universidade perdeu a filantropia.

Toda a confusão começou com um aluno do Direito, que era fiscal do INSS. Não tirou as notas que necessitava e atritou-se com o professor. Para vingar-se denunciou a Universidade, que foi mal defendida por seu advogado.

O então deputado Osvaldo Biolchi conseguiu audiência no Ministério da Educação e Cultura. Chegamos lá e nem havia processo contra a Universidade.

“Gostem ou não gostem, a Universidade de Passo Fundo deve muito a dois dos seus fundadores: o médico César Santos e seu irmão Reysoli Santos.”

Cobramos do Dr. Murilo Annes. Ele renunciou. Contratamos uma empresa de assessoria e conseguimos resolver a situação.

APLetras – Como o Senhor vê a Universidade sendo mantida por uma Fundação?

Ilmo Santos - Trata-se de um modelo copiado de algumas universidades norte-americanas. A Universidade não tem CNPJ, não tem contabilidade. Quem controla tudo é a Fundação Universidade de Passo Fundo

Muitas pessoas defendem uma alteração nessa forma de administrar a Universidade.

APLetras – E a parceria entre a Universidade e o Hospital da Cidade?

Ilmo Santos – Quando eu era reitor fui procurado pela direção do Hospital da Cidade, querendo doar o Hospital para a Universidade. Isso foi em princípios de 1999. Estudamos a situação e

não aceitamos a doação. As dívidas eram imensas e os credores viriam para cima da Universidade, para receberem o que lhes era devido.

Assumimos o compromisso de prestar assessoria técnica ao Hospital. E o fizemos. Adotamos medidas para sanear a situação financeira da Instituição. E o conseguimos. O Hospital da Cidade passou a ser, também, hospital escola, o que contribuiu para aumentar os valores pagos pelo Sistema Único de Saúde.

A verdade é que, indiretamente, o Hospital da Cidade era administrado pelo Hospital São Vicente de Paulo. Este hospital nunca cumpriu integralmente com os compromissos de contrapartida para manter a Filantropia. Os casos que “davam prejuízo” eram encaminhados para o Hospital da Cidade.

Professores e estudantes de vários cursos da UPF passaram a trabalhar no processo de reorganização do Hospital da Cidade. E foram exitosos. Hoje o Hospital está recuperado, recebendo ampliações e melhorando cada vez mais.

APLetras – O Senhor teve outras atividades em Passo Fundo?

Ilmo Santos – De fato. Participei do Conselho de Administração da IMED, nos últimos dois anos. Exerço, há muitos anos, atividades sem remuneração junto ao Patronato de Menores. Participei, por um breve período da administração da CODEPAS.

APLetras – Para finalizar: Como o Senhor vê a concorrência de várias outras instituições de Ensino Superior com a UPF? E como avalia sua vida pública?

Ilmo Santos – Mais cedo ou mais tarde essa concorrência viria. Sabemos que o custo para manter uma universidade é muito elevado. A Universidade precisa manter a qualidade dos cursos oferecidos. Durante os anos em que fui reitor preparamos o terreno para a garantia dessa qualidade.

Peguei a Universidade num momento crítico, aproveitando minha experiência na Secretaria Municipal da Fazenda. Estou com a consciência tranquila. Posso dormir em paz pelo que fiz durante os quinze anos em que permaneci em cargos diretivos da Universidade, como vice-reitor administrativo e reitor.

Gostem ou não gostem, a Universidade de Passo Fundo deve muito a dois dos seus fundadores: o médico César Santos e seu irmão Reysoli Santos. ■

ENSINO DE ANATOMIA DA ODONTOLOGIA:

Tudo tem um começo



ADELVINO PARIZZI

Como aluno da primeira turma, constituímos o Diretório Acadêmico do Curso de Odontologia e fui escolhido para ser o presidente. Como presidente fui ao Congresso Nacional de Estudantes patrocinado pela UNE, realizado em Niterói, Rio de Janeiro. Nosso professor de Anatomia, como dentista capitão do Exército, Joaquim Gomes, era oriundo de lá, e nos entregava uma carta endereçada ao seu professor de Anatomia da Faculdade Fluminense de Medicina, para a possibilidade de nos ceder algumas peças anatômicas para nossos estudos práticos. Eu e meu colega Antonio Pretto visitamos o professor Mauricio Muscovisci e lhe entregamos a carta. Ele nos mandou passar depois de três dias, iria ver da possibilidade. Um dia antes do tempo aprazado de nossa volta fomos até a Faculdade onde nos foi entre quatro cabeças. Fomos até uma livraria compramos papel, plástico e fita adesiva. Embalamos tudo muito bem e encaixotamos num volume de madeira e levamos para nosso alojamento. Voltamos para Passo Fundo com as cabeças alojadas junto com as demais bagagens. Chegando a casa, providenciamos um tanque de lavar roupa e formol para a conservação das peças, utilizando um banheiro da secretaria do curso de Odontologia, até termos um local definitivo para tal, que foi, debaixo da escadaria de levava á biblioteca.

No ano seguinte fomos a Santo André, em São Paulo para o congresso da UNE, e mais uma carta endereçada ao prof. Maurício. Desta vez meu acompanhante era Tadeu da Rocha Pereira. Fomos a Niterói de ônibus, conseguimos mais quatro cabeças e da mesma forma embalamos em papel e plástico, em dois volumes, e compramos uma passagem de volta de trem noturno. Até a hora da partida do trem guardamos os dois volumes, no setor de guarda pacotes da estação ferroviária. Às dez horas da noite, nossa partida, nos acomodamos no

vagão, e colocamos os dois pacotes no guarda volume, na partes superior dos bancos, e seguimos viagem, mas como era noite dormimos como a maioria dos passageiros. Lá pela madrugada, acordei com um cheiro insuportável de formol e olhei para os pacotes estavam pingando formol. Acordei o Tadeu o mostrei o drama que estávamos enfrentando. Rapidamente pegamos os pacotes e levamos para WC, e, lá desembulhamos as cabeças e colocávamo-las dentro da latrina e puxávamos a descarga numa tentativa de eliminar o excesso de formol e suavizar a situação. Praticamente passamos a madrugada toda fazendo isso. Demos um volta pelo trem conseguimos jornais que estavam pelos bancos e enxugamos bem as peças e renovamos os pacotes e os recolocamos em seu lugar. O coração pulsava a mil e olhamos em volta com medo de algo acontecer, mas felizmente chegamos a São Paulo. Fomos a Santo André e colocamos os pacotes ao lado de nossas bagagens, no alojamento, sempre de olho, até o dia de nosso embarque para Porto Alegre, depois estávamos em Passo Fundo com mais uma missão cumprida.

Quando foi construída a primeira sala para tal fim, como monitor da disciplina de Anatomia, fiquei responsável pelas peças anatômicas. A sala ficava ao lado do prédio do curso de Odontologia, e em frente do curso de Direito, precisamente no corredor em que usavam passar os alunos de Direito e Economia quando se dirigiam as aulas.

A direção do curso de Odontologia providenciou que eu, fizesse um curso de formalização, conservação de cadáveres e preparo de peças. Fui encaminhado a Faculdade de Odontologia em Pelotas, no mês de fevereiro e Universidade de Santa Maria no mês de julho.

Preparado, e pronto era só colocar em prática, o aprendizado. Só faltava o cadáver.

Nessa época, o Instituto de Perícias não existia. Os cadáveres considerados como indigentes eram encaminhados á Subprefeitura do Município. Fomos até lá e solicitamos disponibilizarem um

cadáver, para que fosse encaminhado ao estudo de anatomia e nos responsabilizaríamos pelo sepultamento, do mesmo, com todos os tramites necessários, após da realização dos estudos.

Num determinado dia de inverso, transportado numa tombeira da Prefeitura, chegou o cadáver que tanto queríamos. Levamos à sala de preparação, que deste momento, em diante, passou a ser chamado de Laboratório de Anatomia. Preparamos com todo o cuidado a formolização, por três dias. Após o colocamos no tanque de conservação, onde aguardaríamos por algum tempo, até o momento de estudo.

Com o passar dos dias, o cadáver começou a emergir para superfície.

Colocamos, sobre seu peito, uma laje de pedra e ele afundou.

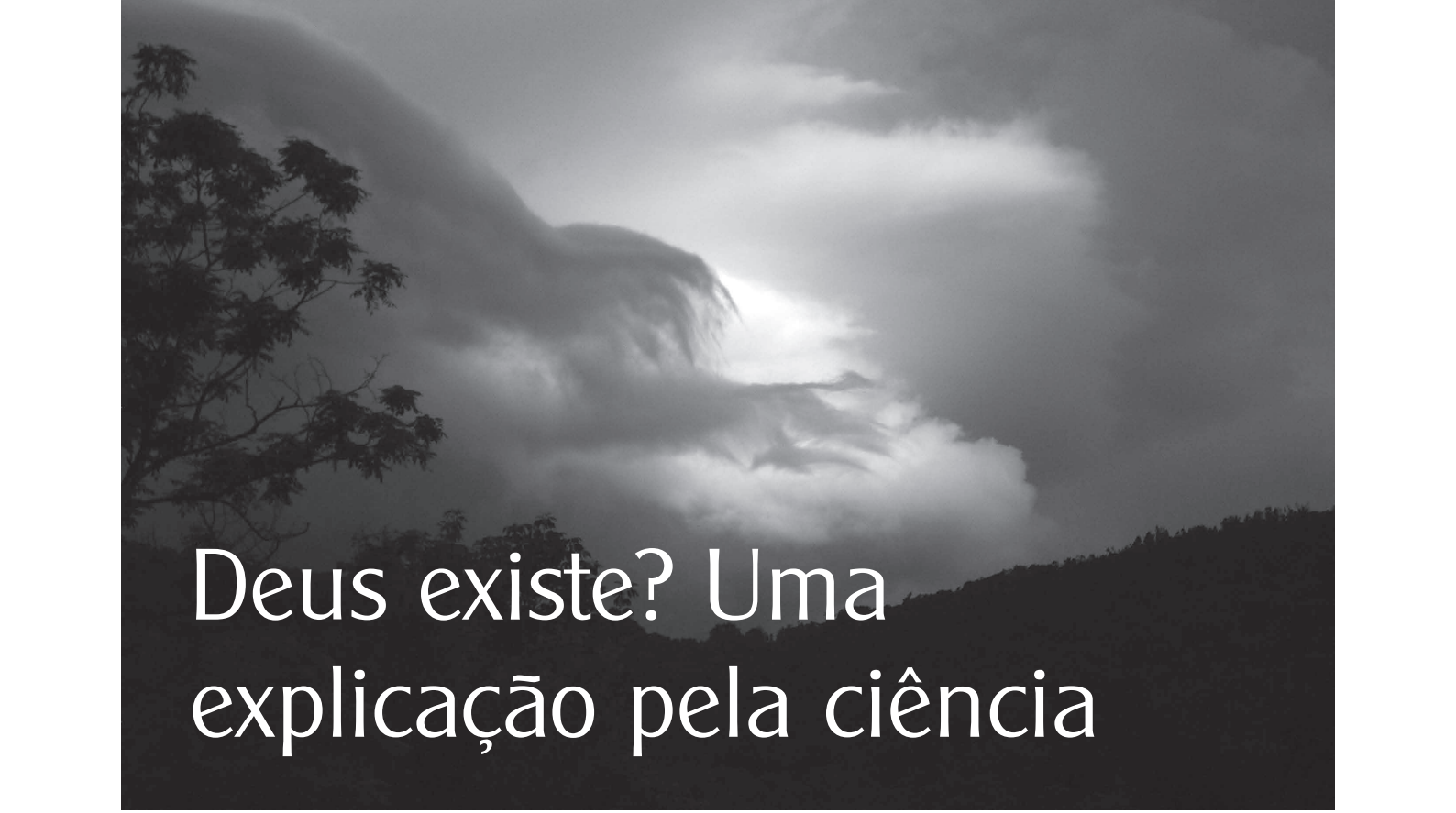
Após de três dias emergiu novamente. Colocamos peso até afundar.

Quando emergiu novamente, começou exalar um cheiro pouco agradável. Não conseguimos, mais, mantê-lo emerso.

Alunos que frequentavam o Direito e a Economia, reclamavam pelo fedor que havia, na passagem, em frente do Laboratório de Anatomia, e, não tivemos outra alternativa, a não ser, em enterrá-lo, mas a sua cabeça não havia estragado, assim realizamos a primeira dissecação, que foi a amputação da cabeça, que a guardamos com carinho, e ela está exposta no museu laboratório até os dias de hoje.

Como diz o ditado “É errando que se aprende”, não acertamos a primeira vez, mas não houve o próximo erro.

(Adelvino Parizzi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Deus existe? Uma explicação pela ciência

CARLOS AUGUSTO S. MADALOSSO

Nos últimos dois séculos, a existência de Deus tem sido negada face à incapacidade de sua comprovação. Isso pode muito bem ser explicado pela nossa limitada capacidade de medir, identificar ou mesmo entender como pode haver uma dimensão desconhecida que comporta outro mundo não palpável. De fato, continuamos sem uma formulação lógica para explicarmos como surgiu o que esta à nossa volta sem termos uma comprovação científica que nos forneça esta resposta.

O que chamamos de universo tem sua origem explicada pela ciência, e teria seu início a partir de um único ponto de densidade infinita que se tornou instável e, com uma explosão de magnitude infinita, gerou os universos que ainda estão em expansão. Cada universo é composto por bilhões de galáxias que, por sua vez, contém bilhões de estrelas. Essas estão a uma distância de milhões de anos-luz da terra. Isso nos leva a crer que muitas delas talvez já nem mais existam. Cada estrela tem uma energia imensa capaz de manter vivo o nosso planeta. O planeta terra tem 4,5 bilhões de anos, sendo que a vida, a primeira unidade de proteína associada a um primitivo fragmento de DNA e, por isso, capaz de se reproduzir, surgiu há três bilhões de anos. Já

os primeiros hominídeos surgiram há quatro milhões e o Homo sapiens (que pensa) há cerca de 50 mil anos. Toda essa sequência de eventos é explicada com base científica, demonstrando que a física e a química podem explicar a biologia. Contudo, quem formou o ponto de densidade máxima? Quem promoveu a instabilidade para que a explosão fosse gerada?

Pois, segundo a Bíblia, no Gênesis, a criação da terra e seus habitantes nos é exposta com uma pobreza científica tão grande que facilmente induz a ciência à destruição da teoria criacionista. Do ponto de vista científico, a comprovação da causalidade implica na idealização de um mecanismo baseado em um raciocínio lógico e plausível. Ainda, toda a alegação científica deverá ser baseada na negação da hipótese nula. Isso significa que necessariamente haverá de comprovar que o efeito não foi fruto do acaso. Se quisermos provar que Deus existe, teremos de demonstrar que os eventos que são atribuídos à sua criação não decorreram de mera casualidade. Portanto, a comprovação científica dar-se-á mediante a rejeição da hipótese nula.

Quando olhamos no macrocosmo, especificamente no universo exemplificado acima, realmente fica impossível que com nossos recursos tecnológicos possamos alcançar compreensão da grandeza do Universo. O avanço de física proporcionou a criação de aceleradores

de partículas capazes de fazê-las viajar à velocidade da Luz (Large Hadron Collider - LHC), e se hoje, tivéssemos sondas espaciais/equipamentos espectrômetros não tripulados que viajassem à esta velocidade, muitas das estrelas e astros, a milhões de anos-luz, poderiam não mais existir quando lá chegássemos tornando infrutíferos tais esforços. Assim, os recursos econômicos, tecnológicos bem como a temporalidade da vida de nossa civilização inviabilizam uma melhor compreensão da origem da vida. Como então poderemos negar ou explicar a existência de Deus?

Com a inacessibilidade do macrocosmo, o único recurso de pesquisa plausível será o microcosmo. Assim deveremos buscar tais explicações em um ambiente microscópico ou mesmo ultramicroscópico, que hoje nos é acessível. Nossa alternativa será então baseada na análise sobre cromossomas, que é a inteligência celular. Esses consistem em instruções que garantem adequado equilíbrio como também a reprodução celular assim como dos seres vivos. Nosso corpo humano é formado por 10 trilhões de células, cada unidade celular contém 46 cromossomas. Cada cromossoma contém 6 bilhões de bases nitrogenadas que seriam comparáveis aos bits do computador. Para formarmos um caractere, seis bits são necessários. Em uma página de um livro existem 2000 caracteres, e em média um livro

tem 500 páginas. Isso significa que cada cromossoma corresponde a uma biblioteca de 1000 livros com instruções de funcionamento celular. Como são 46 cromossomas, haverá em cada célula um acervo de 46 mil livros de 500 páginas de instrução celular. Ainda, todos esses trilhões de células deverão organizar-se para que, exercendo funções diversas, possam interagir fazendo com que nosso organismo funcione. Essa explicação deverá ser ainda extrapolada para os outros seres vivos com número de cromossomas tão pequenos como a drosófila (mosca comum), que tem 8 cromossomas, ou tão grandes como a Borboleta que tem 380 cromossomas, ou até mesmo vegetais como a samambaia que tem mais de 1200 cromossomas em cada célula. As instruções contidas nos cromossomos são responsáveis pela perpetuação da vida do planeta. Se quisermos admitir que todas essas “bibliotecas” celulares foram criadas pelo acaso, teremos de admitir que todos esses caracteres foram jogados e formaram palavras e sentenças com lógicas dentro de livros. Se uma dessas bases for alterada por mutação genética, poderemos ter doenças como hemocromatose, anemia falciforme, fenil-cetonúria, câncer e tantas outras.

Assim, pode ser que muitos continuem a afirmar que Deus não existe, ou seja, que tudo aconteceu em virtude do acaso, que caracteres foram jogados dentro da célula formando milhares de livros; mas explicar esses fatos como casualidades é tão difícil como explicar cientificamente a presença de Deus. De fato, para negar a teoria criacionista será necessário explicar como, toda essa complexidade do mundo microscópico quanto no universo organizou-se. Muito mais plausível será considerar que houve a criação, e após existirem as coisas, a ciência passou a tentar explicá-las. Contudo, a ciência ainda é insuficiente para provar a presença de Deus mas, na ausência de provas, deveremos seguir as evidências científicas que apontam para a hipótese da constituição do universo a partir da mão de Deus e não pelo simples acaso.

NOTA:

Texto inspirado e adaptado do vídeo do Prof. Eneas Carneiro -<https://www.youtube.com/watch?v=8OQGUL9ZE0I>

(Carlos Augusto S. Madalosso é Doutor em Medicina pela UFRGS.)

Valsa da Passagem

LEON NUNES

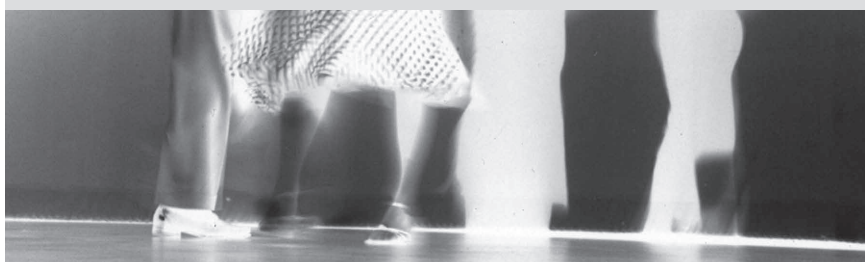
Por quê? Por que do suicídio? Que aconteceu à autoestima? Que fez da mão instrumento da morte a empunhar revólver, faca, estilete? No pulso não corre mais sangue? E o medo? A porcaria do medo, que deveria proteger esta carcaça, onde? O dedo a tocar em partes escondidas; a letra, pois, tão maltratada, rasurada, em frangalhos – cadê? Do tempo, que já não é mais espaço, perdido, enegrecido, da pele arrancado? Caiu. Ah! Caiu. No esquecimento de qualquer glória corrompida. Da raiva, o sentimento – o sentir, com tato, olfato, paladar – da raiva: arrote cósmico a devastar constelações, planetas, impérios. Aonde tudo? Para onde o nada? E o que estou fazendo aqui?

O ensombrecido da vegetação neste campo florido de flores negras move quaisquer habitantes do desconhecido. Silêncio! Silêncio. Escuta algo? Que interrogação é esta na nossa face? Minha querida, minha querida. Do sem sentido, desconexo. A tinta no bloco a formar palavras inlegíveis. Dançar uma última dança. Valsa da Passagem. Foi lá, não mais torna; veio, tornará, o arrepio – o arrepio. Minha alma sangra no movimento lento da constelação apagada. E meus olhos, dentro e fora, treva; a cor dos olhos que preenche minha face, e que nada vê. Não. Não nada; há algo lá no fundo. Só não sei o que é. Eu espero. Espero.

Voltou? ‘inda sangra; meu coração – há um dentro de mim? – parado. Eu tento ouvir minha respiração. Ouço apenas o indecifrável-ruído-baixo-não-escutado. Jamais. Aqui – jamais. A espera dói. Finjo criar mundos; finjo fingir; a vida que tateia cá é morte. Escuta a onda chegar a ti; a onda de meu lamento. O caminho, afinal, é sofrido; longe o fim. De tanto fingir, acredito. Desacreditando. Que antes houve uma vida – amparo-me nesta ilusão repleta do sofrer-eterno. Penso que houve sim uma faca, enferrujada, que se cravou no pulso e no peito. Mas pode ter sido qualquer coisa cortante: o dente da engrenagem rasgou a veia da vida. Nesta ilusão, um mundo, um pouco d’água. Na água, vinho – ou seria sangue, dane-se. Desse vinho eu bebi. Entorpecimei-me da mais pura alucinação. Babei o veneno que desceu pela garganta. A ausência da porcaria do medo.

Há um buraco em mim. Dentro deste corpo etéreo. A navegar do fim para o fim. Não me é possível entender. Compreendeu? A caneta cósmica desliza na folha negra de papel-mortalha. E como nunca, sinto-me tão morto quanto vivo. A espera, esta sim, é longa, já disse. Se cheguei até aqui, pode ser que não há lugar para mim. Dar-te-ei um descanso. Torno a voltar em outro instante. Tua mão está cansada. Ficarei esperando. A imaginar motivos, absurdos, sem uma lágrima sequer. Tua mão dói. E o ponto-final – este nem sabemos se há.

(Leon Nunes é membro da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)



Preconceito versus diversidade

ODILON GARCEZ AYRES

As charges que propõem uma análise mais acurada na disciplina de Educação e Diversidade do curso de Pedagogia, são sobejamente conhecidas de todos, todas elas entrelaçadas, voltadas para o preconceito contra grupos sociais ou descendentes de etnias.

No primeiro caso, que é o preconceito racial, principalmente contra negros ou “pardos” (e aí, os pardos estão incluídos porque rendem fartos votos ao poder atual dominante), não quer dizer que seja um ato exclusivo contra afro-descendentes, pois ainda é latente contra outros, por valores históricos ou conflitos, ou seja:

Alemães (alemão batata, chucrutz, nazista, etc.); Italianos (gringos, ou gringo polenteiro); Judeus (tachados por muito tempo como matadores de Cristo); Indígenas (cachaceiros, preguiçosos); Caboclos (indolentes, Jéca-Tatu), e por aí vai.

Agora, de uns vinte anos para cá, com o surgimento de uma hoste sectária, vorazmente eleitoreira, começaram a cobrar uma dívida moral feita até 13 de maio de 1888, e da qual, nós povo, nunca fomos fiadores das elites, e aí, elegeram um tal de Zumbi, chefe de um, dentre dezenas de Quilombos, que apenas acoitava seus iguais, e os escravizava ao seu ancestral modo africano, como herói incontestado.

Para apagar possíveis traumas de consciência, várias nações do mundo inteiro, estão pedindo formalmente, “desculpas”, por homicídios, torturas, genocídios, barbáries, perseguições e outros males, para sepultar com esta simples palavrinha, que na verdade deveria ser um pedido de “perdão”, os atos cometidos contra a, b, c ou d, como sói acontecer agora com o Papa Bento XVI pedindo desculpas em nome da Igreja Católica pelos atos de pedofilia cometidos pelos seus sacerdotes, desde anos imemoriais.

Entretanto, no Brasil, isto não se faz, para que os políticos possam manter a patuléia constantemente subjugada aos seus interesses eleitoreiros, (bolsas,

cotas, etc.), e além disso, as elites políticas de hoje, estão tentando de qualquer modo, assim como fizeram com a Monarquia, apagar os nomes e atos de pessoas, que verteram suor e sangue em favor da causa abolicionista, ao lado de milhares de heróis anônimos, como o Visconde do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Castro Alves, Dom Pedro II e a Princesa Isabel.

Se voltam descaradamente contra a história, vilipendiando nossos heróis e nossos modelos de civismo e honradez, chamando Bento Gonçalves, por exemplo, de reles ladrão de cavalo, quando na verdade dilapidou seu patrimônio pela causa Farrroupilha, e morreu empobrecido.

Nos anos 50 não sabíamos o que era racismo, tão pouco preconceito. Fui criado por negro, tive colegas negros, no primário e no ginásio, e quando brigávamos (coisas de guris), eles me chamavam de alemão, por causa da cor do meu cabelo, e eu os chamava de chupim, por serem pretos, mas, vejam bem, todos, crianças, homens e mulheres, na minha aldeia, eram tratados com respeito e como iguais, porque essa era a formação que nossos pais nos deram.

Cinquenta anos depois, com a sanha pelo poder, e a rápida chegada da transformadora era da modernidade, com suas indústrias, apareceram as mega cidades com sua pobreza, suas favelas, suas senzalas modernas (sem água, sem



luz, sem banheiro, sem esgoto, sem calçamento, sem mata-rato, sem teto, sem comida e sem profissão), e da miséria total, surgem os catinguentos, os fedendo a fumaça, os raquíticos, tuberculosos, os desdentados, loucos de fome, e desses surgem , as gangues, quadrilhas, traficantes, bixeiros, biscateiros, etc. e seus filhos os drogados, os hip-hop, os Emo (que eu não sei que bicho é); e da promiscuidade, as prostitutas, os travestis, bichas e veados, menores prostituídas, e até prostíbulos requintados.

Desse maremoto de gangues e craquentos de diversas cores e matizes, surgem os aproveitadores de plantão, como sempre houve na história da humanidade, desde Nero e Constantino, quando se aproveitaram dos cristãos.

Depois dos coronéis da cana, do café, do gado, da madeira e dos caudilhos, sempre estiveram presentes os políticos, desde o vereador até o candidato a presidente, vendendo ilusões, e com-

prando barato o voto do analfabeto, e por um cargo o voto do cabo eleitoral e dos puxa-sacos. Registre-se também, que ataram e manietaram a imprensa escrita, falada e televisada, desde a vila até Brasília. Isto, sem contar com a Igreja dominante do Brasil, (embora estado laico), que até hoje mantém a nação a cabresto (visitas papais), com a falsa premissa de que o Reino de Deus é dos pobres, e das outras seitas, que a seu modo, também fazem apologia da pobreza, segregam, a luz do dia sem que ninguém ache isso como preconceito, juntando aqui e ali a elite brasileira (católicos), germânicos (anglicanos, luteranos); brasileiros brancos (assembleias e universais); pardos e sararás (seitas evangélicas); e os pretos, negros mesmo, retintos, azulões, onde estão?

Um aqui, outro acolá, e agora estão chegando em grandes levas, de Moçambique, de Angola, do Senegal, enfim, da África, e daqui um pouco

seremos minoria. Isto sem contar os caribenhos Haitianos, Cubanos, e “hermanos” da América Latina, engrossando o nosso caldo.

Atentem muito bem para esta despreziosa brincadeira! Começaram com “loira burra”, e para ser “branco burro”, será um passo!

Eu aprendi em casa, com meus pais, tios e avós, até os 7 anos, e depois com meus professores (uma era preta, negra, afro, como queiram, Professora Maria Rodrigues), que a seu modo me discriminava, mas eu continuei com meus valores, e os carrego até hoje, e por esse simples relato obrigatório, vocês podem tirar a conclusão de quem é a responsabilidade do atual “status quo”, do desrespeito a diversidade étnica e cultural no nosso país.

A gringinha ali de Paraí (olha o preconceito...), nossa prezada Professora, além de tudo, nos pede sugestões para melhor trabalhar com o preconceito na educação.

Veja bem...vou sair pela tangente: Daqui a pouco (mais 50 anos), na era das super e hiper-tecnologias, e nós habitando em novos mundos galácticos, estes míseros problemas de convivência social deixarão de existir, mas, até lá, como passei por várias fases educacionais, o melhor sistema é o dos meus anos 55, ou seja:

Hierarquia (pai, mãe, família, professor). Modelo: Ordem, disciplina militar, regulamento, regimento, civismo, religiosidade e uniforme (igualdade social), que gera, ética, respeito, princípios, nobreza de sentimentos e de conduta, o que gera honra e orgulho de estudarmos no Visconde de Araguaia ou na Anhanguera.

Não é por acaso, que hoje, em 2010, a Escola Tiradentes (vinculada a Brigada Militar do Estado do Rio Grande do Sul), seja uma das mais procuradas, não só pelos pais, como pelos próprios estudantes, que querem serem vistos com outros olhos, diferenciados, na educação, no aspecto e no caráter. É uma minoria, mas ainda é uma reserva moral. Um exemplo a ser seguido. Para pensar: Se Deus gostasse de miscigenação, não teria colocado os brancos na Europa, os amarelos na Ásia, os vermelhos nas Américas e os pretos na África, tão pouco teria escolhido para Ele apenas um povo.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Letras do Brasil - Seccional do Mato Grosso do Sul.)



Conversações com Carlos Galves

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA
DE AZEVEDO**

Para quem não sabe ou está esquecido, Carlos Galves foi um dos vultos mais importantes da história local. Formado e laureado pela Faculdade de Direito que veio a ser da UFRGS e orador da sua turma, foi o maior advogado que Passo Fundo jamais teve, conquistando renome nacional e mesmo internacional. Além de jurista, professor de Direito e ser humano incomparável, foi filósofo, economista, literato, jornalista, político e pensador de altos voos. Foi um dos fundadores da nossa Faculdade de Direito e o primeiro titular das cátedras de Economia Política e de Filosofia do Direito.

Depois que fechou o Café Elite, deslocou-se para a residência de Galves, para o café e as conversas, o local de encontro do grupo de que ele era o mentor. Os assuntos eram muito variados: as novidades do cotidiano local, a política, a Universidade e outros temas, como literatura, economia e filosofia. Lembro-me de muitos que lá passaram a ir, coincidindo ou alternando-se em dias diferentes: Eram o Dárcio Vieira Marques e eu, além de Verdi de César, Celso Fiori, Flávio Luz, Nelson Silva, Celso Busato, Jurandir Algarve, o jovem Osmar Teixeira e Jabs Paim Bandeira, entre outros, advogados ou acadêmicos de direito.

Chegou um tempo em que não pude mais ir todos os dias à casa de Galves. Passei a reservar para isso as tardes de sábado. Com sua esposa Maria Emília, acolhia os visitantes com fidalga hospitalidade. Ficávamos na sala de estar, diante da lareira, onde ele pontificava. Ainda posso vê-lo, usando sempre terno e gravata, na cabeça o indefectível boné e os óculos de armação negra, verdadeira figura de sábio, rodeado por seus livros, seus discos de música clássica e obras de arte preferidos. Naquelas tardes, geralmente na companhia



do Dárcio, foi que, escutando o mestre, obtive o melhor proveito da sabedoria e da imensa cultura de Carlos Galves.

Leitor incansável e de múltiplos interesses, dono de uma riquíssima biblioteca (herdada por Dárcio Vieira Marques), em Economia era adepto entusiasmado do pensamento de Roberto Campos e Otávio Gouvêa de Bulhões, cujos artigos no Estadão invariavelmente lia e comentava. Estando em tempo integral a completar a sua obra maior — o Manual de Filosofia do Direito — contava-nos sobre suas pesquisas e leituras, que fazia em vários idiomas, inclusive em grego e latim, e gostava de informar-se e orientar-nos sobre nossos gostos e atividades intelectuais. Estimulava-nos constantemente às leituras profundas e ao cultivo do pensamento abstrato e crítico. Católico por convicção, tinha Santo Tomás de Aquino e sua formidável Suma Teológica como livro de cabeceira. Em Filosofia, encantava-nos ao quando dissertava sobre Bergson e seu evolucionismo, sobre Ortega y Gasset e sua metafísica e tantos outros pensadores com quem tinha afinidade e familiaridade. Dentre os brasileiros, nutria grande apreço pelos rivais Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. Tratando da nossa literatura, ele e eu não poucas vezes disputávamos sobre os méritos de Eça de Queiroz, o meu

preferido, e de seu êmulo Machado de Assis, para Galves o maior dos prosadores do nosso idioma. Com sua memória apurada, costumava lembrar passagens de Dom Casmurro, de Quincas Borba, do conto O Alienista e das Memórias Póstumas de Brás Cubas. Não foram poucas as vezes em que recordou, recitando-a de cor, a crônica sobre O velho Senado - o do Império, do tempo em que os senadores eram dignos e respeitáveis — quando Machado, lembrando os perfis de alguns, descreveu lapidarmente como “metade homens, metade instituições”.

Recordo Carlos Galves com carinho e muita saudade. Não mais que Dárcio Vieira Marques, seu legítimo filho espiritual, considero-me seu discípulo e seguidor por toda a vida. Devo-lhe o exemplo e o estímulo para o estudo disciplinado e constante, para o exercício da advocacia ética e responsável, para o cultivo do Direito como ciência, para o gosto das artes e da literatura e também — por que não? — para desfrutar de tudo o que existe de bom neste louco e insensato mundo.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é ex-advogado. Procurador do Estado aposentado. Oficial do Registro de Imóveis de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O meu patrono Tenebro dos Santos Moura



ODILON GARCEZ AYRES

Confesso, sinceramente, que quando o recebi por Patrono, o ex-detentor da cadeira 38 da APL, o ilustre cidadão passo-fundense, natural da lendária Palmeira das Missões, Tenebro dos Santos Moura, fiquei meio decepcionado, pois parecia-me que, um poeta, e dos grandes, não se coadunava, com o meu perfil literário, mas, aos poucos, fui aceitando-o em meu íntimo, até porque, tínhamos convivido profissionalmente em muitos momentos de nossas vidas, e este meu patrono não era um ilustre desconhecido entre os imortais que fazem o rol deste sodalício.

Ouvi-o muitas vezes declamando nos programas, nas tertúlias e nas semanas

cívicas gaúchas, antológicas poesias de sua distinta marca, como o “facão do primitivo”, “agradecendo a faca prateada”, “cerejinha” e tantas outras, não só no Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, mas nas campereadas Brasil afora, ainda na década de 50, no Rio de Janeiro, São Paulo, Volta Redonda e nos Rodeios e festas gaúchas do Rio Grande do Sul.

Mas, como diz o gaúcho: Roçava em qualquer roçado! Terciava suas poesias como quem vai ao bolicho comprar um caixa de fósforo, sem alarde, sem rompante, mas é no homem calmo, comedido, mais ouvinte do que falastrão, que mora o perigo, como bem se vê, quando suas poesias brotam sem retovo, sem sofrenços calculados, como um caudal de água límpida, eivada do nosso palavreado serrano, mais do que frontei-

rista, dando uma beleza sem par, junto com uma lição dialética e de história da nossa estirpe.

O convite era recebido com carinho e estava sempre pronto, só tinha uma condição, não precisava pagamento, nem refeição, me busquem, e me tragam, por favor, que não tenho condução.

E assim, foi nosso relacionamento mais amíúde quando da realização de quatro Festivais de Folclore das Escolas de 1º grau da grande Passo Fundo, nos anos 70, cuja franqueza e camaradagem se consolidou, atuando como Jurado desde o 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, até o lendário 3º Rodeio Internacional de Passo Fundo, quando logo após fez sua última tropeada para a “Querência” do céu, cujo título afor-moseia o seu legado poético.

Legado que soube cultivar desde

aqui chegou, oriundo da maẽzeira dos ervais, fazendo de Passo Fundo, sua nova querência. Primeiro amealhou amigos, com seu jeito calmo e buenacho, entreverou-se com a gauchada, calou fundo no imaginário serrano, de quem era o poeta maior destas bandas e se fez respeitar aos pouquitos no mais, ouvido com excelência e admiração, pois até os grandes calavam-se para ouvir sua oratória rimada, dava gosto ouvi-lo declamando o “facão do primitivo”, depositário fiel dos seus avoengos, que não mandava dizer, tinham cepa e raça para falar dos de bem e dos mala-cara.

Afinal de contas, fora criado por seu avô, Vicente Moura Machado, cria da Esquina dos Machado, lá do Formigueiro, lindeiro a São Sepé, que por sinal, seu Professor, juntamente com seus colegas e amigos, Josino Assis de Moura, ex-Prefeito de Palmeira das Missões e Deputado Estadual; Leonel de Moura Brizola, ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro; e ainda de Júlio Moura Martins e do Professor Mozart Pereira Soares.

O seu primeiro, e único livro, intitulado “Querência”, editado em 1986, pela Gráfica Berthier, e agora com segunda edição editada em 1996 pelo seu neto Eduardo, estava a disposição na Secretaria de Turismo, Desporto e Cultura – Passotur, para regalo aos visitantes ilustres, e um exemplar me foi apresentado, dia 16 de abril de 1987, pelo então Secretário, Dr. Flávio Benvegnú.

Li-o muitas vezes, faz parte do meu acervo, mas agora, releio com mais atenção, com mais carinho, e com mais respeito, pois se trata do meu patrono, do meu fiador, e honrá-lo, não só com palavras é minha obrigação, mas maior ainda, é conduzir-me nesta Academia, como se ele fosse, com humildade, com respeito junto aos meus pares, sem esquecer da altivez com que usava suas pilchas, sem ostentação, adornada, por um lenço branco dos chimangos, temido dos maragatos.

O seu livro com estórias de galpão e “versos do seu baú”, foi idealizado com esmero, e acabado com maestria, desde a capa, e ilustrações realizadas pelo grande desenhista santiaguense, Otelo Ribeiro, em 1983, quando aqui trabalhava na EBCT, cuja pena, mostra um gaúcho em seu cavalo, ambos bem aperados, e seu cusco amigo, abrem a porteira da querência, encimada por altaneiro pinheiro serrano e quero-quero esvoaçando, e nos entrega suas imortais

poesias para nosso deleite e recordação.

A orelha, prefaciada pelo Sr. Fausto J. L. Domingues, culto literato, conterrâneo do desenhista e ilustrador, na qual nos apresenta o meu patrono Tenebro dos Santos Moura, dispensaria todo o meu palavrório, pois é perfeita ao traçar o perfil do nosso homenageado.

Na segunda página o autor reconhece e cita o seu desenhista e ilustrador, e dá seu endereço, na qual homenageia alguém vindo de São Sepé, Rua Padre Guedes, 74 no bairro Lucas Araújo, recanto mais conhecido por Vila Schell, onde muitas e muitas vezes, fui buscá-lo e devolvê-lo, são e salvo ao convívio de seus familiares, com meu cavalo baio moderno.

Abre assim a porteira do seu manancial poético:

Ao meu Passo Fundo “tchê”
Gauchíssima cidade
Onde a hospitalidade
Chegou e fez paradeiro!
A capital do planalto
E do tradicionalismo
Manancial de nativismo
Do gaúcho brasileiro.

É ao entronizar que homenageia, confrades, amigos, e colaboradores, cita os que já se foram, Dyógenes Ahuildo Martins Pinto, Hélio Gonçalves Dias e Jorge Edeth Cafruni, e os que ainda estão conosco, os Acadêmicos e Presidentes, Paulo Domingos da Silva Monteiro e Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, a quem cabe, a honra do prefácio, depois que o autor cita sua esposa Sra. Maria de Lourdes Moura, suas filhas, Maria Cândida Moura, Ângela Maria de Moura; Maria Isabel de Moura; Maria Esther e Rosa Ely; seus filhos Elmo Moura e Gil Moura, os quais conheci pessoalmente, em memória de seu filho Alvaro Antonio Moura, e seu neto, Alvaro Moura, um guri muito levado, que foi aluno da minha patroa Joene Maria Pinheiro Ayres, no Colégio Estadual Antonino Xavier e Oliveira.

O prefácio, elaborado pelo nosso confrade Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Presidente do Instituto Histórico de Passo Fundo, é de uma beleza sem igual, quando traça o perfil do nosso poeta, desde quando o mesmo andava peleando em São Paulo nos anos 30, em favor de Getúlio Vargas, como suboficial do 8ºRI do Exército Brasileiro; seu resgate das poesias quase que a força, o seu pioneirismo junto aos grandes,

muito antes de Aureliano de Figueiredo Pinto, Juca Ruivo e Jaime Caetano Braum, analisa varias manifestações, e sutilmente, antecipa o desfecho final de uma das poesias de Tenebro dos Santos Moura, e nos sutila de antemão o nosso prazer, ao nos contar o fim da estória da “Vaca Osca-Bragada”.

Chimarrão, a primeira poesia, é dedicada ao seu amigo, incentivador, e prefaciador, ao qual, ainda por cima, lhe ensina, sem rima, todo o processo de feitura de uma boa erva-mate para o chimarrão.

“Querência”, é dedicada à Gidelci Macedo.

“Palmeira”, é para o conterrâneo, também de Palmeira das Missões, Max Teixeira.

“Feliz 1985”, para Devino Ughini, de tradicional família de Tapejara e Passo Fundo.

“Peão Velho”, foi para seu amigo Ulisses Vieira de Camargo, ex-Patrão do CTG Osório Porto.

“De Noite ao Tranquilo”, foi para a Bacharel em Turismo, Sra. Jocélia Marinho Severo, filha do nosso ex-Prefeito Guaracy Barroso Marinho e ex Secretária de Turismo da Passotur.

“Toada do Tempo Reíuno”, demonstra sua amizade e admiração pelo poeta de “Sublimes Inspirações”, de nome Dr. Werneldo Hurbe.

“Velha História”, ficou para a posteridade como uma justa homenagem ao seu pai, Vicente Martins de Moura.

“Santinha”, fica para todos nós.

“Mãe Joana”, em homenagem à todas as benzedeadas do nosso pago, é um resgate de fiapos desta medicina alem compreensão de nós simples mortais.

“Vida de Um Taura”, justíssima homenagem para seu particular amigo de todas as horas, o Jornalista Túlio Fontoura, fundador do Jornal Diário da Manhã, lugar do primeiro mate matutino, com a roda de amigos.

“Sólito”, é daqueles poemas que mostram suas garras para outro poeta cupinudo que foi Helio Moro Mariante, um dos paladinos do MTG.

“Lagoa”, foi dedicada a sua amiga, a trovadora mineira, Eugenia Maria Rodrigues, natural de Rio Novo, campeoníssima de trovas em seu estado natal, que diz, em “Procura”:



Celso Fiori (E), Tenebro e Túlio Fontoura

Jurei não te procurar,
 Jurei, mas quebrei a jura,
 Quem ama pode jurar não procurar,
 Mas procura....

“Última China”, talvez, em seu íntimo tenha dedicado à todos os seus confrades da APL.

“Constância”, homenagem ao seu amigo, autor da capa e das ilustrações, Otelo Ribeiro, hoje, aposentado e arrinconado na sua terra natal, Santiago do Boqueirão.

“Saudade”, pela amizade que cultivavam, judeus e pelo duro, foi dedicada para Luiz e Nahum, antigos proprietários da Casa Rayon, cujo canteiro em frente, foi dedicado ao fiel Mnason e amigo comum, Nahum Schwartzmann.

“Oportunismo”, foi dedicado a sua prendada esposa Maria de Lourdes Moura e o primeiro verso sintetiza como era, e como eu vi sua morada, assim:

No ermo, uma casinha pequenina
 eu e tu dentro dela.
 Um quartinho, uma cama para dois,
 trepadeiras e flores na janela.
 Duas cadeiras toscas na varanda,
 junto a mesa singela.

Em memória de sua mãe, Maria Cândida Santos Moura, o poeta revela toda a sua dor por ter perdido sua mãe ainda pequeno, o qual, por decerto foi criado pela sua irmã mais velha, carinho de mulher, mas não de mãe. Observava todas as mães, até ver em uma índia, o protótipo da sua, aborígene também.

O Poeta Chico Gaudério, em retribuição foi homenageado com a poesia “Feliz 1980”.

Agradecendo a “Faca Prateada”, ouvi-o declamando em agradecimento num programa domingueiro do CTG. Lalau Miranda, e com certeza lá estavam: Dom Antonio Rosado, Gonorvan Guedes, Natalício, Moacyr Goelzer, Miguel Bilhar, Índio Brasileiro do Amaral, o Faccio, o Crossi, o Ireno Grespan, o Henrique Biazus, o Osvaldo Marques, o Jerônimo Savinhone, o Adão Lemos, o Enio Cirra, o Samuel Bacaltchuk, o Zoé Franchini, Theodoro ou o Ruy Kampitz, o Dr. Martini e o Dr. Jurandir Algarve, e para arrematar, as sras, Edila, Maria, Rejane e Nelcy.

“Solução Amigável”, para seu amigo Serafim Magalhães.

E moça capitalista,
 Não se casa com pelado

só casa com estancieiro,
 ou com doutor, estudado...

É bom que ela apague o pito
 e largue mão de bobage,
 pois não vê que esse bugrinho
 de dele só tem arage...

Mas bem, tu campiou por perto;
 agora vou dar uma busca,
 no matinho do piquete.

Mas se achá esses dois de fiasco,
 com perdão da má palavra,
 eu cago os dois de porrete.

Estória da “Vaca Osca-Bragada”, já foi em memória de seu amigo de *payadas, o inesquecível trovador, Setembrino Rodrigues da Silva, se não me engano, um dos introdutores da Trova de Martelo no Rio Grande do Sul.

A minha preferida, “O Facão do Primitivo”, jóia rara do nosso poeta, mereceu como as demais, como uma amostra das suas qualidades, aos Folcloristas e Drs. Edson Otto, Antonio Augusto Fagundes e Manoel Pedro Mello.

“A Peleia”, para Wilson Busato ?

“Estória da Cerejinha”, continha o miolo do causo, recolhido pelo seu amigo Carlos Nino Machado, e que serviu de mote, para outra obra prima.

“Conversa de Comadres”, talvez quisesse dedicar as suas confradeiras da época, mas, para não ferir susceptibilidades, não o fez.

João Roman Vieda, jornalista do Diário da Manhã, mereceu “Estória do Peão Juca”.

“O Cartão de Natal”, é um sonho vivido pelo poeta, inconfessável.

“Prece de Natal”, foi uma homenagem ao católico fervoroso, ilustre, laureado Jornalista, e ex-Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Dr. Antonio Augusto Meirelles Duarte.

Olhos Verdes, Água Caída, Quatro Beijos, Amigo, Aquele Beijo, Egoísmo, Três Jornadas, são expressões íntimas o poeta Tenebro dos Santos Moura, talvez as tenha dedicado a si próprio.

A última poesia, intitulada “Saudade” foi para sua neta, Dra. Maria Valderes, filha do seu filho aqui presente, Gil Vicente Moura Machado, onde retrata todos nós, dizendo:

Fico pensando, pensando,
Quando a saudade vem vindo.
Meus olhos querem chorar
Meu rosto fica sorrindo.

Penso não ser dissabores,
Não tão pouco desenganos.
Essa saudade que vem;
Quem sabe, é o peso dos anos?...

O tempo passou tão leve.
Por que chorar? Foi tão lindo!...
Quero guardar um sorriso,
Pra saudade que vem vindo.

O Vocabulário Serrano, que arremata o seu livro de poesias, intitulado “Querência”, de quase vinte páginas, é um outro livro de história, é um depositário de toda uma vida campeira, *gauchesca, de prosa e versos, que brotaram de sua alma, em diferentes momentos, e que são um legado histórico e inestimável para a posteridade, para que nos sirva de orgulho, para contarmos e recontarmos para as futuras gerações, quem éramos e quem somos, ontem, hoje e sempre, gaúchos.

Mas ainda, resta -me falar, encerrando, sobre a contra-capta, e aqui arrisco um tapa, de luva, em quem não liga pra cultura, seja rico, industrial ou bolchei-



Tenebro (D) declamando

ro, lá está escrito o epiteto, o livro foi pago por três homens de jogo, Pedro Batista Nunes, Célio Leitão Leite e Jesus Mendes Castanho Neto.

Não posso calar sobre a minha visão do homem calmo, perigoso. Não sabia, agora sei, conto: Tempos de guerra com o Eixo, alemães se insurgem contra o professor, avô de Tenebro, e o insultam dentro de casa. O neto que tudo acompanha em silêncio tenebroso, como seu nome, simplesmente levanta-se calmamente, tira da cintura o nosso número 38 e despona porta fora com um simples gesto, sem dizer palavra, meia duzia de discípulos germânicos.

Uma foto, guardada com carinho pela sua caçula Maria Isabel, me fez pesquisar e revela, que a primeira peça do Teatro Delorges Caminha, efetivada no Cine Real, intitulada “Sinhá Moça Chorou”, foi estreada pelos atores, Epaminondas Xavier, Ivo Paim, Ivone Bramatti e Tenebro dos Santos Moura, e um grande Ator, no testemunho de Paulo Giongo. Além do grande público estavam presentes, Delorges Caminha, com sua esposa, a atriz Henriette Morineau, e seu irmão José dos Santos Moura, casado com Dylia, cuja filha, Maria Aparecida Caminha Moura eram parentes do famoso Teatrólogo.

Senhores, senhoras, convidados, amigos, familiares, caros confrades aqui presentes para rememorarmos a vida e a obra de Tenebro dos Santos Moura, poeta, nascido em Palmeira das

Missões, Cidadão Passo-Fundense, por honra e méritos, titular da cadeira 38 da Academia Passo-Fundense de Letras, sócio-fundador do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, Assessor do ex-Prefeito e Deputado Federal Daniel Dipp, Benemérito Diretor da nossa Biblioteca Pública Municipal, Interventor Presidente da Capasemu, Jurado de Rodeios e Festivais, bem como, Guerreiro de Revoluções de 1930 e 32, nestas poucas palavras, procurei retratar sua vida e obra, da qual, nos orgulhamos, descanse em paz, pois na tropeada da vida, logo o alcançaremos, se Deus quiser.

Eis acadêmicos e amigos a confirmação do que disse nos primórdios do Brasil, o Padre Antônio Vieira:

Livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive.

Hoje, aqui renasceu, por breves instantes, o Poeta Tenebro dos Santos Moura.

Muito obrigado!

Notas:
Seu Tenebro como era chamado, foi Professor Municipal no município de Coqueiros do Sul. Participou das Revoluções de 30 e 32, como Provisório de Palmeira das Missões. Foi um dos Fundadores da Cooperativa de Consumo dos Municípios de Passo Fundo.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Ativismo, uma necessidade!

SUELI GEHLEN FROSI

Ativismo é uma palavra de peso! Ela representa práticas que pretendem transformações da realidade, saindo da especulação pura e simples, para a atuação quase sempre visível. Há ativistas anônimos, como todos nós, que reciclamos, economizamos, cuidamos do que temos com zelo e responsabilidade.

Quero falar do ativismo escancarado, aquele que presenciamos todos os dias e grita nossas mazelas. Não dá pra imaginar um mundo sem a interferência dos ativistas ambientais, dos Direitos Humanos, das mulheres, dos índios, quilombolas, grupos LGBT, pelas crianças e idosos, enfim, são grupos que incomodam, e como!

A jornalista Adriana Carranca lançou o livro “Malala, a Menina que Queria Ir para a Escola” (Companhia das Letras), em uma reportagem que retrata a menina de dezesseis anos, paquistanesa, baleada dentro de um ônibus, em 2012, por um grupo radical paquistanês, por querer estudar.

Malala representa as mulheres confinadas em casa, enroladas dentro de burcas, mantidas longe do convívio social e das escolas. Há países conseguindo regredir ao tempo dos califados, tentando reeditar seus princípios. Mas o movimento silencioso dessas mulheres no sentido de libertarem-se das imposições é uma realidade.

O ativismo feminino é transformador. No ocidente do século XX, as mulheres conquistaram o direito de votar, de estudar, de trabalhar ao lado dos homens, de conquistar um lugar em todas as instâncias sociais e políticas, tendo hoje todos os seus direitos assegurados. Há ainda resquícios machistas, que tolhem os plenos direitos que elas conquistaram com tanto fervor.

O que está em marcha no oriente é muito mais difícil, mas as mulheres como Malala, mesmo tão novinha, formam um exército cuja atuação é inexorável. A visibilidade de Malala é um golpe na falta de tolerância e em direção à paz. As mães oprimidas lutam por seus filhos e filhas. Uma mãe que consegue



estudar não admite ter filhos ignorantes. As mães alfabetizadas alfabetizam seus filhos. As mães que têm acesso a livros alcançam o conhecimento aos filhos.

Os movimentos das mulheres são constantes e irreversíveis. As médicas, engenheiras, sociólogas, psicólogas silenciadas no oriente não estão paradas. Elas estão encontrando jeitos que produzem filhos como Malala. A coragem juvenil tem uma origem, que certamente parte de mães que lutam por seus filhos.

Há que ter esperanças enquanto houver mães. A ingerência feminina na vida dos filhos é uma força poderosa. Negligenciar essa força é condenar o mundo à degradação em todos os níveis. São as mulheres que impulsionam as mudanças necessárias em direção ao desenvolvimento humano.

Devemos reverenciar o ativismo. Sem os ativistas chatos, persistentes, cuja tenacidade incomoda tanto, o mundo seria muito mais poluído, as mulheres não teriam nenhuma voz e nem vez, as leis seriam favoráveis

apenas ao que é imediato e útil.

O exemplo de Miriê Tedesco, a nossa pensadora empreendedora, que colocou a boca no trombone, em favor dos que geram empregos e são tão sacrificados pelas políticas econômicas, assim como dos desempregados vítimas da tão propalada crise, devemos ficar atentos e não nos acomodar ao o status quo, que cerceia, que limita nossa atuação cidadã, reagindo cada um na sua área de atuação.

O mundo tem um símbolo de luta. Em qualquer atividade humana devemos olhar para frente, para o novo, para o desenvolvimento das potencialidades de todas as pessoas. Malala quer estudar e está estudando, apesar de tão requisitada para gritar o que as mulheres querem. A liberdade é a bandeira maior de quem pensa e contribui com a evolução humana.

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Amor

Fragmentos de poemas



Tem poema de amor que é somente um uivo de solidão desde o fundo do abismo!

Vagam como fantasmas as declarações de amor que encontraram ouvidos surdos, olhos cegos, corações fechados, almas sem vaga para hospedá-las e bocas desabitadas de canções.

A tragédia do poeta enamorado é completa quando ao morrer de amor deixa os direitos autorais para a amada, a musa da sua existência e provavelmente a causa da sua morte.

Em teu calvário venha de joelhos pelos cacos de meu coração e ainda encontrará o altar de minha alma intacta de amor!

Minhas declarações de amor encontraram ouvidos surdos, olhos cegos, coração fechado, alma sem vaga para hospedá-las e tua boca desabitada de canções.

Na perspectiva masculina, a única coisa que mata mesmo é mulher. Antes da falência fadada, só o amor pode assinar o óbito da morte propriamente dada.

Não quero ver nunca mais os olhos de desprezo de uma mulher, nem a rejeição ao toque de minhas mãos, suas felpas idolatradas na tênue seda de meus gestos de artesão do amor.

O meu amor é tanto que chegou a loucura de perdoar...

Se eu tivesse que morrer de amor, o meu suicídio seria assim:

Tomaria um cálice de vinho, colocaria para tocar um fado no aparelho de som, cortaria os pulsos, e com o néctar do meu sangue pingando no gotejamento da minha solidão, repetiria até extinguir-me completamente: eu te amo... eu te amo... eu te amo... euuu teee amooo!

Nos enredos das relações, se reproduz no senso comum dos homens, a suposição de que é possível esquecer um amor entre várias mulheres. Não consigo jogar neste time de machos. A mulherada sempre me leva a pensar naquela mulher...

Mandei minha declaração de amor nas asas do verso.

Com sua resposta, ele suicidou-se no rochedo do penhasco.

Como mestre cervejeiro, na magia do malte, imaginei me envasar e me ofertar para ti, amor, para ires, sem pressa, me bebendo aos golinhos.

O ato de amor é um gesto eterno.

Mesmo estando distante, amor,

Quando penso em ti, eu te vejo.

Sinto teu cheiro, a tua imagem

E a febre de um intenso desejo.

A mulher da minha vida,
mesmo quando não é da minha vida.

Suspiro do adeus: Foi tão bonito...

[Nota: Não existem relações entre amor e medo nos grandes poetas; a experiência do amor transcende o medo.]

(Luiz Carlos Tau Golin é historiador e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Imensa casa de morcegos

Resolvi mostrar em versos
O que nesta terra eu vejo,
Pois aqui há grande união
E decidem num lampejo,
Gato e rato se reúnem
Pra comer o mesmo queijo,
Mas pra quem os elegeram
É pior que sofrer despejo,
Ou dormir em um colchão
Crivado de percevejo...
E aguardar nova eleição
Discurso, abraço e beijo.

De tanto ver essas coisas
Minha aura se entristece,
Pois este é meu Brasil
Discorda quem não conhece,
Ou alguém que está mamando
Em teta que não merece,
Ou vota porque é obrigado
E ao fazê-lo logo esquece,
Há quem entra por cordeiro
E como lobo permanece.

Pra o eleito é um paraíso
E para o ego tudo brilha,
O novo vai pelo mais velho
Ai de quem não segue a trilha,
Não seguindo vem ameaças
Que constringe até humilha,
Pra aumentarem a si mesmos
Agem melhor que matilha,
E nem a Constituição
Os enquadra por quadrilha.

Gostaria que estes versos
Não venham morrer ao léu,
Não vejo quase ninguém
Pra quem tirar o chapéu,
Se existir há um que outro
O povo guarde por troféu,
Eu cansei de falsas virgens
Que casam usando véu,
Confiar mesmo só se for
Em Deus Pai que está no céu.

Além do ganho oficial
Vêm acordos e achegos,
Raro é ficar só na teta
Propina mantém chamego,
Só se vive de esperança
E sonhando com sossego,
Pois por amar meu país
Compus isto e por apego,
Esse território imenso
Virou casa de morcego.

Gostaria que estes versos
Não venham morrer ao léu,
Apontam negras estrelas
Que pontuam nosso céu,
Só querem é mordomia
E pensam que são troféus,
O povo vive preso a eles
E pelo voto vira réu,
A maioria é falsa virgem
Casa de branco e de véu,
Não vejo quase ninguém
Pra quem tirar o chapéu,
Confiar mesmo só se for
Em Deus Pai que está no céu.

(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, Pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 3045-3137.)



A janela do atelier

VELCY SOUTIER

Tem aquele momento em que você para subitamente.

Tout d'un coup, corpo e mente, em conluio sádico, à sua revelia, decidem interromper toda ação. Não importa o que você pensa, sente, deseja. A máquina para, literalmente.

Sabotage: é tudo que você pode concluir.

E você mergulha na escuridão, uma escuridão branca e vazia. O preto-branco ofusca os seus olhos e você os protege, contrai as pálpebras, e o nervo óptico pinta um quadro de Hering, enquanto você teoriza sobre o fenômeno da "pós-imagem".

E o preto e o branco têm cor. E a imagem se desfaz em partículas, pixels, é um quadro de Seurat. Mas a imagem vai se abstraindo até se apagar totalmente.

"Corpo e mente e um só coração", você lê naquele calendário idiota que alguém lhe presenteou. Pendurado na parede do atelier, ele testemunha todas as suas recaídas sentimentais, suas raízes naïves e suburbanas.

No cavalete repousa uma tela nua. Espelho do seu vazio?

Você remexe freneticamente numa gaveta cheia de papéis rasgados, amassados, riscados. Entre eles você encontra dois objetos de interesse particular: um guardanapo de bar e um fragmento do reboco do muro de Berlim.

"Eu vim ser gente da gente do cais,

para morrer quando a maré baixar..."

Foi você mesmo quem escreveu

isso, numa noite qualquer, enquanto comia iscas de peixe e bebia um Riesling Itálico no Gambrinus, em companhia do Gastão Tesche e do Paulo Porcella. As paredes do famoso restaurante exibem desenhos do Gastão. O Porcella desenha nos guardanapos e você... Você escreve poemas que vão para o cesto de lixo!

Mas o pedaço do muro de Berlim não terá o mesmo destino. Você o apanha e o examina como a uma joia preciosa: um pedaço de reboco com as cores do espectro. Quem poderia imaginar que esta imagem cairia nas mãos de um artista?

Você levanta os olhos em direção à tela sobre o cavalete. E a tela se enche de cor, e as imagens vão se delineando aos poucos. Você est un train de reler Dali: "Gala olhando o Mediterrâneo". Mas o que há de novo na tela? É o seu pedaço de muro, ao alcance da mão de Gala, repousando sobre o peitoril da janela que se abre para o mar.

Todo o século XX desfila sobre a sua tela. Quando o "filme" acaba, você está diante da janela do seu atelier.

Olhando outra vez para dentro, toda a cena ganha uma palette gris. Você esbarra na mesa de apoio espalhando materiais: a paleta, as tintas, os pincéis... Até o seu trapo de pincéis, que um dia você vai enquadrar e dar-lhe um título ao estilo de Pollock. No chão, o seu material compõe com o tapete uma tela de aleatoriamente configurada. Sem um foco principal, sem um vetor que conduza os olhos numa direção precisa, sem um acento tonal expressivo...

E aí está você, um pintor de meia-

-idade, em busca de seu eu essencial. E sem um alter-ego em quem possa se apoiar.

Subitamente você se recompõe. Abre bisnagas e bisnagas de tintas, lambuza nelas as suas mãos e, sem qualquer critério ou plano de trabalho, se lança contra a tela.

E ela, impassível como Galateia, sobre o cavalete silencioso, propõe-lhe um enigma que você não é capaz de decifrar.

Que importa, porém? Se você não tem a força espiritual de uma resposta, resta-lhe a força física, o domínio do visceral, embora isso o jogue no terreno do irracional.

A tela, então, vibra ao toque de suas mãos, e se contorce, mas cede ao ímpeto de sua investida. Você agora se sente como Pigmalião, a quem Afrodite concedeu a glória de ver transmutada sua obra marmórea em ser vivente: a sua musa Galateia. E você, tomado por um frenesi incontrolável, percorre com as mãos tesas e coloridas todo o corpo da tela, e arranha-lhe as costas desnudas, e abandona-se ao delírio...

Ato contínuo, você retoma o controle

da ação e, gestos largos, porções generosas de cor, você expressa o sentimento vivido com toda sua intensidade na materialização de sua obra: você é um pintor. E é Cézanne, Van Gogh, Gauguin...

Soudaiment, você interrompe o trabalho e se afasta para contemplar o quadro. Leva as mãos à frente, indicadores e polegares em "L", para recortar um detalhe sobre a tela. E as silhuetas escuras das suas mãos sobre a pintura compõem um novo quadro. Você vê a tela ao fundo, depois fixa os olhos sobre as próprias mãos desfocando a tela, e outro quadro se materializa... E agora Drummond?

Uma dúvida se estabelece e ganha requintes de crueldade: o quadro é material ou imaterial?

O quadro é aquele que você pintou, a tela sobre o cavalete, que uma vez pintada ganha vida própria, e se separa de você, deixando-o outra vez vazio e só, ou são as suas mãos coloridas, tingidas de todas as nuances e contrastes da dor, angústia, prazer e uma busca incessante de... você nem sabe o quê?

Ou o quadro está dentro de você? Preso para sempre no mais profundo

do seu ser, de onde você jamais poderá arrancá-lo? A tela, as mãos... tudo que você pinta não passam de simples fragmentos do seu quadro interior. Você é um quadro inacabado.

Você se senta, exausto. Diante dos seus olhos, o atelier ensombra-se. Você busca desesperadamente os raios de sol que penetram pela janela. E lança suas mãos em direção a eles. Você precisa apanhá-los, segurá-los com força.

Não adianta: na contraluz, até sua tela, obra-prima de alguns minutos atrás, é um quadro negro. Mas um halo dourado contorna a tela, e nele você vê um fio de esperança. Quem sabe, na próxima tela, você reinvente o mundo. Talvez, no verso do quadro, ocultem-se as respostas ao seu enigma. Senão, depois da janela, o atelier continua.

(Velcy Soutier é graduado em Artes Plásticas pela UP), especialista em Educação Estética e Arte pelo UNILASALLE, Mestre em Design pela UFRGS. reside em Porto Alegre/RS.)

Bombacha barba de bode

ODILON GARCEZ AYRES

Na região serrana, hoje dita planalto médio, os campos eram repletos de um capinzal, alcinhado de "barba de bode", cujo, formava montículos esparsos, mui parecidos quando tenro, com o "cabelo de porco", ambos em processo de desaparecimento total, restando pouquíssimas áreas em Passo Fundo, Coxilha principalmente, e arredores, onde se pode ver essa crioula espécie.

A queima tradicional e sistemática dos campos no mês de agosto, para o gado aproveitar o rebrote na primavera, contribuiu em muito, para o seu desaparecimento e empobrecimento do solo.

Nos anos cinquenta andávamos por esses campos na Fazenda da Roseira, usando calças compridas, de brim, apelidadas de calças de mecânico, jeans puros, em dias frios ou ensolarados e quentes, a haste, o pendão, da "barba de bode" em cuja ponta se bifurca em três lanças, cada uma, com uma pontinha em forma de flecha, caminhando, a caminhante haste, procura perpetuar-se, entrando pelas barras da calças, e vai subindo sem cerimônia, obrigando o mais guapo gaúcho, a "baixar

as calças" em pleno campo, para retirar um ou vários intrusos, que espinham a pele, em três pontacos, não respeitando nem o ninho do passarinho.

Aprendemos com essa experiência casual, verdadeira e comprovada, que devíamos amarrar os punhos das calças, para que a barba de bode não entrasse por eles, pernas acima, indo alojar-se nos fundilhos.

Recorriamos às ataduras sobressalentes de borracha dos nossos bodoques.

Dei-me conta também, de que as bombachas dos meus avós eram apresilhadas por um botão, o que não permitia a livre entrada, da aludida barba incomodativa.

Retornando a priscas eras, da fundação de Passo Fundo, seus primeiros habitantes lá por 1827, talvez não, com certeza, tenham se deparado com a mesma situação, andando a pé pelos campos, e desta experiência, tenha surgido a invenção da bombacha gaúcha!

Quem duvidar da minha experiência e teoria, se puder ainda encontrar, que vá caminhar num campo de "barba de bode".

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Letras do Brasil - Seccional do Mato Grosso do Sul.)



Velcy Soutier: o autor da capa

Velcy Soutier nasceu em Clevelândia, PR, em 1951. Está radicado em Porto Alegre desde 1972. Cresceu e iniciou a carreira em Passo Fundo. É graduado em Artes Plásticas pela UPF (1986), Especialista em Educação Estética e Arte pelo UNILASALLE (Canoas, 2004) e Mestre em Design pela UFRGS (Porto Alegre, 2009). Dirigiu a Studio-Escola de Desenho (1988/92). Foi curador do Espaço de Arte FIERGS (1998/2000).

Verbetes no Dicionário de Artes Plásticas no RS, é professor de desenho, pintura e design, com 10 obras publicadas, entre elas, Desenhar é fácil, bonito e necessário, e obra em design gráfico-visual conhecida em 60 países.

Dedica-se também à pintura mural, com obras permanentes em instituições civis e religiosas (Porto Alegre, Novo Hamburgo, Caxias do Sul, Canela, Bento Gonçalves e Ijuí).

Possui obras em acervos particulares no Brasil, Uruguai, Equador, Holanda, Espanha, França, Itália e Suíça (maior acervo no exterior).

Recebeu a Comenda Pedro Weingärtner da Câmara Municipal de Porto Alegre, pelo conjunto da obra e contribuição à cultura do Rio Grande do Sul e a Medalha do Mérito Artístico Oscar Bertholdo, da Câmara Municipal de Bento Gonçalves, pela obra de reconstituição muralística do Santuário Santo Antônio e contribuição à educação.

Obras permanentes/acervos oficiais no Brasil

- Retrato de Barbara Maix – Convento Irmãs do Sagrado Coração de Maria – P. Alegre, RS
- Conjunto de painéis murais temáticos da Capela Zanatta – Ijuí, RS ;
- Monumento à Imigração suíço-valesana no RS – Carlos Barbosa, RS;
- Acervo da Casa Memória Clemente Raimundo Sauthier/Museu da Imigração suíço-valesana no RS – Carlos Barbosa, RS;
- Museu Ruth Schneider – Passo Fundo, RS;
- Mural “Anjos Musicantes”- teto do presbitério da Igreja Senhor Bom Jesus (40m²) – P.Alegre, RS;
- Políptico “Apocalipse”- acervo/hall Irmã Fátima Giron – Canela, RS;
- Murais “Sermão de Limoges”(40m², coro) e “Glorificação de Santo Antônio (20m², abóboda do presbitério) – Santuário Santo Antônio – Bento Gonçalves, RS;



Acervos Municipais/Pinacotecas no RS

Santana do Livramento, Bagé, Uruguaiana, Santa Maria, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Novo Hamburgo, Nova Petrópolis, Gramado, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Guaporé, Espumoso, Frederico Westphalen;

- Acervo Municipal de Tubarão, SC

Obras permanentes/acervos oficiais no exterior

- Acervo da Casa do Brasil – Madri, Espanha;
 - Acervo da Comunne de Charrat, Valais, Suíça;
 - Acervo da Comunne de Fully, Valais, Suíça;
 - Acervo da Paroisse de Notre Dame des Champs – Martigny, Valais, Suíça;
 - Acervo da Association Valaisans du Monde – Martigny, Valais, Suíça;

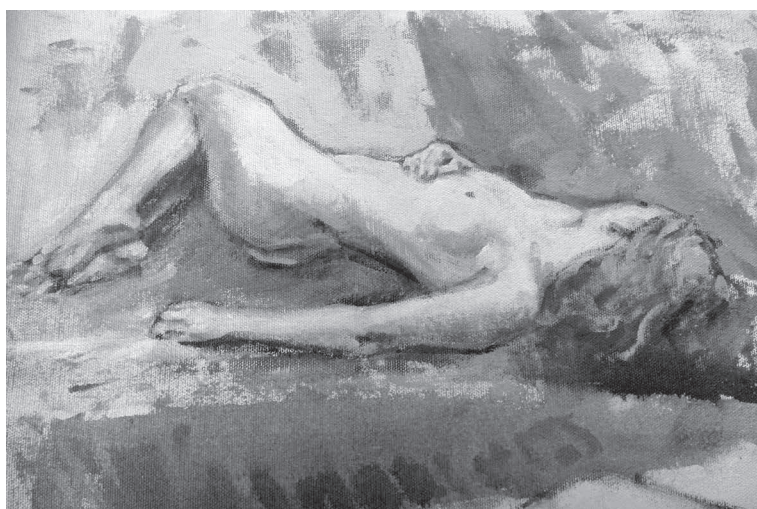
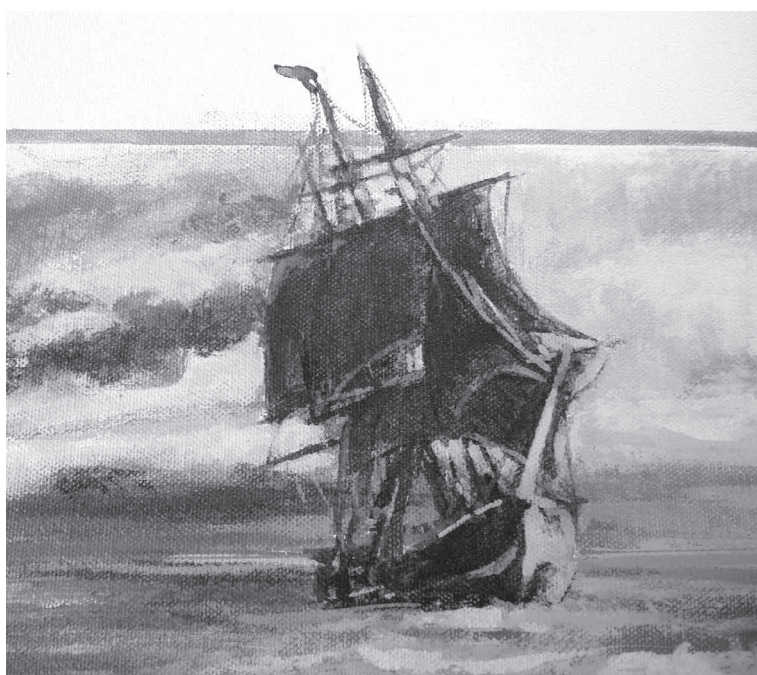
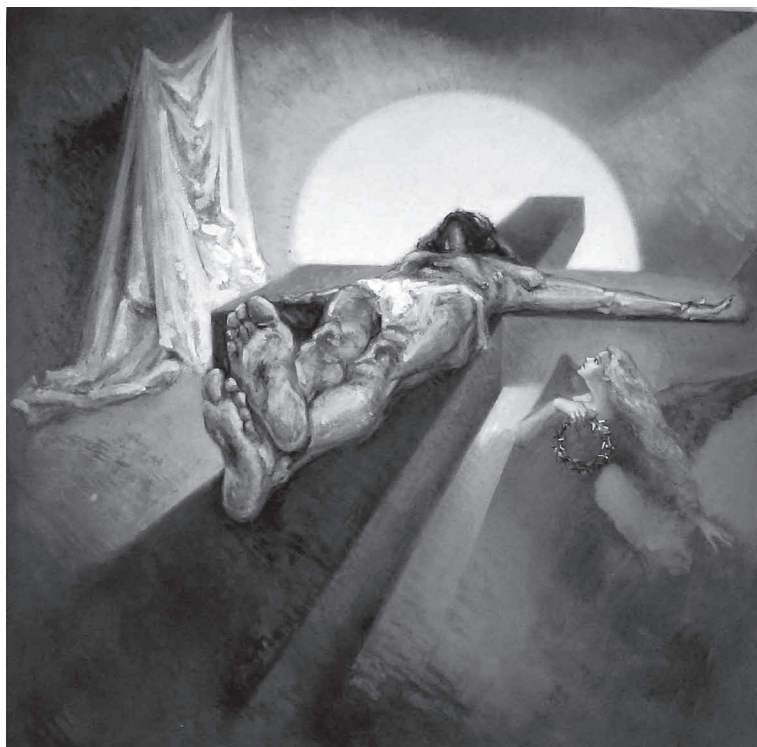
Exposições individuais

1968 – Espaço II EFRICA – P. Fundo
 1970 – Espaço Turis Hotel – P. Fundo
 1971 – Galeria Edelweiss – P. Alegre
 1979 – Espaço Prédio Histórico dos Correios – P. Alegre
 1983 – Espaço Bar IAB – P. Alegre
 1986 – Espaço Prédio Histórico dos Correios – P. Alegre
 1991 – Espaço Studio-Escola de Desenho – P. Alegre
 1995 – Espaço Caveau et Vinothèque de Vison – Charrat, VS, Suíça

1997 – Galeria Alencastro Guimarães – P. Alegre
 1998 – Galeria da Casa de Cultura de Rio Grande – R. Grande
 - Espaço Café Majestic – Casa de Cultura Mario Quintana – P. Alegre
 - White Gallery – P. Alegre
 1999 – Salle Bâtiment Socio-Culturel – Fully, VS, Suíça
 - Espaço Clube Jangadeiros – P. Alegre
 - Galeria Alencastro Guimarães – P. Alegre
 2000 – White Gallery – P. Alegre
 2001 – Galeria Alencastro Guimarães – P. Alegre
 - White Gallery/CCCMD – P. Alegre
 2003 – Galeria Alencastro Guimarães – P. Alegre
 2005 – Galeria da Casa de Cultura de Rio Grande – R. Grande
 - White Gallery/CCMD – P. Alegre
 2006 – Expobento/Espaço Prima Sala D’Arte – B. Gonçalves
 2008 – Salle Notre Dame des Champs – Martigny, VS, Suíça
 2009 – Galeria da Casa de Cultura de Santa Cruz – Sta. Cruz
 2010 – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
 2012 – Nieto Galeria de Arte – P. Alegre - “Alma de Pássaro”
 2014 – Paulo Capelari Galeria – P. Alegre - “Alma de Passaro II”
 2015 – Saxon, VS, Suíça

Exposições Coletivas

- 1972 – Galeria Pancetti – P. Alegre
1986 – Espaço do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore – P. Alegre
1991 – Espaço Ancienne Salle de Gym – Char-rat, VS, Suíça
1997 – Espaço Pinacoteca da Aplub - P. Alegre
- Galeria Delphus – P. Alegre
- IX Salão de Inverno Internacional de Artes Plásticas de Santana do Livramento - S. do Livramento
1998 - “Panorama da Arte Contemporânea Brasileira”: Berlim – Alemanha
1999 – Projeto Enartes: Espacio Miró - P. Alegre, N. Hamburgo, Bagé
1998/2000 - “Bienal Panche Be de Pintura e Tapeçaria”: P. Alegre, Caxias do Sul, P. Fundo - Brasil; Betanzos - Espanha: 1º Prêmio internacional
1998/2000 – Projeto Enartes: Casas de Cultura de Santa Maria, Caxias do Sul, Bagé, Novo Hamburgo, Uruguaiana, Bento Gonçalves, Gramado, Nova Petrópolis, Santa Cruz do Sul, Frederico Westphalen
2000 – Projeto Enartes: Espacio Miró – P. Alegre - Via Livia Galeria – P. Alegre
2000/2003 – Projeto Enartes Internacional: Santiago de Compostela (Espanha); Guimarães, Braga, Santo Tirso, Viana do Castelo (Portugal)
2001/2003 – Projeto Enartes: FAMURS, Casa de Cultura Mario Quintana (P. Alegre); Casas de Cultura de Santa Cruz, Guaporé, Espumoso, Rio Grande
2002 – Coletiva Beneficente de Treviglio – Bérghamo, Itália
2007 – Salão de Artes Prima Sala D’Arte: 1º lugar - Prêmio Aquisição - B. Gonçalves
- Coletiva Atelier Cor de Vinho – B. Gonçalves
2007/2009 – Projeto Enartes Internacional: Casa do Brasil - Madri (Espanha); Felgueiras, Vila do Conde (Portugal)
2010 – Salão de Arte Fiema Brasil - “No Mundo da Arte, Poluição à Parte” – artista Convidado - B. Gonçalves
- Natal Arte – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
2011 – Natal Arte – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
- Coletiva Arte Quadros – Caxias do Sul
2012 – Natal Arte – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
2013 – “Grandes Nomes” AZ Galeria – Bagé
- Natal Arte – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
- “D+20” - Nieto Galeria de Arte – P. Alegre
2014 – “Homenagem Iberê Camargo 100 anos” – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre - Natal Arte – Gravura Galeria de Arte – P. Alegre
2015 – Casa Cor- Espaço Gravura Galeria de Arte – P. Alegre



Existe o Anjo da Morte?

GETULIO VARGAS ZAUZA

Este é o ano de 1954 (Sec. XX) / nasci em 1901 minha profissão arquiteto meu nome..... bem o nome não interessa, pelo menos para o assunto que vou relatar/nome não é nada essencial é apenas um rótulo que nada tem com a realidade do ser humano pois cada individualidade recebe um em cada nova encarnação/como vez sou reencarnacionista não por crença mas por reconhecença constatação investigação pelos meios apropriados que desenvolvi através de determinados exercícios que me proporcionaram a capacidade de investigação nesse domínio ou seja no mundo dos seres não visíveis nem audíveis com os sentidos físico/além da arquitetura como profissão tenho interesses especiais como percebes pela filosofia e conhecimentos das doutrinas esotéricas/no momento como sabes estou interessado no pensamento do pensador indiano J. Krisnamurti que foi educado na Inglaterra e participou do grupo de estudos do qual também participas/em certa ocasião há pouco tempo me falaste sobre teu interesse e investigações psicológicas sobre o medo da morte que as pessoas em geral sentem e que apesar de nunca teres sentido procuras preservar a vida porque não vês motivos de expor-se a situações de riscos sem ser necessário/falaste também sobre a crença mais ou menos generalizada que as pessoas tem de que existe uma entidade espiritual que tem o poder de vir buscar as almas. Quer dizer causar a morte das pessoas que passou a ser representada por uma caveira vestida com uma capa e capuz pretos portando uma ceifadeira/essa conversa contigo despertou-me o interesse de investigar se de fato existe uma entidade espiritual que pratique tais atos/como tu também já sabes existem exercícios que praticados sistematicamente permitem desenvolver a faculdade de comunicar-se com seres que existem no domínio dito mundo espiritual/mas há um detalhe que é preciso que eu cite trata-se de que nesse domínio não existe uma linguagem como a nossa de seres humanos vivos/

existem três níveis de comunicação dos quais só mencionarei dois/no primeiro nível as revelações se dão de uma forma que eu só posso comparar com imagens e cores mas não imagens nem cores como nós conhecemos então é necessário poder reconhecer o que elas comunicam e posteriormente transpor para a linguagem humana/no segundo nível é de uma forma que mais se assemelharia a sons/mas nem as imagens nem os sons tem qualquer semelhança com o que nossos sentidos percebem/sobre o terceiro nível nem falei em razão da dificuldade de encontrar uma maneira de comparar/antes de relatar o que vem a seguir devo dizer que para poder ter o máximo de segurança possível antes começar os exercícios de desenvolvimento é necessário que tenha desenvolvido uma segura capacidade de reconhecença pensamental para poder saber se o nosso entendimento é verdadeiro/ o dia que destinei para essa investigação me preparei adequadamente de forma que a consciência estivesse plenamente alerta e ativa/então expressei minha intenção o que queria saber/passado um lapso de tempo relativamente pequeno começam a aparecer as comunicações as quais vou tentar relatar o mais exatamente possível/“sou o anjo da morte com quem queres te comunicar/sou conhecido por vários nomes mas os verdadeiros são ariman e também Mefistofelis ou simplesmente Mefisto/não existe uma entidade responsável pela morte das pessoas/não tenho o mínimo interesse por almas de falecidos/meu interesse pela alma é só enquanto ela habita um corpo de um ser humano em especial se ele é inteligente e gosta de criar e lidar com coisas mecânicas/minha participação no assunto morte é somente o seguinte como tu sabes seres constituídos só de energia ou espírito como quiseses são imortais eles não conheciam a morte e ocorreu que os humanos até determinado tempo da evolução da humanidade também não tinham consciência da morte/naturalmente eles nasciam viviam e morriam mas não havia mudança no seu estado de consciência/os deuses que os humanos sobre a terra tomassem consciência da morte/porque isso era fundamental para

a evolução da humanidade foi então que havia um anjo numa das facções da rebelião que conhecia o segredo da morte o ariman/assim é que com permissão do criador me deram poder para executar essa missão fazer com que os humanos tomassem consciência da morte através da mudança da consciência para/fazer isso era preciso entrar em suas almas/ acontece que gostei do poder fazer isso exercer poder sobre os humanos/ comecei a inspirá-los a se ligarem cada vez mais ao mundo material/eles foram gostando cada vez mais do prazer que as coisas materiais proporcionavam inclusive o prazer obtido pelo conhecimento/como não foi posto limite para meu poder passe a desejar criar o meu próprio reino sobre a terra / para isso foi necessário exercer tal influência que os cientistas chegassem a conceber o ser humano como uma máquina a máquina mais perfeita do mundo e divulgaram essa concepção a todos os seres humanos inclusive incluíram-na nos programas de ensino em todos os níveis/a partir daí passei a influencia-los não só a conceber mas a criar mecanismos cada vez mais perfeitos/esses objetos poderiam ser de grande utilidade para a evolução do homem livrando-o de grandes esforços físico sobrando tempo para reflexão convívio e lazer, mas distorce o caminho e orientei-os para usos destrutivos de maneira que eles se ocupassem cada vez mais e não lhes sobrasse tempo para mais nada/agora quero revelar-te o que planejo para o futuro aquilo que era possível usar para o progresso será utilizado para uma espécie de regressão/ os cientistas usarão os conhecimentos para criar utensílios e na verdade eles não serão mais cientistas serão engenheiros e tecnólogos/criarão máquinas que ainda são inimagináveis / essas máquinas cada vez mais substituirão as faculdades mentais e afirmarão que elas possuem uma “inteligência artificial” e convencerão certas habilidades mentais como pensar, raciocinar e também outras habilidades motoras tais como fazer coisas com as mãos como escrever e ainda mais como por exemplo ler textos manuscritos/essas maquininhas cada vez mais perfeitas executarão tarefas



de complexidade extraordinária em que o homem não precisa nem pensar/elas serão tão sedutoras que ninguém desejará “perder tempo” para desenvolver suas potencialidades/elas se tornarão um vício do que será quase impossível se libertar ou até mesmo impossível e isso irá num crescendo incontrolável até que os seres humanos dificilmente conseguirão se desligar delas/muitos sentirão uma necessidade tão forte de tê-las junto de si até quando estão dormindo/num futuro longínquo ou até nem tanto a humanidade não saberá realmente como uma máquina será operada por uma “pessoa” comandada por mim e meus companheiros de facção/agora quero te dizer que não adiantará nada tu divulgares este relato que te faço porque não tenho o poder de mentir para ti mas ninguém acreditará em ti/ omo quando

estas coisas estiverem acontecendo tu não estarás mais aqui então passa para uma pessoa em quem tu confies e essa pessoa que seja agora jovem e interessada nesses assuntos e se tiver condições então que divulgue/todavia sei que também lá nesse tempo ninguém acreditará e isso será o melhor que pode acontecer para mim e meus companheiros de facção/então chegará o tempo em que poderei criar meu reino sobre a terra toda/quem te faz esta revelação é aquele que também é chamado “O Anti-Cristo”

Aqui termina o relato que ouvi com o máximo de concentração e atenção para poder reproduzi-lo se me fosse possível. Não interrompi o relator que o fez a bem dizer de um folego só. Devo esclarecer que o texto não obedece nenhuma regra gramatical, foi todo escrito sem pontuação, sem acentuação das palavras, pois

não sei como o relator o faria se o houvesse escrito. O fato é que ele desejava que o mesmo não fosse encontrado antes do tempo. Confio que o leitor inteligente saberá entender o seu conteúdo.

Concordar ou discordar da sua veracidade é assunto de cada um. Quanto a o que eu penso sobre isso é que pelos conhecimentos que adquiri por meios pessoais diretamente e experimentalmente e ainda mais pelo que contato diariamente, concordo plenamente como assunto revelado.

O que o leitor pensar sobre mim não coisa do meu interesse, mas sugiro que sobre o tema acima revelado é que ele merece ser considerado. Diria ainda mais, deveria sê-lo com seriedade.

(Getulio Vargas Zauza é membro emérito da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O Meu Aniversário (21/05/2015)

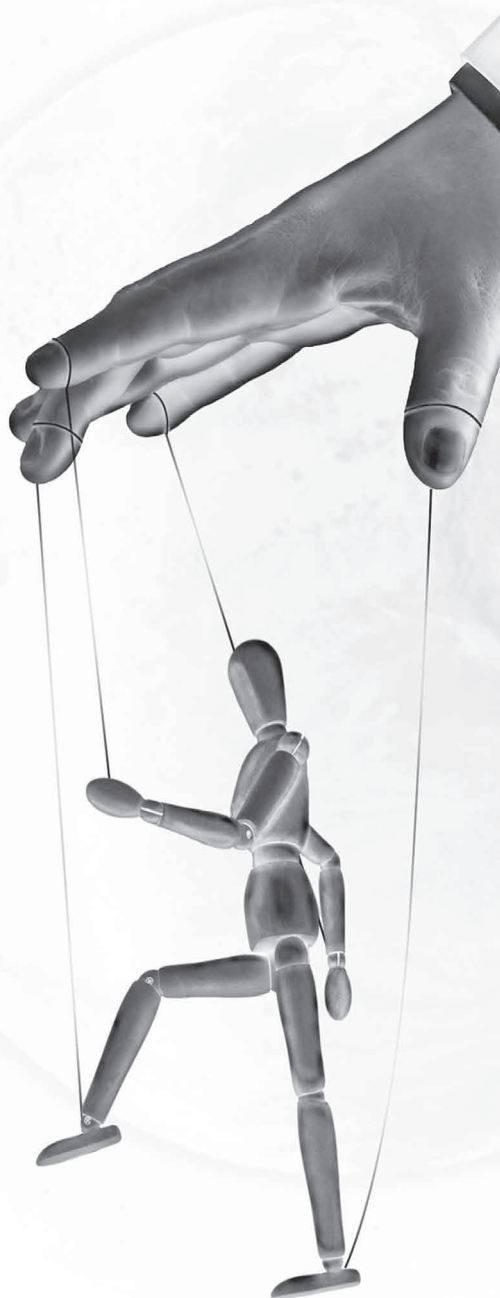
Sou poeta e faço versos
De tudo o que se comenta,
Escrevo desde guri
Sempre tive a alma atenta,
Farinha vem da sociedade
Eu só tempero a polenta,
Hoje é meu aniversário
Pois já passei dos setenta,
Da forma como me sinto
Creio que vou aos noventa,
Se não der já vivi coisas
Entre lindas e violentas,
Por isso a Deus agradeço
Rezando com água benta...

Acompanho a nossa história
E o que ela documenta,
O bem que se faz com arte
E “arte” que ninguém agüenta,
O que é necessário parado
Mas a maldade movimenta,
Onde o bem anda dormindo
Ela chega e arrebenta...
Raros projetos dão certos
De milhões que o povo tenta,
O Pero lá escreveu na carta
Aqui plantando só aumenta,
Pois semente de ladrão
É a que melhor fermenta,
Por aqui isso é uma praga
Não termina e só aumenta,
De todo o bolo essa fatia
Sempre foi a mais nojenta,
Ladrão rico no geral
Pose de honesto aparenta,
E não falta quem o bajule
Enquanto o dinheiro sustenta,
Quem acostumou no roubo
Enquanto há vida sempre tenta.
Pois quem rouba é coisa ruim
Prima irmã da avarenta,
Há quem logra pessoa esperta
Só imagine a desatenta...

Meu país é uma cobiça
Tem tudo o que se fomenta,
Daqui já levaram ouro,
Pedras que só Deus inventa,
Madeira em quantidade
Hoje a Amazônia lamenta,
Outros Estados devastados
A terra nua o sol esquenta,
Ressalvo quem faz o bem
Com produção que alimenta,
Pois ladrão organizado
É difícil quem enfrenta,
Quase sempre é uma gang
Que o sistema quase orienta,
Ficar velho vendo isto
Fim assim quem não lamenta...

Mas continuam as descobertas
Em nossa costa só aumenta,
Essa sobre o combustível
Foi notícia e barulhenta,
Senti-me como uma criança
Enquanto nada na placenta,
Era dinheiro jorrando
Que o petróleo incrementa
Outras pátrias nos olhavam
E até ficavam ciumentas,
Assim foi com nossas índias
Nem historiador comenta,
Mas é na parte mais fraca
Que a corda sempre rebenta,
Hoje o povo brasileiro
De novo chora e lamenta,
A independência econômica
Virou piada fraudulenta,
O que sobrou virou pó
E é um perigo quando venta,
Mas rendeu cargo e riqueza
Pra gente que não é benta...
Ou como diz um ditado
Que na mensagem sustenta,
Colírio nos meus olhos
E no dos outros pimenta,

Pois pelo que aqui se rouba
Nem a PETROBRAS aguenta,
Mas em rima deixo escrito
O que esta obra documenta...



(Francisco Mello Garcia – Xiko Garcia é bacharel em Ciências Contábeis, Pós-graduado em Arteterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras. E-mail xikogarcia@yahoo.com.br. Fone (54) 3045-3137.)

História da imigração: uma aventura da Alemanha ao RS



DILSE PICCIN CORTEZE

Em 1808, a chegada da família real marcou o fim do regime colonial e iniciou o processo de independência do Brasil. Em 1817, dona Leopoldina chegou ao Brasil, da Áustria, para esposar dom Pedro, acompanhada de cientistas e estudiosos austríacos, germânicos e italianos. A casa real austríaca interessava-se na imigração de comunidades rurais sob seu domínio.

As transformações políticas e econômicas conhecidas pelo Brasil exigiam o processo colonizador, subsidiado pelo governo. Pretendia-se que a pequena propriedade se subordinasse e apoiasse a grande propriedade.

Em 1824, chegaram ao sul os primeiros imigrantes alemães. Deste ano até 1830, aportaram na província 5.350

imigrantes vindos dos territórios da atual Alemanha. Esse processo imigratório foi, sobretudo, obra imperial, pois os latifundiários consideraram-no como contrário aos seus interesses.

A colonização alemã no RS

Quando os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul, a Província possuía não mais do que 100.000 habitantes, distribuídos entre o planalto setentrional, o litoral, a depressão central e a campanha. A composição política datava de 1809. Nessa primeira divisão política, a província era dividida em quatro municípios: Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Rio Grande e Porto Alegre. Os colonos alemães ficaram localizados primeiramente apenas em Porto Alegre (São Leopoldo/1824) e Santo Antônio (Três Forquilhas e Torres/1826).

Os soldados que o governo imperial

brasileiro necessitava ficavam no Rio de Janeiro e eram distribuídos de acordo com suas características físicas nos Batalhões de Estrangeiros do exército (2.º e 3.º Batalhões de Granadeiros e 27.º e 28.º Batalhões de Caçadores). Os colonos e suas famílias eram enviados para Porto Alegre, e o governo provincial dava-lhes o destino final: a colônia alemã de São Leopoldo, fundada no local onde se localizava a antiga “Real Feitoria do Linho Cânhamo”.

A data 25 de julho é até hoje comemorada como a data magna da Imigração Alemã no Brasil. O dia denomina, inclusive, inúmeras associações culturais voltadas às tradições germânicas. Mas a verdade é que os primeiros 39 colonos chegaram ao local, o Porto das Telhas, hoje Praça do Imigrante, em São Leopoldo (RS), pelo menos dois dias antes. Eles haviam deixado a capital do império no barco bergantim Protector, no



final de junho, e chegou a Porto Alegre no dia 18 de julho.

Foram recebidos pelo presidente da província José Fernandes Pinheiro (1774-1847), depois Visconde de São Leopoldo que, após alguns dias, os encaminhou para a futura colônia. Em carta assinada em 23 de julho de 1824, o presidente informa ao Rio de Janeiro que os primeiros colonos já haviam deixado Porto Alegre naquela data, com destino à Feitoria. Antes, haviam sido acomodados e assistidos com “carne, farinha, algum legume e tempero de toucinho e sal”.

Por mais que houvesse ocorrido algum atraso devido ao tempo ou ao transporte, é muito provável que os primeiros colonos tenham chegado a São Leopoldo antes do dia 25, data consagrada por lei estadual de 1924 – ano do centenário. Em 2005, o Congresso Nacional instituiu o dia 25 de julho como o Dia Nacional da Etnia Teuto-Brasileira.

Na verdade, o início da imigração alemã para o Rio Grande do Sul começou com a chegada e a instalação de 38 imigrantes na antiga Real Feitoria de Linho Cânhamo, hoje conhecida como São Leopoldo, no dia 25 de julho de 1824.

No total, entraram no Rio Grande do Sul cerca de 48 mil alemães entre os anos de 1824 e 1914 (ROCHE, 1969,

p.146), em períodos intercalados.

Durante este tempo, foram criadas 142 colônias, distribuídas principalmente nas regiões próximas ao rio dos Sinos. Com a saturação das terras da região do Vale dos Sinos, dadas aos primeiros imigrantes, os próximos colonos passaram a receber terras mais distantes, próximas a outros rios, como Vale do Caí, Vale do rio Taquari e Vale do Jacuí. Todas essas regiões receberam grande influência germânica na construção da sua cultura. Uma colônia corresponde a aproximadamente 250 000 m² ou dez alqueires.

No Vale dos Sinos surgiram as colônias de Campo Bom, em 1825, Dois Irmãos, em 1824, Ivoti, em 1828, Nova Hartz, em 1854, Sapucaia do Sul, Colônia de Nova Palmeira (hoje Araricá), Sapiranga, Estância Velha (sendo o primeiro colonizador o sapateiro Mathias Franzen), Hamburger Berg, em 1824 (hoje Novo Hamburgo), e a Fazenda Mundo Novo (Igrejinha), em 1847. Nem todos os imigrantes alemães se dedicaram à agricultura, tendo alguns se dedicado à marcenaria, à carpintaria, e outros à sapataria e curtição de couro.

No vale do Caí, as cidades de origem portuguesa de Monte Negro e São Sebastião do Caí também receberam imigrantes alemães. As famílias que chegaram se instalaram nas cidades de

Pareci, Harmonia, Pareci Novo, Bom Princípio, Feliz, em 1846, Alto Feliz, em 1850 e Petrópolis, em 1858.

Os alemães das antigas colônias dos Vales dos Sinos e do Caí passaram a se instalar em colônias de outras regiões, porém, isso não impediu com que imigrantes vindos de Westphália e Pomerânia, na Alemanha, viessem para essas colônias.

No Vale do Rio Jacuí foram formadas as colônias de Cachoeira do Sul e a antiga colônia de Santo Ângelo. No Vale do Rio Pardo, a cidade de Santa Cruz, em 1849 e Monte Alverne, em 1860.

No Vale do rio Taquari foi instalada a Colônia dos Conventos (Lajeado), em 1853, a de Estrela, em 1846, a Colônia Neu Berlim (hoje Marques de Souza) em 1868, e outras cidades como Canabarro, Forquetinha, Forqueta, Cruzeiro do Sul e Boa Esperança.

Na região Sul do Estado, os imigrantes fundaram a colônia de São Lourenço, em 1856. Esses desbravadores tiveram muitas dificuldades, pois enfrentaram o descaso das autoridades em relação a sua situação. As terras a eles cedidas não eram muito boas para o cultivo, pois em lugares sem estrutura e situadas no interior de matas virgens. “A conquista da terra nas colônias não foi como as da terra de trigo nos Estados Unidos e Ar-

gentina, no século XIX. Essa conquista, difícil e lenta, fez do colono alemão o pioneiro do desbravamento” (ROCHE, 1969, p.51).

A ideia inicial de fundar também uma colônia no litoral, mais precisamente no Presídio das Torres, foi do presidente da província José F. Fernandes Pinheiro, futuro visconde de São Leopoldo, que já havia organizado a fundação da colônia de São Leopoldo e da colônia de São João das Missões, esta última que redundaria num fracasso completo. Como foi nomeado para ministro da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em novembro de 1825, ele não pode concluir sua obra, cabendo aos seus sucessores na presidência da província, os Brigadeiros José Egídio Gordilho de Barbuda e Salvador José Maciel, o andamento do projeto.

Entre 1824 e 1830 entraram no Rio Grande do Sul cerca de 5.350 alemães. Por problemas políticos e, depois, por causa da Revolução Farroupilha, a imigração ficou interrompida entre 1830 e 1844. Reiniciada a imigração, entre 1844 e 1850, chegaram mais dez mil imigrantes e, entre 1860 e 1889, outros dez mil. Entre 1890 e 1914 chegaram mais 17 mil alemães.

A imigração alemã não foi em grande contingente, mas em grande período de tempo, que vai da segunda década do século XIX até a metade do século XX, tendo um número de aproximadamente 250 mil imigrantes alemães vindos para o Brasil. Não há dados de quantos alemães vieram fugidos durante o regime nazista na Segunda Guerra Mundial, mas sabemos que, em 1936, judeus alemães fundaram a Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência no Rio Grande do Sul, deixando registrada a sua história.

Para incentivar os imigrantes a vir para estas terras, o Governo Imperial fazia promessas de que receberiam 50 hectares de terra com vacas, bois e cavalos; auxílio de um franco por pessoa no primeiro ano; isenção de impostos e serviços nos primeiros dez anos; liberação do serviço militar; nacionalização imediata e liberdade de culto.

De todas essas promessas, somente a da terra foi realizada integralmente e até superada, pois, ao invés de 50 hectares, os colonos receberam 77. Os dois últimos itens: “nacionalização imediata e liberdade de culto” não foram cumpridos, pois contrariavam a constituição brasileira. As outras promessas foram

concedidas parcialmente. Mas a posse da terra, que era de fato o que lhes interessava, foi obtida, mesmo à custa de grande esforço e trabalho.

Alemães em Passo Fundo

O primeiro estrangeiro a fixar-se em Passo Fundo foi um alemão que se chamava Johann Adam Schell, mais conhecido por Adão Schell, com sua esposa Anna Cristina Hein. Ele chegou na região no ano de 1836, estabeleceu-se com comércio de secos e molhados em local bem próximo à sede da fazenda do fundador Manoel José das Neves. Sua casa de comércio e moradia ficavam na Rua do Comércio (hoje Avenida Brasil), na quadra entre as atuais ruas Teixeira Soares e Marcelino Ramos. No lugar, ergue-se hoje um edifício, batizado com seu nome.

Outras famílias de descendentes de alemães contribuíram para a formação da cidade de Passo Fundo, como: Morsch, Reichmann, Goellner, Endres, Kliemann, Reichert, Wollmann, Hexell e outras.

(Dilse Piccin Corteze é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, mestre em História Regional e professora da Rede Municipal de Ensino.)



Educação com espírito olímpico

UBIRAJARA ORO

O belga Jacques Rogge, na presidência do COI, afirmava que o Olimpismo prolonga-se para além do Esporte, porque é um catalisador do desenvolvimento humano.

Rogge aí parafraseava o Barão de Coubertin, quem criou o termo *olympisme* para lançar o Movimento Olímpico. O Barão sublinhava que o Olimpismo era uma atitude mental capaz de unir os princípios que contribuem para o aperfeiçoamento humano.

Assim, o Olimpismo devia ser pedagogicamente orientado, sob pena de também os Jogos Olímpicos modernos regredirem ao nível da gladiatória. Segundo Coubertin, o mais importante seriam os alvos educacionais e não os recordes esportivos.

Esse alinhamento educacional observaria os cinco princípios fundamentais que explicitam o chamado Espírito Olímpico:

(1) Atitude amadorista: proteger o Esporte do mercantilismo e impedir que atletas regridam a gladiadores.

(2) Autoaperfeiçoamento: a competência esportiva deve significar trabalho feito em si mesma pela própria pessoa.

(3) Conduta justa e respeitosa: justiça (lisura no agir) e respeito (internalização das regras) resultam em prática regrada e em antibarbárie.

(4) Promoção da paz: rendimento e concorrência a serviço da paz via igualdade de chances - os homens precisam de conhecimento recíproco.

(5) Formação unitária: praticar esporte deve resultar numa formação global harmônica - só o treino muscular não forma um homem.

Contudo, o Esporte de hoje não é mais aquele dos tempos de Coubertin. Por isso, os princípios tradicionais correspondem só em parte à realidade atual do Esporte.

Amiúde, a atribuição de valores

elevados ao Esporte serviu e serve para esconder malfeitos ou também para impostar interesses notoriamente escusos, tanto comerciais quanto políticos. Por isso, alguns dos tais valores denotam moralidade ambígua, diante da realidade efetiva.

Apesar dessas mazelas do Esporte Olímpico, valeria testar sempre outra vez o modelo que lhe propôs Coubertin, para, com isso, dar-lhe uma nova legitimação e encontrar respostas à pergunta sobre o que lhe pode assegurar o futuro - ou seja, perguntar o que nele é lícito e o que é ilícito.

Se hoje os valores e princípios clássicos do Esporte Olímpico já não podem ser adotados na íntegra e intactos, o que então ainda chamar de olímpico?

Hoje e também no futuro, “olímpico” é a ideia educacional, cujos alvos são a atlética e a habilidade, em conjunção com a clareza no pensar e a limpeza no agir. O princípio educativo terá que valer para todos os níveis de rendimento e idades.

“Olímpico” é a ideia do rendimento e da habilidade, a serviço de um projeto pessoal, que tem o Esporte como meio de autoteste e de autocomprovação.

“Olímpico” é a ideia de equidade. A observância das regras significa colocar o Esporte sobre um degrau mais alto - seu futuro depende de que ele seja dirigido desde aí!

“Olímpico” é a ideia de paz. Essa ideia é um modelo para lidar com conflitos. Ela pressupõe a aceitação da alteridade cultural, bem como a tolerância a diferenças de cosmovisão e de religião.

Com a sua concepção olímpica, Coubertin antecipava-se a um problema central do mundo de hoje: como ancorar valores importantes para a vida individual e a convivência social, no aprender, no sentir, no agir e nas experiências das pessoas, bem assim, como propagar um modelo público disso - se possível, mundialmente.

Para Coubertin, esse modelo público



correspondia ao Esporte com espírito olímpico.

Os aspectos históricos, políticos e pedagógicos dos Jogos Olímpicos e o modelo em que o Esporte Olímpico deve se orientar continuam atuais e úteis.

Prova disso é a realidade planetária inquestionável do Movimento Olímpico.

Educação Olímpica e Academias Olímpicas

Educação Olímpica vem sendo entendida como a efetiva mediação de valores, quer no e pelo esporte, quer no e pelo significado da ideia olímpica.

Didaticamente, ela desdobra-se em educação axiológica e educação habilital. A educação axiológica visa à internalização de valores, entre eles o fair play, o respeito, a atenção recíproca e o entendimento intercultural. Por sua vez, a educação habilital está voltada para o desenvolvimento e o fortalecimento pessoal, por meio do processo aprender-exercitar-treinar-desempenhar.

Em cada país, a instância incumbida



de gerir e promover a Educação Olímpica é a academia olímpica nacional, que atua por delegação do seu comitê olímpico.

A Academia Olímpica Brasileira foi fundada em agosto de 1998, tendo o Prof. Dr. Lamartine Pereira da Costa iniciado no país os Estudos Olímpicos institucionais articulados por ela.

No Rio Grande do Sul, inauguraram esses estudos os Professores Doutores Alberto Reppold Filho, da UFRGS, e Nelson Schneider Todt, da PUCRS, dois pesquisadores vinculados há bom tempo ao academismo olímpico. E eles seria lícito juntar o ex-Médico-Chefe do COI, Eduardo Henrique DeRose.

Outra pesquisadora engajada nesses estudos é a Prof^a Dr^a Katia Rubio, da USP.

Nas academias olímpicas ao redor do mundo, são estudadas questões sobre (1) o significado e os princípios, tanto do Movimento Olímpico quanto dos Jogos Olímpicos, bem como sobre (2) os aspectos culturais, econômicos, históricos, políticos e sociais que ambos implicam.

A amplitude de faixa dessas questões vai dos começos antigos dos Jogos aos direitos humanos e à sustentabilidade, até chegar ao Olimpismo na escola.

A Educação Olímpica pressupõe valores que ainda hoje têm validade reconhecida, tais como a amizade, o respeito e o desempenho. No recinto do Movimento Olímpico, valores e ideais ganham maior relevância do que rendimento máximo, recordes e medalhas. Portanto, segundo a ideia olímpica de Coubertin, o mais importante são os alvos educacionais e não os desempenhos esportivos!

É a Carta Olímpica que define e apresenta o Movimento Olímpico. Na sua versão atualizada, lê-se que o Olimpismo seria um “estilo de viver”, construído (1) sobre o gosto pelo desempenho, (2) sobre o valor educativo do bom exemplo, (3) sobre a responsabilidade social, bem como (4) sobre a observância de princípios morais fundamentais, universalmente válidos.

Se ao Comitê Olímpico Internacional (hoje presidido pelo alemão Thomas

Bach) compete promover, desenvolver e proteger o Movimento Olímpico, às academias olímpicas, espalhadas pelas nações do mundo dentro dos respectivos comitês olímpicos, cabe tratar dos temas atuais desse Movimento, com estudos avançados.

Parece importante os nossos cursos de Educação Física engajarem-se na discussão e divulgação desses estudos. Por outro lado, sempre estimula quem se dedica a pesquisar, ser convidado a multiplicar o seu trabalho, principalmente nas universidades. Nesse sentido, esta é uma consulta dirigida à Faculdade de Educação Física e Fisioterapia: os nossos expertos (gaúchos) em Educação Olímpica e em Estudos Olímpicos já estiveram aqui na Universidade?

O esclarecimento olímpico-desportivo não deveria ter sido priorizado por nós, antes de gastarmos 40 bilhões de reais em sediar os Jogos Olímpicos? Por que a pressa?

(Ubirajara Oro é cientista do esporte doutor em motricidade humana, de Passo Fundo/RS.)

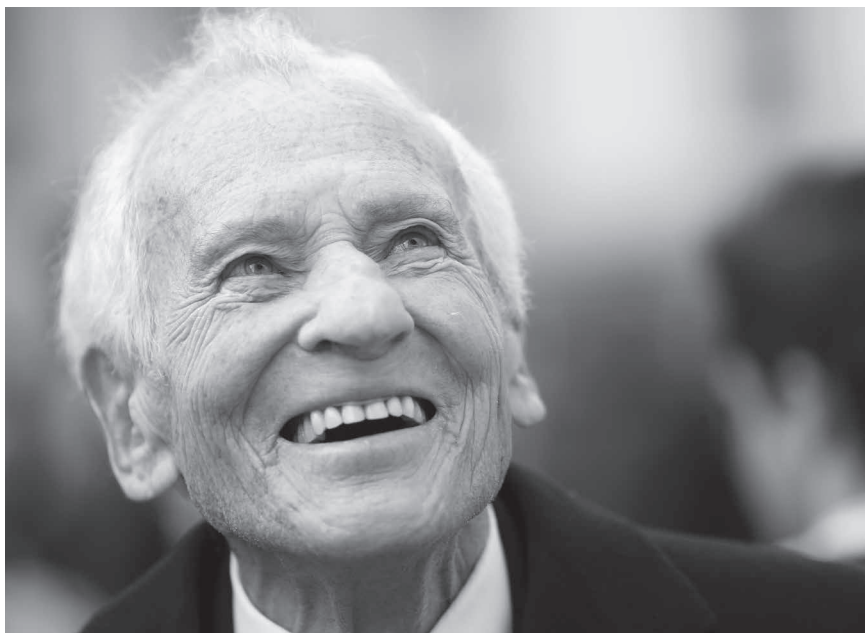
Jean D'Ormesson, um autor que o Brasil não conhece

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA
DE AZEVEDO**

A té hoje não sei por que Jean d'Ormesson, imenso e fecundo romancista, humanista, jornalista e diplomata, membro e presidente da Academia Francesa, é praticamente desconhecido no Brasil. De sua vastíssima obra existem pouquíssimas traduções em nosso idioma. Resulta daí que aos leitores em língua portuguesa fica impedido o acesso a seus romances, ensaios e artigos de jornal, que são, sem dúvida, das mais significativas produções do gênio e da cultura francesa do passado século XX e do atual.

De minha parte, não obstante, por ser um razoável leitor em francês, posso assinalar que li, conheço e me deleitei com a maior parte de seus livros, a começar por *A Glória do Império* (*La gloire de l'Empire*) e *Au Plaisir de Dieu* (*Ao Prazer de Deus*). Foi através dessas obras primas que descobri a sua obra, que continuo a ler e apreciar cada vez mais.

Juntamente com o velho *Eça de Queiroz* e o moderno *Gabriel Garcia Marquez*, D'Ormesson é um dos meus três autores de cabeceira. Posso afirmar que se trata de literatura do mais elevado quilate. *A Glória do Império* - o primeiro que li, em tradução portuguesa - é o relato da história de um imaginário império oriental, a partir de suas origens obscuras, perdidas na bruma dos tempos, passando por seu apogeu e alcançando os tempos da decadência inexorável. Sucedem-se na empolgante narração, que abrange um período de vários séculos, seus reis, príncipes, vizires, rainhas e concubinas, guerreiros, sacerdotes, pajens, súditos e escravos. Aparecem na história os dramas, as inquietações e os momentos de tragédia vividos pelo Império, por seus reis, dirigentes, e povo, que, geração atrás de geração, vão sendo vividamente apresentados pelo autor. É uma crônica exemplar, pois foi revela experiência de todos os grandes impé-



rios da História, nascidos da ambição e da grandeza e findos na melancolia da decadência e derrocada final.

Em *Au Plaisir de Dieu* cuida D'Ormesson de reconstruir a história de suas origens familiares, com suas inúmeras vinculações e parentescos com importantes famílias da nobreza e até da realeza europeia. Em homenagem à memória de seu avô, símbolo da tradição, o narrador, obcecado pela imagem de um passado perdido, dedica-se à tarefa de resgatá-la como foi e como deixou de ser. O berço da tribo, o castelo de Plessiz-les-Vandreuil, é o centro dessa longa e ambiciosa crônica, em que trata, desde as cruzadas até os nossos dias, da história do mundo, do país e do clã, com tudo o que é encarnado por sua linhagem e por seus valores e crenças, aos poucos se deteriorando, para no final desaparecer. Casamentos de amor e de conveniência, as ideias contemporâneas e revolucionárias, as revoluções na arte e na literatura, os costumes modernos, tudo isso vai abrindo sucessivas brechas na fortaleza da tradição. A história do século XX, com suas situações insólitas e paradoxais, precipita as mudanças e a decadência de uma família que sempre havia conseguido, a despeito de todos

os cataclismos da História, manter seus privilégios e conservar o seu encanto intemporal.

A produção de D'Ormesson é vasta e constante: Não foi ele unicamente um romancista, tendo incursionado com segurança nas áreas da História e da Filosofia e é um biógrafo de reconhecidos méritos. Também foi jornalista, tendo dirigido por muitos anos a redação do *Figaro*, o prestigioso jornal de Paris, onde mantém uma coluna até hoje.

Além dos livros já citados, lembro, dos muitos que li, *Mon dernier rêve sera pour vous* (*Meu último sonho será para ti*), uma exaustiva encantadora narração da vida, focada nos amores vividos por René de Chateaubriand, o clássico escritor e estadista francês do século XIX. Como aristocrata que era, sofreu sob os excessos da Revolução, expulso de seu país e segregado de sua pátria dos seus. Vivenciou de perto todas as tragédias de seu tempo, desde a queda e o suplício do casal real, Luís XVI e Maria Antonieta, ambos condenados à morte pela guilhotina. Viu de perto a ascensão de Napoleão, desde os tempos do Consulado até o Império, com a derrota e o exílio e a morte em Santa Helena. Alcançou o poder na Restauração, tendo sido

Jean d'Ormesson de l'Académie française
Le rapport Gabriel



Jean d'Ormesson de l'Académie française
La gloire de l'Empire II



ministro de Luiz XVIII e embaixador em Roma. Em toda a sua vida, apesar de permanecer casado, teve grandes e significativos amores, amando e sendo até a velhice, amado por mulheres extremamente belas, sensíveis e fascinantes. Daí o título do romance, dedicado ao último amor do velho sedutor.

Recordo com prazer a trilogia em D'Ormesson que narra as aventuras e façanhas de três irmãs e três irmãos, todos jovens e belos, ligados e envolvidos romanticamente, não necessariamente constantes e fieis, protagonistas dos mais importantes acontecimentos, com as correspondentes emoções e perigos, dos tempos da 2ª Guerra Mundial. Os dois grupos de irmãos, elas (as O'Shaugnessy), pertencentes à alta aristocracia inglesa, eles (os Romero) riquíssimos latifundiários argentinos, de várias maneiras atuam e influem em acontecimentos decisivos do período, ora estando em Londres, ora em Paris ou Berlim, como também em Washington, Nova Iorque e Moscou. Conhecem os personagens mais importantes da época, com os quais convivem e colaboram: na narrativa, juntamente com os irmãos Romero e as O'Shaugnessy, aparecem e revivem Winston Churchill,

o Rei Eduardo VIII e Wallis Simpson, Adolf Hitler, Roosevelt, Stalin, Rudolf Hess e os generais Eisenhower e Patton, entre outros. São três volumes, intitulados *Le Vent du Soir* (O Vento do Entardecer), *Tous les hommes en sont fous* (Todos os homens são loucos) e *Le Bonheur à San Miniato* (Felicidade em São Miniato).

Os romances de Jean d'Ormesson geralmente se desviam das convenções e da ortodoxia do gênero romanesco, nem sempre cuidando de construir uma intriga em torno dos personagens. Aparecem neles digressões constantes e um fluxo de episódios em que se revela o humor e a erudição do intelectual da *École Normal Supérieure*. Seu motivo recorrente é uma incessante meditação sobre o tempo e sua passagem, o que chega a atingir a dimensão de um tratado sobre a vida.

A feição autobiográfica está sempre muito presente em seus livros, principalmente em *Du côté de chez Jean* (O Caminho de Jean), *Au revoir e merci* (Adeus e obrigado) *Le Rapport Gabriel* (O Relatório Gabriel) *C'était bien* (Tudo estava bem). São escritos que ficam a meio-caminho entre a narração e o ensaio. Neles D'Ormesson fala de si

mesmo, sem deixar de utilizar repetições, sempre procurando mostrar uma mal disfarçada modéstia ao enfrentar as dificuldades que nos podem perturbar a alegria de existir e de viver.

Jean d'Ormesson felizmente ainda vive. No ano de 2015 completará 90 anos de vida. Continua lúcido, ativo e produtivo. Mantém em dia sua produção literária e é atuante membro da Academia Francesa. Em 2013 publicou seu livro mais recente: *Un jour je m'irai sens em avoir tout dit* (Um dia eu partirei sem haver dito tudo). Inclusive, recentemente atuou em de um belíssimo filme que tem por temática o drama de uma chef da cozinha do Palácio do Eliseu, envolvida em intrigas palacianas. Nele encarna, com apropriado *physique* du rôle, nada mais nada menos que um dos últimos presidentes da França, creio que François Mitterand.

Temos que ler e apreciar a espetacular e fascinante bibliografia de Jean d'Ormesson. Para isso, é preciso que as editoras brasileiras façam traduzi-lo e o publiquem. Tenho certeza de que ninguém se decepcionará.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é jurista e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A cela

Aqui o tempo não urge
e a consciência me sepulta
no mofo da solidão,
como a larva do repúdio
ruminando a realidade
no abismo do seu casulo.
Aqui o remorso se propaga
moldado pela marreta
que esmaga a polpa do erro
contra a bigorna da dor.

Eu que adubei cobiça usando mãos alheias
num agrário pago que quis só para mim,
plantei sementes viçosas e impuras
pra regar lavouras louras de pecados
e colher safras injustas de fartura...
Acumulei riqueza nas arrobas da balança
e o orgulho tomou conta da seara
no eito fértil de minha ignorância...!

Aqui as honras se arrastam
num vazio alucinante,
confinando a rebeldia
na masmorra da demência...
Aqui a vida se nutre
no escarro do silêncio
com evidente abundância
no oco impune da culpa...

Eu que soberano no trono de um puro sangue
castiguei os maturrangos com puas de indiferença,
entropilhei fortunas alçadas e velhacas
e larguei por refugio a humildade e a clemência...
Sesmeiro poderoso criei redomões e egoísmo
indomável na luxúria e na ganância,
corruptei aporreados na força e na "plata"
pra nem um corcovo planchar minha arrogância...!

Aqui o terror se agranda
entre a grade imaginária
e a clareza dos porquês,
uma legião de fantasmas
se revezam persistentes
rondando a alma da gente...
Aqui a vida sucumbe
e a morte é tão tentadora
que convence certamente
ser urgente e necessária...

Eu que transgredi caminhos carreteando cifras
pra surtir de ouro ambições dolosas,
fraudei tambeiros pra exibir riquezas
no gemido tosco de cambotas pobres.
Eu que enchi bruacas de razões errôneas
pra tropear cargueiros em dimensões só minhas.
... comprei prestígio e poderio de nobre
e zombei daquele despilchado "solo"
que famulento me implorava um cobre...!

Sim errei...!
Mais do que um erro um pecado...

Sei que não basta me redimir no desterro
estou recluso nas grades do próprio erro
cá nesta cela me vejo contrito e brando...
Como errante sei que sou imperdoável
um quase nada, moribundo, miserável
que certamente segue pecando e pecando...!

Academia Passo-Fundense de Letras vive momento áureo

DILSE PICCIN CORTEZE

A história da Academia Passo-Fundense de Letras, teve início nos idos de 1938 quando Arthur Ferreira Filho, Sante Uberto Barbieri, Gabriel Bastos, Tristão Feijó Ferreira, e outros cidadãos ilustres, fundaram o Grêmio Passo-Fundense de Letras, se preocupavam com o trabalho literário e desenvolvimento das letras na cidade de Passo Fundo.

Mais tarde o Grêmio Passo-Fundense de Letras se transformou em Academia Passo-Fundense de Letras mantendo os mesmos objetivos iniciais, agregando em seu quadro acadêmico, personagens que se tornaram representativas na história de Passo Fundo, da região e do estado do Rio Grande do Sul.

A Academia Passo-Fundense de Letras existe para congregar os escritores de Passo Fundo, com a finalidade primordial de auxiliá-los a desenvolver e expandir a cultura em todos os níveis do conhecimento humano. Além disso coopera para que as obras dos escritores de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul sejam cada vez mais conhecidas procurando cultuar a memória dos escritores brasileiros, contribuindo com o aprimoramento da língua nacional. E ainda, suas dependências estão sempre à disposição da cidade para realização de lançamentos de livros de escritores passo-fundenses ou não, bem como dispõe seu espaço para outros eventos culturais.

A responsabilidade dos acadêmicos, como elite cultural de Passo Fundo, é manter sempre vivo o espírito de luta de nossos antepassados e divulgar sempre mais a literatura entre as novas gerações enaltecendo o título de Capital Estadual e Nacional da Literatura elevando o prazer pelo ato de ler e a cultura do povo desta cidade.

Após o Grêmio Passo-Fundense de Letras se tornar Academia Passo-Fundense de Letras e os anos passando, a realidade se transformando, as diretorias



foram se sucedendo. Em cada época nota-se a luta dos acadêmicos no sentido de tornar a instituição mais sedimentada e prospera, sempre preocupada com a literatura local. Desta maneira a APL chegou aos seus 79 anos comemorados neste ano de 2017 com uma bela Sessão Solene no auditório da sede da Academia, com a presença de grande número de acadêmicos, autoridades e comunidade em geral.

Nos últimos anos a Academia Passo-Fundense de Letras foi comandada por grandes Presidentes que muito fizeram por esta instituição fato que a elevou a um patamar de grandes realizações, com projetos em andamento de repercussão no meio estudantil e cultural. Foram eles que conseguiram abrir a APL para a comunidade, desmistificar aquela casa de portas fechadas que gerava muita curiosidade pública em saber o que acontecia em seu interior. Hoje recebemos visitas monitoradas de escolas duas vezes por mês. Na oportunidade os alunos têm condições de conhecer o prédio da Academia e ouvir sobre os trabalhos realizados pelos acadêmicos. Duas vezes por semana reúnem-se no local, alunos, um total de 50 adolescentes, para ouvir os acadêmicos falarem sobre criação literária. Alunos estes do Projeto Identificando Talentos.

Da mesma maneira, como as portas da APL estão abertas para a circulação de alunos e comunidade em geral, os acadêmicos desta Academia têm mantido contato com as escolas, com professores e alunos, proferido palestras e promovendo concursos literários.

No sentido de melhor divulgar a literatura, a APL mantém o programa Literatura Local, em parceria com a TV Câmara, canal 16, que vai ao ar semanalmente levando sempre uma discussão de um tema atual envolvendo literatura. Igualmente se discute literatura no Café Filosófico, que ocorre sempre em um local especialmente escolhido, com um tema anteriormente selecionado. Aí o tema é exposto por palestrantes e debatido pelo grupo de participantes sem preconceitos ou censuras, de forma livre e respeitosa.

São vários os Projetos realizados na APL sempre direcionados ao incentivo a leitura e escrita, de jovens futuros escritores da comunidade de Passo Fundo e divulgar a literatura. A preocupação continua sendo em atrair sempre mais a população desta cidade para a Academia promovendo ciclos de palestras, recebendo alunos das escolas que nos visitam, além da realização de projetos envolvendo escolas da cidade.

Atualmente a diretoria é formada por mim Dilse Piccin Corteze, Presidente; Paulo Monteiro, Secretário-Geral; Elisabeth Ferreira, Primeira-Secretária; Marilise Lech, Segunda-Secretária; Júlio Peres, Tesoureiro; Sueli Frosi, Segunda-Tesoureira. E ainda a Comissão de Contas e Patrimônio com Antonio Augusto Meirelles Duarte, Marisa Potiens Zilio, Welci Nascimento, Elmar Luiz Floss, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo e Carlos Antonio Madalosso.

(Dilse Piccin Corteze é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, mestre em História Regional e professora da Rede Municipal de Ensino.)

O corvo

Asas negras preenchiem
o esboço vazio da tarde...

Misterioso e repudiado
o abutre carniceiro
deslizou no céu do Pago...
Asas grandes estaqueadas
como pairado no ar,
a fome urgindo no instinto
e a gula cega no olhar...

Em sua faina agourenta
buscou o farto banquete
que se estendia alo largo,
naquele campo cenário
de um combate malogrado.

O fartum repugnava
no repasto mormacento,
regalo para saciar
seu anseio famulento...

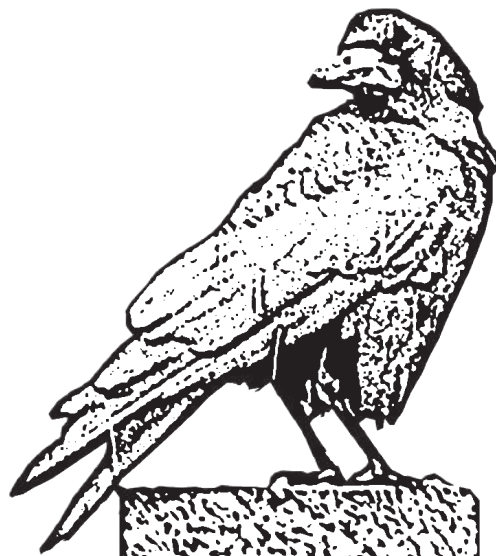
... o que chamavam bravura
na tal de revolução,
não passava de barbárie
dos homens do mesmo chão...

Chegou num vôo rasante
negaceando, vacilante...
mas decidido enfim
pousou o porte bizarro
no cobiçado festim.

Como quem busca detalhes
no caos macabro que via
o avejão relutava...
- Abria as asas, parava...
- Armava o vôo, voltava...
Como quem mesmo tentado
se sacrifica ao jejum
pra não cair num pecado...

Parecia renegar
sua natureza insaciável,
por pena da raça humana
ser tão fraca e miserável...

Eram homens!
Perfeição que Deus moldou
com o barro primordial,
pra ser de alma e matéria
sua imagem racional...



Sim, eram humanos!
O ser que domina o mundo
se decompondo qual bicho,
a ignorância estampada
com asqueroso capricho...!

Também chamados de, gente!
-Mas, piores que o corvo talvez-
Pois este nunca enfurece
e convive com sua espécie
numa instintiva harmonia,
não mata mesmo com fome
bem diferente do homem
que mata por covardia!

Não!
Não saciaria sua fome
naquele campo de guerra,
com os despojos da fúria
do pior animal da terra!

No mais nojento desprezo
galgou de novo o espaço
sumindo no céu do Pago...
Asas grandes estaqueadas
como pairado no ar
a fome urgindo no instinto
e a gula cega no olhar!!

(Luis Lopes de Souza é tradicionalista,
declamador, compositor e poeta. É
membro da Estância da Poesia Crioula,
de Porto Alegre, e da Academia Passo-
Fundense de Letras.)

Dr. Jovino da Silva Freitas (1910–2017)

OSVANDRÉ LECH

Nasceu em Passo Fundo em 19 de fevereiro de 1910, filho de Jovino da Silva Freitas, o conhecido “Capitão Jovino” (militar, empresário e político, vítima da gripe espanhola no ano de 1918 e nome da tradicional praça no bairro Rodrigues) e de Eloiza Rodriguez de Freitas. O casal teve 16 filhos, mas apenas quatro chegaram à vida adulta. O irmão Noé foi engenheiro, idealizador e diretor da CEEE. Jovino Freitas estudou no Instituto Gimnasial, hoje Instituto Educacional (IE) e no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Coursou a Faculdade de Medicina na URGs, diplomando-se em 1935. Foi o último sobrevivente dentre 49 colegas da memorável “Turma Farroupilha”, já que o Estado comemorava naquele ano o centenário da Revolução Farroupilha. Foi um ano inteiro de celebrações e a formatura da classe de médicos de 1935 foi um dos pontos altos. Jovino Freitas foi colega de Elpídio Fialho, que trabalhou em Marau por toda a vida, e do passo-fundense Arthur Morsch, que se formou médico e logo entrou para o seminário, vindo a exercer as funções de pároco por toda a vida.

Especializou-se na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre, tendo como professores Ivo Correia Meyer (Oftalmologia) e Alberto de Souza (Otorrinolaringologia). Durante três anos, foi assistente de cadeira em Otorrinolaringologia da Faculdade e do Serviço de Oftalmologia da Santa Casa.

Retornou a Passo Fundo em 1939, onde havia apenas 16 médicos trabalhando, e instalou seu consultório na Avenida Brasil e passou a atender no então distrito de Marau e nos hospitais da cidade. Seu CREMERS era 124. Ao longo da longa vida profissional, a sua presença no então Hospital de Caridade, hoje Hospital da Cidade, foi marcante. Na área de ensino, foi professor e o primeiro diretor da Escola Profissional de Enfermeiras e Parteiras, tendo coordenado as atividades da primeira turma



Dr. Jovino Freitas ostentando a medalha Nicolau de Araújo Vergueiro, Academia Passo-Fundense de Medicina, 2009

de apenas seis alunas, em 1941. A sua convivência, com diretores, médicos e funcionários, foi sempre harmoniosa e intensa e por mais de trinta anos manteve ambulatório de atendimento gratuito aos carentes. Em enquete realizada no INSS, o Dr. Jovino recebeu “100% de elogios e 0% de críticas”. Em 16 de abril de 2009, como forma de gratidão, o Serviço de Oftalmologia do Hospital da Cidade passou a ter a denominação “Serviço de Oftalmologia Doutor Jovino Freitas”.

Jovino da Silva Freitas foi membro das Associações Brasileira e Pan-Americana de Oftalmologia e participou de atualização no Rio de Janeiro, Buenos Aires, Montevidéu, algo notável nos anos 40 e 50. Membro fundador da Academia Passo-Fundense de Medicina, onde ocupou a cadeira 37, cujo patrono é Secundino Admar Petracco. A Academia conferiu ao Dr. Jovino a primeira medalha Nicolau de Araújo Vergueiro, a maior homenagem médica da região

instituída por Sérgio Lângaro, em 2009.

Ele sempre exaltou o orgulho de ser passo-fundense; literalmente “viu a cidade crescer” e contribuiu para a cidade se tornar em reconhecido polo de saúde. Foi procurado inúmeras vezes para pesquisas e reportagens sobre a profissão médica, Passo Fundo antigo, religiosidade, e outros temas. Ativo até seus últimos dias de vida, em 2016 exerceu o seu direito de voto aos 106 anos.

O Dr. Jovino foi casado por 58 anos com a uruguaia com Heloisa Fernandez Freitas (in memoriam). Deixa a filha Juliana Freitas da Silveira, o genro Lothario, os netos Norton e Maira e os bisnetos Juliana Gabrielle, Andrew Alexander e Isabelle. Faleceu em 03 de maio de 2017 de causas naturais aos 107 anos, um dos médicos brasileiros mais longevos. Ficam os exemplos de extrema bondade, honestidade e capacidade de adaptação. Obrigado pelos ensinamentos, Dr. Jovino. Descansa em Paz ...!

Instituto Histórico de Passo Fundo: 60 anos

WELCI NASCIMENTO

No limiar da década de 50 do século passado, Passo Fundo dava mais uma arrancada rumo ao desenvolvimento. Para os menos avisados, até que parece ter acontecido há muito tempo. No entanto, para as pessoas daquela época, que ainda andam pela cidade, não faz muito tempo, não.

Como eu ia dizendo, a década de 50 dava seus primeiros passos e o município de Passo Fundo, pelas suas lideranças, se preparava para comemorar cem anos de emancipação política. O povo estava a espera dos festejos do centenário: 1857 – 1957.

Durante esse tempo muitas coisas aconteceram por aqui: revoluções, disputas políticas acirradas, emancipações dos distritos, o apogeu e o declínio da indústria madeireira, os sofrimentos impostos pelas guerras na Europa, os alemães e italianos, filhos de imigrantes chegando no território de Passo Fundo, os judeus, os sírios libanês, os escravos negros conquistando sua liberdade, a estrada de ferro aqui chegando, os meios de comunicação, rádio, jornal, televisão, o ensino superior sendo instalado a lavoura para o cultivo do trigo sendo mecanizada, as estradas asfaltadas cortam o território de Passo Fundo, tornando aqui um polo de desenvolvimento...

Foi na gestão administrativa do prefeito Wolmar Antônio Salton e seu Vice Benoni Rosado, no quadriênio 1956/59 e da Câmara Municipal de Vereadores presidida pelo Sr. Arquilino Translati, que foram programados os festejos do 1º Centenário de Passo Fundo.

O jornalista e historiador, poeta e escritor e seu amigo Emílio da Silva Quadros, pelas suas qualidades e disposição de trabalho, reuniram as mais significativas lideranças da cidade para elaborar documentos relativos à história, a economia, e a cultura de Passo Fundo. Nasce o “Centro de Estudos Históricos de Passo Fundo”, para assessorar a Comissão Executiva dos festejos



Inauguração da nova sede do IHPH, em 2017

do 1º Centenário de Passo Fundo, que deveria ocorrer no ano de 1957. No dia 15 de abril de 1954 o Centro de Estudos Históricos passa a ser denominado de Instituto Histórico de Passo Fundo, hoje presidido pelo Dr. Fernando Severo de Miranda. A instituição, neste ano, está comemorando 60 anos de atividades e detém um dos maiores acervos históricos do município de Passo Fundo, sob a guarda do Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, com fácil acesso a quem desejar conhecer a história regional.

O Instituto Histórico de Passo Fundo é uma entidade formada por pessoas interessadas pela história local e regional e tem por objetivo estimular e propor medidas que assegurem os estudos históricos, além de coletar documentos, tornando-os acessíveis à comunidade passo-fundense. Seu acervo está sob a guarda, como já salientamos, do Arquivo Histórico Regional da UPF.

Em 27 de junho de 2007 os remanescentes da última diretoria do Instituto, Albery Falkembach Ribeiro, Ruy Pitan e Paulo Giongo, sob a liderança do Dr. Pedro Ary Veríssimo da Fonseca se reuniram no escritório de advocacia do Dr. Alberi para reativar os trabalhos do Instituto, que estava paralisado, desde o ano de 1982. Na oportunidade foram admitidos no quadro social, Dilse Peccin Corteze, Paulo Monteiro, Daltro José Vespe, César Lopes e Welci Nascimento. A partir daí as reuniões passam a serem realizadas com frequência, ora nas dependências da Rádio Planalto, gentilmente cedida pela sua Direção, ora no escritório de advocacia do Dr. Albery. Foi o período de planejamento e de estratégias visando recolocar a instituição histórica de Passo Fundo em ação. O primeiro passo foi reorganizar a entidade juridicamente, atendendo a legislação brasileira.

Meses depois, o Instituto Histórico



de Passo Fundo entra na era da informática. Consegue catalogar todo o seu rico acervo em CDs e DVDs. Desde o dia 15 de abril de 1954, o Instituto Histórico de Passo Fundo vem coletando dados, dissecando-os e classificando-os levando em consideração fatos que falam aos sentimentos dos historiadores de Passo Fundo e regional. Hoje, o Instituto mantém uma coluna semanal na imprensa local, que divulga fatos e fotos da história de Passo Fundo, promove projetos, como o de mapeamento do cemitério municipal da Vera Cruz, visando construir um roteiro de visitas, produz livros e grava relatos de personagens da história da cidade de Passo Fundo e região.

Jorge Edhete Cafruni, o mentor do Instituto, não cansava de destacar a colaboração do Grêmio Passo-Fundense de Letras, hoje Academia, ele que, também,

era membro deste sodalício.

O Instituto Histórico de Passo Fundo, no seu planejamento leva em consideração que a memória de um povo deve ser abrangente, incluindo os acontecimentos e transformações do humano, do animal, da natureza de um povo. No seu acervo catalogamos a formação geológica e cobertura florística de autoria do Dr. Mozart Pereira Soares, bem como a formação dos capões e matas ciliares, banhados e importância para a formação do meio ambiente, povoamento pela fauna. O regime de chuvas no Planalto Médio, desencadeados pelos fenômenos climáticos, a formação de geadas no Planalto Médio, a destruição das pastagens e a mortandade do gado vacum durante o inverno, uma visão do Dr. Gilberto Cunha. A destruição das fontes de água no município de Passo Fundo, das florestas nativas no Planalto

Médio, animais de caça desaparecidos e ainda existentes, a queimada dos campos de barba-de-bode e consequente desaparecimento da macega mansa e da microfauna do solo. O elemento humano nativo anterior a chegada do chamado home civilizado. A chegada dos povoadores brasileiros. A vida rural. A vida urbana. Primeiros moradores, formação dos bairros (Fernando Severo de Miranda) Terrenos Forreiros (Albery Falkembach). Ciclos econômicos. A Justiça de Passo Fundo, a política, o esporte, o ensino, o tradicionalismo, as transformações sociais, entre tantos outros fatos que narram a vida do município de Passo Fundo e região.

(Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Ato devoto

Oh, minha doce deusa.
A ti devoto minha paixão
Tua divindade é maior
Teu esplendor é mais forte
Minha musa amorosa
Dai-me teu néctar jovem
E tua paz, dê-me.
Sejas eternamente minha
Sejas a única senhora
De meu viver
Não me abandones
Oh, a fé que em ti ponho
É tão grande, tão devotada.
O amor que por ti sinto
Vai além e muito mais longe
Preenchais minha vida
Dai a Luz de teus olhos
E me reanima me endireita
Tira-me desta escuridão
Abra-me os caminhos
E sejas minha guia
Sejas Noé guiando seu povo
Sejas minha fé e minha esperança
Moça de trejeitos fascinantes
Não me deixes a míngua
Não me deixai sofrendo, não deixais, não!

Declaração

E o que te dizer minha amada?
Todas as palavras foram ditas
E a prosa foi escrita de forma clara
Que te amo minha melhor amiga
Meu anjo, o que mais falta?
Eu abrir meu peito e dar-te meu coração?
Falar com a voz elevada
Chorar meu amor a ti na escuridão
E de repente vivenciar uma dor
De nunca te ter
E rezar para que meu amor
Um dia possa te acometer
E sempre, sempre te viver
Em todos os momentos
Para nunca te esquecer
Mesmo em face do maior sofrimento.

O olhar

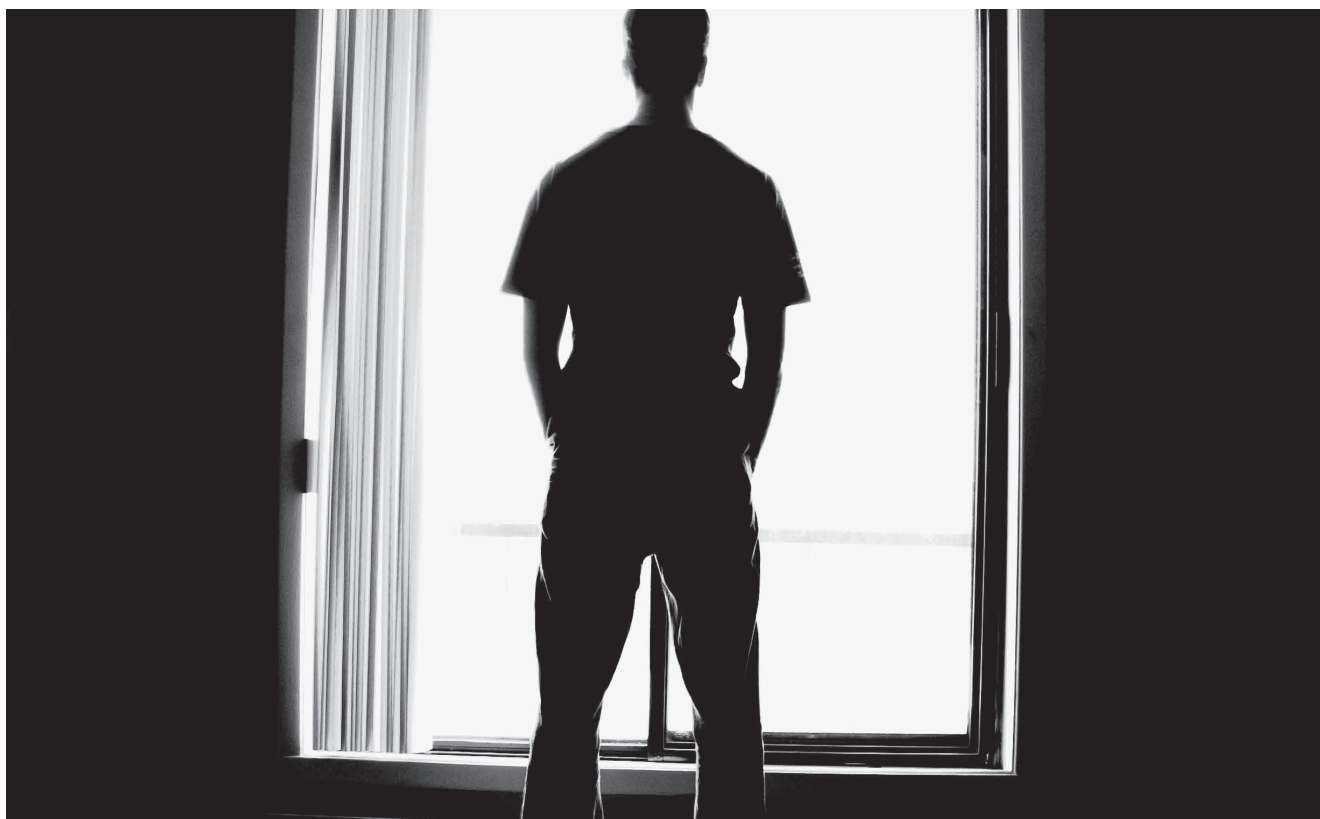
Aquele olhar, ai, aquele olhar
 Aquele olhar era a morte
 A profunda tristeza, tão triste...
 O que observas ao chão?
 O abismo da tua vida ou tua depressão?
 Por que tanta Dor? Por que tanta mutilação?
 Teu olhar é a verdadeira assombração
 De um vício recente
 E dá uma profunda sensação
 Que até em mim ele é presente
 Teu olhar é a morte e a Solidão
 Tanta que não sinto medo
 Sinto inveja de tua profunda emoção
 Que tanto almejo
 Mas que simplesmente não me chega ao coração
 Teu olhar é o sofrimento
 O isolamento de um mundo violento
 Mas quero saber a razão de teu lamento
 Por que tanto desrespeito por tua própria vida
 Tu és criatura divina
 Não deixes que a droga te fadigues
 Pois teu olhar era vivo, eu te conhecia...
 Teu olhar era introspectivo, mas vivo!
 Agora teu olhar é longe e vazio
 Como se a vida se fora longe
 Nos mares que vão fora do espírito
 Teu olhar era vivo...

Lamento da noite

Eu a chamei, e ela nunca me respondeu
 Dói saber que não há alguém
 Do outro lado da linha dos sentimentos
 Teci meu romantismo baseado em momentos
 E agora apenas lágrimas completam este lamento
 O infeliz jovem, distorcido pela realidade
 Chocando-se contra o infinito dos sonhos
 E eu apenas queria ver teu sorriso
 Desabrochar de tua boca
 A me despejar encantos de felicidade
 Mas a agonia de te ter em meus braços
 Foi maior do que a própria verdade
 De que nunca serei teu amante
 Apenas uma distante animosidade.

(Rodrigo Cabral é escritor e poeta, de Passo Fundo/RS.)

Voltando a falar em violência



MARISA POTIENS ZILIO

Concordo com Ruben Alves e com Augusto Cury quando dizem que nunca viram uma geração tão triste.

Não é difícil perceber suas causas. Volto a dizer que o que nos entristeceu foi às ideias, o sentimento capitalista.

Estamos tão impregnados por este sentimento capitalista que perdemos a noção do valor das emoções, do valor das coisas em nossas vidas, do valor de sermos presença e de termos presenças ao nosso redor, do valor da família, do valor do amor. Ainda pior, perdemos o valor de nossa própria vida.

Há uma insatisfação permanente por não conseguir ter, realizar ou fazer.

As medidas de valor deixaram de ser por aquilo que somos, fizemos ou conquistamos. Elas são sempre comparativas: “por que ele tem, ele é, conseguiu e eu não”. Não raramente medimos e comparamos nossa vida com a do outro. Este pensamento é absolutamente capitalista. As medidas não são de valor, mas de posse, de propriedade. O valor,

na verdade, está acima de qualquer comparação, basta em si mesmo.

Neste contexto vemos acontecer a maior violência em números cada vez mais crescente: o suicídio.

Digo a maior das violências porque fere nosso sentimento mais primitivo: o da preservação da vida.

A auto preservação diz respeito ao instinto dos indivíduos para conservar a própria vida, sua existência e sua integridade. Faz parte do desejo inato de manter-se vivo. O bebe recém-nascido nos revela este instinto ao chorar pela primeira vez. Podemos dizer seu primeiro ato de lutar pela sua sobrevivência.

A dor e o medo fazem parte deste mecanismo. Levam o indivíduo a afastar-se de tudo que ameaça sua integridade.

Freud chama a esta força preservadora de PULSÃO.

O Instinto de Sobrevivência compreende as pulsões sexuais (preservação da espécie), agressão, altruísmo, defesa das situações ameaçadoras. A dor e o medo neste caso são pulsões protetivas, enfim todas as pulsões desencadeadas para proteger a integridade do ego (eu).

Nesta linha de pensamento podemos

dizer que há instintos que movem nossas ações, nossos desejos, nosso comportamento. É a razão falando.

Quando estamos descapitalizados “dos sentimentos e das razões que nos impulsionam para a preservação da vida, nada mais faz sentido”.

Voltando ao início do texto, “descapitalizados” socialmente entramos em depressão. Esta naturalmente não é a única causa da depressão, mas socialmente falando cremos ser a grande causa dos inúmeros suicídios.

Como compreender os índices de suicídio em constante crescimento? No Brasil o aumento foi de 30% no último ano.

A OMS (Organização Mundial de Saúde) diz ter o suicídio contornos epidêmicos, sendo a segunda principal causa de morte entre os jovens entre 15 e 29 anos de idade e entre pessoas com mais de 70 anos de idade.

Ocorrem em maior número em países de baixa e média renda. Neste aspecto, mais uma vez o capitalismo se mostra propulsor deste evento: o suicídio. Nestes países a perspectiva dos jovens se realizarem profissionalmente, afetiva-

mente, a falta de perspectiva no futuro, a não realização em vida pelas pessoas que já envelheceram e não encontram sentido nem satisfação no que construíram ao longo da vida, sem tempo para mais nada, desencadeia o sentimento de desvalia, levando a tragédia, como disse mais incompreensível para um ser humano.

Suicídios são mais do que simples fatalidades.

Ao contrário do Brasil a Finlândia diminuiu em 30% os casos de suicídio.

Desenvolveu ações simples e eficazes. Começou a abordar o assunto sem censuras.

Os quatro pontos considerados foram:

- Diagnóstico, prevenção e acompanhamento das doenças psicoemocionais;
- Campanhas de identificação das depressões;
- Mais apoio psicológico e psicopedagógico nas escolas e sociedades; e
- Reorientação dos adolescentes.

É assustador quando vemos a publicação da OMS que no ano 2000, 815 pessoas se suicidaram no mundo todo, sabendo que estes dados foram crescentes. Seguindo este raciocínio, a mesma organização aponta para 1,5 milhões de pessoas irão se suicidar em 2020.

A dor psíquica está carregada de estados negativos de culpa, vergonha, angústia, solidão acompanhadas de ideais de morte. O suicida deseja acabar com estas emoções insuportáveis. É sem dúvida um ato ambivalente. O suicida dá sinais. No seu imaginário não quer acabar com a vida, mas com aquilo que lhe causa dor. Contraditoriamente a morte é a única que o salva do sofrimento.

A partir da psicanálise, o ato suicida é visto como a prevalência da pulsão de morte, sobre a pulsão de vida.

Enfrentar a dor de existir muitas vezes envolve formas simbólicas do suicídio como o uso de drogas.

Nossa reflexão, no entanto, não quer um aprofundamento científico maior. Quer sim o ato de estabelecer o vínculo com esta cultura de felicidade que nos condiciona à todos os caminhos capitalistas: do dinheiro, da beleza, do exibicionismos, da juventude, reforço, onde os laços afetivos são cada vez mais tênues. Não há mais tempo para sofrer, nem se deve. Sem afetos e sem sentido há uma permanente insatisfação e um permanente tédio. Uma incompletude.

(Marisa Potiens Zilio é Mestre em Educação e Saúde, Psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Eu e os da minha geração

Eu
e os da minha geração
caminhamos.

Caminhamos
e já não me sinto tão só.

Eu
e os da minha geração.

Avançamos em direção
a um futuro incerto
que nos espreita
ao redor
nos agarra pelo pescoço
ao dobrar de uma esquina
ao entrever um rosto na multidão
ao responder ao acaso
alguém que nos acena
e já não sabemos quem é
alguém que não víamos há
5 anos
10 anos
20 anos
e que só reconhecemos
porque uma cumplicidade mais profunda
nos aproxima:
envelhecemos juntos.

Eu e os da minha geração.

Os que criamos filhos.
Suportamos privações.
Tivemos alegrias e derrotas.
Avançamos e desistimos.
Deixamos alguém para trás
e voltamos a encontrar.

Eu e os da minha geração.

Andamos juntos
até o momento derradeiro
que a todos vemos acerrar.

Em especial
a eu
e os da minha geração.

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)



ASEAN: Perspectivas pretéritas e futuras acerca da integração asiática

SCHAIDA FERREIRA e VALÉRIA BRAZ

O cenário internacional pós-Segunda Guerra Mundial era caracterizado por turbulências políticas, econômicas e, por ventura, sociais. A rígida bipolaridade proporcionada pela Guerra Fria apresentava uma divisão político-ideológica entre, de um lado, capitalistas cristãos e, de outro, comunistas ateus. À luz disso, diversos conflitos surgiram no período. A Revolução Cubana, associada à Crise dos Mísseis, acirraram as tensões entre o mundo soviético e Estados Unidos e seus aliados. A somar, a conjuntura externa apresentava “rachaduras” entre os blocos oriental e ocidental. Isto, pois a política de coexistência pacífica de Krushev viabilizou o cisma sino-soviético, na qual a China denunciava a Rússia de revisionismo. Em mesmo período, Mao Tsé-Tung ascende ao poder na China, que tensiona o sudeste asiático devido à propagação de sua Revolução Cultural. Também é relevante mencionar a Guerra das Coreias e, posteriormente, a do Vietnã.

Sob estas circunstâncias, desafios à Ásia foram lançados. Ainda, quando

as potências europeias libertam suas colônias na região, tornou-se necessário reorganizar a forma em que os Estados interagiam entre si. Para tanto, a integração econômica, inicialmente do Sudeste Asiático, mostrou-se como alternativa para tentar amenizar os conflitos destas localidades à medida que o aprofundamento de sua interdependência tendia a relações mais harmoniosas. Desse modo, em 1954, é criado formalmente a SEATO (Southeast Asia Treaty Organization) (TERRANCE, 1997). Composta por Tailândia, Paquistão, Filipinas, Inglaterra, Nova Zelândia, França, Austrália e Estados Unidos, esta organização foi motivada pelos Estados Unidos, o qual propunha estrategicamente evitar a expansão comunista nessas localidades.

Sendo assim, esses foram os primeiros indícios de uma integração regional. Em decorrência, outras iniciativas de cooperação emergiram tais como, por exemplo, ECAFE (UN Economic Commission for Asia and the Far East), Plano Colombo, ASPAC (Asian and Pacific Council), ASA (Association of Southeast Asia). Além disso, já nos anos de 1967 há a incipiente formação da ASEAN (Association of Southeast Asian Nations) (TERRANCE, 1997).

Por meio da Declaração de Bangkok, tornaram-se signatários a Indonésia, Tailândia, Filipinas, Malásia e Cingapura. Em consequência, o Grupo expandiu-se à esfera internacional, passando a englobar Brunei. Com a crise asiática, esta ampliação é catalisada, proporcionado a adesão de Mianmar, Laos e Camboja, em 1997, e em 1999, do Vietnã (POLIDO, 2008).





Em caráter inicial, a ASEAN, de certo modo, pretendia atuar como controle à ameaça comunista no mundo asiático. No decorrer de anos, após ser consolidada, as atividades deste Grupo configuraram-se como integração regional e cooperação econômica entre os Estados-membros. Desde sua elaboração, a ASEAN possui instituições para a plena execução dos objetivos através de organizações administrativas, quais sejam: (i) Conferência Anual de Ministros das Relações Exteriores; (ii) Comitê Permanente, responsável por coordenar os trabalhos da Associação nas conferências ministeriais; (iii) o Comitê Ad-Hoc e Comitês Permanentes de Especialistas e Oficiais em determinadas matérias; (iv) a Secretaria Nacio-

nal da ASEAN, designada a explicar o trabalho da Associação e auxiliar a Conferência Ministerial, o Comitê Permanente e os demais Comitês (POLIDO, 2008).

A partir da Declaração de Bangkok, é notável que a Organização pretendesse “accelerate the economic growth, social progress and cultural development in the region through joint endeavour and partnership to strengthen the foundation for a prosperous and equal community of Southeast Asian nations” (Bangkok Declaration, 1967).

Para tanto, a ASEAN busca ampliar o escopo de atuação dos Estados-membros, em assuntos que sejam de comum acordo, a citar, as áreas social, cultural, técnico-científica e adminis-

trativa. Ademais, incluem-se também outros aspectos em suas práticas, como “assistência e capacitação recíproca” nas questões educacionais, profissionais e agrícolas (POLIDO, 2008). Ainda, a ASEAN prevê a cooperação com organizações internacionais e regionais, não permitindo, dessa forma, um isolacionismo político-econômico dos Estados que a compõem. Tal fato é expresso, a título de exemplificação, pela relação desenvolvida entre o Grupo e o GATT – organização multilateral de comércio internacional. Esta interação gerou frutos, muito em favor do regionalismo aberto – ou “regionalismo alternativo”- que o bloco asiático defende. Assim, oito países membros da ASEAN também integram a OMC.





Atualmente, o Grupo asiático continua a aprofundar seus laços e reforçar seus propósitos ao realizar, em 2015, maior liberalização comercial entre seus Estados-membros, estabelecendo uma “produção combinada de US\$2,6 trilhões” (O ESTADÃO, 2015). Segundo Najib Razak, primeiro-ministro da Malásia à época, os países asiáticos que já extinguíram suas barreiras tarifárias-devem, agora assegurar a criação de um verdadeiro e único mercado, tão bem quanto de uma base de produção com maior liberdade de circulação de bens e serviços (O ESTADÃO, 2015).

Sendo assim, conflagram-se esforços pelos próprios Estados-membros em dar prosseguimento à sua integração, evitando, desse modo, formas de estagnação na lógica cooperativa. Também está sendo discutido o Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP). Trata-se de um acordo de livre comércio entre ASEAN, Austrália, China, Coreia do Sul, Índia, Japão e Nova Zelândia. Em termos quantitativos, juntos, tais Estados representam cerca de 40% do PIB (Produto Interno Bruto) em escala mundial e, no que se refere à população, representa quase metade. O RCEP visa, em quinze anos, tornar-se

a quarta maior potência econômica do mundial. Não se restringindo à esfera econômica, o Grupo também ambiciona por solucionar as disputas territoriais do Mar do Sul da China, visto que, uma vez encerradas as hostilidades, maiores seriam as chances de a integração ser aprofundada.

No concernente às perspectivas futuras, sabe-se que a atual cena internacional pode dificultar quaisquer formas de integração, que não somente restritas à Ásia. Os movimentos anti-globalizatórios, desencadeados, majoritariamente, no ano de 2016, apenas demonstram as fragilidades em que a tendência à cooperação acaba por ser desviada. Especificamente à ASEAN, a ascensão de Do-

nald Trump à presidência dos Estados Unidos pode trazer certos problemas ao bloco, devido às políticas protecionistas que o atual Governo defende. A somar, o fato de alguns Estados-membros do Grupo asiático – como Malásia, Cingapura e Vietnã- também serem partes integrantes do Tratado Transpacífico, o que pode questionar a atuação destes países nas atividades de um dos blocos em detrimento das de outro. Por fim, o crescimento chinês pode, em contraparte, ser favorável ao ASEAN, visto que a China não somente caracteriza-se como país estratégico para rápida inserção à esfera internacional, como também, em razão do RCEP, tem a agregar aos demais países asiáticos.

REFERÊNCIAS

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Reunião de chefes da diplomacia de países do Sudeste Asiático centrada no comércio.** Disponível em: <http://www.dn.pt/lusa/interior/reuniao-de-chefes-da-diplomacia-de-paises-do-sudeste-asiatico-centrada-no-comercio-6250964.html>. Acesso em: 17 de maio de 2017.
- LEIFER, Michael. *Asia and the security of Southeast Asia*. 1 ed. London: Routledge Revivals, 2013.
- O ESTADÃO. **Bloco asiático cria área de livre comércio.** Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,bloco-asiatico-cria-area-de-livre-comercio-imp-,1800458>. Acesso em: 17 de maio de 2017.
- POLIDO, Fabrício Bertini Pasquot. **O desenvolvimento do novo regionalismo asiático no direito de integração:** Notas sobre a ASEAN e a APEC. *Revista de Informação Legislativa*. Brasília a. 45 n. 180 out./dez. 2008 p.305-345.
- TERRANCE, Heng Mui Keng. **ASEAN Economic co-operation: transition and transformation.** 1 ed. Cingapura: Institute of Southeast Asian Studies, 1997.

(Schaida Ferreira e Valéria Braz são graduandas em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba-UNICURITIBA.)

O jogo da diplomacia cultural brasileira

SCHAIDA FERREIRA

Embora o poder do Estado, historicamente, tenha-se majorado por entre as esferas econômica, militar e política, é no decorrer do século XX que seus meios de expressão se ampliam. A expansão do escopo de sua influência permite, portanto, que áreas como a cultura sejam utilizadas como instrumento de inserção no cenário internacional. Tal fato se apropria na elaboração da diplomacia cultural. Conforme Milton Cummings propõe, este fenômeno caracteriza-se pelo “intercâmbio de ideias, informação, arte e outros aspectos entre as nações” com o intuito de promover entendimentos mútuos.

Desse modo, o Estado identifica a sua própria cultura como relevante e a utiliza como estratégia para adquirir condições mais favoráveis na esfera internacional. Este recurso também pode ser destinado a antepor determinadas

características ou valores da bagagem cultural do país, a fim de embaçar quaisquer imagens ou estereótipos que possa apresentar. Ao se tratar do Brasil, costumeiramente, este se apresentou como receptáculo de informações culturais por demasiadas vezes. Todavia, com o fim da ditadura militar, aliado, seguidamente, do término da Guerra Fria, o Governo brasileiro teve de se articular de forma a se enquadrar à nova realidade internacional. Assim, sob os efeitos da globalização e do processo de redemocratização brasileira, o Brasil percebe, de fato, o seu valor cultural e o utiliza não somente para remover a deturpada imagem de seu período ditatorial, porém também como mecanismo de atingir uma representação mais satisfatória para além de suas fronteiras.

Para tanto, o Governo brasileiro, em certo grau, busca aflorar características específicas de sua cultura como, por exemplo, o futebol. Isto é exposto no documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”, lançado em 2005. Este

trabalho cinematográfico encena-se no Haiti, o qual além de lidar com altos índices de pobreza, enfrentava uma grave crise política. Desde as violentas gestões duvalieristas (de 1957 a 1986), os haitianos urgiam por um representante com maior destreza social para assumir as rédeas do país. É sob este contexto que Jean-Bertrand Aristide ascende ao poder, na década de 1980. Ora democraticamente eleito, ora afastado por golpes de Estado, ora reinserido pela ajuda dos Estados Unidos, a figura de Aristide impulsionou a oposição do país a tirá-lo do poder. Este episódio agravou o já delicado contexto da sociedade haitiana e, em resposta, a Organização das Nações Unidas (ONU) elabora a Missão de Estabilização do Haiti, com o auxílio do Brasil.

Durante o Governo Lula, o Brasil propõe-se a enviar soldados para auxiliar nessa Operação da ONU. Entretanto, de acordo com Gerard Latortue, então primeiro-ministro do Haiti, o Governo brasileiro não deveria enviar soldados,



mas sim um time de futebol. À luz disso, a 18 de agosto de 2004, arquitetou-se o “Jogo da Paz”, um amistoso entre as Seleções Brasileira e Haitiana de Futebol. Dessa forma, o Brasil adota a imagem conciliadora de paz e faz uso dessa modalidade esportiva como uma de suas principais armas culturais. Conforme retrata o documentário, há a convergência de dois mundos: de um lado, a extrema miséria do país; de outro, a incontestável felicidade por receberem os jogadores brasileiros em seu território.

Ademais, para os haitianos que estavam a comemorar dois séculos de sua Independência, o Jogo simbolizou a solidariedade entre amigos continentais. Pelas ruas de Porto Príncipe, capital do Haiti, crianças corriam para ganhar bandeiras do Brasil e terem suas camisas da Seleção Brasileira autografadas. Em ventos de comemoração, balões enfeitavam a cidade, e a tão explícita pobreza, ao menos por um segundo, escondia-se pela calorosa acolhida do povo haitiano. Pinturas da bandeira do Brasil também se faziam presentes em muros da cidade e orfanatos eram visitados pela Seleção brasileira. De acordo com Patrice Dumont, um jorna-

lista entrevistado pelo documentário, o Brasil “simboliza o Soft Power” e é este poder não-coercitivo que atrai o país aos olhos do Haiti.

O alvoroço da população haitiana ao se deparar com a passeata dos jogadores brasileiros apenas expôs a ideia do historiador entrevistado Gerard Pierre Charles, na qual afirma que “os haitianos se identificam muito com o Brasil”. Apesar da derrota de seis gols, o povo haitiano teve a chance de realizar um sonho pessoal, em conformidade à expressão citada por um cidadão “ver o Brasil jogar e morrer”. Contudo, apesar do caráter humanitário, há também, de forma latente, interesses nacionais. Segundo Willy Brandt, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha durante a década de 1960, a diplomacia cultural caracteriza-se como “o terceiro pilar da política externa de um país”. Tendo em vista que a política externa é, em certa medida, a tradução de interesses nacionais para a esfera internacional, é inegável a dialética entre os objetivos a serem alcançados, ou defendidos, por um Estado afora de sua área doméstica, e a sua capacidade de utilizar a diplomacia cultural como

catalisadora de tais anseios.

Assim, no caso brasileiro, a diplomacia cultural mostra-se não somente relevante, porém imprescindível, visto que o país não se apresenta enquanto símbolo de poder econômico, político e nem militar. Dessa maneira, a cultura proporciona ao Brasil uma posição que não lhe deixe à margem das questões internacionais. Em relação ao documentário, para o Governo brasileiro foi viável realizar o Jogo da Paz, seja para levar um pouco de alegria ao Haiti, seja para difundir o grande elemento cultural do país que é o futebol. Contudo, se a diplomacia cultural, de fato, caracteriza-se como um dos componentes básicos de política externa, torna-se necessário dar crédito tanto à política externa em sua íntegra, quanto à sua condição como elemento em separado. Para tanto, investir em seus mecanismos de propagação é estratégico para que o Brasil continue a buscar maior preponderância no cenário internacional.

(Schaida Ferreira é graduanda em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Curitiba-UNICURITIBA.)

Poesia

JÚLIO CÉSAR PEREZ

O filho e a mãe

A mãe era parecida com o filho
o filho, com a mãe.

Os dois na mesa do bar
esperavam alguma coisa.

A mãe e o filho
o filho e a mãe.

O que depõe
contra eles:
estavam sós
e

sem assunto
traziam pra rua
sua solidão.

O filho
– já um adulto –
e sua mãe.

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)



Um engano de mais de três décadas

SUELI GEHLEN FROSI

Tânia e Pedro Du Bois são amigos muito queridos, escritores talentosos que moram em Balneário Camboriú, mas têm uma intensa ligação familiar e afetiva com a nossa cidade. Sempre que vêm pra cá tratamos de encontrá-los a fim de estreitar laços, rir, trocar abraços e figurinhas literárias.

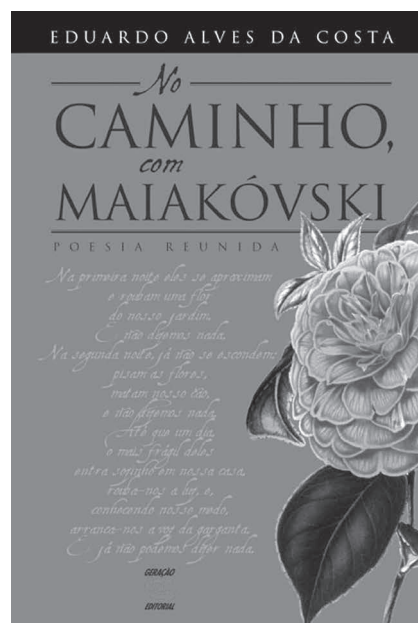
Trouxeram-me de presente, desta vez, um livro de poesias de Eduardo Alves da Costa, “No Caminho, com Maiakóvski – Poesia Reunida”. Foram logo dizendo que amaram a obra e que ela carrega uma história inusitada. Lendo a apresentação intentei-me do que falavam com tanto entusiasmo.

O editor (Geração de Comunicação Integrada Comercial Ltda.) conta que, na década de 1970, Roberto Freire em “Viva eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!” usou na epígrafe do livro um fragmento do poema “No Caminho, com Maiakovski”, atribuindo a autoria ao escritor russo. Freire retratou-se anos depois, mas Gabriel García Marquez,

Jorge Luiz Borges, Wilhelm Reich, Bertolt Brecht, Leopold Senghor, Jung e Maiakosvski tiveram seus nomes citados como autores do poema também.

Os versos de Eduardo Alves da Costa tornaram-se sinônimo de luta pela liberdade, ganharam o mundo, ganharam novela da Globo. Foram Mino Carta, Henfil e Manoel Carlos, entre outros, que fizeram justiça ao verdadeiro autor. Hoje, segundo o editor, a obra fala por si. O livro que trago é uma coletânea de todos os poemas do brasileiro, que, de forma contundente, retrata o drama humano, assim como serve à denúncia social, para o que, a poesia é um veículo perfeito.

Tânia e Pedro não sabem o que causaram com seu presente maravilhoso! Chegando em casa, após uma rodada de pizzas, sentindo ainda o gosto da comida que compartilhamos, pus-me a ler meu maravilhoso presente. E não consegui mais parar, o que é um milagre. Confesso que não tenho o hábito de ler poesia, apesar de render-me a alguns poetas e poetizas, esporadicamente. Mas aquela noite foi de Eduardo Alves da Costa,



sem descanso, sem trégua. E que bom o meu sarau! E que boa a minha noite!

Aí vai um lindo fragmento do poema citado, para que você fique com água na boca:

“Tu sabes,
Conheces melhor do que eu
a velha história.
Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.
Na segunda noite já não se escondem:
pisam as flores,
matam o nosso cão,
e não dizemos nada.
Até que um dia,
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo o nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.”

Boa leitura! Se você não tem o hábito de ler poesia, adquira-o, conquista-o. Vale muito a pena!

(Sueli Gehlen Frosi é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Sérgio Lângaro - Amor à Medicina

OSVANDRÉ LECH

Filho de Dionísio e Alice Caetano Lângaro, famílias-tronco da cidade de Passo Fundo, Sérgio Lângaro estudou nos colégios Conceição em Passo Fundo e Rosário em Porto Alegre. Graduou-se médico pela UFRGS na notável classe de 1953, juntamente com Moacyr Scliar, Asdrúbal Berquó, Aiglon Moura Simas e Hélio Dourado. Foi em Chapada, RS, que iniciou a vida profissional. Lá permaneceu de 1954 a 1958 onde demonstrou liderança e empreendedorismo como diretor do hospital e líder da comissão que obteve a emancipação municipal. Finalizada a etapa “do interior”, por onde iniciavam os médicos formados nesta geração, o Dr. Sérgio mudou-se para São Paulo, onde se especializou em cirurgia do aparelho digestivo no serviço do Prof. Edmundo Vasconcellos (FMUSP).

A atividade médica em Passo Fundo se desenrolou ininterruptamente de 1958 até o final de 2016. Foi diretor do Hospital São Vicente de Paulo de 1964 a 1969, médico legista do Centro de Saúde, professor-fundador da Faculdade de Medicina da UPF, em 1970, onde lecionou cirurgia torácica por 28 anos e recebeu muitas homenagens dos formandos, membro-fundador da Unimed, da Ameplan, da Academia Passo-Fundense de Medicina. Trabalhou também no Hospital da Cidade, Hospital Municipal Dr. César Santos, no Sport Club Gaúcho e no Aero Clube. Foi, porém, no seu consultório particular, na Rua Bento Gonçalves, que desempenhou sua maior missão médica. Era reconhecido como médico “particular” e por atender gratuitamente os necessitados. Membro Emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, onde foi Benfeitor da nova sede, do International College of Surgeons, da Sociedade Brasileira de Pneumologia, especialista em cirurgia torácica pela AMB. Presi-



Osvandré Lech (E), Sabino Arias e Sérgio Lângaro.

diu a seccional Passo Fundo da AMB. Como Hipócrates, transmitiu a arte de curar com simplicidade, maestria, ética e impressionante rigor técnico para os que com ele conviveram na rotina das visitas hospitalares e nas cirurgias.

Recebeu o título Medalha Grão Mérito Fagundes dos Reis, na Câmara Municipal de Vereadores, em 2000, e a Medalha Nicolau de Araújo Vergueiro, na Academia de Medicina, em 2011.

Leitor voraz, Sérgio Lângaro mantinha-se atualizado em técnicas e diretrizes médicas. Mais de um livro permanentemente aberto na sua mesa de trabalho demonstrava a sua atitude de aprendiz. Era respeitado por pacientes e colegas de trabalho pela postura discreta, ética, humana e profissional com que conduzia suas ações.

Exímio jogador de futebol na juventude, esporte praticado até os 70 anos. Torcedor do Internacional e do Gaúcho, adorava um bom churrasco e um cafezinho com amigos.

O “professor”, como era carinhosamente chamado em círculo restrito, foi uma das “esquinas da minha vida”; ou

seja, os anos que o acompanhei como acadêmico, de 1977 a 1979, mudaram para sempre o meu perfil pessoal e profissional.

Sérgio Lângaro faleceu, em 08 de janeiro de 2017, devido a falência múltipla de órgãos. Ele completaria 88 anos em 18 de fevereiro. Deixa Heloísa Padilha, a sua segunda esposa, os filhos Liana, Sérgio e Nelson do primeiro casamento com Matilde Barbieux, os netos Bruno, Daniela, Patrícia, Marcelo e Diego, muitos admiradores, que conviveram com ele e aprenderam a respeitá-lo, e uma legião de pacientes que tiveram suas vidas tocadas pela genialidade, carisma e competência do homem que dedicou a vida e todos os seus esforços para a medicina ética e de bons resultados.

Aquele terno bem alinhado e aquele sorriso amável farão falta no cotidiano da cidade ... Obrigado, professor!

(Osvandré Lech é membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina. Médico Chefe da Residência em Ortopedia da UFFS-HSVP-IOT.)

Deputado Lourenço Pires, um lutador e um vencedor

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Para desconsolo de seus familiares e de seus múltiplos amigos, eleitores, clientes e admiradores, o advogado e ex-deputado Lourenço Pires de Oliveira vem de deixar a esfera da existência terrena e ascender aos páramos da Eternidade para desfrutar da paz celestial, conforme sua crença e fé inabalável.

Conheci-o quando fazia seus estudos no tradicional Colégio Conceição. Fui seu professor na Faculdade de Direito e acompanhei os inícios de sua atividade como advogado e político em nossa cidade. Data de pelo menos quatro décadas a nossa proximidade. Desde então nos tornamos fraternais e constantes amigos, de permanente convívio, companheiros de lutas partidárias e no foro.

Ao longo desse período pude testemunhar o brilho de sua inteligência; a sua lealdade com os amigos; sua lhanza de trato e ameno convívio. Em suma, pude apreciar e admirar a grandeza de seu caráter — somatório das qualidades que revelavam o extraordinário ser humano que era.

Sendo advogado e vereador em Passo Fundo, quando do governo Amaral de Souza, foi convidado para exercer a função de assistente judiciário na Procuradoria-Geral do Estado. Depois de instalada a Defensoria Pública do Estado, nela fez carreira e veio a aposentar-se no cargo de defensor público. Quando findou seu mandato de deputado estadual, a convite do então diretor, Professor Antônio Cachapuz de Medeiros, passou a reger a cátedra de Direito Processual Penal na Faculdade de Direito da UNISINOS, função em que permaneceu até a sua aposentadoria.

Foi um vigoroso e dedicado defensor público, aqui e em Porto Alegre. Na capital, atuou em varas criminais e na vara do júri. Ali se iniciava a sua trajetória como um dos mais eficientes e admirados advogados de júri, em que



prosseguiu depois de sua aposentadoria como defensor, quando retornou à advocacia privada para tornar-se um dos mais renomados advogados criminais de nosso Estado, com expressão nacional. Tive a honra de ombrear com ele quando patrocinamos causas de Direito Público, especialmente da área notarial e registral, junto ao Tribunal de Justiça, no STF, no STJ e no Conselho Nacional de Justiça. No magistério jurídico, na UNISINOS e na escola da Defensoria Pública granjeou elevado conceito e conquistou a merecida admiração de seus colegas e alunos, que mais de uma vez o elegeram paraninfo de suas turmas.

Exerceu três mandatos de vereador

em nossa cidade. Em sua primeira legislatura foi eleito presidente da Câmara Municipal. Depois se tornou vice-prefeito de Passo Fundo com o engenheiro Fernando Machado Carrion como prefeito. Carrion e Lourenço, juntos e irmanados, consagraram-se como uma das administrações municipais mais profícuas que houve em nossa história. Isso levou Lourenço, ainda antes de completar seu período como vice-prefeito, a conquistar o mandato de deputado estadual. Na Assembleia, teve destacada atuação na Constituinte em 1989, integrou a Mesa Diretora e, sempre defendendo os interesses de Passo Fundo, carreou significativos benefícios para nosso município.

Era um homem feliz e irradiava felicidade. Por seu convívio amistoso e ameno, cativava a todos que dele se aproximavam. Incorrigível otimista, trazendo sempre nos lábios um sorriso sincero e acolhedor, nada podia aborrecê-lo ou entristecê-lo. Era colorado doente. Gostava da boa mesa e era exímio na arte do churrasco. Também era apreciador do chopp e das cervejas, desdenhando amavelmente os uísques e vinhos que lhe ofereciam. Costumava reunir em torno de si fieis amigos, clientes, professores, colegas, alunos e ex-alunos, além de advogados, juizes, promotores e pessoas de todas as classes e profissões. Extrovertido, em qualquer lugar onde estivesse animava os ambientes com suas histórias e causos, narrados com graça e invariável bom-humor. Vai fazer muita falta. A ausência de sua figura agradável e de cativante simpatia deixa um vazio em todos os corações e nas atividades de que participava: no seio de sua família,

na advocacia e na OAB, e no círculo numeroso dos amigos que veio conquistando ao longo da vida.

Foi um esposo, pai e avô exemplar. Vivia pela e para a família, sua esposa Enedi, os filhos Rodrigo, Natacha, Carine e Cíntia, por quem velava com permanente carinho e preocupação. Todo o seu orgulho e alegria eram para os filhos e os netos que foram vindo. Sempre falava deles às pessoas com quem convivia. Empolgado, contava e recontava os seus feitos e seus êxitos. Uma das suas maiores e mais recentes emoções foi quando seu primogênito Rodrigo defendeu tese e conquistou a láurea de doutor em Direito.

Foi, sobretudo, um homem de fé. Católico praticante, leitor habitual de Santo Agostinho, observava fielmente os preceitos da doutrina cristã. Nestes tempos de descarado materialismo, descrença e ateísmo, impressionavam a sua forte espiritualidade e o vigor de suas crenças. Católico devotado, acreditava

firmente nos valores do Cristianismo e no caráter sacrossanto do indivíduo e de sua alma imortal.

O deputado Lourenço, acima de tudo, foi um lutador e um vencedor. Com sua partida prematura, aos 71 anos de idade, perdem Passo Fundo e o Rio Grande um de seus mais admiráveis e honrados homens públicos. De sua vida e passagem por este vale de lágrimas pode-se afirmar que foi o exercício de uma permanente e incansável missão: A de esbanjar amizade, cordialidade, solidariedade e amor ao próximo. Dele se pode dizer, ao término de sua jornada terrena, com as palavras de Paulo de Tarso na Epístola aos Romanos, que pertenceu ao número dos justos porque combateu o bom combate, acabou sua carreira e guardou a fé.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Jurista, Procurador do Estado/ aposentado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Rir por último

Reza o ditado que quem ri por último
ri melhor.

Primeiro
eu ri
- por último.
Mas a vida foi passando
e outros riram
também.
E eu ri novamente
e novamente outros riram
até eu achar
que era o derradeiro.

Mas aí
eu ri de novo.
E outros riram
e mais outros
e mais outros
e mais outros
até eu não saber mais
qual seria o fim.

Agora
já passado tantos anos
não me importa mais saber
quem irá rir no fim:
outros se sucederão.

Afinal o fim
é o fim.

Quem se importará
com o que vem
depois?

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)

Leitores, leitores, à mancheia

GILBERTO R. CUNHA

Desde que foi anunciado o cancelamento da 16ª edição da Jornada Nacional de Literatura, em primeira mão, pela entrevista da coordenadora do evento, Profa. Tania Rösing, ao jornal O Estado de S. Paulo (em 20 de maio de 2015), e, depois, por meio do comunicado oficial do magnífico senhor reitor da Universidade de Passo Fundo, Prof. José Carlos Carles de Souza (UPF, 20 de maio de 2015), não faltaram manifestações de toda sorte em apoio ao evento, partindo de escritores e de simpatizantes das letras em geral, que foram desde: declarações indignadas pelo acontecido, carta aberta de protesto pela falta de patrocínio (público e privado) para eventos culturais no País; mobilização/petição de escritores para tentar manter a jornada 2015; campanhas para arrecadação de recursos financeiros pró-jornada 2015; e críticas à falta de sensibilidade de autoridades públicas e de empresários sobre o valor de investimentos em cultura, etc.

Ainda que toda essa movimentação seja digna de aplauso, não se pode ignorar que tanto a Profa. Tania, na malfadada entrevista ao Estadão (bastante criticada pelos veículos locais de comunicação), quanto o comunicado oficial da UPF, anunciando o cancelamento da Jornada Nacional de Literatura em 2015, não deixaram margem para qualquer dúvida que a retração econômica ora em curso no Brasil fazia mais uma vítima: a 16ª Jornada Nacional de Literatura. Indiscutivelmente, não se faz nenhum evento da magnitude das jornadas literárias de Passo Fundo sem recursos financeiros vultosos e disponíveis em tempo hábil para que os representantes legais pela organização possam firmar os compromissos contratuais e, posteriormente, proceder a competente prestação de contas dentro de normas exigidas pelos órgãos de controle. Vista de fora, a solução para o impasse, realizar ou não a jornada em 2015, poderia aparentar que é simples. Todavia, não é assim. A falta de tempestividade para a tomada das decisões pode acarretar impasses futuros intransponíveis aos



envolvidos. Há que se colocar na pele dos gestores da UPF para entender e respeitar a decisão que, estamos cientes disso, foi muito mais dolorosa para eles do que para qualquer um de nós, que, passivamente ou não, apenas assiste os acontecimentos.

Nós, da Academia Passo-Fundense de Letras, que desde 1938 estamos presentes na vida cultural de Passo Fundo, não podemos, nessa ora, nos furtar de dizer que ficamos entristecidos com o acontecido. Tristes, mas esperançosos e confiantes nas instituições que outros caminhos serão encontrados para viabilizar, senão ainda em 2015, num futuro próximo, esse monumental evento cultural, que, parafraseando Castro Alves, mais que qualquer outro, é bendito por semear leitores, leitores, à mancheia.

Neste episódio, o que não cabe são críticas a UPF, que, independentemente das circunstâncias, antecipa gastos - em pessoal, estrutura e outros custeios, como viagens em busca de patrocínios; por exemplo - com o evento, que não é feito, como pode aparentar externamente, apenas na semana da jornada, mas diuturnamente nos 365 dias de cada ano. Também merece menção a Prefeitura de Passo Fundo, que já havia disponibilizado, com previsão no orçamento municipal, R\$ 750 mil para o evento de 2015.

E, por fim, deixamos o nosso cari-

nho e reconhecimento ao trabalho da incansável Profa. Tania Rösing, que, se jogou a toalha, é porque não havia jeito mesmo. Especialmente, nesse momento, que, na mente da Tania, talvez estejam retumbando não mais os versos de João e Maria - “Agora eu era o herói/ E o meu cavalo só falava inglês/ A noiva do cow-boy/ Era você além das outras três...” -, cantados à capela por Chico Buarque ao receber, pelo romance Budapeste, o 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, em 2005, mas sim, na mesma voz do sedutor escritor dos olhos cor de ardósia, uma estrofe da canção Pedaco de Mim: “Oh, pedaco de mim/ Oh, metade arrancada de mim/ Leva o vulto teu/ Que a saudade é o revés de um parto/ A saudade é arrumar o quarto/ Do filho que já morreu”.

POST SCRIPTUM: esse texto foi publicado pelo autor na coluna semanal que assina no jornal O NACIONAL, de Passo Fundo/RS, edição de 29 de maio de 2015. Compete dizer, passados 2 anos, que a UPF honrou o compromisso assumido na ocasião e a 16ª edição da Jornada Nacional de Literatura, remodelada, está de volta, de 2 a 6 de outubro de 2017. Vida longa para nova Jornada Nacional de Literatura!

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

As memórias de Anildo Sarturi

GILBERTO R. CUNHA

Livros de memórias, ainda que muito apreciados pelos historiadores de tradição positivista, devem ser lidos com a cautela devida e o distanciamento seguro. Nesse tipo de obra, e não se poderia esperar algo muito diferente, em geral, prevalece a versão de quem escreve, podendo, como é comum acontecer, haver outra interpretação, que, inclusive, pode ser diametralmente oposta, para um mesmo fato. E isso, sem considerar que, quase sempre, a emotividade do autor se sobrepõe à razão, até porque, na grande maioria, não se tratam de obras historiográficas de cunho acadêmico hermético e sim de narrativas pessoais de determinados acontecimentos que são vividos, sentidos e como tal percebidos por alguém. Mas, não obstante essas particularidades, obras memorialísticas são fundamentais para o melhor entendimento da história.

Eu sou leitor contumaz de livros de memórias, especialmente quando o autor ou o assunto, preferencialmente ambos, me interessam. E esse foi o caso do livro “Passo Fundo – Memórias”, do médico e político Anildo Sarturi, que, por mero acaso, na véspera do Natal de 2013, encontrei exposto na vitrine de uma livraria em Passo Fundo. Em geral esse tipo de livro, cujo copyright é de 2008, em impressão pela Gráfica Gold Print Ltda., habitualmente, não ganha espaço privilegiado nas vitrines de livrarias, por isso reitero o “por mero acaso”, além de que tampouco eu estava buscando ou sabia da existência desse livro. O nome do autor despertou a minha atenção, pois lembrei que fazia parte da relação dos membros da Academia Passo-Fundense de Letras (na época ainda Grêmio Passo-Fundense de Letras) dos anos 1950, e quanto ao assunto, Passo Fundo, é desnecessário qualquer explicação. Foi assim que, no intervalo entre o Natal de 2013 e a virada de ano novo, me detive na leitura das 380 páginas de narração das memoriais de Anildo Sarturi, que surpreendem pela boa escrita e, a não ser pelos acontecimentos muito particulares, de interesse



exclusivo do autor e seus familiares, prendem a atenção dos leitores, especialmente quando trata das disputas pessoais na política passo-fundense e dos desdobramentos que sobrevieram ao golpe militar de 1964.

Anildo Sarturi não era natural de Passo Fundo. E isso talvez explique parte dos reveses que sofreu na cena política local. Nasceu em Tapera, formou-se em medicina, pela atual UFRGS, no final dos anos 1940. E, após quatro anos trabalhando em Sertão, como diretor do Hospital São José, estabeleceu-se em Passo Fundo, em 1952, com a intenção de montar a sua clínica e especializar-se em cirurgia geral, em meio a 38 outros

profissionais da área médica que, na ocasião, atuavam na cidade. Era solteiro e passou a morar no Hotel Avenida. De pronto, juntou-se à equipe do Dr. Alberto Lago, que, conforme o qualifica Anildo Sarturi, “tinha obsessão pelo bisturi”, transformando-se totalmente quando na sala de cirurgia, e do anestesista Dr. Tobias Weinstein. O Dr. Alberto Lago era considerado, em cirurgia, o “primeiro rival” do Dr. Sabino Arias. Segundo Anildo Sarturi, o Dr. Lago e o Dr. Sabino Arias, ambos conceituados cirurgiões da época, competiam para ver quem fazia mais cirurgias semanalmente. Anunciavam nos jornais e nas rádios locais os nomes dos pacientes e o tipo de



Linda Degrazia

cirurgia que haviam sido submetidos, e cada um, a seu modo e com a sua torcida, vibrava nos cafés da cidade, quando um superava o outro em quantidade de cirurgias realizadas. Na visão de Anildo Sarturi frise-se, ainda que se respeitassem mutuamente, o Dr. Lago demonstrava certo ciúme do Dr. Sabino Arias, que havia sido trazido de Ernestina para Passo Fundo, por indicação do Dr. Vergueiro, e sobre quem se dizia que havia nascido no Egito, sendo judeu ou árabe, portanto não era católico, mas mesmo assim gozava do beneplácito do bispo Dom Claudio Colling, que o manteve como diretor médico do Hospital São Vicente de Paulo durante todo tempo que trabalhou como médico em Passo Fundo. A ambição do Dr. Lago, insiste Anildo Sarturi, era ser nomeado diretor médico do Hospital São Vicente de Paulo, sentindo-se, de certa forma, traído pelo Sr. bispo, que o preteria em favor do Dr. Sabino Arias, que era o médico pessoal de Dom Cláudio Colling. Em função disso, aos poucos, o Dr. Lago passou a concentrar a sua atuação médica no Hospital da Caridade, atual Hospital da Cidade.

Nos 35 anos que viveu em Passo Fundo, entre 1952 e 1987, Anildo Sarturi foi protagonista de elite na área médica e na política passo-fundenses. As suas memórias, expressas no livro “Passo Fundo – Memórias”, são reveladoras quanto a isso, servindo, sobremaneira, para o melhor entendimento de uma cidade e uma época que, hoje, para o bem ou para o mal, não existem mais, ainda que se façam presentes, estigmatizados no dia a dia, muitos desses resquícios do passado.

Anildo Sarturi forjou as suas convicções políticas como militante da Juventude Universitária Católica (JUC), em Porto Alegre, nos anos 1940. Médico recém-formado em Sertão, na época distrito de Passo Fundo, filiou-se no PSD. Depois, desiludido com esse partido, aderiu ao PSP, de Ademar de Barros, pelo qual se elegeu suplente de vereador, em 1952. De qualquer forma, Anildo Sarturi também não se sentia confortável no PSP de Ademar de Barros, que era conhecido

pela alcunha de “rouba, mas faz”. Católico fervoroso que era, tendo sido, inclusive, por convite do padre Jacob Stein, um dos oradores da consagração do bispo Dom Cláudio Colling, em 1950, sentia-se atraído pelo Partido Democrata Cristão, que se encontrava em formação no Estado. Foi então que, instigado pelo jornalista Carlos de Danilo Quadros, abraçou a causa do PDC, tendo participado da fundação de diretórios em 21 municípios da região.

Na política local, Anildo Sarturi teve êxitos e, paralelamente, acumulou frustrações. Elegeu-se vereador, os candidatos à vereança apoiados por ele foram eleitos, caso de Juarez Diehl e da própria mulher, Linda Degrazia Sarturi, mas não obteve o sucesso que esperava nas suas candidaturas a deputado. Ainda no PDC, Anildo Sarturi, no pleito de 1963, contava como certa a eleição para deputado estadual. A candidatura, de última hora, do também médico Helio Rosa, pelo PDC de Carazinho, atrapalhou as suas pretensões. Mas, traição mesmo, Anildo Sarturi entende que sofreu de parte de Dom Cláudio Colling, que, segundo ele, “por espírito ardiloso, traçoeiro, não sei se dos dois”, nos áureos tempos da Liga Eleitoral Católica (LEC) não incluiu o seu nome na lista aprovada pela Diocese de Passo Fundo. Foi uma decepção para o católico praticante Anildo Sarturi, pois era pela lista da LEC que os padres indicavam aos fieis os candidatos preferenciais nas eleições. Amargou uma segunda suplência, mas acabaria, em 1964, assumindo como deputado estadual pelo PDC, por um período de pouco mais de um ano. Nessa temporada em Porto Alegre, pela parte da manhã, começou uma especialização em psiquiatria, no pavilhão Melanie Klein, junto ao Hospital Psiquiátrico São Pedro. Com a volta a Passo Fundo, não terminou o curso, virando, segundo se auto intitulava, uma espécie de “psiquiatra amador”, que, credenciado na especialidade pelo INPS, introduziu o uso de eletrochoques no tratamento de doenças psicóticas na cidade. Essa experiência lhe habilitou para assumir a cadeira de Psiquiatria quando da criação da Faculdade de Medicina da UPF.

A partir do golpe militar de 1964 e o advento do ato institucional que banuiu os partidos político no País, instalando o bipartidarismo, com a ARENA e o MDB, Anildo Sarturi aderiu, como seria esperável, à ARENA. E foi pela ARENA que, conforme explicita nas suas memórias, sofreu as derradeiras traições políticas locais. A primeira, por Fidêncio Franciosi, que, como presidente da agremiação, entregou a sigla aos egressos do PTB/MTR, caso de Romeu Martinelli e Augusto Trein, alijando-o da política passo-fundense. E, a segunda, pelo Coronel Edu Azambuja, de cuja candidatura a prefeito foi um dos artífices, que inicialmente o preteriu como candidato a vice-prefeito, em favor de Juarez Zilio, e, depois se alinhou com os seus inimigos políticos.

Em Passo Fundo, de 1952 até 1987, Anildo Sarturi formou uma clínica médica respeitável e construiu uma base política que desmoronou, na sua visão, pelas traições que sofreu. O epílogo da sua vivência local foi o assalto no seu consultório médico no dia 1º de dezembro de 1987. Deixou a cidade de vez, para viver junto da família, que já estava em Porto Alegre. Ainda vivo, na plenitude dos seus 96 anos, Anildo Sarturi, até bem pouco tempo, podia ser encontrado nos cafés da Padre Chagas ou em passeios pelo Moinhos Shopping.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A morte da irmã de Maria Elizabeth de Oliveira, Santinha de Passo Fundo

ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE

Desde que foi vítima de um gravíssimo acidente de trânsito, no dia 28 novembro de 1965, a jovem Maria Elizabeth de Oliveira, de forma inesperada e até hoje sem saber como tudo aconteceu, tomou-se uma figura de milagres os mais variados, e passou a ser seguida com devotos do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, México, Estados Unidos e outros países europeus. Até hoje, não sei bem como tudo aconteceu. Só sei que me tomei o jornalista da família enlutada sem a conhecer. Por esta razão, passo a relatar ao nossos leitores e milhares de devotos da jovem, como tudo aconteceu e como me tomei o jornalista que o maior número de matérias elaborou e figurei, a partir da tragédia, como figura obrigatória na vida do querido casal Alcides e Leda Morandi de Oliveira, pais da vítima.

Como fui lembrado

Era um domingo ensolarado e estava eu narrando jogo entre o 14 de Julho e o Ypiranga, de Erechim, pelo Campeonato Regional. O jogo havia recém terminado e dos estúdios da Rádio Passo Fundo veio a ordem do gerente Bem Hur Silva no ar: Atenção Meirelles Duarte- Dirija-se imediatamente à Avenida Presidente Vargas, na esquina com a rua Padre Valentim, pois ocorreu, agora, um gravíssimo acidente de trânsito, onde, uma jovem, cuja origem ainda é ignora, foi derrubada na calçada por uma Kombi que passou sob seu corpo e esta, para muitos, faleceu. Trata-se de uma jovem de uma família tradicional da cidade e já foi transportada para o Hospital. Queira investigar os fatos e passe a cobri-los, deixando o futebol para o restante de nossa equipe que está aí no estádio.

Direto ao hospital

Diante do que me foi informado, fui direto ao Hospital e lá chegando já



Maria Elizabeth

havia, também, o corpo da jovem, que ninguém sabia quem era. O médico, Dr. Sérgio Lângaro assumiu as primeiras providências, mas desistiu, pois a jovem já havia falecido. Colhi todos os dados, recebi os pais e avós e um grande número de amigos. Passei a noite com os pais desesperados, o empresário Thadeu Nedeff, da empresa onde trabalhava o senhor Alcides. Dei vários boletins, inclusive para a Rádio Guaíba, cobri o

sepultamento com um público que até hoje não foi superado.

O nascimento e morte da única irmã

No dia 15 de novembro de 1961, aniversário da Primeira Comunhão de Maria Elizabeth, nos Hospital de São Paulo em Lagoa Vermelha, às 9 horas e 15 minutos, nascia Roberto, o segundo



Os pais de Margarete, Leda e Alcides Oliveira, com os filhos Roberto e Margarete

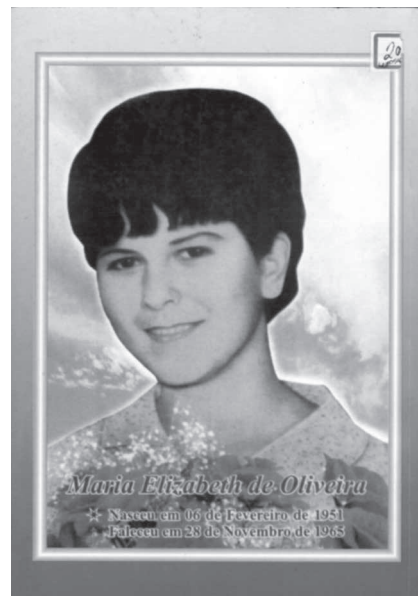
filho do casal Alcides e Leda de Oliveira. Roberto, hoje um próspero comerciante na cidade de São Francisco de Paula, tinha somente 4 anos quando a irmã foi vítima do trágico acidente que a vitimou, por esta razão, afirma, pouco teria a falar da convivência com ela, só recordando do quanto ela vivia cercada de crianças e colegas do colégio e de todos os movimentos da Paróquia de Santa Teresinha.

Com a minha convivência com o casal Alcides e Leda, recebendo delegações que vinham de todos os pontos do Estado e do Brasil, e mais tarde, até do exterior, estava seguidamente na residência, ouvindo os visitantes e tomando nota de todas as graças que havia recebido por intercessão de Maria Elizabeth. Num jantar a que fui convidado com minha esposa Mary, inspirou-me uma pergunta endereçada a dona Leda que não parava de chorar. Perguntei a ela: a senhora, ainda jovem já imaginou tentar uma nova gravidez e ter a felicidade de dar a luz a mais uma menina para vir para

o lugar da Maria Elizabeth? – Todos pararam na mesa da refeição e até o senhor Alcides chorou copiosamente - Conclui dizendo que fora o caminho que restou para recompor a família e que seria pelas mãos da Maria Elizabeth que atende à milhares de pessoas e não iria abandonar seus pais. Pois foi, realmente, uma inspiração da Maria Elizabeth, pois meses depois o senhor Alcides me telefonava, já alegre, afirmando: “Amigo Meirelles, tua sugestão foi acolhida, realmente teremos mais uma filha e esta virá pelas mãos da Maria Elizabeth, para podermos enfrentar o resto de nossas vidas. Vamos juntos agradecer a Deus e a Mana Elizabeth”.

O nascimento de Margarete

No dia 3 de março de 1968, na mesma hora, em que, no Hospital São Vicente de Paulo dona Leda havia dado a luz à sua primogênita, Maria Elizabeth, nascia a segunda filha, Margarete. Voltou



a alegria e o lar tomou-se, novamente, completo com a chegada da filha que faltava para uma hora de tanta dor e saudades. Margarete cursou Jornalismo na Unisinos, trabalhou na imprensa em Chapecó, e ultimamente era professora em Laguna, onde viveu seus últimos anos, vítima de um Câncer de Mama - Deixou o único irmão, Roberto, o esposo, empresário Winnetou Torres de Almeida, e três filhas, Nicole, com 13 anos e as gêmeas Raissa e Monique, com 11 anos. A morte inesperada movimentou Chapecó, nos meios jornalísticos, Passo Fundo, onde mais viveu a família de seus pais e onde, desde o final de junho está sepultada com seus pais, sua irmã Maria Elizabeth de Oliveira e os avós maternos.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

ANTONIETA ROVENA OLIVEIRA GONÇALVES DIAS

Vencer



- É derramar uma lágrima, para regar e dar vida à esperança;
- É esperar. É persistir;
- É encontrar-se na pior, e não desistir;
- É depositar confiança em Deus, e acreditar na realização;
- É enxergar num mínimo de mundo um máximo de objetivos e sua concretização;
- É ver obstáculos pela frente e dizer: eu os ultrapassarei;
- E quando, quase sem forças, que mal soa aos ouvidos, dizer: eu vencerei;
- E exteriorizar o suspiro mais profundo transformado em duas palavras: Vou Vencer;
- Então basta ter força de vontade;
- E um dia, sem precipitar-se, a gente vende de verdade.

(Antonieta Rovena Oliveira Gonçalves Dias é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

O lado oculto



ELISABETH SOUZA FERREIRA

Não há quem já não tenha se deparado alguma vez na vida com alguém que, à primeira vista, passe uma imagem que muito se aproxima da perfeição, sempre pronto não só para ouvir como para ajudar a carregar a cruz de cada um que o procura, mas que, no decorrer do tempo de convivência, começa a apresentar sinais de uma personalidade confusa e perturbadora. Essas mudanças no início são quase imperceptíveis, mas que vão se acentuando gradativamente à medida que a intimidade aumenta, derrubando as máscaras e revelando a verdadeira natureza de quem está tentando se esconder. Não é por maldade que a pessoa age dessa forma. Mas é por causa de uma profunda insegurança que a domina de não ser aceita e compreendida no meio em que vive, sentindo-se impotente por não ter a capacidade de segurar bem firme as rédeas da própria vida.

É uma pessoa que não sabe quando o mal-estar baterá novamente a sua porta. Por enquanto, está bem mas de uma hora para a outra, tudo poderá mudar. Ela nunca imagina se acordará feliz ou azeda e quanto tempo assim permanecerá. E isso não depende de ter sonhos lindos ou pesadelos aterrorizantes. Simplesmente acontece. Mudanças terríveis de humor sem nenhuma explicação. Viver em altos e baixos sem nenhum motivo aparente. Marca um encontro e desmarca no dia seguinte. Matricula-se num curso e em menos de um mês, cancela as aulas. Tem vontade de fazer tudo numa tarde e acaba não fazendo nada. Fica numa indecisão tremenda para decidir entre a ambrosia e o arroz doce. Faz a vendedora colocar todas as

roupas no balcão, experimenta uma por uma, mas parece que nenhuma se ajusta em seu corpo. Entusiasma-se para ir ao cinema, mas cai no sono durante o filme. Sai de casa para visitar uma amiga, mas desiste no meio do caminho. Passa uma semana inteira com ódio de todo mundo e vontade de quebrar tudo. Na semana seguinte, fica emotivo e vira uma manteiga derretida. Às vezes, tem choro convulsivo. Às vezes, ataque de riso. Sem mais nem menos. Isso se chama bipolaridade.

É uma pessoa que, talvez, não tenha sido sempre assim, mas que a partir de um grande trauma sofrido tenha desencadeado um mecanismo de defesa que a impede de manter o mesmo comportamento peculiar de sempre. Sente-se insegura com um acentuado complexo de inferioridade e faz o possível e o impossível para impressionar os outros. Pelo menos, num primeiro momento. Depois, lentamente, quem está ao seu redor vai percebendo que aquela primeira impressão era só verniz e o que há por baixo não é tão atraente assim. Mais escuta do que fala; seus pensamentos pulam de um extremo ao outro e logo o sorriso lindo é substituído por uma carranca assustadora. Ele nem percebe a mudança em seu semblante mas é bastante visível para os seus colegas ou familiares. Sua paciência fica por um fio e a menor contrariedade, explode como uma bomba atômica, apavorando todo mundo. O que diz no segundo da raiva logo é esquecido ou nem tem noção das palavras que coloca para fora. No dia seguinte, não sabe o porquê das pessoas se afastarem do seu convívio, inventando desculpas para não o acompanharem num almoço ou lanche da tarde. De repente, parece que tudo está desmoronando. A solidão o abraça forte

e o leva a se enfiar dentro de casa sem vontade de falar com ninguém. O telefone toca e ele ignora a chamada. Recebe mensagens mas nem tem curiosidade de ver de quem se trata. Fecha-se em seu mundo particular achando que tudo deveria acabar; que a humanidade não tem jeito; que nada adianta se alimentar para viver mais alguns anos ou cuidar da saúde e perder a vida num acidente estúpido de trânsito. Que o amor não vale a pena, pois não é correspondido e a traição o ronda diariamente como uma mosca perdida. Ataca a geladeira de madrugada e se enche de cerveja, sorvete ou sobremesa. Afinal, por que não faria isso? Pensa no final do mundo, na morte que é certa e da qual ninguém escapa. Perde o interesse até mesmo pelo sexo. Transar para quê? Para ter um prazer momentâneo? Não vale a pena. Nada mais vale a pena no seu universo íntimo. Sente-se como uma terra devastada após um furacão, sem perspectiva de melhorar e voltar a viver novamente. Ou come demais ou não come nada. Tem temporadas de um total desprezo por si mesmo e se esquece de tomar banho ou vestir uma roupa decente. Ele vive à parte dessa sociedade que o abandona e o julga por ser esquisito e mal-humorado. Passa semanas sem falar com ninguém. Não gosta de encarar quem quer que seja. Trabalha sem vontade. O cansaço é uma constante em sua vida. Quando consegue se encostar-se a uma cama ou sofá, dorme para valer. Dorme tanto que acorda com dor de cabeça e com vontade de voltar a dormir. Às vezes tem pensamento de acabar com tudo e deixar todo mundo na merda. Não se importa com a família porque acha que a família também não se importa com ele. Dinheiro nunca é suficiente. Gasta tudo o que ganha até a última moeda. Economizar



para quê? No mês seguinte, recebe o seu salário de novo e nada muda. Seu dia é sempre sombrio, descolorido, velho e desbotado. Por mais que haja um sol brilhando lá fora. Ele não vê a beleza, somente a escuridão do que não faz sentido existir. Isso se chama depressão.

Às vezes, convivemos com gente problemática e em vão buscamos respostas para o comportamento estranho que demonstram ao se relacionarem conosco. Chegamos a pensar que somos culpados, intransigentes por causa dessas pessoas tão queridas e ao mesmo tempo, tão confusas. Mil coisas passam por nossas cabeças. Mas o problema está bem próximo, bem na ponta do nosso nariz. E dificilmente percebemos do que se trata. São pessoas amadas que precisam de ajuda. Elas gritam em silêncio pela nossa atenção, pelo nosso socorro. Ninguém age dessa forma pelo belo prazer de agir. Estão deprimidas e não conseguem sair do fundo do poço. Se tivermos a sensibilidade de perceber que esse mal está instalado no coração de alguém que nos é caro, vamos procurar por ela para que não se sinta sozinha; vamos dar vazão aos elogios ao invés de fazer críticas; vamos ouvir o que tem a dizer no lugar de dar-lhe as costas; vamos amenizar lhe a dor e não magoá-la cada vez mais; vamos encaminhá-la para uma ajuda profissional e não abandoná-la a própria sorte. É possível tirar o deprimido da própria depressão se o ajudarmos dessa maneira, fazendo a nossa parte, dando o primeiro empurrão nesse sentido, colocando-o de pé para que um especialista termine o serviço de recuperá-lo para a vida.

A depressão é o mal do século. Se não for tratada pode levar ao suicídio, ao uso das drogas, às más companhias, aos crimes e à violência. É um mal que se propaga sorrateiramente devastando os lares, destruindo os laços familiares, gerando desconfiças e mal-entendidos. Portanto, estejamos atentos ao lado oculto que todos temos para que os desajustes da sociedade moderna não nos transformem em pessoas doentes que agem por impulso e que encobrem a nossa verdadeira natureza que é boa e que merece ser explorada e cuidada para que tenhamos uma vida plena de felicidade e paz.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Violência



MARISA POTIENS ZILIO

O tema violência vem sendo estudado e debatido por várias ciências: sociologia, filosofia, neurologia, psiquiatria, psicologia, ciências políticas, pois se trata de um tema é altamente desafiador.

No dicionário vemos violência assim definida:

“Violência é um comportamento que causa intencionalmente dano ou intimidação moral a outra pessoa ou ser vivo. Tal comportamento pode invadir a autonomia, integridade física ou psicológica e até mesmo a vida do outro. É o uso excessivo de força, além do necessário ou esperado. O termo deriva do latim *violentia* (que deriva de *vis*, força, vigor); aplicação de força, vigor, contra qualquer coisa.”

Assim a violência diferencia-se de força, embora sejam palavras que costumam estar próximas na língua e pensamentos cotidianos. Enquanto que força, designa, em sua concepção filosófica, a energia ou firmeza de algo, a violência caracteriza-se pela ação corrupta, impaciente e baseada na ira, que convence ou busca convencer o outro e, simplesmente, o agride.” Wikipédia.

Na mesma consulta a enciclopédia

nos deparamos com uma situação interessante, não referências a violência no trânsito. Aliás, fato este que realmente não se encontra referido. Fala-se em violência física, psicológica, verbal, sexual, familiar, nos esportes, nas artes, na literatura, cinema e televisão, mas não trata da violência no trânsito.

Segundo Marcos Rolim (jornalista, sociólogo e professor do IPA)

“A intolerância é uma indisposição diante do outro; uma variedade de impaciência que autoriza a separação, a não convivência, o isolamento e o desprezo. O ódio vem depois. O ódio é uma escada na qual se sobe ou não. O problema é que depois que subimos, é difícil descer. Para vencer o ódio é preciso impedir que se suba o primeiro degrau da escada” Publicado na revista EXTRA CLASSE org-br ano 21/nº204, junho de 2016.

Sendo assim podemos pensar que toda intolerância pode gerar o ódio.

Devemos tudo tolerar? É a pergunta que se faz.

A resposta é imediata dentro de nós mesmos. Fomos formados com princípios e tudo que ferir estes princípios, nos fere. Não toleramos o erro, o desprezo, a agressão e até mesmo o ódio.

Não toleramos a destruição do outro, ou seu desprezo.

No entanto estas intolerâncias estão voltadas para a construção e não destruição.

Por que o ser humano está tendo dificuldades em perceber que suas intolerâncias necessariamente devem transformar-se em construção, reconstrução e não destruição?

A raiva é por assim dizer o que dá forma a explosão de ódio. Sempre se apresenta em forma de agressão.

O ódio em geral se dá para a coletividade: ódio racista (os negros, não um negro); a raiva se direciona há um objeto específico e de tal forma se manifesta.

Como diz Rolim, “a biologia se cruza com a cultura.” Posso sentir repulsa biologicamente falando, mas ódio e intolerância, quem alimenta é a cultura, as ideologias hipócritas, inquestionáveis.

Nossos filtros são os limites que definimos para nossos pensamentos, ações, conceitos e atitudes.

Neurologicamente falando estes filtros podem estar comprometidos.

Sabemos que pesquisas constantes estabelecem as regiões cerebrais e os neurotransmissores responsáveis pelos nossos comportamentos e pensamentos.

A zona do Cortex Pré- Frontal é a região cerebral mais associada com a agressão impulsiva e a violência no ser humano. Lesões, disfunções nesta área

determinam muito os comportamentos agressivos em pacientes psiquiátricos.

Ainda na área de neuropsiquiatria podemos refletir no modo como os meios de comunicação influenciam, alteram o funcionamento de nosso córtex. Na maneira como impõe novos valores, como pensam estes valores relacionados à vida e ao valor da mesma. Como podem alterar nossas estruturas neuropsíquicas.

Uma inserção nas teorias psicanalíticas se faz necessário.

As obras de Freud e Lacan nos esclarecem sobre agressividade e violência.

A agressividade é constituinte de um Eu, está ligada ao seu senso de preservação, procriação. É construção.

A violência é a manifestação inconstante de destruição e agressão.

Necessário se faz lembrar que a história da humanidade está repleta de atos violentos descritos em livros de filosofia, de história e porque não lembrar na Bíblia.

Podemos dizer que a violência está implícita na humanidade.

O contexto sócio histórico é que determina o modo de manifestação desta violência.

Hoje estarecidos assistimos nações disputarem o poder pela violência, Bashar al-Assad (14/10/2016) faz uma declaração de que é preciso matar, destruir, para vencer os rebeldes.

Matar e morrer estão banalizados, subjugados a interesses de nações, facções, grupos e indivíduos. Descuido total pela vida.

Como este fenômeno hoje se expõe? A preocupação de Freud e Lacan pela cultura nos coloca frente às questões do mundo capitalista.

“Nesse regime todos são proletários, despossuídos, nada tem para estabelecer laço social, vivem em insatisfação permanente, expressa na fórmula do nunca é bastante e na busca constante de um plus” (Ferrari, Ilka Franco-Psic. Clínica do RJ, vol18, n.2, p49-62, 2006)

Nesse mesmo artigo a autora nos lembra que Einstein já mostrava preocupação com a ciência aliada ao capital, como fonte geradora de violências.

Em outras palavras o ser da razão não se alia ao sujeito. Um perde com o outro. Há um caminho inumano que o capital está a impor, favorecendo a violência.

Fala-se tanto na formação da cons-

ciência crítica. A pergunta que se faz: - Qual a direção que se dá para a mesma?

O que vemos é o não-exercício do pensamento ou o exercício imposto por ideologias.

É preciso nesta ordem não pensar, pois pensar significa desintegrar-se.

A violência nos faz pensar que algo não vai bem à ordem imposta pela civilização, melhor ainda, pelo capital, pelo capitalismo.

Eros e Thanatos nos habitam nos constituem em princípios de prazer/desprazer, amor/ódio.

Podemos aqui entender a hostilidade. No mundo do capital, da insatisfação permanente o desejo não é pelo outro, mas pelo que o outro tem, possui. Nesta ordem todos podem fazer “uso” e “abuso” do outro, ainda que isto signifique acréscimos ou decréscimos afetivos.

Não raramente ouvimos: - Mas o que ele te acrescenta?

Está aqui a base fundamental da crueldade, o egoísmo.

(Marisa Potiens Zilio é Mestre em Educação e Saúde, Psicopedagoga e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Personagens de
Passo Fundo-RS



O GUARDINHA
PERI

POR MAURÍCIO ZAMPROGNA

NA DÉCADA DE 50, QUANDO UM JOVEM ERA VISTO CORRENDO NA PRAÇA MARECHAL FLORIANO, CERTAMENTE ERA PORQUE HAVIA "APRONTADO" E ESTAVA FUGINDO DO TEMIDO GUARDINHA PERI.



PERI FAZIA A GUARDA DA PRAÇA. E, AO MENOR SINAL DE BADERNA, LÁ SURTIA ELE, INTÉRPIDO E RESOLUTO. PARA UNS, UM CARRASCO. PARA OUTROS, UM DOM QUIXOTE A COMBATER QUALQUER INIMIGO QUE OUSASSE AMEAÇAR A PAZ E A ORDEM DO SEU CASTELO REAL.



ERA UM HOMEM FRANZINO. MAS A CONDIÇÃO FÍSICA NÃO FAZIA JUS À TAMANHA BRAVURA DO NOBRE GUARDIÃO.



O TEMPO PASSOU.
PERI SE FOI...



MAS SEU MITO PERMANECERA, POIS SEMPRE QUE A PRAÇA FOR IMPUNEMENTE DEPREDADA POR VÂNDALOS, ALGUÉM PENSARA...



Quando um verso pede a palavra

Permisso meu caro vate,
o momento é oportuno
pra que este verso terrunho
chegue pedindo um aparte...

Te vi longe, nos primórdios
do quaternário antigo,
um nômade neolítico
margeando o Nilo e o Tejo
selvagem por puro instinto.

Depois andou no Egito,
em desérticos trajetos
macabro, vago e proscrito.
... viu sarcófagos e múmias
faraós em seus impérios,
e pirâmides sombrias
com milenários mistérios.

Na Grécia da Odisséia
Homérica e Herculana,
filosofou com Platão
a decadência Espartana.
... viu Tróia sendo invadida
por um flete diferente
e o calcanhar de Aquiles
alvejado fatalmente.

Na Babilônia gigante
remota mas deslumbrante,
regou os jardins suspensos
de um universo em flor,
na mais burlesca quimera
de Nabucodonosor.

Em Roma, por miles fatos:
... mamou na loba lendária.
... leu a lei das doze tabuas.
... notou um rubro dantesco
no olhar cruel de Nero.
... viu Calígula ousado
nomeando cônsul seu potro.
Depois ouviu Júlio César
recitando brando e bronco
na insensatez de um plenário
de senadores e loucos.

Na terra de Ali Babá
passou “Mil e uma Noites”
protegido por Alá...
... foi califa cameleiro.
... sultão unguido de fê.
... um beduíno doutrinado
pelas leis de Maomé.

Em Gales viu Rei Artur
cravar a espada na pedra
quando a Távola Redonda
tombou e rolou na queda...
Em Castela foi bem antes
com Celtas e Pirineus,
com cavaleiros andantes,
com El Cid Campeador
e Quixote de Cervantes.

Na França, talvez profano
levou a cruz nas cruzadas
pra Cristãos e Muçulmanos.
... aliou-se a Rei Ricardo
o Coração de Leão,
e resistiu a intempérie
que derrotou Napoleão.

Em Portugal, de Cabral
de Vasco e Nuno Tristão,
engoliu mares e milhas
com Camões e Diogo Cão...
Na frota das treze naus
num solene mês de abril,
carregando a Cruz de Malta
veio ancorar no Brasil.

Pois bem meu caro poeta,
enfim Brasil tua pátria
por conseguinte o TEU PAGO.

(Luiz Lopes de Souza é tradicionalista, declamador, compositor e poeta. É membro da Estância da Poesia Crioula, de Porto Alegre, e da Academia Passo-Fundense de Letras.)



O velho fórum, parte da minha vida

LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO

Recordo o velho Fórum da General Neto, que ocupava um dos terrenos onde se ergue hoje o nosso monumental palácio da Justiça. Foi ali que me iniciei como advogado e, por mais de 20 anos, exerci meu ofício, até o prédio ser demolido, em 1976.

O casarão abrigou os serviços forenses durante 44 anos, de 1932 a 1976. Passou a ser ocupado pelo Fórum após a falência do antigo Banco Pelotense, que ali tinha a sua sede. Nele chegou a funcionar o cartório do registro especial, de que o meu pai era titular. Contava ele que teve de mudar-se do local porque, estando o cartório instalado numa sala do piso superior, e por ter adquirido um pesado cofre para guardar os valores e os títulos sujeitos a protesto, o juiz da época começou a preocupar-se com o peso do cofre, temendo que pudesse causar o desabamento do prédio, já então velho e precário.

Ali, em fins de 1964, estreei no Tribunal do Júri, absolvendo meu constituinte. Advogado em início de carreira, tendo instalado meu escritório no prédio contíguo, juntamente com Warley Farinati e Dârcio Vieira Marques, frequentava diariamente o Fórum, para atender os meus processos. Como outros causídicos, despachava pessoalmente com os dois juízes, Euripedes Fachini e Milton dos Santos Martins - com os quais aprendi muito do que sei. Era nomeado frequentemente para defender réus sem advogado ou sem condições de pagar os serviços de um, inclusive perante o Tribunal do Júri. Assistia a atuação no júri dos grandes tribunos da época, além do velho Fiori os jovens Busato e Martinelli e o promotor Ítalo Goron. Quando, como advogado de ofício (hoje defensor público), fui promovido para esta comarca, foi no velho Fórum, juntamente com o colega Juarez Diehl que instalamos os serviços de assistência judiciária prestados pela Procuradoria-Geral do Estado.

Ainda nem entrado na adolescência, já andava eu pelo casarão da General Neto. Filho mais velho, era encarregado por meu pai de levar os livros para os vistos dos juízes e apresentar-lhes documentos para despacho. Às vezes até os procurava no Café Elite, aonde iam nos intervalos para uma prosa e rodada de cafezinhos. Assim, conheci os inesquecíveis Drs. Germani, Melzer e César Dias, depois desembargadores no Tribunal de Justiça. Quando o pai foi designado distribuidor substituto era eu, menino ainda, quem buscava e trazia os processos para distribuir, lançar os cálculos e elaborar as partilhas. Nesse período conheci praticamente todos os advogados e também os velhos escrivães: Jônatas Magalhães Ferreira e Hildebrando Ribeiro, do 1º e 2º cartórios do cível e crime, José Luiz de Carvalho Nobre e João Azevedo Lopes, os de órfãos e ausentes, além de Ricardo Rico, do cartório da provedoria e casamentos, e Homero Goulart Magalhães, do júri e execuções criminais. E também os quatro oficiais de justiça: Prócoro Coelho Velásquez, Henrique de Almeida Cruz, Leão Nunes de Castro e Lion Machado.

O prédio era edificado em dois pisos, o superior com duas sacadas e uma janela ao centro, deitando para a Avenida. No térreo era o salão do júri, de tetos altos, iluminado por seis grandes lampadários de latão. Aberto unicamente em dias de julgamento ou em oportunidades especiais, era mobiliado com estantes escuras e grandes cadeiras forradas de couro. Bonitos cancelos dividiam o auditório da parte reservada ao público. Acima do estrado do juiz, onde se via a urna para o sorteio dos jurados, destacava-se um grande e belo crucifixo em prata e metal dourado, que não se sabe onde foi parar. Dispostos simetricamente, ocupando também a parede lateral, as fotografias dos antigos juízes da comarca, em suas molduras douradas, vivos e mortos, que pareciam continuar a velar do alto pela boa aplicação da Justiça. Dominava o ambiente, de um lado da sala, o impressionante relógio

de carrilhão que hoje ornamenta a sala do Reitor da Universidade.

Na ampla passagem lateral, dando acesso ao térreo, permaneciam os oficiais de justiça e o porteiro dos auditórios, cuidando da ordem, aguardando os mandados e atendendo as partes e advogados que os procuravam Sempre sentado a uma mesa rústica de madeira o escrivão Maino de Carvalho Nobre atuava pachorrentamente os seus processos, preenchendo as capas com sua caligrafia primorosa.

Nos fundos, em um anexo de madeira, flanqueando o pátio interno, funcionava a distribuição, cujo escrivão já era o José Mário Lima Cruz, que substituíra Odilon Lamaison Porto. Defronte a uma escada interna por onde se subia ao andar superior, ao lado da sala do café, funcionava o cartório do júri e execuções criminais, pelo qual respondia o prestimoso escrivão Pery Mathias Lopes. Também ali esteve o registro civil, cujo oficial era Sady Miguel Leal.

No andar superior estavam os gabinetes dos juízes, onde se realizavam as audiências. Do lado oposto, os dois cartórios do cível e crime. No primeiro, assumira recentemente Reinaldo Schlemmer, amigo sem par, que muito me ajudou com seus profundos conhecimentos da prática do processo; no segundo, o titular era Maino Nobre, que costumava implicar comigo, não levando muito a sério o bacharel novato que eu era.

Esse foi o Fórum que vivi os primórdios de minha carreira de advogado. Naquela velha casa, simpática e acolhedora, com o apoio e a compreensão dos juízes e servidores de então, foi que enfrentei as minhas primeiras batalhas forenses e comecei a tornar-me um verdadeiro advogado.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é ex-advogado. Procurador do Estado aposentado. Oficial do Registro de Imóveis de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

A participação do sujeito idoso em uma oficina literária



PIA ELENA ZANCANRO BOROWSKI

A *quele que envelhece e que segue atentamente esse processo poderá observar como, apesar de as forças falharem e as potencialidades deixarem de ser as que eram, a vida pode, até bastante tarde, ano após ano e até ao fim, ainda ser capaz de aumentar e multiplicar a interminável rede das suas relações e interdependências e como, desde que a memória se mantenha desperta, nada daquilo que é transitório e já se passou se perde.*

Elogio da Velhice - Hermann Hesse

O envelhecimento populacional possibilitado pelo progresso técnico-científico da sociedade industrial contemporânea, que se reflete em todos os aspectos da vida cotidiana e em suas consequentes transformações, apresenta-se como um dos maiores desafios da atualidade. Caracterizado como um proeminente fenômeno mundial, tanto nos países desenvolvidos como, de modo crescente, nos países em desenvolvimento, traz no seu bojo mudanças demográficas, econômicas, sociais e culturais.

Em todos os âmbitos, essa população emergente, que alcança expectativas nunca antes imaginadas, desafia os poderes instituídos nas demandas por novos conhecimentos, reorientando a economia, apontando para uma revisão dos significados e das decisões éticas, científicas, políticas e sociais. Isso se justifica porque o prolongamento da vida somente adquire seu devido valor se tiver oportunidades de exercitar ocupações significativas e desafiantes que possam contribuir no restabelecimento e reconhecimento através da participação social, assegurando condições de promoção e dignidade para a velhice.

Parte-se, também, do princípio que grande parte dos mais velhos, por diversas contingências diminuam sua atividade comunicativa ou reduzem-na a linguagens simplificadas em seu cotidiano. É por essa razão que exercícios de leitura e escrita se oferecem como possibilidade de ampliar a atividade comunicativa, dando opções de outras linguagens enriquecedoras do cotidiano e do desenvolvimento.

A oficina Literária, pautada em uma perspectiva teórico-metodológica que busca o desenvolvimento de práticas com a linguagem, capazes de destacar o protagonismo do sujeito que enve-

lhece, através de tais hábitos procura, incessantemente, vincular a linguagem com a vida, o diálogo face à realidade no envelhecimento e um aprendizado educacional para o empoderamento na velhice.

Fundamental destacar o papel que a Oficina Literária representa na consolidação de metas e proposição de pronunciamento, reconhecimento, visibilidade e comunicação no processo de desenvolvimento dos idosos através do exercício de leitura e de escrita. Sem dúvida, ela se apresenta como uma proposta de inserção social, que traz em seu bojo, possibilidades de significados e, particularmente, de vivências atuais ou de lembranças. Os textos escolhidos, na maioria das vezes, dizem respeito à temática da maturidade, abordando aspectos pertinentes ao viver e envelhecer e suas implicações no cotidiano das pessoas, das famílias, da cultura, da sociedade, enfim... São poemas, crônicas, ensaios breves, que tratam da vida lá fora (violência, pobreza, desigualdade), da vida aqui dentro (afetos, relações, família, infância e velhice), na modernidade. São temáticas universais, que se aproximam da realidade do aluno-leitor-idoso, onde acontece uma grande identificação. Através de

um texto inicial provocador e dentro do contexto de grupo são promovidas associações de ideias que levam à interação dos participantes. Convém dizer que a qualidade literária do texto também conta, pois a obtenção de uma linguagem mais apurada leva também ao esclarecimento do pensamento e dos sentimentos, perfazendo-se um conhecimento melhor de si, dos outros, bem como a qualificação do pronunciamento de mundo nas situações de convivência familiar e em outros espaços sociais, que dão conta de experienciar oportunidades variadas, tais como: depoimentos de vida em escolas, bibliotecas, produções publicadas em livros (coletivos e/ou individuais), perfazendo um total de dezesseis obras, a participação em concursos literários e a contribuição

na imprensa escrita/ falada local, e à participação efetiva nos eventos culturais locais (como Jornada Nacional de Literatura, Feira do Livro, Poemas nos ônibus e atividades vinculadas à Academia Passo-Fundense de Letras). Destacamos as realizações periódicas dos saraus literários, evento propício para a confraternização e socialização de seus feitos a familiares, amigos e comunidade em geral.

Ela se torna um espaço referencial em que tais práticas discursivas são vivenciadas com o objetivo de possibilitar ao idoso desfrutar dos anos a mais de vida proporcionados pela ciência médica, mas com algum sentido, e não apenas com acúmulo de anos vividos.

Nesse sentido, o fato de estar se dirigindo um olhar mais positivo ao idoso

e ao envelhecimento, em detrimento dos estereótipos negativos, somado ao surgimento de novas demandas de práticas de ensino a esse público, mostra que, independentemente das restrições que a própria sociedade lhes impõe, os mais velhos possuem condições plenas tanto para desenvolver o crescimento intelectual e a aprendizagem, quanto para exercitar atividades que propiciem esse aperfeiçoamento, tais como a leitura e a escrita. Como facilitadora do envelhecimento saudável, essas atividades representam benefícios não apenas do ponto de vista intelectual como também do psicológico, na busca do conhecimento como um todo.

(Pia Elena Zancanro Borowski é professora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Poesia

JÚLIO CÉSAR PEREZ

Vieram me dizer

Vieram me dizer
que sou
vil e feroz
- com as pessoas.

Que não tenho modos.

Que sou bruto e insensível
- com os demais.

Que tenho a língua
solta.

Que me enfureço
por qualquer ninharia.

Que não sei ter
paciência
com as injustiças
e a vilania
- alheia.

Que devia
ter mais tolerância
com a má
educação
e a hipocrisia
- dos outros.

Que tudo são exageros
- meus.

Que a imbecilidade
e a ignorância
não reinam
e a insensibilidade
e a falta jeito
das pessoas
- com nós -
são apenas
pequenos defeitos
com os quais
a gente
tem que aprender
a lidar.

O mundo é assim mesmo!

Nós é que temos
que melhorar.

Vieram me dizer.

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)

Gama - 40 anos de história

JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA

A década de 1970 foi marcada no Brasil pelo recrudescimento do regime militar. A censura atingiu todos os segmentos da vida nacional. Com o AI-5 na mão, herança do período Costa e Silva, Emílio Garrastazú Médici, promoveu uma ampla campanha contra todo um setor da intelligentsia que foi cassado ou abandonou o país (em exílio voluntário ou não). Quando não se retiravam do cenário cultural, artistas e professores tinham seu trabalho vigiado (o que determinou o recurso à alegoria e às alusões, estilo dominante).

Muitas aulas contavam com a presença, entre os alunos, de informantes do regime militar. Por outro lado, a ampliação das classes médias e o acesso à escolaridade criou um público relativamente amplo que já não podia deixar de consumir cultura regularmente, ir ao teatro ou ao cinema, ler livros, manter-se informado etc. O número de universitários passou de menos de 100 mil (1970) para quase 1 milhão (1980). Era o período do “milagre brasileiro” que foi marcado também pelo boom no ensino universitário, resultado da ampliação de setores das classes médias. Surgiram novas faculdades – a UPF, por exemplo, foi criada em 1968 –, aumentou o número de vagas, simplificou-se o vestibular, que a partir de 1969 passou a adotar o sistema de testes.

Em 1970, o número de universitários matriculados atingiu os 24,1% e em 1971, cresceu para 31,9%. O crescimento das matrículas dos estabelecimentos isolados foi de 983% no período de 1960-1972, enquanto que o das universidades não superou os 440%. Foi neste contexto que, em março de 1973, surgiu em Passo Fundo o Gama Pré-Vestibulares, tendo à frente o professor de Física Carlos Alberto Romero, figura conhecida não só nos meios educacionais mas, igualmente, como radialista e músico. Com uma percepção arguta sobre o novo quadro que vivenciava o país no aspecto educacional, notadamente no ensino superior, Romero abriu um curso preparatório



Primeiras turmas do Gama

para os exames vestibulares da Universidade de Passo Fundo e para as demais universidades do Estado.

Em pouco tempo o Gama transformou-se em verdadeiro referencial como um curso de alta qualidade, tendo em sua equipe professores qualificados e diferenciados. Lembro-me que fui convidado pelo Romero, de quem era colega na Rádio Planalto, para ministrar aulas de Conhecimentos Gerais. A possibilidade de mais uma “graninha” para ajudar no orçamento doméstico, me fez aceitar o desafio. A minha formação era de Bacharel em Direito. Para falar sobre “conhecimentos gerais” me vi obrigado a estudar História, Geografia e OSPB (Organização Social e Política Brasileira).

Minha estreia, lembro muito bem até hoje, aconteceu no Colégio Notre Dame. Salão lotado. Mais de 200 alunos e um professor titubeante, sabendo apenas e tão-somente o conteúdo para aquela aula, especificamente. Qualquer pergunta fora do conteúdo, representaria um desastre. As coisas foram bem até o final da aula, quando um aluno levantou a mão e perguntou: “Ernani, o que é a “Ásia das monções”?”. Eu não tinha a mínima ideia do que se tratava. Entretanto, com presença de espírito, dei uma olhada para aquele mar de alunos, identifiquei entre eles uma noviça (elas sempre sabem tudo) e me dirigindo a ela disse: “Ora! Ásia das Monções, como

a jovem noviça deve muito saber é...” E, para a minha salvação, ela discorreu durante quase 3 minutos sobre a tal “Ásia da monções”.

Assim começou minha jornada como professor de curso pré-vestibular, que, este ano, completa como o Gama 40 anos. Tive o privilégio de conviver com grandes professores. Romero, Saletinha, Flávio Corb, Osvandré Lech, Antonio Amantino, Cátia, João Radalle, Flórida, Paulo Barquete, Adil Pacheco. De Porto Alegre vinham Mantelli de História, José Fogaça de Literatura e tantos outros que agora não recordo. Professores exemplares na sala de aula – que é onde acontece o ensino – pois vivem em um ambiente competitivo cujo desempenho sai no jornal, no dia seguinte ao vestibular. Professores diferenciados em sala de aula, pois eram escolhidos – e ainda o são – pela sua capacidade de fazer os alunos aprenderem e não pelos seus diplomas. Um abraço Romero pelos 40 anos do Gama. A história dos cursos pré-vestibulares da região começa com o teu nome. Neste sábado, no Clube Comercial, estaremos reunidos para uma festa que será, sem dúvida, marcada por recordações, saudades e pela emoção.

(José Ernani de Almeida é professor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Gama

JORGE ANUNCIÇÃO

Gama Vestibulares está completando quarenta anos de história e faz parte dela. Ali, onde hoje é a Loja Pompéia, convivi com grandes pessoas, colegas e professores, numa época de sonhos e expectativas. Fazer cursinho pré-vestibular era quase sinônimo de aprovação. Só que era, e ainda é, caro e na época proibitivo para o orçamento de minha família. Fantasiava-se sobre os professores. Gaston era hilário, Romero era preciso, Adil e Barquete davam banho em Biologia. Tínhamos Osvandré (o primeiro aluno Gama, mais uma lenda desse ícone) em geografia, Korb em literatura, José Ernani em história, a linda Jussara em Matemática e estar ali, naquele mágico ambiente, era sonho de consumo. Eu, que fiz o intensivo (meio ano) sempre era o terceiro a chegar às aulas. Antes de mim estavam postados à porta os irmãos Emerson e Dênis Machado, que viriam a ser meus colegas de faculdade. Dênis chegou à aula com o disco da Rita Lee intitulado *Esse Tal de Rock Enrow*, bem assim. Lembro bem de Edgar Garcia, do gringo Biasuz, filho do Ivo e de Voltaire Borges. Voltaire durante uma aula do Ernani olhou meio enviesado para mim e iniciou uma frase que faria qualquer um voar: eu queria estar agora aonde está meu pensamento...e, aí andei dez mil quilômetros em milionésimos de segundos e implorei que ele terminasse a reflexão, onde andaria seu pensamento? Ele repetiu, eu queria estar agora



aonde está meu pensamento...Passo Fundo, Sananduva, Santana do Livramento. Os melhores alunos eram dois que vinham de Carazinho e que queriam fazer Engenharia Eletrônica. Eram os gênios, gabaritavam tudo e estavam acima dos mortais. A plebe se dividia: os que estudavam muito queriam Medicina e Odonto; os filhos de advogados miravam em Direito tal qual os filhos de agricultores que tentariam Agronomia. Eu era da turma dos sonhadores e a gente queria coisas que nem entendia. A gente queria Oceanologia, Engenharia Química, Zootecnia e eu escolherei Engenharia Florestal. Tinha, não me levem a mal, os que nada queriam com o pastel e que competiriam em Educação Física.

Eu estudava por fora, lia os livros

do Mauá: Menegotto (biologia), Vítor Segundo Mandelli (inglês), Edson de Oliveira (português), lia ecologia e também José Fogaça.

A primeira vez que fui ao Gama foi para colher informações. Lá se estampava Osvandré, imortalizado, sorridente e autoconfiante, em um outdoor. Bem bolado porque transmitia a energia necessária para iniciar a grande empreitada de estudos. Eduardo Fernandes apontou-me um cara que estava ao balcão com raquete de tênis e disse: é esse o cara que vai sair da Banda do Conceição e que tu vais substituir. Era Tadeu Feres, hoje ecografista e gineco consagrado. Pensei que somente um maluco para abandonar a banda. Logo mais tarde, ao sair do cursinho e ir ensaiar com a



banda, ao lado de Clóvis Frainer e de minha namorada, lembro como se fora há um minuto que o radiozinho daquela sapataria sublimava bem alto Michael Jackson em *One Day in Your Life*. Trilha musical Gama. Legal, não é?

Matriculei-me basicamente para compreender matemática, física e química. Anete De César substituiu a professora Jussara para dar aulas de matemática com a mesma competência profissional, mas não aos nossos suspiros juvenis. Saletinha emprestava um inigualável carinho e mimo familiar tão necessários a quem enfrenta incertezas e Ivo Vieira, professor de química, hoje médico, ensinou técnica de raciocínio memorável. Na última aula decretou: se tu estudaste

de acordo com o combinado vai a dica. Se levars mais de quinze segundos para montar a fórmula é porque lestes a questão de maneira errada. Bingo, de vinte e cinco questões de química gabaritei dezenove na UPF.

De Santa Maria vinha como reforço para química orgânica um professor do qual não recorro o nome. Uma de suas aulas foi dada no Colégio Bom Conselho num sábado de primavera. No intervalo lembro bem o som ambiente: Moro Onde Não Mora Ninguém, de Agepê. Em outra ocasião, num domingo de manhã, após aula no auditório do NPOR, caminhei pela Uruguai em direção a casa da namorada Zuza e encontrei Beto, que chamavam de Beto Louco, na baixada

próximo ao Beco do Susin. Perguntou-me o que eu fazia com livros em pleno domingo. Disse-lhe que estava em aula. Aula aos domingos? Depois dizem que eu é que sou louco, completou.

Meus estudos ao vestibular começaram solitariamente, em casa: biologia, depois português de Ceres e Alcides Sartori, depois o material do Mauá e do Integral. Quando em agosto de 75 ingressei no Gama já havia lido quase tudo. O cursinho, por si só não aprova ninguém. Perceba, caro amigo e amiga, que a vida do garoto da vila tinha estudo e lazer, novela, música, namorada e banda do colégio.

Fui aprovado em Santa Maria em Engenharia Florestal e em Medicina aqui na terrinha. Não houve grandes comemorações, eu me sentia confiante na aprovação, havia me preparado para isso. Queria Florestal, sou médico. O porquê dessa troca preciso contaer em outra oportunidade.

Cursinho é sedução, é hipnose e é encanto. Havia a mágica da juventude, havia os caras que davam aula e que faziam a gente acreditar que era possível e que só dependia da gente. Tinha amigos que se fizeram eternos, tinha gente que não conseguiu a aprovação, tinha amigos compenetrados e havia os hilários. Tinha, também, Paulo Bacchi de Sarandi, irmão da Sílvia e Raquel, que parou o trânsito de Santa Maria sob torrencial chuva naquele início de 1976 quando as provas terminaram e a quem dedico essa crônica, em homenagem a seu eterno sorriso e sua imorredoura juventude. Ao Paulo Bacchi, o cara que parou o trânsito de Santa Maria e que gritava com todos nós, a plenos pulmões: Gama, Gama, Gama...

Duas semanas após o início das aulas em agosto de 1975 fizemos uma prova geral de 100 questões. Paulo Barquete entrou na sala e disse que listaria o nome dos que passariam no vestibular. Leu o meu nome e o nome de minha namorada à época, entre dezenas de outros. Estava honrando o dinheiro de meu pai.

Queria fazer Florestal e sou médico, minha namorada fez Agronomia e foi trabalhar no banco do Brasil. Não sei dos outros, mas sei dos sonhos. Parabéns alunos e professores de um mágico local que deixou história. Parabéns Romero.

(Jorge Anunciação é médico e escritor, de Passo Fundo/RS.)

O Gama foi uma das esquinas da minha vida

OSVANDRÉ LECH

Se quiseres falar comigo, primeiro defina os termos”, dizia Voltaire. Portanto, “esquina da minha vida” significa o dado momento em que algo de realmente importante acontece, a ponto de mudar – para sempre - o rumo da vida. É um “landmark”, como é conhecido na língua inglesa. Não raro, este momento passa despercebido e somente bem mais tarde percebemos o quão importante ele realmente foi.

Em 1973 eu fiz - provavelmente - a primeira inscrição no novel Gama. Tivemos aulas no Notre Dame. Duas turmas. Muita alegria e adrenalina. Desafio dos dois lados – alunos e professores. Os primeiros queriam vagas nas universidades. Os segundos queriam se firmar como um cursinho confiável e com perfil de vencedor. Então, foi uma “win-to-win situation” - bom para os dois lados. A boa maioria daquela geração foi aprovada no mesmo ano, pois sobrava informação, entusiasmo para ensinar e, claro, muito esforço pessoal.

Acredito que o esforço pessoal tem sido, ao longo da história, a principal alavanca para o sucesso das pessoas. O

“berço de ouro”, salvo honrosas exceções, impede que o sujeito dê o melhor de si para obter o que almeja. Se esforça, mas não tanto... E acaba se contentando com menos, pois “tem de onde tirar”. Ao contrário, quando o indivíduo percebe que todo o horizonte está aberto a sua frente e que para conquista-lo dependerá quase que exclusivamente do esforço pessoal, grandes biografias são escritas.

Obtive excelente classificação no único vestibular que fiz. No quesito “fazer provas de vestibular”, minha experiência foi mínima. A aprovação fez valer o esforço dos meus pais para pagar o Gama. E o meu esforço em concentrar toda a atenção na preparação da prova, que foi a mais metódica possível - hora para dormir, para acordar, esporte, comida balanceada - a história da maçã é uma das melhores lembradas pelo Romero ... !

Entusiasmados com a boa classificação, fui convidado pelo Gama a ser o “garoto-propaganda”. O texto “a diferença entre um vestibulando e um bixo está no Gama” acompanhado de imagens da metade da minha face, uma com e outra sem pinturas, ficou popular numa época que o marketing na pacata Passo Fundo era ainda primitivo, quase

só impresso. Não havia redes sociais, recursos eletrônicos, photo-shop, nada. Era foto do Czamanski ou do Souza. Quase só isto!

A parceria com o Gama não ficou só nisto. No outro ano, em 1975, já localizado na movimentada esquina da Av. Brasil com a Chicuta, o Romero e o Barquete se debatiam com um problema real: em 2 meses haviam passado 3 professores de geografia pelas turmas. Todos desistiram, pois uma das turmas era “terrível” e a esculhambação durante o período de geografia era total. A situação estava fora de controle, e aumentavam as críticas do grupo de alunos desejosos de aprender a dita disciplina de geografia, que tinha peso inexpressivo na maioria das provas. Foi aí que recebi aquele inesperado convite:

- Osvandré, aqui estão algumas apostilas de Geografia. Dê uma estudada. As tuas aulas iniciarão na próxima semana.

- Mas... Romero... eu NUNCA li uma linha de geografia. Também, não tenho a menor experiência como professor. E o semestre está apertado na Medicina.

- Não tem conversa, Osvandré. Não é hora para não. Tente e depois me diga. Realmente estou precisando de você.

A turma “terrível” era composta





Em pé: professores Paulo Barquete, Oscar Ribeiro, Flávio Korb, Sérgio Luis Ribeiro, Osvandré Lech, Daniel Viuniski, Wilson Webber, Carlos Alberto Romero; sentadas: professoras Anete Costa, Cléa Nunes, Marília Mattos, Gelsa Noschang e Saletinha de Oliveira

pela maioria de grandes amigos meus, adolescentes com quem convivia pela cidade. A surpresa deles foi tão grande ao me verem junto ao quadro com mapas de geografia embaixo do braço, que – acreditem – acabou a esculhambação! E o semestre no Gama foi salvo.

Foram 5 anos ininterruptos de docência no Gama. Como colegas de trabalho, tive os melhores mestres de oratória, empatia com o público, capacidade de transmitir conhecimento e valores. Romero, Barquete, Saletinha, Viuniski, Oscar Ribeiro, José Ernani, Anete Costa, Cléa Nunes, Gelsa Noshang, Wilson Webber. Até o Flávio Korb, acredite! Em 7 de dezembro de 1979, caminhei do Cine Teatro Pampa até a sede do Gama, agora já no histórico casarão da rua Independência. Eu estava paramentado de formando da 5ª Turma de Médicos de Passo Fundo. Foi um dos momentos mais marcantes da minha vida. O primeiro aluno do Gama, depois professor de Geografia, agora médico recém-formado. Ovacionado pela sala repleta, pude ver nos olhos daqueles alunos a luz da esperança, a certeza de que é possível desde que se acredite, a

resposta do esforço pessoal estampada naquela toga sobre os ombros e o canudo na mão. A mesma luz de esperança no olhar dos alunos vi também em tantos pacientes que atenderia ao longo das próximas décadas.

Coordenar as funções de acadêmico, de plantonista no São Vicente, de auxiliar de cirurgia dos drs. Sérgio Lângaro, Alberto Lago e Alfredo Vasconcellos, de médico do time do Gaúcho na temporada 1977-78 e de professor de geografia do Gama, não era coisa simples. Eu morava no Boqueirão e tudo era feito a pé. Ou de ônibus. Foi com o dinheiro que ganhei no Gama que comprei meu primeiro carro, um fusca branquinho, zero quilômetro. Daí disse ao João Lech: “pai, não precisa mais pagar a faculdade. Eu me viro. Ajuda mais o Tonga e a Ivana, também universitários”.

Ganhar o merecido salário não foi a única riqueza que o Gama me proporcionou. Saber falar em público, conhece-lo fitando nos olhos, transmitir conhecimento com a dose certa de empatia, preparar-se para ser questionado. Tudo isto foi ensinamento puro que utilizei ao longo dos próximos 40 anos.

Já palestrei nos 5 continentes, em mais de 30 países. Sydney, Nagoya, Lyon, Shanghai, Pequim, Copenhagen, Cidade do Cabo, Nova Iorque, Louisville, Las Vegas, Miami, Buenos Aires foram algumas da metrópoles. E, claro, em todo o Brasil. Mais importante que os locais, são os nomes das universidades ou dos eventos científicos de onde partiram estes convites, que hoje ultrapassam 1.200. Uma história realmente bonita e conhecida por poucos.

O empreendedorismo observado no Gama também me ajudou a “pensar grande”. Uma escola e tanto. Hoje, aos 57 anos, tenho alegria imensa de contar esta história bonita de conquistas iniciada nos bancos do Gama há 40 anos. Tenho certeza de que muitas outras histórias de sonhos realizados se entrelaçam com a história do Gama. A minha não é a única e nem a mais importante. Mas posso afirmar que o Gama foi uma das esquinas da minha vida.

(Osvandré Lech é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina.)

Cursos pré-vestibulares: sonhos, realizações e memória

GILMAR DE AZEVEDO.

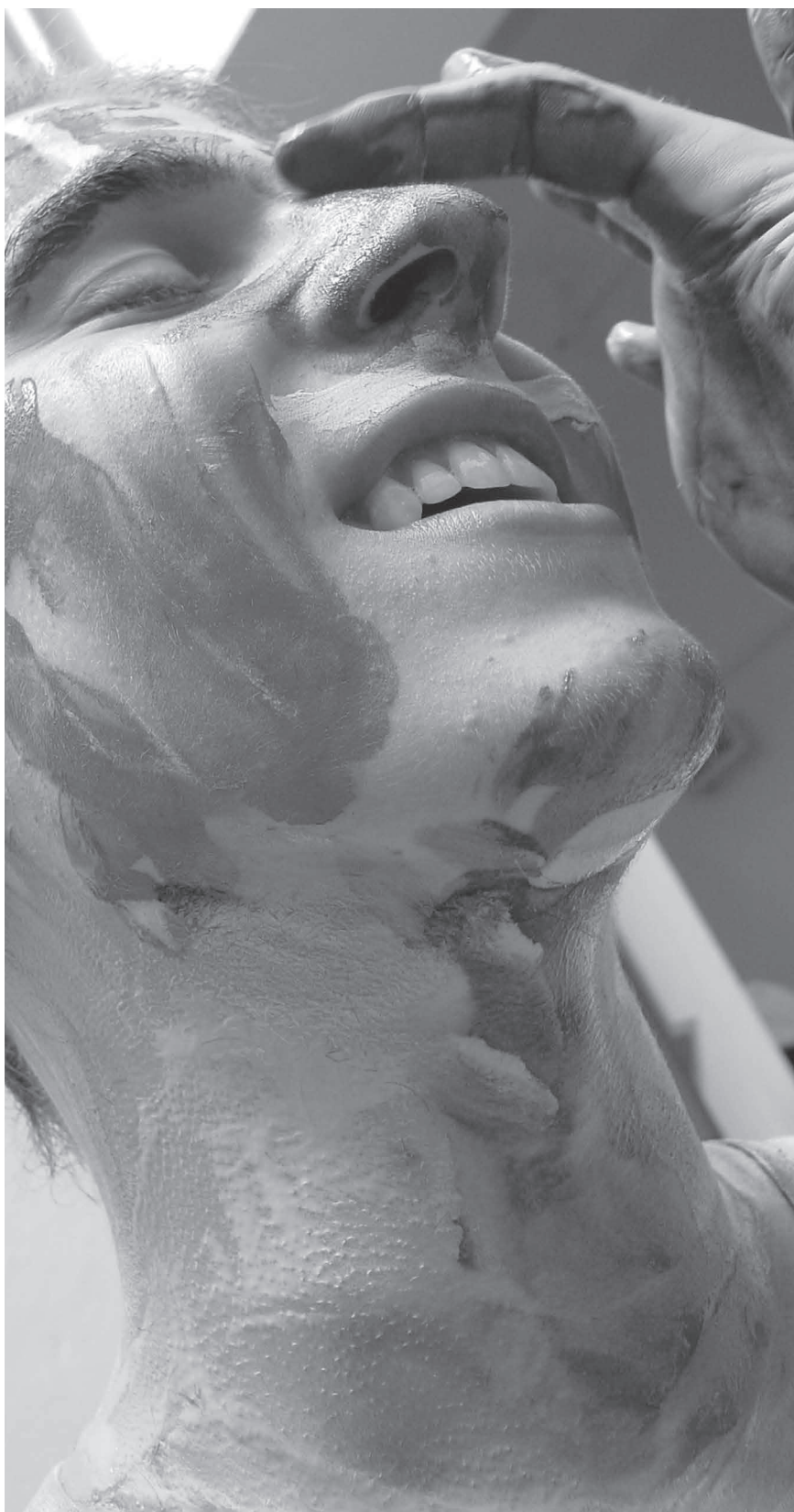
O curso pré-vestibular sempre foi um ambiente mágico para quem trabalha, estuda ou, de alguma forma, participa de suas realizações. É preciso resgatar sua história para compreendermos melhor a trajetória da cidade e de muitos que fizeram e fazem a história dessa região. Relatos individuais são importantes porque os fatos são vividos e realizados por pessoas que são a história. E nisso há a memória que não quer deixar de existir e insiste em lembrar pequenas coisas que se engrandecem no meio das grandes realizações.

No ano de 1973, em que a foto mostrando o Prof. Romero e um calouro no Gama Pré-vestibular foi tirada, eu tinha 10 anos. Aparentemente, isso não faz parte da história da foto se não fosse o fato de eu ser professor de cursinho há 14 anos e que tudo, a princípio, começou naquele ano. Explico: o menino de 10 anos vendia mandolates no Gama em 1973, participando, do seu jeitinho e condição de menino trabalhador, daquela belíssima festa. Mais de uma década depois, esse menino realizava o sonho de novamente participar daquele mundo extraordinário e fascinante, agora como professor, mudando de lado, no entanto, tão dentro do processo quanto antes: era a realização do um sonho e a marca de uma vitória.

E isso é memória e história.

Em 31 anos de existência e considerando uma média de mil e duzentos alunos ao ano, mais de trinta e cinco mil alunos já passaram pelos “cursinhos” como porta de entrada (e da frente) para a universidade. A maioria desses alunos fizeram e fazem a história das cidades do Planalto Médio. Muitos são médicos, advogados, dentistas, administradores, professores...

O primeiro curso pré-vestibular criado em Passo Fundo se chamou Instituto Serrador Ltda. Era o ano de 1969. A





sede era no Edifício Serrador, na Rua Moron onde hoje é o Banco Mercantil de São Paulo. Por ser Serrador o nome do edifício, Serrador também foi o nome dado ao curso, segundo comenta o Dr. Daniel Viuniski, um dos sócios-fundadores. As aulas eram ministradas no 1º andar. Nessa época, os professores Dirceu Vieira Torres, Aloísio Grings, Augusto Paiva Netto, Luiz Spalding, Letícia Paiva Wagner, Gecy Terezinha Albuquerque Vieira, Arno Otto Kiehl, Daniel Wiuniski e Moisés Souza Soares iniciaram em nossa cidade a bonita e prodigiosa história dos pré-vestibulares.

No início, as aulas tinham como objetivo preparar alunos para as provas do supletivo de 1º e 2º graus. Depois, para os vestibulares. O curso mudou-se do Edifício Serrador para o prédio onde hoje o advogado Daniel Viuniski atende seus clientes, na Rua Gen. Osório, quase em frente à loja O Mundo dos Plásticos. Em outubro de 1973, a empresa jurídica dos sócios do Instituto Serrador foi transferida para as senhoras Lia Maria Colossi e Regina Sampaio Ávila.

No primeiro semestre de 1973, foi criado o segundo curso pré-vestibular de Passo Fundo, o Gama-Pré-vestibular.

As aulas eram dadas nas salas do Colégio Notre Dame. Os sócios-fundadores foram Carlos Alberto Romero, Paulo Barquete e Alcides Sartori. No segundo semestre desse mesmo ano, o curso foi transferido para a Av. Brasil, nos fundos do prédio onde funcionava a Loja Bergamaski e onde hoje é a Loja Pompéia. O Prof. Romero continua com o Gama até nos dias atuais e com o Colégio Objetivo, o Prof. e médico Paulo Barquete continua dando aulas de biologia no Garra – Pré-vestibular e o Prof. e advogado Alcides Sartori ministra cursos de Oratória e Português, advoga e é professor da Universidade de Passo Fundo.

Depois disso, muitos cursos fizeram e fazem a história dos pré-vestibulares em Passo Fundo: Integral, Visão, Michigan, Laser, Garra, Decisão, Novo Milênio, Universitário, Uni-Pré-vestibular e muitos outros que prestaram os seus serviços à comunidade passo-fundense.

Também muitos professores devem ser lembrados por suas excelentes participações: Ironi Andrade, Fuzzinato, Amantino, Lorivam Figueiredo, Edgar Antunes, Miltinho, Arthur, Piaco, Adil Pacheco, Osvandré Lech, Marco Mat-

tos, De Felipo, Léo Delazari, Saletinha Romero, Leonel, Sérgio Maino, Medina, Danilo Trentim, Adilvo, Helinho, José Ernani, Dedé, Índio, Max, Orvilho, Tadeu, Tongo, Paulinho, Nederson, Daltro Bonato, Alexandre... e os mais novos (Valquíria, Ademar, Batatinha, Érico, Héctor, Henrique, Marcelo, Soraya, Pablo, Pytta, Carlos Reck. E muitos outros) que ainda fazem a história dos pré-vestibulares em Passo Fundo.

A memória de cada um certamente nos ajudará a construir a história dos pré-vestibulares em Passo Fundo. Documentos, fotos, informações, depoimentos sugestões são importantes para isso. Quem quiser colaborar, pode se comunicar comigo pelo e-mail agilmar@pro.via-rs.com.br.

Através de nossa memória, a história vai sendo reconstruída a fim de que o passado nos ajude a compreender na nossa história presente a grande contribuição de grandes homens, de grandes instituições, de grandes livros e de grandes pessoas que engrandecem a história de Passo Fundo.

(Gilmar de Azevedo é professor da Universidade do Estadual do Rio Grande do Sul-UERGS.)

Passo Fundo – minha cidade

ALBERTO ANTONIO REBONATTO

Ao caminhar por nossa cidade um sentimento de orgulho inunda meu imaginário. O contínuo movimento, a pressa das pessoas e o trânsito intermitente em todas as vias públicas, dão-me a sensação de uma cidade com vida dinâmica e produtiva. Quando abro a janela, meu orgulho se transforma em ufanismo. A quantidade de prédios que brotam de todos os cantos; o número significativo de empresas de grande, médio e pequeno porte que escolheram Passo Fundo como sua sede; a verdadeira legião de estudantes de toda a região que procuram nossas escolas, faculdades e universidade; a quantidade expressiva de profissionais liberais que aqui atuam, especialmente na área da saúde; os diversos e bem equipados hospitais que abrigam pacientes de toda a região norte e nordeste do Estado e do oeste catarinense e paranaense, justificando a premissa de que Passo Fundo é o terceiro polo médico do Sul do País, formam um conjunto que impressiona e que me permite constatar que habito numa pequena metrópole.

No entanto, a nostalgia teima em manter-se presente. Ela não se contenta com tudo de moderno e de bom que Passo Fundo oferece. Andando pela bela e revigorada Praça Marechal Floriano, por exemplo, tenho a sensação que nela falta algo. Vasculho a memória, procuro entre minhas reminiscências e,

finalmente, encontro. Falta o Transformador. Apesar de ser um prédio rústico, de tijolos sem reboco, erguido ao lado da Rua Moron, era um marco da nossa praça. Servia como referência para encontros e para a orientação das pessoas.

Sinto, também, a ausência do guarda Peri, com seu cuidado e com sua bondade. Estava de tal maneira presente que dava a impressão de ser parte integrante da própria praça. E o lambe-lambe, então, sempre de prontidão.... Restam o chafariz, todo remodelado, e as belas árvores que acolhiam centenas de pássaros; foi acrescentado o monumento à Cuia, que caiu tanto no gosto popular que alterou o nome da própria praça: hoje é mais conhecida como a “praça da cuia.”

Ao visitar a Praça Tamandaré, vejo que continua linda e arborizada, com seus belos monumentos, seus plátanos centenários e sua tradicional Igreja Matriz da Nossa Senhora da Conceição. Penso que ela é a mais eloquente testemunha da história e da evolução de nossa cidade. Placas comemoram acontecimentos importantes. Foi lá que o fundador, Manuel José das Neves, içou pela primeira vez no Planalto Médio a Bandeira do Império Brasileiro; foi lá, também, que os heróis farrapos Bento Gonçalves da Silva, Giuseppe e Anita Garibaldi, acompanhados do filho Menotti, arrancharam quando de sua passagem rumo ao norte do Estado. Outros episódios e figuras importantes estão registrados naquele logradouro

público. Mas, porque retirar o belo quiosque, erguido há décadas, e que seria outro monumento incorporado a nossa história?

Ainda existem os clubes Comercial, Caixeiral e Juvenil. Mas, que fim levou o Visconde do Rio Branco? Aonde foi parar a integração que havia entre os diversos clubes, especialmente no carnaval? Sim, porque no tempo em que racismo era apenas uma palavra no dicionário pátrio, era comum uma delegação do Visconde visitar o salão de festas do Caixeiral e nele brincar e vice-versa, o mesmo acontecendo com os demais clubes, tudo dentro da maior harmonia e de um salutar companheirismo.

Que fim levou o Café Elite que reunia todas as manhãs expressiva parcela do PIB passo-fundense? E o Restaurante Maracanã que costumava apresentar famosas expressões musicais do centro do País e que todas as noites brindava seus clientes com as apresentações do Maestro Jacques e da Dona Mercedes, sua inseparável companheira artística? E o Bar Oriente que congregava boa parte da juventude para saborear o “mais gostoso sorvete” da cidade?

E o tradicional desfile das meninas em frente à Catedral nos finais das tardes de domingo?

E a casa Sonora, do “seu” Eleodoro, a Casa Jandir, o Ughini, a Casa D’Arienzo, a Casa Rayon, a Casa Para Todos, o Hotel Internacional? E a rivalidade entre o Conceição e o IE que se exacerbava nos encontros esportivos e

(PAULO MAGRO)



nos preparativos da Semana da Pátria, quando suas bandas se digladiavam sempre que cruzavam durante os ensaios noturnos em plena Avenida Brasil? E que nos desfiles se esmeravam para compassar os garbosos jovens que marchavam em homenagem às datas festivas? E o próprio Altar da Pátria, em plena Avenida Brasil, ao lado do Clube Comercial? E S.C. 14 de Julho e o Gaúcho (agora renascido) de memoráveis embates esportivos? E o Independente do “seu” Laus? E o Riograndense, o popular “ferrinho”, nome pelo qual gostava de ser lembrado por causa de sua origem? E os cines Real e Imperial com as matinés dos seriados em capítulos semanais? E a nossa Viação Férrea, cujos trens rasgavam a cidade com seus apitos estridentes?

Que fim levaram os Bancos da Província, Nacional do Comércio, Agrícola Mercantil, Industrial e Comercial do Sul e a Caixa Econômica Estadual que, ao invés das máquinas de hoje, costumavam utilizar pessoas para atender seus clientes?

Sabemos que a vida continua; que a roda do progresso não pode parar; que somos passageiros de um único trecho do “trem do tempo” e que, cumprido nosso trajeto, devemos desembarcar para ceder a outros o lugar que ocupamos. Mas, nada impede a recordação do que vivemos durante essa travessia. É saudosismo? Sim. Mas, recordar o que nos alegrou e o que nos fez felizes durante o nosso tempo é um sentimento talvez incompreensível para terceiros, mas de tamanha satisfação para o nosso ego, que, o simples fato de recordá-lo, nos anima e nos dá forças para enfrentar o futuro. Futuro este que está continuamente construindo novos caminhos, eivados de realizações e de conquistas. Temos a certeza de que não seremos protagonistas desse futuro; no máximo, poderemos ser meros figurantes ou simples espectadores, e isso apenas por mais algum tempo. Estamos cientes, também, que o progresso, eterno acompanhante desse futuro, não abre espaço para saudosismos. No entanto, as recordações são as fortalezas que nos permitem conviver harmoniosamente com o porvir, sem frustrações ou enfrentamentos, enquanto o aguardamos com ansiedade e expectativa, convictos de que sua construção está sendo erguida sobre os alicerces das conquistas passadas.

(Alberto Antonio Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Reinvenção

Queria ter nascido velho.

Velho e sábio
como Quintana
num retrato
fumando.

Velho
que tudo visse
com os olhos da poesia.
E sábio
para saber
que tudo passa.

Ir com o tempo
adquirindo
o vigor dos jovens
esquecendo conceitos
acreditando mais em tudo
até morrer
matreiro e lépido
como um guri
que tudo vê
com os olhos da poesia
sem a sabedoria
de que esta

não é a verdade.

(Júlio César Perez é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Associação dos Escritores de Passo Fundo.)



Homeopatia: Medicina Alternativa

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Homeopatia é uma forma de medicina alternativa que se baseia em três princípios: 1) "Similia similia curantur" isto é toda a doença deve ser tratada com drogas que induzem no organismo sintomas semelhantes à doença. 2) Diluições infinitesimais isto é, diluição intensa dos medicamentos e 3) Succussão que consiste em sacudir o medicamento 30 vezes a cada diluição feita. Para entendermos o problema vamos recuperar um pouco da história médica.

Hipócrates (Koz- Grécia, 460-370 a.c.) Foi um médico grego, chamado de pai da medicina, que via o paciente de maneira holística e prioritária. Para ele não existiam doenças mas sim doentes pois cada indivíduo tinha de ser tratado de maneira única e individual. A ele se opunham médicos de outro local, Cnidos, a quem não importava o indivíduo, mas sim a doença que lhe acometia. Certamente Hipócrates estava certo o que não impediu que Cnidos fizesse escola cada vez mais presente em nossos tempos que é a medicina superespecializada. O cliente é dividido em órgãos e o especialista trata somente o que lhe é de sua competência esquecendo, por vezes, o ser humano integral.

Cláudio Galeno (Roma, 129-217d.c.) foi influente médico que dissecava macacos e contribuiu sobremaneira com a medicina da época. De origem grega era politeísta e converteu-se ao monoteísmo cativando os neo cristãos da época, passando a ser símbolo do conhecimento médico máximo e foi, até certo ponto, endeusado. Galeno fazia remédios compostos com substâncias naturais, muitas vezes com fórmulas esdrúxulas para não se dizer absurdas. Um exemplo era um composto, chamado triarca ou teriarca, que continha 72 substâncias como grãos, pele de sapo e muitos outros componentes. Estes medicamentos davam muitos efeitos colaterais inclusive o pior, a morte.

Daquela época que se guarda ainda a expressão "morreu da cura".

Agostinho de Hipona (354-430), importante filósofo cristão, por sua grande sabedoria influenciou o mundo romano que progressivamente tornava-se cristão. De filosofia platônica exerceu grande influência na Igreja que passou a adotar alguns princípios que levariam ao obscurantismo da idade média. Era proibido escrever porque para os cristãos, tudo o que importava estava na Bíblia. Escrever o que lá continha não era necessário. Se o escritor contrariasse a Bíblia praticava uma heresia. Outro princípio imutável era o do Geocentrismo de Ptolomeu, bem como era o de que a ciência médica de Galeno era terminal e nada poderia se opor a ele. Para Agostinho a razão se opunha à fé.

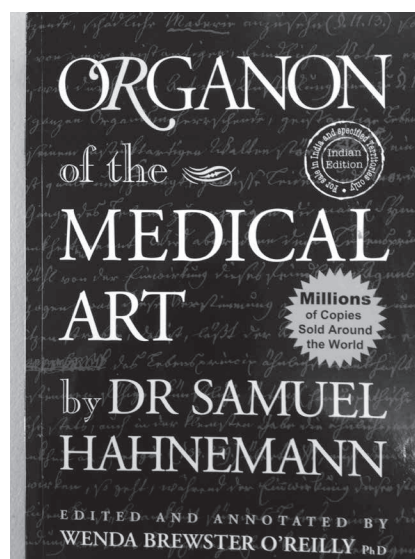
Esse estado anti-ciência permaneceu até que Santo Tomás de Aquino (Roccasecca 1222-1274) de visão Aristotélica propôs uma união entre a Fé e a Razão, abrindo o espaço para o estudo e o desenvolvimento científico. Lentamente foram surgindo vozes discordantes de ideias imutáveis que havia. Copérnico e Galileu contrapuseram-se ao geocentrismo defendendo que a terra girava ao redor do sol e não o contrário. Na

medicina, Vesalius (Bruxelas, 1514-1564), grande médico belga mostrou que muitas informações de Galeno sobre anatomia eram erradas. Paracelso (Einsiendein, 1493-1541), médico suíço-alemão, manifestou-se contra as teorias de Galeno queimando em público seus livros e os dos seus seguidores. Por este ato radical foi expulso da Basileia, cidade onde exercia uma medicina holística.

Apesar destas oposições as fórmulas galênicas continuaram a ser usadas até o fim do século XIX, mais prejudicando do que ajudando as pessoas. Neste contexto surgiu na Alemanha um médico Samuel Hahnemann (Meissen, 1785-1843) que se contrapôs às fórmulas galênicas mostrando o prejuízo que as mesmas poderiam trazer às pessoas. Realizou uma experiência inédita em si própria tomando extrato concentrado de quina, planta importada da América do Sul e usada para tratamento do impaludismo. Ao tomar a infusão teve calafrios, febre, dor de cabeça, agitação e tremores semelhantes aos sintomas causados pela malária, chegando com isto à conclusão empírica de que a quina curava a malária porque apresentava sintomas semelhantes. Desta experiência criou a ideia de que as doenças devem ser curadas com o semelhante (similia similibus curantur) sendo este o primeiro princípio da homeopatia.

Como o concentrado destas plantas dava reação forte, criou o segundo princípio que é o das diluições sucessivas. As drogas teriam de ser diluídas até chegar a doses infinitesimais das mesmas. Para chegar a uma homeopatia devia-se diluir o produto de 10 a 100 vezes. No conceito moderno de homeopatia a diluição deve ser feita 30 vezes.

Começou a clinicar em sua aldeia usando essas fórmulas, tendo algum resultado positivo. Iniciou a prática, comum na época, de médico itinerante. Em época de medicina baseada em misticismo, um médico estranho à comunidade fazia sempre mais sucesso em outras comunidades onde era desconhecido, confirmando o velho ditado de



Primeiro livro que trata da Homeopatia



Samuel Hahnemann

que "santo de casa não faz milagre". Seu sucesso em lugares distantes remeteu Hahnemann à estranha conclusão de que o seu preparado tornava-se mais eficiente pelo sacolejar de sua carroça que ocorria no percurso a outros locais. Esse é o terceiro princípio da homeopatia, o da succussão. Encomendou a um fabricante de selas uma tábua forrada de couro com pelos de cavalo que facilitava a viagem e evitava quebrar os frascos. Para efetivar a diluição a mistura teria de ser sacudida dez vezes, princípio ainda adotado nas fábricas de homeopatia.

O quarto princípio da homeopatia é a prova (Prüfung em alemão). Incorporada após Hahnemann, consiste em dar a pessoas medicamentos em diluições diferentes e anotar os sintomas que os mesmos sentem. Esta será a imagem dos sintomas anotados em livro especial. O homeopata procurará compatibilizar os sintomas dos pacientes com aqueles obtidos na prova.

Com a carinhosa atenção do médico e com produtos inócuos as pessoas melhoravam pelo efeito placebo das drogas, ou seja, pela sugestão da melhora. Daí foi um passo até chegar a uma idolatria da homeopatia ainda associada ao misticismo, ao desconhecido, pois frequente as pessoas que chegam ao meu consultório encantadas com a prática desta medicina alternativa não sabem sobre os medicamentos usados, muito menos de

sua fórmula que é muitas vezes escrita em latim.

No Brasil a homeopatia foi introduzida por um médico francês, Benoît Murè (1809-1850) que veio numa onda migratória da França e se estabeleceu em Santa Catarina. Discípulo direto de Hahnemann e formado na Universidade de Montpellier, estabeleceu-se em Santa Catarina e foi o precursor na criação de ambulatórios para atender pobres e escravos. Migrou do Brasil em 1848, deixando uma obra importante que foi a de reconhecer muitas espécies de vegetais novas de nosso país e preparar sua preservação. Sua obra *Higantopharmacologia* foi traduzida para o francês e para o inglês.

A Farmacopéia Homeopática foi reconhecida no Brasil em 1976. O Conselho Federal de Medicina reconheceu a especialidade de homeopatia em 1980 e a Associação Médica Brasileira em 1988. O governo iniciou, então, o fornecimento gratuito de homeopatia nas redes públicas do País.

A homeopatia encontra maior sucesso nas doenças funcionais, isto é, em doenças em que o fator psicológico é predominante. Dor de cabeça, fibromialgia, intestino irritável, asma, depressão ansiedade e doenças dermatológicas são bandeiras de muitos homeopatas. Nestas doenças o emocional é muito importante e a grande atenção que o médico homeo-

pata dá ao paciente é determinante para resultados muito promissores. Foram feitos, no entanto, estudos científicos sobre essas doenças não se encontrando prova cabal de que a homeopatia é realmente eficiente.

Apesar deste reconhecimento que se fez principalmente pelo atendimento atencioso e ético dos médicos homeopatas, a homeopatia tem sofrido críticas em todo o mundo quanto à sua eficácia. Com a introdução da Medicina Baseada em Evidências a homeopatia tem sido contestada quanto ao real benefício dos pacientes assim tratados. Na MBE a comprovação das terapêuticas passam por muitos crivos como testes duplo cegos, estudos randomizados e meta-análises que avaliam números superlativos de trabalhos produzidos no mundo inteiro. Até hoje não existe nenhum estudo cientificamente comprovando que os medicamentos homeopáticos sejam eficientes. Os pacientes se sentem, na maioria das vezes, felizes com o tratamento provavelmente pelo efeito placebo dos mesmos e pelo elogiável carinho com que se tratados pelos médicos homeopatas.

(Carlos Antonio Madalosso é médico gastroenterologista, membro da Academia Passo-Fundense de Medicina e da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Placebo

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

Por placebo entende-se um medicamento que não tem efeito físico ou químico sobre o organismo. Seu efeito se dá apenas pela sugestão e pela vontade de ficar bom. O termo vem do latim placere (agradar), isto é algo que agrada a pessoa que a usa.

A medicina empírica entendia que as doenças eram devido aos órgãos que se tornavam doentes, algumas vezes chamada medicina organicista. Rudolph Carl Virchow (1821-1902), patologista alemão de Berlim atribuiu a doença a uma alteração celular. Estava criada a teoria celular das doenças, isto é, a doença não era dos órgãos mas sim das células que os compunham.

No final do século XIX e no princípio do XX, os bioquímicos deram um passo a mais e viram que na célula havia alterações específicas de moléculas químicas enquanto que o restante estaria normal. Surgiu a teoria molecular ou química das doenças. Não confundir com a teoria bio molecular ou genética que é a mais recente. Sabedores que a doença é uma alteração bioquímica das células os pesquisadores debruçaram-se sobre a mesma e gradativamente foram surgindo explicações mostrando que para cada doença havia uma alteração química. A partir dali os laboratórios e alguns governos focalizaram a pesquisa sobre as mesmas.

Na pesquisa de novas drogas medicamentosas os cientistas iniciam criando substâncias químicas que neutralizariam as alterações do organismo que levam à doença. Para cada droga lançada no mercado, 100 a 1000 substâncias são criadas. Poucas utilizadas e a maioria delas descartadas. A partir da obtenção da droga inicia a 1ª fase da pesquisa que é feita em animais para ver sua eficácia e segurança. Aprovada nesta fase passam à 2ª fase, que é o estudo em voluntários. São pessoas que recebem pagamento para fazer parte da pesquisa com número limitado de 100 ou mais pessoas. Se o fármaco mostra-se eficiente e seguro vem a 3ª fase que é a pesquisa em grandes populações feitas em muitos centros concomitantemente com a autorização temporária do fármaco e a anuência dos pacientes. Nesta fase também o medicamento é distribuído gratuitamente. Depois de vencidas estas etapas, o medicamento recebe um nome de marca e é lançado no mercado. Esta é a alopatia, que combate a doença com drogas que se lhe contrapõe, oposto da homeopatia que tenta combater as doenças com drogas que tem efeito semelhante à mesma.

Estas drogas, quando administrada pela boca, são absorvidas no intestino e enviadas ao fígado quando são transformadas liberando o princípio ativo que vai agir na doença. Sua fiscalização é, na maioria dos países, muito rigorosa.

Desde há muito se sabe que a mente humana é influenciada por hormônios.

Alguns dão alegria, outros dão sono, aliviam a dor, aumentam o apetite e assim por diante. Esses hormônios tem influência das glândulas que podem ser ativadas por diversos mecanismos. Nisto reside o efeito das drogas chamadas PLACEBOS. Quimicamente inertes ou pouco ativas influenciam o indivíduo e faz com que haja melhora dos sintomas em mais de 30% dos pacientes. O estudo do efeito placebo tem sido feito desde o início do século XX, Hoje se questiona se é ético o tratamento com placebo uma vez que ao administrarmos drogas ativas em alguns e drogas inativas em outros pacientes podemos estar condenando estes a um agravamento de seu mal.

A influência da emoção sobre o tratamento não é privativo dos homens. Animais também podem ser influenciados. Pavlov, dando alimento a cães precedido de uma campanha viu que esses animais salivavam apenas ao ouvir o som sem que ingerissem alimentos. Experiências feitas com pessoas com úlcera, ministrando a uns duas cápsulas de açúcar e a outros quatro, viu que a melhora era mais rápida nos últimos.

Há influência também da forma e da cor dos comprimidos. Administrando antidepressivos em cápsulas azuis e melhora era menor do que de cor vermelho, pois a cor azul é repousante. O contrário se verificou em calmantes que eram mais eficientes na cor azul. O quê seriam então medicamentos PLACEBOS?

Houston falou de três categorias di-

ferentes significativamente de placebo:

- a droga que o médico sabe ser inerte, mas que o paciente acredita ser potente;
- a droga que sabe-se ser potente tanto por médico quanto pelo paciente, mas que, em trabalhos científicos mostra-se ser totalmente inerte; e

- a droga que acredita-se ser potente por ambos, mas considerada perigosa e prejudicial. Esta é chamada NOCEBO.

As pesquisas com placebos, no entanto, tiveram páginas negras na história médica. Uma foi em 1932 nos Estados Unidos onde numa pesquisa com pessoas sífilíticas pobres dividiram em dois grupos, um recebendo placebo e outro o Salvarsan. Ao fim de períodos haviam morrido muitos pacientes com placebo e não dos que usavam a droga ativa. Outras experiências do gênero foram feitas nos campos nazistas, com Mengele e outros médicos antiéticos. É inegável que a medicina nazista trouxe muitos avanços para a ciência médica, mas com custos de vidas humanas inaceitáveis.

Hoje é proibida qualquer experiência usando placebo. Para estudar a efetividade de uma droga os cientistas a comparam com outra droga já em uso regular. Soube de um médico paulista que atendeu uma mulher queixando-se de dores cardíacas e, que sendo descartada qualquer patologia nos exames, administrou-lhe na veia soro com vitaminas e ferro, portanto, colorido. A paciente teve boa resposta e ficou boa. Mais tarde em nova consulta o médico contou-lhe o fato revoltando a paciente o que lhe valeu um processo cível com indenização à família e uma advertência do Conselho de Medicina.

Nos países autoritários o placebo é altamente usado em pacientes com doenças incuráveis. A medida visa, de um lado, economia de fármacos e de outro a redução do tempo de vida de um ser improdutivo e, portanto, desinteressante para o Estado.

Muitas pessoas chegam ao meu consultório relatando experiências que todos sabemos se tratarem de medidas placebos, pois placebo não é só o medicamento, mas toda a medida sem comprovação científica que age no imaginário da pessoa. Um cliente que durante um tempo tomou um hipnótico e que conseguiu largar o fármaco pediu-me uma receita do medicamento. Perguntei-lhe o por quê? Afirmou-me que queria deixar a caixa do produto à sua vista, pois sem ela sentia-se inseguro e temia não dormir. A visão do medicamento

lhe dava segurança constituindo-se em medida placebo.

Há pessoas que usam substâncias inertes, como alguns chás, mas pensam que lhes faz bem. Nós médicos devemos apoiar essas condutas alternativas se elas vem para o bem do paciente. Muitas vezes, no entanto, de uma hora para outra a mesma substância inerte que lhe fazia bem passa, por motivos psicológicos, a fazer mal. Este efeito desagradável de substâncias inertes é chamado efeito ou reação nocebo (do latim noscere=prejudicar).

Nocebo

No século XIX os medicamentos causavam muitas reações colaterais. Isto impressionava as pessoas que passavam de pai para filho que remédio é perigoso. Até hoje encontro pessoas com essa aversão aos fármacos que é indevida pois as drogas atualmente são muito seguras. Walter Kennedy, médico americano em 1961, encontrava muitas pessoas que se queixavam de efeitos colaterais inexplicáveis dos remédios. Fez uma pesquisa usando substâncias inertes como cápsulas de açúcar ou de farinha colocadas em frascos de medicamentos avisando que os mesmos causariam efeitos colaterais. Muitos pacientes

passaram a sentir esses supostos efeitos. Para esse fenômeno chamou de reação ou efeito nocebo.

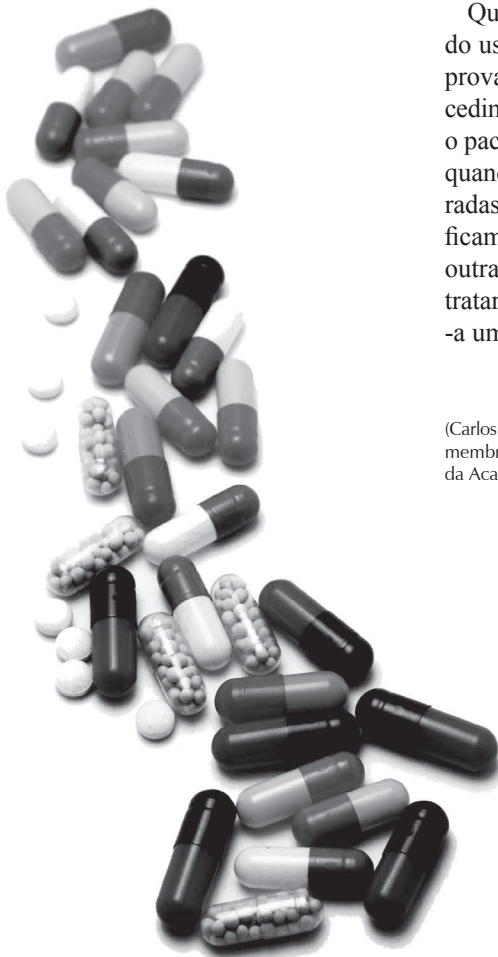
Existem também explicações nocebas. Quando um médico dá um resultado sombrio sobre uma doença de comportamento benigno pode levar a uma piora dos sintomas e um agravamento do mal. Este motivo é tão preocupante às entidades médicas que tem se recomendado antes de um tratamento definitivo de risco o paciente procure uma segunda opinião.

Como as drogas administradas são inertes no organismo mostrou-se claramente que muitos efeitos benéficos ou maléficis nas pessoas são ligados ao emocional das mesmas. Nosso cérebro quando sugestionado tem capacidade de produzir hormônios que agem em nossa sensibilidade e em nossa emoção. Assim uma droga inerte pode liberar endorfina que alivia as dores, pode liberar melatonina que induz ao sono, pode liberar adrenalina que aumenta a capacidade física e assim por diante.

Na Inglaterra, nos anos 90, constatou-se que metade dos homeopatas ou dos que praticam medicina alternativa usando placebos desaconselhavam medidas sabidamente benéficas como a vacinação regular, radioterapia, cirurgias e outras o que levou o governo a responsabilizar esses profissionais pelas consequências que pudessem surgir.

Qual o pensamento médico a respeito do uso de placebo ou drogas não comprovadas? Nós não somos contra o procedimento desde que esteja beneficiando o paciente. Nos causa um grande temor quando médicos ou pessoas não preparadas a fazerem um diagnóstico preciso, ficam administrando fármacos, chás ou outras terapias alternativas deixando de tratar em tempo hábil a doença levando-a a uma situação de incurabilidade.

(Carlos Antonio Madalosso é médico gastroenterologista, membro da Academia Passo-Fundense de Medicina e da Academia Passo-Fundense de Letras.)





100 Anos da Primeira Guerra Mundial: algumas curiosidades marcantes

DILSE PICCIN CORTEZE

Nestes cem anos que marcam o início da Primeira Guerra Mundial, muitos historiadores se dedicaram exaustivamente em revirar as memórias em busca de esclarecer determinados acontecimentos e descobrir peculiaridades para tecer a teia que permeou os quatro anos sangrentos deste acontecimento que provocou a queda de quatro grandes impérios — o Otomano, o Russo, o Austro-Húngaro e o Alemão —, também redefiniu geopolítica mundial.

Na historiografia desse conflito fica claro que o mesmo não se limitou apenas em transformar o mapa-múndi radicalmente e em deixar um rastro de destruição e morte: como resultado da Primeira Guerra Mundial ocorreu o genocídio na Armênia, a Revolução Russa e a assinatura do Tratado de Versalhes. E ainda mais, como consequência, o surgimento de Adolf Hitler e do nazis-

mo, a ocorrência da Segunda Guerra Mundial e o desabrochar do mundo como conhecemos hoje.

Tudo está bem esclarecido de que após a declaração de guerra entre austro-húngaros e sérvios, em 1914, a Alemanha declarou guerra contra a Rússia no dia 1 de agosto e, dois dias mais tarde, contra a França; no dia 4 de agosto, a Grã Bretanha declarou guerra contra a Alemanha e se uniu à França e à Rússia, formando o grupo dos aliados; em 23 de agosto, o Japão declarou guerra contra a Alemanha e, no dia primeiro de novembro, o Império Otomano se uniu ao Império Austro-Húngaro e ao Alemão para formar a coligação denominada Impérios Centrais. Os EUA se uniram ao conflito durante o último ano da guerra.

A Primeira Guerra Mundial envolveu a participação de, perto de 70 milhões de soldados de 30 países espalhados por cinco continentes, provocando a morte de aproximadamente 10 milhões deles durante os combates — sem falar nas milhões de vidas perdidas devido à fome

e ao surgimento de doenças; o conflito é o sexto com o maior número de mortes na História; a Gripe Espanhola foi a responsável pela morte de aproximadamente 1/3 de todos os militares que perderam suas vidas durante a guerra.

Os britânicos perderam quase um milhão de soldados. Os franceses tiveram 1,7 milhão de mortos, os austro-húngaros 1,5 milhão de militares mortos, os alemães 2 milhões, os russos 1,7 milhão, os italianos 460 mil e também se contam aos milhares as mortes de turcos, de americanos e de outras nações envolvidas na conflagração. A França ficou povoada com mais de 600 cemitérios, resultado dessa Guerra, que os tornou em sepulturas perpétuas e, hoje, conta com mais de mil jardineiros para fazer sua manutenção.

A historiografia nos conta também que, cães foram largamente utilizados como mensageiros, carregando ordens aos frentes de batalha através de capsulas que ficavam presas a seus corpos; até então, nenhuma guerra havia se apoiado

tanto no uso de trincheiras. Essas valas se estendiam por quilômetros de distância e muitas delas se tornavam alagadas e ficavam cheias de barro, enquanto que piolhos, doenças e ratazanas enormes infernizavam as vidas dos soldados entrancheirados; cerca de 40 quilômetros de trincheiras foram construídos só no famoso “Frente Ocidental”, e muitas delas tinham nomes inspirados em endereços de verdade; a expectativa de vida nas trincheiras era de aproximadamente seis semanas, sendo que os oficiais com menos patentes e os que carregavam as macas estavam entre os que se expunham mais aos riscos; aproximadamente 6 mil homens morriam todos os dias durante a guerra.

Enterrar os cadáveres na Primeira Guerra Mundial, não raro, era possível em um conflito marcado por trincheiras inimigas separadas em geral por 100 ou 200 metros, mas que poderiam estar frente a frente, distantes 20 metros, como ocorreu em Vimy, na França. “Às vezes, entre uma trincheira alemã e uma francesa, era possível ouvir as vozes, ouvir o ruído dos talheres durante as refeições, ouvir o soldado inimigo

limpar sua arma. Havia toda uma vida que acontecia nas trincheiras”, afirmam alguns historiadores.

Todas as semanas, aproximadamente 12 milhões de cartas eram entregues aos soldados. O soldado Henri Fauconnier, escreve para sua noiva em 17 fevereiro de 1917 e diz: “É assustador depender tanto do meio em que estamos. Mady, não é com um ser humano que você se casará”, advertiu. “Às vezes eu sou um monstro, às vezes uma planta, às vezes um mineral. Nunca um ser humano”.

Para os profissionais da medicina este conflito foi uma experiência de aprendizagem intensiva, um enorme laboratório e desafio clínico que envolveu diretamente milhares de profissionais: Deu-se início ao desenvolvimento da cirurgia plástica e a pesquisa da penicilina; os primeiros bancos de sangue foram criados durante o conflito; o uso da morfina..., estes são alguns exemplos citados nas principais obras historiográficas sobre o tema.

Oficialmente, os soldados britânicos tinham que ter 19 anos para servir ao exército, contudo, estima-se que cerca de 250 mil garotos tenham mentido suas

idades e o mais jovem soldado de que se tem notícia tinha apenas 12 anos.

Em dezembro de 1914, soldados da Força Expedicionária Britânica ouviram soldados alemães entrancheirados em Frelinghien, na França, cantando hinos natalinos e viram que os oficiais haviam colocado pequenas lanternas e árvores de Natal ao longo das trincheiras. Os homens de ambos os exércitos começaram a trocar mensagens e, no dia seguinte, todos concordaram em declarar uma trégua informal, passando o dia na companhia uns dos outros. Durante a trégua, os soldados trocaram presentes, jogaram futebol e tiraram fotos juntos. Esse dia se transformou em uma das lembranças mais emotivas da Primeira Guerra Mundial, um momento no qual inimigos permitiram que a compaixão triunfasse sobre suas diferenças políticas e se criasse um breve respiro dos horrores da guerra.

Um dos conflitos mais sangrentos da História da Humanidade ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial, ficou conhecida como “Batalha de Somme”, ela resultou na morte de mais de um milhão de pessoas e ocorreu durante



um esforço dos britânicos em expulsar os soldados alemães de suas trincheiras, assim no primeiro dia da ofensiva em Somme, depois de cavar túneis sob as trincheiras dos alemães e posicionar quase 30 toneladas de explosivos, os soldados britânicos fizeram seus inimigos voarem pelos ares. A cratera resultante da explosão existe até hoje, medindo mais de 90 metros de diâmetro e mais de 20 de profundidade.

A papoula vermelha se transformou no símbolo da Primeira Guerra Mundial graças a um cirurgião canadense chamado John McCrae. O médico escreveu um triste poema em homenagem a um amigo que morreu durante o conflito e, nele, McCrae menciona as papoulas vermelhas como sangue dos campos de Flandres, na Bélgica; hoje, as flores podem ser vistas na primavera e começo do verão pelo local que durante a guerra foi o “Frente Ocidental”, e servem para recordar a todos os soldados caídos durante as batalhas.

O poder de fogo industrial mudou de vez os campos de batalha com seus aviões, canhões e metralhadoras. Nos mares, o submarino pôs em risco os grandes encouraçados. Uso de gases mortais, como o mostarda, começou no fim da tarde de 22 de abril de 1915, nos campos de guerra da Bélgica. Quase cem anos depois, vestígios ainda contaminam o solo e a água. Granadas de projéteis químicos seguem sendo localizadas.

Essas novas tecnologias obrigaram generais e comandantes a testar métodos em pleno conflito, enviando centenas de soldados para missões impossíveis e letais, como a conquista de trincheiras bem guarnecidas e bem armadas ou de morros e colinas, pontos privilegiados para a visibilidade da artilharia. No exército britânico, um jargão se criou entre as tropas para descrever a situação: “Leões comandados por asnos”.

Essas batalhas, que figuram no rol das mais violentas da história da humanidade, tinham em comum um elemento de base: o sofrimento humano descomunal. Um dos diagnósticos mais frequentes entre soldados era a sensação de perda da condição humana. Em 10 de julho de 1916, um ano e meio antes de sua morte no campo de batalha, o sargento francês Marc Boasson escreveu:

“Eu mudei terrivelmente. Não queria lhe contar nada da horrível fadiga que a guerra engendrou em mim, mas você me força. Eu me sinto esmagado, dimi-



nuído, (...) estou pobre e nu por causa das emoções desmesuradas, das experiências desproporcionais à resistência humana. Algo está dando errado, uma perda generalizada. Eu sou um homem esmagado”.

Dessa forma, um em cada dez combatentes morreu na 1.ª Guerra Mundial, grande parte das vezes abandonado em condições degradantes, sem oferecer às famílias condições para um sepultamento digno. No campo de batalha, não raro a única opção era cavar covas rasas e provisórias ou abandonar os cadáveres à espera de um bombardeio que também desse fim aos agonizantes, com frequência deixados à própria sorte entre as trincheiras inimigas.

Não bastasse a expectativa sombria de cada soldado, os excrementos, ratos, infestações de insetos, barro, umidade, chuva e frio glacial se uniam ao pesadelo, provocando epidemias como disenteria, cólera ou tifo, doenças de pele, gangrenas nos pés e infecções das mais variadas, em uma época na qual a medicina ainda não contava com antibióticos.

Ao martírio físico, somava-se uma tortura psicológica: o risco de que cada militar corria de se tornar um “gueule cassé”, ou “cara quebrada” – o deformado. Para diagnosticar esse terror, os médicos da Grande Guerra chegaram a criar um diagnóstico: a “obusite”, hoje reconhecida como uma manifestação de estresse pós-traumático.

Assim eram a vida e a morte nas

trincheiras e em campos de batalha de regiões como a belga Ypres ou as francesas Somme e Verdun, segundo os testemunhos dos próprios soldados, deixados em milhões de cartas trocadas entre os fronts de guerra e as famílias dos envolvidos. “Nem nos surpreendemos mais com as condições de vida artificiais, quase injustificáveis, que não se assemelham a nada de nossa vida e de nossos pensamentos de outrora”, escreveu em 1918 o tenente André Pézard, mais tarde autor de *Nous Autres à Vauquois*, obra na qual descreve a ofensiva que devastou a cidade de Vauquois, na França. Sob quatro horas de bombardeios, ele anotou: “Em meio a uma desordem incurável, esperamos impotentes, sem imaginar nada, sem esperança de nada, o fim de algo que nos pediram para suportar. Nós existimos, apenas isso. Não somos humanos”.

Além de cartas, imagens e fotografias – os primeiros registros modernos de um conflito armado de grande amplitude – descrevem a inutilidade dos assaltos contra as trincheiras inimigas e o absurdo de bombardeios, que chegavam a matar 90% dos homens.

Frente a tantos horrores nos resta uma pergunta: Quem ganha com a guerra?

(Dilse Piccin Corteze é historiadora; autora de vários livros, dentre eles, “Ulisses va in América: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul; professora da rede municipal de ensino; membro da Academia Passo-Fundense de Letras; e membro do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial

DILSE PICCIN CORTEZE

Em 2014 comemorou-se o centenário na eclosão da Primeira grande Guerra Mundial e, por isso, muitas manifestações ocorreram no mundo todo. Uns escrevem relatando resultados de suas pesquisas, outros analisam o fato histórico sob novos olhares emitindo suas críticas, museus são visitados em toda Europa, palestras, conferências, discussões tudo para que a humanidade não esqueça este terrível evento que envolveu o mundo todo e, na verdade, só acabou em 1945 com um saldo de milhares de mortos, feridos, mutilados, traumatizados, pessoas e cidades que carregam essa triste herança causada por governos intransigentes e intolerantes.

E o Brasil como se posicionou frente a esse conflito mundial? Qual foi a participação efetiva de nosso país na Primeira Guerra Mundial bem como a repercussão causada nesta nação que vivia sua primeira fase da República e era comandada pelos coronéis? Neste texto procuraremos analisar alguns dados a respeito destes temas.

A Primeira Guerra Mundial ocorreu entre os anos de 1914 e 1918, porém, tempos antes, principalmente entre os anos de 1870 e 1914, o mundo vivia uma grande euforia que era conhecida como Belle Époque (Bela Época). Era um período em que se experimentava um grande progresso tanto no campo econômico quanto no tecnológico. Os países ricos viviam momentos de esperança, crenças de que iriam impor seus desejos aos países mais pobres. Porém, na verdade, todo esse clima de festa estava escondendo fortes tensões que viriam a deflagrar aquela que também ficou conhecida como a Grande Guerra ou Guerra das Guerras, um dos maiores e mais terríveis acontecimentos da história mundial.

Na cabeça de líderes políticos e diplomatas, a Primeira Guerra Mundial seria um conflito sangrento, mas rápido.



Cem anos depois, fortes bunkers, crateras, armamentos, campos de batalha, cemitérios, ossários e monumentos comprovam: foi uma guerra total na qual o Brasil teve sua participação efetiva e durou quatro longos anos.

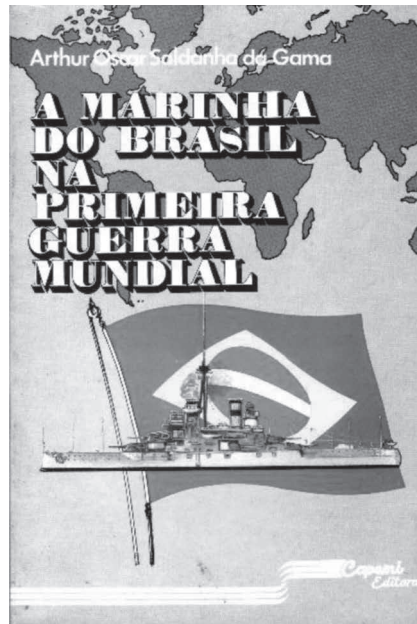
Na época, o presidente do Brasil Venceslau Brás firmou aliança com os países da Tríplice Entente (Estados Unidos, Inglaterra e França), em oposição ao grupo da Tríplice Aliança, formada pelo Império Austro-húngaro, Alemanha e Império Turco-otomano e nos três primeiros anos da guerra, o Brasil permaneceu neutro, porém, no dia 5 de abril de 1917, um submarino alemão atacou um navio brasileiro (vapor Paraná da Marinha Mercante) carregado de café, neste ataque, próximo ao litoral francês, três brasileiros foram mortos. Em 20 de maio, outro navio brasileiro, agora o Tijuca, navegando em águas francesas, foi torpedeado por um submarino alemão. Estes fatos foram o estopim para o Brasil romper com a neutralidade e entrar no conflito declarando guerra aos países da Tríplice Aliança.

Em 26 de outubro de 1917, o presidente Venceslau Brás, assinou o decreto de declaração de guerra à Tríplice Aliança, em uma cerimônia ao lado do ex-presidente Nilo Peçanha e de Delfim Moreira, que também viria a assumir a chefia de Estado. Mas, muito antes da formalidade histórica, esse outro Brasil já estava mergulhado na Primeira Guer-

ra Mundial. Desde o início do conflito, brasileiros de diferentes origens se engajaram e partiram para as frentes da Europa. Eles são parte de uma narrativa quase esquecida: a de soldados brasileiros que doaram suas vidas por pátrias estrangeiras entre 1914 e 1918.

É provável que soldados brasileiros tenham vestido uniformes da Alemanha, da Áustria-Hungria e até do Império Otomano, já que há registros da passagem de sul-americanos pelos três exércitos e colônias de imigrantes dos três países no Brasil, uma fonte de alistamentos. Mas em nenhum dos casos eles teriam sido tão numerosos quanto os que lutaram – e morreram – pela França e pela Tríplice Entente.

Por meio do trabalho de especialistas, documentos de museus e arquivos públicos e papéis militares guardados no Castelo de Vincennes, na periferia de Paris, é possível resgatar informações surpreendentes sobre parte dos 81 brasileiros engajados para lutar ao lado da Legião Estrangeira em solo francês. Pouca gente sabe, por exemplo, que, muito antes de o país enviar equipe médica, embarcações e alguns oficiais apenas na reta final do confronto, dois príncipes brasileiros atuaram na guerra e até morreram em consequência disso. Filhos da Princesa Isabel com o francês Conde D'Eu, os nobres D. Luís Maria e D. Antônio Gastão, netos do ex-imperador, D. Pedro II, serviram ao



lado do Império Britânico.

Oficialmente, porém, o Brasil não enviou soldados para os campos de batalha na Europa, seguindo esta linha, nenhum militar brasileiro foi morto durante o conflito armado mundial, porém ela se efetivou através do envio de medicamentos e equipes de assistência médica para ajudar os feridos da Tríplice Entente. Também participou realizando missões de patrulhamento no Oceano Atlântico, utilizando embarcações militares.

Milhares de italianos e filhos de italianos ao redor do mundo se mobilizaram para lutar pelo país. De São Paulo partiu em 1915 o jovem Amerigo Rottellini. Nascido em 1894, ele era filho do jornalista Vitaliano Rottellini, dono do jornal *Fanfulla*, editado em italiano na cidade. Amerigo se tornou tenente do exército real italiano e morreu em 24 de agosto de 1917, quando conduzia um assalto com seus soldados. Em São Paulo, o comendador Ermelino Matarazzo fundou o Comitatto Pro Pátria, para reunir doações em dinheiro, alimentos

e roupas para os soldados italianos e seus familiares – esforço que lhe valeu o reconhecimento do governo italiano.

Sem contar com uma tecnologia bélica expressiva, podemos considerar a participação brasileira na Primeira Guerra bastante tímida. Entre outras ações, o governo do Brasil enviou alguns pilotos de avião, o oferecimento de navios militares e apoio médico.

A Primeira Guerra Mundial mudou o mundo e o Brasil

Em 2007, o historiador estadunidense publicou pela Companhia das Letras o livro, “Soldados da Pátria - História do Exército brasileiro 1889-1937”. Ele conta que, quando o confronto começou, o Exército Brasileiro tentava se reformar. O País ainda estava sob o impacto da Guerra do Contestado, que mostrara a necessidade das instituições militares por reorganização, rearmamento e treinamento e a impossibilidade do País de enfrentar uma guerra moderna. Encerrado o conflito, o País e suas Forças Armadas sofreram influências do confronto nas décadas seguintes, com o tenentismo e a Revolução de 1930. “(Com a guerra) Os pontos fracos do modelo brasileiro se tornaram flagrantemente aparentes. E o nível de impaciência com os velhos métodos e respostas borbuhlava em todo o ano de 1920 e explodiu em 1930”, explica.

A guerra serviu também para mostrar o quão terrivelmente atrasado o Brasil estava. Líderes militares brasileiros ficaram espantados com a rápida mobilização dos Estados Unidos e a formação

de tantos milhões de soldados e sua entrada decisiva na guerra na França. Eles podiam ver que o Brasil tinha de se industrializar para se tornar uma sociedade moderna.

Os benefícios da Primeira Guerra para a economia brasileira

Durante os quatro anos da Primeira Guerra, os países europeus envolvidos no conflito voltaram a produção de suas indústrias para a fabricação de armamentos e equipamentos para os soldados. Desta forma, o Brasil que dependia dos produtos industrializados vindo de países europeus, ficou sem opções para importar produtos manufaturados. Ricos cafeicultores brasileiros aproveitaram o momento e investiram capital acumulado nas indústrias, favorecendo assim a industrialização do Brasil.

O Brasil também lucrou muito exportando matérias-primas para os países em guerra como, por exemplo, e principalmente, a borracha. Também exportou muitos produtos agrícolas, como café, cacau e açúcar.

O período denominado República Velha brasileira começou a morrer com a Primeira Guerra e o ponto final foi posto em 1930 com o golpe de Getúlio Vargas como presidente da República.

Na verdade, o mapa da Europa mudou a economia e a política do mundo inteiro sofreu mudanças após a Grande Guerra. A Revolução Russa não teria acontecido quando aconteceu sem a grande mobilização que houve lá. As monarquias da Europa quase todos entraram em colapso, à exceção de algumas. Provavelmente (sem a guerra) não teria havido a pandemia mundial da gripe que matou milhões de pessoas, incluindo milhares no Brasil. Os pontos fracos do modelo brasileiro se tornaram flagrantemente aparentes. E o nível de impaciência com os velhos métodos e respostas borbuhlava em todo o ano de 1920 e explodiu em 1930. O terrível derramamento de sangue era um importante ponto de viragem na história do mundo. Tudo mudou. E, claro, a paz falha deu origem à pior das guerras, a Segunda Guerra Mundial, de 1939-1945.

(Dilse Piccin Corteze é historiadora; autora de vários livros, dentre eles, “Ulisses va in América: História, Historiografia e Mitos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul”; professora da rede municipal de ensino; membro da Academia Passo-Fundense de Letras; e membro do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

Onde mora a felicidade?

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Hei você, que anda procurando a felicidade... Será que ela tem um endereço próprio? Será que existe uma categoria de pessoas que são felizes e outra das que consideram que só existem momentos felizes? Mas afinal, o que significa felicidade? Encontrar conceitos para definir esta bela palavra até nem é difícil, mas senti-la em sua plenitude e ainda por cima saber onde ela mora, aí já é trabalho para Sêneca, o filósofo da felicidade.

Sêneca descreve que ser feliz é saber equilibrar a razão com a emoção. Para ele é isto que traz a serenidade, qualidade esta que ele considera como sinônimo de felicidade. Diz também que a felicidade não mora sempre no mesmo lugar. Assim, o primeiro preceito para esta busca seria procurá-la em caminhos diferentes das outras pessoas e dos seus próprios já traçados. Muitas vezes olhamos para a vida dos outros e buscamos compreender o porquê parecem ser tão felizes. Contudo, este mesmo filósofo alerta que, se quisermos olhar para as outras pessoas e compreender o porquê de sua felicidade, devemos procurar olhar primeiro para suas almas e não para suas aparências.

Mas dentre tudo que este sábio romano nos deixou de legado desde a o período clássico, o que mais me chama a atenção é o que ele refere sobre a importância de vivermos em comunhão com a natureza. Desde então, estamos nos distanciando, cada vez mais, da fonte da nossa vida e, como tal, da própria felicidade.

Nos dias de hoje, precisamos de mais e mais "coisas" para sermos felizes, o que tem tornado esta busca mais difícil. Nem bem sabemos que nossa felicidade depende muito mais do que fazemos com o que temos do que com o que, exatamente, nós temos. Temos deixado de lado o nosso potencial criativo e buscado tudo pronto. Afinal, temos pressa. Não dá mais tempo de cultivarmos um hobby, de tocarmos um instrumento

musical, de praticarmos um esporte coletivo, de brincarmos, especialmente junto à natureza. Não estamos tendo tempo de vivermos em grupo, o que poderia nos proporcionar a suave alegria do pertencimento e das trocas humanas.

Nossa felicidade também depende da possibilidade de ajudarmos os outros a serem mais felizes. Alguém que vive egoisticamente, muitas vezes à custa do



sofrimento do outro, não deve conhecer a verdadeira sensação da felicidade. Da mesma forma a pessoa que apenas cumpre com suas obrigações, deixando de lado sua espontaneidade, o que na filosofia do Taoísmo significa a essência da felicidade, vai continuar procurando-a por muito tempo e por muitos lugares e dificilmente a encontrará.

Em seu livro "Feliz por nada", Martha Medeiros defende, e eu assino embaixo, que felicidade não tem a ver com oba-oba, riso frouxo ou com vida ganha. Para ela isso representa alegria, o que também é muito bom, mas não é suficiente para abarcar toda a essência da

verdadeira felicidade, a qual também pode incluir momentos de tristeza e, eu diria ainda, de dúvidas e preocupações.

Esta já consagrada escritora gaúcha defende que precisamos evitar a sensação de amortecimento, buscando extrair das miudezas o mesmo feitiço que as grandezas proporcionam. Além disso, é pertinente que corramos atrás do que queremos, prestando homenagens a nossa própria biografia. Complemento estas ideias com o entendimento de que a felicidade não vem por conta própria, já, as dificuldades vão chegando sem pedir licença. Contudo, as pessoas felizes as percebem não como obstáculos, mas, sim, como desafios, motivando-se para enfrentá-los. Elas vêm a dor como passageira e determinam seu grau de ambição de acordo com as possibilidades de realização.

Ah, felicidade... Mas afinal, onde mora você? Caetano Veloso entoou uma canção que diz que ela mora onde a falsidade não vigora, e isso faz muito sentido... Baseada nesta ideia e muitas das anteriores, decidi que a minha felicidade fará sempre morada na minha alma e, assim, onde quer que eu esteja ela estará sempre me acompanhando, mesmo nos momentos mais difíceis que todos nós enfrentamos ou, mais cedo ou mais tarde, enfrentaremos.

E a sua felicidade onde mora? Saiba que você é livre para escolher e, então, correr atrás dela ou agir de tal forma que ela venha ao seu encontro,... Mas não fique aí, parado, esperando, pois ela não vem por inércia. Ser feliz dá um pouco de trabalho. E, ao procurá-la, não o faça em lugares muito distantes, pois tanto faz se você está em Paris ou em um pequeno sítio interiorano, em uma praça ou em um caloroso abraço. Procure-a com as lentes do amor e você vai encontrá-la. Porém, cuide para que na pressa não passe despercebido por ela, entremeadas que está nas coisas simples da vida.

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, professora da Universidade de Passo Fundo e ocupa a Cadeira 39 da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alguém me informe, por favor: Qual será o espólio deixado pela fama, depois que ela escoar pelo ralo?

O amor verdadeiro só começará a frequentar-te, no momento em que lhe abrires a porta da sinceridade.

A obsessão pela beleza acaba tornando caricata e inexpressiva a fisionomia de muitas mulheres.

Comparo o remorso a um crocodilo: tão feio e soturno, tão viscoso e aterrador!

Quem se trancar numa redoma, para fugir das muriçocas do presente, logo perceberá que são os grilos do passado que lhe fazem companhia.

No banquete da paz, só os pacíficos terão acento.

Pela derrocada do ódio; pela sagração da ética; pela revoada da liberdade: Digam ao povo que fico!

Benditos sejam os olhos, nossas janelas escancaradas para o espetáculo da vida!

A simpatia aproxima. A antipatia desagrega. Só isso basta para acertar na escolha.

Quando nos divorciarmos do egoísmo, tenho certeza de que a serenidade virá desposar-nos.

O gesto de acolhida se revela sempre um agente agregador.

Nossos braços apregoam, como as tábuas da Lei, os mandamentos do trabalho e da perseverança.

Amar haverá de ser sempre uma fórmula de redenção. Jamais de submissão...

Para que o ser vivo cresça com vigor e harmonia, basta que se lhe dê a rega da ternura e a seiva da dedicação.

Ao me perguntarem como vai a vida, se esfuziante na cauda de um cometa, ou se indolente no dorso de uma tartaruga, eu prefiro dizer que achei o prumo e não arredo pé da minha rota!

Filhos - querê-los e tê-los: inquietações e desvelos!

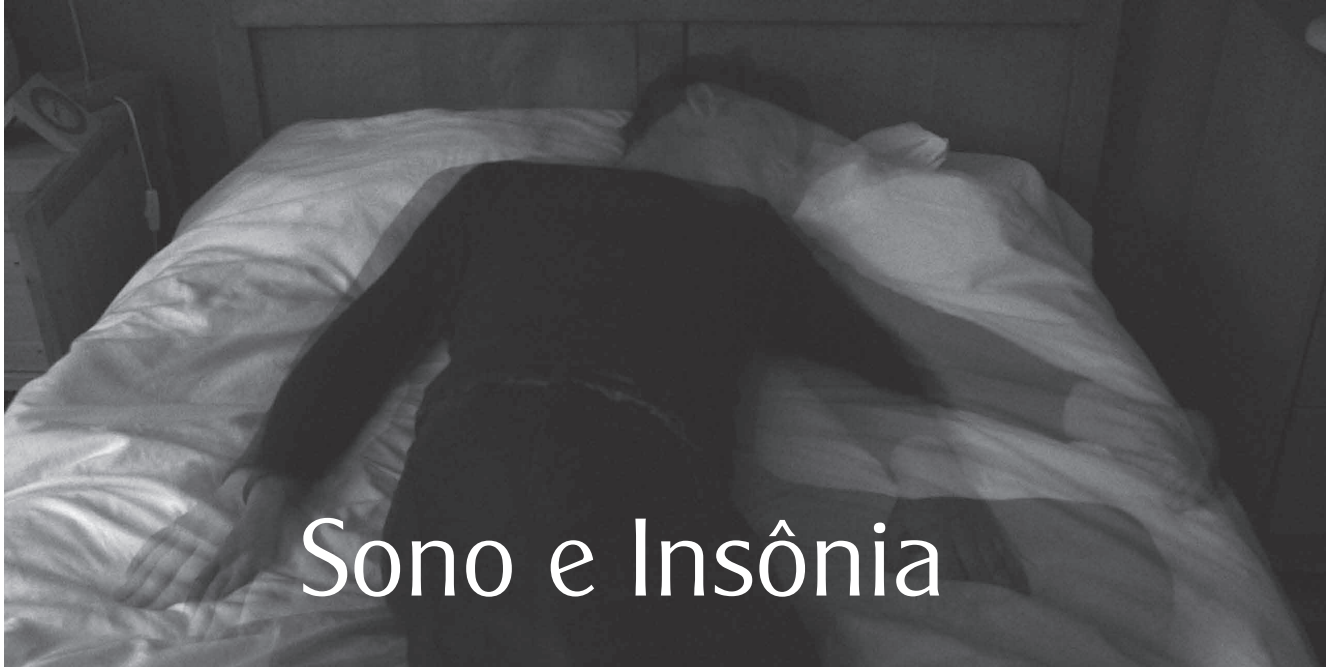
A comunicação entre as flores se faz por odores e policromias.

Por favor, não deflore os muros nem fira as paredes, que as marcas da rebeldia agem como vapores tóxicos, nas veias da cidade!

Cada vez mais a humanidade exalta seus deuses sobre altares de calíça e pó.

Os modismos desembarcam, dão um giro pelas esquinas frenéticas, sacodem a poeira dos armários e rapidinho percebem-se descartados, fora de circulação...

(Helena Rotta de Camargo é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Sono e Insônia

CARLOS ANTONIO MADALOSSO

O sono foi sempre uma preocupação do homem desde a criação do mundo. Referências mostram que os homens primitivos ao se acordarem ficavam felizes em se ver vivos. No Gênesis da Bíblia 2,21-22 refere que “Deus deu um profundo sono a Adão retirando-lhe uma costela fazendo Eva”.

Na Grécia, tanto Asclépio, Deus da Medicina como Hipócrates usavam dar ervas sedativas para ver o resultado nos paciente. Se esses dormiam bem e sonhavam com cura estaria garantida sua recuperação. A falta do sono e dos sonhos determinaria o abandono do tratamento, pois o paciente estaria desenganado.

Na Faculdade de Salerno, Itália, primeira faculdade de medicina criada no mundo. Seus fundadores eram três médicos, um judeu, um muçulmano e um cristão e adotaram ensinar por aforismas, isto é pequenas frases que traduziam, em princípio, a verdade. Este método era compreensível pois 90% ou mais da população era analfabeta. Muitas destas frases ainda são usadas até nossos dias por conterem verdades devido ao alto grau de observação que tinham os médicos de então. Num delas os médicos fazem referência à duração do sono afirmando: “Quatro horas dorme o santo, seis o que não é santo, sete o estudante, oito o caminhante, nove o porco e dez o morto”. Temos aí a observação que dormir muito prejudica o organismo.

Há cerca de uma década, grande estudo feito nos Estados Unidos acom-

panhando milhares de pessoas com mais de 50 anos durante 10 anos constatou-se que quem dormia menos do que 6 horas e mais do que 8 horas morriam mais dos que dormiam entre 6 a 8 horas. Esta é uma verdade para maiores de 50 anos, não valendo para crianças e nem adolescentes. Crianças, jovens, trabalhadores braçais e atletas necessitam dormir mais.

A primeira pergunta que nos vem à mente é o que é o sono e para que serve? As duas teorias mais usadas são a Teoria Restaurativa, que vê no sono uma maneira do organismo recuperar suas células e suas energias.

Ela explica por que o jovem deve dormir mais, pois suas células necessitam fortificar-se e desenvolver-se. A Teoria da Conservação de Energia diz que o sono é um momento em que o corpo reduz seu metabolismo com a finalidade depoupar energia recuperando-se do desgaste diário.

Por outro lado o sono tem estágios. Chamados de estágio NREM, primeiras 4 horas, e REM após 4 horas de sono. Estudos têm demonstrado que cada fase tem sua finalidade e o sono benéfico deve distribuir as horas dormidas de maneira adequada.

O sono NREM é desencadeado pela escuridão. À medida que o dia escurece nosso hipotálamo informa à glândula hipófise que libera um hormônio a melatonina, que avisa que é hora de repousar iniciando um processo completo de redução das atividades. No sono N/REM há um progressivo relaxamento do organismo quando surge o sono profundo. Há liberação de hormônios, entre os quais, o de crescimento que vai estimular o desenvolvimento das células nos jovens e a reparação dos

danos sofridos durante o dia nos adultos. No inverno recomenda-se que os jovens deitem antes das 22 horas e no verão, no máximo, antes das 23 horas. Jovens que desrespeitam este conselho crescerão menos e terão suas células e sua imunidade enfraquecida. Estudos realizados mostraram que a desobediência a essa regra bem como o trabalho noturno favorecia o cansaço, a queda de produtividade, a redução da memória e da imunidade bem como tendência à obesidade.

O sono REM, nome que vem de Rapid Eyes Movement, ou seja sono com movimento rápido dos olhos é o que se inicia após 4 horas de sono. Nesta parte do sono o cérebro inicia uma análise dos fatos ocorridos durante o dia guarda os úteis e joga fora os dispensáveis. Como é um reviver do dia ou dos dias anteriores, o indivíduo se agita, sonha muito, podendo falar quando muito ansioso. Este sono se deve à suspensão da produção de melatonina e à produção do cortisol, hormônio do despertar, que deixa a pessoa apta às atividades do dia.

O moderno uso de luzes fortes, televisões no quarto, computadores está comprometendo a biologia cerebral fazendo com que a Melatonina nem sempre seja liberada em doses adequadas o que favorece a insônia.

Como vemos o sono é importante para a nossa vida e para a nossa saúde. Na sociedade atual com esta vida agitada e cheia de exigências há um grande número de pessoas que sofrem distúrbios do sono. Estes distúrbios aumentam com a idade. 30% das pessoas em nosso meio sofrem de alteração eventual ou permanente do sono sendo que pessoas com

mais de 65 anos este número aumenta para 60%.

As principais alterações do sono são: insônia, apnéia do sono, síndrome das pernas inquietas, roncos, pesadelos, sonambulismo, narcolepsia e outros.

Como posso saber que meu sono é deficiente? Seu sono é deficiente quando:

- ao soar do despertador prefere ficar mais alguns minutos dormindo;
- aproveita o final de semana para dormir muito;
- tem de fazer esforço para ficar acordado em palestras ou mesmo na atividade normal;
- tem dificuldade de se concentrar ou de lembrar-se dos fatos;
- demora mais de 30 minutos para conciliar o sono à noite;
- acorda-se repetidas vezes à noite;
- acorda-se tonto e indisposto; e
- seu cônjuge reclama de estar roncando ou se revirando muito à noite.

Quando os sinais acima surgem demonstram que está passando por uma alteração do sono. As pessoas podem, em situação de estresse, perdas, acúmulos de trabalho, perder pontualmente o sono o que é um fato considerado normal e aceitável. A persistência do problema por um período longo demonstra que está apresentando insônia.

Duas situações em que a insônia é frequente e repetida acontecem em mulheres em fase reprodutiva ativa e em sexagenários.

As mulheres, devido a mudanças hormonais, principalmente da progesterona, podem nos dias que antecedem a menstruação perder rotineiramente o sono. É a tensão pré-menstrual. Durante a gravidez no primeiro trimestre devido à alteração da progesterona e no último trimestre devido ao desconforto e à compressão abdominal as mulheres podem perder o sono. Frequentemente desenvolvem a síndrome das pernas inquietas ou ainda apresentam roncos e pesadelos. Após o parto frequentemente perdem o sono devido à preocupação com o recém-nascido. Mulheres na menopausa são muitas vezes insones.

Após os 60 anos as pessoas de ambos os sexos podem desenvolver alterações do sono. As causas principais são:

- alteração normal do ritmo circadiano em que a pessoa torna-se sonolenta ao entardecer e acorda-se muito cedo;
- idosos inativos física e socialmente perdem o sono. Atividades físicas e sociais estimulam-no. Dormir à tarde por horas alteram o ritmo e facilitam a

insônia. Frequentemente na inatividade o idoso abusa da cafeína, do álcool e do cigarro que contém drogas excitantes;

- dores na coluna, artrites, alterações mentais determinam perda do sono. No homem o crescimento da próstata obriga-o acordar muitas vezes à noite para ir ao banheiro;

- muitos medicamentos broncodilatadores, descongestionantes nasais, antidepressivos, corticóides e anti-hipertensivos podem tirar o sono do paciente; e

- embora a idade traz como consequência uma redução da necessidade de sono, todos podem dormir bem se seguirem algumas regras que veremos adiante.

Insônia

A insônia é um dos múltiplos distúrbios do sono. Ela pode de curta duração ou crônica.

As insônias de curta duração surgem quando há mudanças pontuais como mudança de cama ou de ambiente, perda de emprego, separação ou perda de entes queridos, doença aguda causando dor ou ainda o uso ou abandono recente de drogas psicoativas. É bem conhecida a insônia de mudança do fuso horário e também de quem habituado em trabalho diurno passa a exercer trabalho noturno. Cessada a causa costuma cessar a insônia e os efeitos delas são temporários e reversíveis.

A insônia crônica, dura mais de um mês e quando não resolvida pode ter consequências graves levando à perda da capacidade mental e física, à redução da imunidade e favorecimento de doenças. Suas causas principais são:

- problemas mentais como depressão e estresse continuado;
- doenças que causam dores crônicas ou dificuldade de respirar;
- doenças neurológicas como doenças de Parkinson ou Alzheimer;
- outros distúrbios do sono como a apnéia do sono, pernas inquietas ou roncos fortes; e
- uso de drogas ilegais e ainda mau hábito de dormir muito durante o dia.

A insônia crônica é problema importante de saúde sendo obrigatória a consulta a um médico. Na maioria das vezes um médico generalista consegue fazer o diagnóstico. Por vezes há necessidade de consulta a especialista que são neurologistas especializados no assunto.

Dependendo do caso o médico irá

solicitar exames especializados como a polissonografia que é feita em clínica onde o paciente permanece uma noite com diversos aparelhos ligados.

O tratamento médico consiste em duas fases. A primeira é uma mudança comportamental onde o paciente passa a ter atitudes que favoreçam o sono. Muitas vezes essas medidas resolvem o problema. Quando continua a insônia, medicamentos podem ser indicados.

Mudanças comportamentais a serem adotadas:

- durma somente o necessário para se sentir saudável e ao acordar saia logo da cama;
- mantenha um hábito regular de dormir obedecendo o mesmo horário todas as noites;
- evite bebidas cafeinadas a tarde e à noite. Evite o álcool à noite pois ele induz o sono, mas logo o dispersa fazendo a pessoa acordar de madrugada;
- não fume a partir das 18 horas;
- não durma com fome e muito menos com o estômago muito cheio.
- torne o ambiente de dormir confortável, evitando barulhos, muitas luzes e frio;
- evite a sesta à tarde ou se dormir o faça no máximo por 30 minutos;
- antes de dormir anote suas preocupações para o dia seguinte a fim de evitar levá-las para a cama;
- esconda o despertador pois a visão do mesmo causa apreensão; e
- se perder o sono à noite, procure um lugar tranquilo e leia algo, escute uma música relaxante, evite TV e somente vá para a cama quando sentir sono; e
- revise os medicamentos em uso e discuta com seu médico sobre eles.

Se após estas mudanças comportamentais não conseguir estabelecer um ritmo de sono entre 6 e 8 horas, procure novamente o médico pois há uma série de alternativas ainda antes do uso de medicamentos.

Relaxamento, terapia cognitiva, restrição de sono e outras técnicas podem ser usadas. Em caso da insônia não ser resolvida com essas medidas o médico indicará medicamentos naturais como melatonina, valeriana e outros fitoterápicos. Medicamentos farmacológicos como hipnóticos atuais são muito eficientes e causam pouca adição. Embora sejam muito seguros, devem ser usados pelo mínimo tempo necessário.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundenses de Medicina e de Letras.)

A Tortura

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
E essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Como pobre e aposentado
Essa pedreira eu perfuro,
E todas as dores que sinto
Com o que ganho não curo,
Vem imposto sobre imposto
No que como e escrituro,
Pra pagar os que legislam
O fiscal e o dedo duro,
E mais um bando de figuras
Que o emprego é obscuro,
Isso é o que mais se encontra
Tem verde, podre e maduro.

Ladrão tem de todo tipo
Branco, amarelo e escuro,
Meu carro já foi levado
Não me pagam o seguro,
Socorri-me da justiça
Hoje sei o que eu depuro,
Leis que até me garantiam
Bem no fim todas têm furo,
Enchi o pátio de cachorros
Cerquei a casa de muro,
Fui multado e processado
Porque o silêncio eu rasuro.

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
E essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

Por ser parte dessa massa
Vejo, sofro e me amarguro,
Entre quem aceita isto
Sem querer eu me misturo,
O bom senso virou mau
Como bom eu não censuro,
O respeito é um moribundo
Ou... Defunto prematuro,
Foqueiro e gente falsa
Que se rasguem, não costuro.

Minha mulher é ciumenta
Explico, me ajoelho e juro,
O que jurei no casamento
Eu vivo jurando que juro,
E esse próprio juramento
Bem no fundo não é puro,
Ela acha que é traição
E ameaça nosso futuro,
Que eu ando pulando cerca
E por isto não a procuro,
Não compreende que é a idade
E como eu era não perduro,
Até no leite botam soda
O próprio mel é obscuro,
Traição é um risco de todos
Mesmo crendo estar seguro...

Sem querer já sou um velho
Só nisso que não me apuro,
Por ver tudo andando assim
Já nem eu mesmo me aturo,
Como a vida tem um peso
Que pra sempre não seguro,
Antes que me de um infarto
Eu imploro, peço e juro.

Não venham me perguntar
O que vai ser nosso futuro?
Pois pra viver o presente
Desde piá eu me torturo,
Sempre enfrentando inflação
Ganhar pouco e pagar juro,
Essa luz pelo que sobe
Muitos vão ficar no escuro,
Somando a conta da água
Até rico fica em apuro.

20 de maio – Dia da Imigração Italiana no RS



SANTO CLAUDINO VERZELETI -

A caminhada da imigração italiana para a América iniciou em 1875, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A finalidade da vinda desses estrangeiros era, sobretudo, colonizar as localidades de Conde D'Eu, Dona Isabel e parte de Nova Palmira (ou Pellanda), e ainda: Garibaldi, Bento Gonçalves e Caxias do Sul. Por fim, alcançaram também a região de Santa Maria, que passou a ser conhecida como Quarta Colônia.

A exclamação de todos, ao se depararem com as novas terras, revelou-se muito sugestiva: Qui siàmo tutti proprietàri! (Aqui somos todos proprietários!)

Esses italianos, provenientes da região do Vêneto, no norte da Itália, receberam do Governo Imperial brasileiro, além dos lotes, para o plantio de grãos e hortaliças, também alguns dos utensílios necessários à abertura de caminhos dentro da mata.

Chegando aos locais determinados para cada grupo, os colonos iniciaram a construção de suas casas, feitas de capim amarrado com taquaras. Do Governo brasileiro receberam: uma foice de lâmina reta, um machado, uma cunha de ferro, um serrote e algumas sementes. Era tudo o que esses desbravadores possuíam, para o plantio de seu alimento e a criação de seus poucos animais. Esclareça-se ainda que nem todos ganharam tais ferramentas, e muitos deles passaram por enormes dificuldades.

A partir de 1880, os imigrantes já tiveram que produzir seus próprios utensílios domésticos e seus instrumentos de trabalho, adaptando-os de acordo com as necessidades.

As lavouras, por sua vez, iam tomando amplitude, iniciando-se, dessa forma, a expansão agrícola e industrial, com a implantação de ferrarias,

De 1890 em diante, com a parceria dos alemães, o comércio se ampliou, favorecendo a o aumento da agricultura, uma vez que os colonos já haviam adquirido boa experiência, após 50 anos de trabalho com a terra,

Em razão da venda dos produtos plantados e colhidos, a moeda começou a circular, e o progresso se fez sentir entre eles.

Já no alvorecer do século XX, a

maioria das famílias gozava de relativa estabilidade, ampliando-se também o número de filhos) o que favoreceu o trabalho, pelo consequente aumento da mão-de-obra e dos lucros. A indústria, por sua vez, apresentou igual crescimento, oportunizando o intercâmbio entre as localidades povoadas pelos imigrantes.

À hora do descanso, as recordações familiares vinham à tona, e se renovava a lembrança do desembarque na nova pátria. As exclamações de alegria eram unânimes: Viva il Brasile! E viva il lavoro! (Viva o Brasil! E viva o trabalho!)

Algumas expressões originais nortearam a vida e as atividades dos imigrantes italianos. Entre elas, as que ensinavam como viver bem e como enfrentar os problemas: Bisogna for el passo conforme le gambe. (É necessário dar o passo conforme a perna.) - Quá se liaora, ma al manco se pissa in tel suo - (Aqui se trabalha, mas ao menos se urina no que é nosso.)

Ao recordar a viagem de quase dois dias (7 horas de vapor e 12 a cavale), entre Porte Alegre e Conde D'Eu, hoje São Sebastião do Caí, os vênets exclamavam: I zé poveri, mà i lavara. — E ainda: I lavora come i orsi, mà i gà de tuto”.

Com frequência, vinha-lhes à mente a viagem inesquecível, da Capital gaúcha até a Terra dos Bugres (Tera dei Bulgari — como eles denominavam), realizada em carroças e cargueiros. As crianças eram transportadas em cestões (sestuni) trançados de taquara, os quais, por serem largos e fundos, davam maior segurança aos pequerruchos. Havia também os que se deslocavam a pé, através das matas, dos penhascos e dos rios.

Indagados sobre sua alimentação, era assim que respondiam: Sì, sì, a casa co se gà poenta e salame, o poenta e formaio, e un pochi de radici, no ocor altro. (Sim, sim, na casa onde se tem polenta e salame, ou polenta e queijo, e um pouco de radite, não é necessário outra coisa.) E ainda, em certos casos: Lori no i gà niente, parchè no i gà òrdine, isto é, “eles são pobres por falta de organização”.

O tempo passou, e trouxe aos vênets não só a oportunidade de serem proprietários, mas também de galgarem posições no estado, graças à sua garra no trabalho e sua vontade de vencer. Daí a expansão de suas fronteiras, para outras partes do País, e o sucesso que obtiveram, apesar dos minguados recursos. Muitos relatavam, com orgulho, o fato de terem enviado seus filhos para



estudar em bons colégios, a fim de se formarem doutores.

O êxito da imigração culminou com a conquista de espaço político, quando os italianos e seus descendentes se elegeram representantes de suas comunidades, ampliando dessa forma os horizontes e a participação social e comunitária.

Ao mesmo tempo, novas cidades foram despontando como polos comerciais e industriais, o que ocasionou a multiplicação dos bens e serviços, através das novas tecnologias, gradualmente implantadas.

Todos esses avanços exigiram a ampliação de contatos, convênios e participações bilaterais, entre a Itália e o Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul.

Em Passo Fundo, o Centro Cultural Italiano Anita Garibaldi empenha-se, diuturnamente, na preservação dos valores que os descendentes dos antigos

vênets herdaram de seus antepassados. E, pela passagem do dia 20 de maio, data comemorativa da Imigração italiana no Rio Grande do Sul, presta sua calorosa homenagem aos pioneiros dessa grande aventura, São eles:

Em Caxias do Sul — as famílias Crippa, Radaelli e Sperafico, que foram os primeiros imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Em Passo Fundo — a família de Giuseppe Savignono Marche (1856).

Posteriormente, as famílias de Annibale e Giuseppe Di Primio, de E. Morretti, de Giuseppe Barletta e Castigione; e as famílias: Venturini, Donato, Zanon, Taufer, Missel, Rosso e tantas outras.

Um VIVA aos 138 anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul!

(Santo Claudino Verzeleti é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

Noantri Fuzimo Dell'italia:

Nós fugimos da Itália

SANTO CLAUDINO VERZELETI

Foi no século 18 que se abriram as portas da América, para receber mais de um milhão e meio de emigrantes do norte da Itália.

Em razão disso, apareceram na Europa agentes pagos para recrutar pessoas que desejassem emigrar. Por mil indivíduos, recebiam um conto e quinhentos réis. E assim, tanto o governo como os políticos brasileiros foram tomados de perplexidade, ante a avalanche de forasteiros que, por várias décadas, aqui aportaram, fugindo da tirania dos seus irmãos europeus, que lhes negavam o direito de alimentar-se com o fruto do próprio trabalho.

Por mil indivíduos recebiam um conto e quinhentos réis.

Incontáveis foram os italianos que deram o último adeus à pátria querida, em meio à dor que comprimia o peito e as lágrimas que sulcavam as faces. Seu único conforto consistia na esperança de chegar ao destino almejado: a terra da cucagna (fortuna, riqueza).

Enquanto isso, em sua pátria, os políticos se limitavam a presenciar o triste espetáculo, revelando-se incapazes

de prover a produção de grãos para alimentar sua gente.

Os agricultores que tiveram oportunidade de partir para a América, exclamavam na despedida:

“Noi, taliani lavoratori,
(Nós, trabalhadores italianos,
Alegri andiamo nel Brasile.
Alegres partimos para o Brasil.
E voi altri, d'Italia signori,
E vós outros, da Itália senhores,
Se volete mangiare, signori,
Se quiserdes nutrir-vos também,
Chiapate gli ordegni.
Agarrai as ferramentas,
Lavoratelo il vostro badile.
E arranjai-vos no cabo da pá.

I signori porta sassi.
Os patrões que carreguem pedras.
Le signore porta malta,
As damas que carreguem massa.
Chi vol andar in Mèrica
Quem quiser ir para a América,
Che là starà bene.
Por lá vai passar bem.)

A travessia pelo Oceano Atlântico até a costa brasileira durava trinta e seis dias. Um tempo de amargura e

rancor, expressos nas canções daqueles desafortunados, que faziam da música o instrumento do seu protesto.

Ao chegarem ao Rio de Janeiro, foram alojados inicialmente na Ilha das Flores, para depois de alguns dias continuarem a viagem até o Rio Grande do Sul. O desembarque se dava no porto de Rio Grande, de onde seguiam rumo a Porto Alegre. Lá eram instalados em galpões, numa espécie de quarentena, para só depois de algum tempo serem encaminhados aos lotes que lhes seriam destinados.

A viagem prosseguia de barco até São Sebastião do Caí. O restante do trajeto era feito em cargueiro de mula, carreta de boi ou mesmo a pé.

Os primeiros a chegar receberam seus lotes gratuitamente, além de ajuda em sementes e ferramentas. Mais tarde, uma lei retirou tais vantagens.

As autoridades brasileiras prometiam fartura aos imigrantes, com alimentação, sementes, adubos, ajuda na construção da moradia, ferramentas de trabalho e isenção de impostos.

A realidade da selva, no entanto, se apresentava muito diversa do prometido. Pois a topografia e a hostilidade do meio não lhes possibilitavam um deslocamen-



to rápido. O transporte se fazia sobre mulas ou cavalos, até o local destinado ao domicílio de cada família.

Aquela pobre gente sofria ainda a exploração dos corretores, cuja tarefa era conduzi-la a seus novos domicílios, uma vez que os tratavam como trabalhadores semi-escravizados. Tais corretores recebiam, da parte das companhias de navegação, além de uma comissão per capita (sempre desviada de seus verdadeiros fins), também uma comissão por família. As estratégias usadas, por recrutadores mercenários e gananciosos agentes de viagem, era de dar dó.

Também os proprietários dos navios usavam de todas as artimanhas para lucrar mais, e empilhavam aquele povo todo, até o dobro da capacidade da embarcação.

“Si non sapete per chi pregare, pregate per quelli che sono in mare!” (Se não sabeis por quem rezar, rezai por aqueles que estão no mar!)

Além de tudo isso, emigrar significava deixar o lar paterno, santuário de afetos e recordações, e partir para muito longe, em busca de um mundo diferente e totalmente desconhecido.

O ano de 1875 marcou, nas Américas, a época do Eldorado, do auspicioso futuro, para aquele povo sequioso de trabalhar, produzir e vencer. A confiança era tanta que se revelava nas suas expressões: “Nell’ Merica se gâ la cucagna, se beve e se magna.” (Na América, será grande a nossa sorte, lá se bebe e se come.)

A grande maioria deles partiu do Vêneto e da Lombardia, no norte da Itália. E, quando indagados de onde vinham, respondiam: “Noi siamo partiti dai nostri paesi. Trenta sei giorni de machina a vapore.” (Nós partimos de nossos povoados, em trinta e seis dias de máquina a vapor.) Esse era o tempo que gastavam para alcançar as margens do Atlântico, em terras brasileiras.

Mas os sonhos de paz, prosperidade e liberdade, que traziam acalentados no coração, não foi de imediato que os conquistaram. Foram inúmeras as dificuldades e privações que os aguardavam na nova terra. É bem verdade, entretanto, que as guerras vivenciadas na Europa, entre povos às vezes irmãos, e que os obrigavam a fugir, constantemente, de um lugar a outro, haviam ficado para trás.

Mesmo assim, iniciou-se aqui um outro calvário, com novos e também difíceis caminhos, semeados de intenso



trabalho e regados de muito suor e muitas lágrimas. Só o que infundia coragem e força àqueles desafortunados agricultores, na superação dos obstáculos, era o sonho da cucagna (fortuna) familiar, a posse de uma terrinha, com que a América lhes acenava.

Os primeiros a pisar em solo brasileiro receberam suas terras gratuitamente, além da ajuda em sementes e ferramentas. Mais tarde, uma lei do Governo Imperial retirou tais vantagens.

Foi dessa forma que, aos poucos, a mata fechada começou a cair, cedendo lugar às casas, roças, vilarejos e cidades. E surgiram os primeiros povoados: Nova Palmira, Caxias do Sul (tera dei bulgari), Garibaldi (Conde D’Eu), Bento Gonçalves (Dona Isabel), e ainda: Encantado, Casca, Marau, Silveira Martins, Sananduva e Tapejara.

Lentamente, a alegria começou a instalar-se no seio das famílias. Isso graças ao espírito desbravador daquele povo, que aprendera no passado, com seus ancestrais da Paflagônia, as técnicas da sobrevivência, quer na agricultura e no comércio, quer na indústria e nas artes.

O lema que predominava entre eles assim se resumia: “Volerse bene, aiutarsi e conglarsi”. (Querer-se bem, ajudar-se e aconselhar-se mutuamente).

Por sorte, esses italianos do Vêneto trouxeram para o Brasil, além da sua experiência na lida da terra, outros valiosos conhecimentos, com que colaboraram, até mesmo na área militar. E o fizeram por meio de alguns coronéis, com os quais participaram na Revolução dos Farrapos.

Foi assim que começou, além-mar, uma nova história: a moderna luta do desbravamento e o prosseguimento na trilha da vida, por aqueles que sobreviveram à travessia do Atlântico (pois que muitos morreram no caminho), encontrando um país novo, com tudo por fazer.

Em terras brasileiras, felizmente, as condições eram totalmente diversas das que enfrentaram em sua pátria. E os imigrantes viram o desabrochar da verdadeira natureza, que tudo dá, e devolve em dobro o que se faz por ela. A exuberância se revelava por toda parte: no sol, na mata, na terra, nos rios, nos vales e, depois, nas colheitas. O oposto daquilo que conheciam e deixaram na velha Itália. Verdadeiramente, os imigrantes, que foram sempre pessoas de fé, encontraram aqui um Deus brasileiro.

A liberdade foi outra dádiva a encorajar aquele povo, que abandonou suas próprias raízes, a fim de partir em busca do desconhecido. Essa coragem lhes era mais preciosa que as propriedades, as casas e as terras deixadas para trás. Foi o motivo que os levou a decidir pela emigração, confirmando o ensinamento de Marco Pacúvio (220-182 a. C): “Patria est ubicumque bene est”. Isto é: “A Pátria é todo lugar onde se está bem”.

E o sonho de Dom Pedro tornou-se realidade, com o grande projeto da colonização italiana no Brasil. Graças a ele, aqueles estrangeiros desesperançados tiveram oportunidade de melhorar sua vida, e oferecer a seus descendentes uma situação mais estável e promissora. E eles estão por aí, por todo o sul do Brasil, uma prova concreta e viva de que a imigração foi uma iniciativa acertada. Tanto os vênets, quanto os lombardos, não decepcionaram a quem lhes possibilitou o resgate de sua dignidade. E, com o ímpeto que lhes era peculiar, colonizaram os rincões de vários estados do Brasil. Espalharam-se por lugares inóspitos, até então desabitados, que eles aos poucos foram desbravando. A nova pátria lhes devolveu a esperança, a fim de continuarem sua vida calcada no trabalho e no amor à família.

Diz muito bem dessa têmpera e denodo o poema de Ângelo Giusti:

“... All’ America noi siamo arivati.
No abbiam trovato ne paglia, ne feno.
Abbiam dormito sul duro tereno,
Como le bestie abbiam riposà.”

(À América nos chegamos.

Não encontramos nem palha, nem feno.

Dormimos sobre o solo duro,

Onde os próprios animais repousavam.

(Santo Claudino Verzeleti foi fundador da Academia de Ciências Contábeis/RS e é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Casamento: Que seja infinito enquanto dure...



MARILISE BROCKSTEDT LECH

Eu sei que vou te amar por toda a minha vida, eu vou te amar, em cada despedida, eu vou te amar, desesperadamente eu sei que vou te amar...

Foi com esta emocionante canção de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, entoada pelas Evas Sônia Loguércio e Alessandra Zanatta, que iniciou o programa “Papô de Evas” da TV Passo Fundo, que foi ao ar no mês de março de 2015, ocasião em que o tema escolhido foi “Casamento - que seja infinito enquanto dure”.

Para enriquecer todos os programas, as Evas escolhem convidados a quem denominam “Eva por um dia” ou mesmo, “Adões”. E para falar sobre o tema do casamento, além das quatro Evas que compõem o programa da TV, os escolhidos foram o psiquiatra Érico Hecktheuer e o juiz de família Luis Christiano Aires. E o papô rolou solto na sala de visita das Evas.

Dentre os assuntos do recheado papô, todos foram unânimes ao dizer que, assim como o amor, o casamento não se explica: vive-se a cada dia compartilhando alegrias e driblando as dificuldades.

Na balança, as alegrias devem superar

em muito o peso das dificuldades e para isso é preciso investimentos simples: preparar uma comidinha gostosa, bilhetinhos surpresa, uma canção, o café na cama, mas, acima de tudo, que se tenha projetos comuns a curto, médio e longo prazo. Simples assim... Será?

A pergunta que pairou no ar foi: - mas será que os casamentos foram feitos para durar para sempre? Nas palavras desta Eva que escreve, sim, mas com um porém: só se estiver muito bom. Foi-se o tempo que o casamento era uma entidade, um contrato entre famílias e/ou uma instituição financeira. Nos dias de hoje, neste nosso mundo “líquido,” onde as relações têm menos solidez e há menos tolerância e cuidado entre as pessoas, é preciso que cada parceiro se case mais pensando em fazer o outro feliz do que, egoisticamente, esperando que o outro o faça.

Recentemente, li a tradução de uma linda mensagem de uma americana que dizia: “...Não, um verdadeiro casamento (e um verdadeiro amor) nunca é centrado em você. É centrado na pessoa que você ama – seus desejos, suas necessidades, suas esperanças, e seus sonhos. O egoísmo exige: “O que há aí para mim?”, enquanto o amor pergunta: “O que eu posso dar?”... E do amor, nasce a reciprocidade que, paralelamente à confiança e a atração sexual, são alguns dos principais ingredientes básicos

para a “blindagem” que pode envolver os amantes, evitando desejos sexuais extraconjugais o que, por sua vez, pode ajudar na manutenção e felicidade de um casamento.

Em um casamento de sucesso, os parceiros não se só se completam pelas diferenças, mas, acima de tudo, se aproximam pelas semelhanças e, quando realmente se amam, vão se tornando cada vez mais parecidos, mais congruentes com o modo de ser um do outro. Nesse sentido, devem gostar de fazer muitas coisas juntos, espontaneamente, e não só para agradar (mas também para agradar). Nesse caso, até a fisiologia explica: vai sendo liberado o ferormônio, que é o hormônio da atração, e a chance de um casamento durar mais tempo, se não para sempre, é bem maior.

E se o casamento não for para sempre? A resposta a essa pergunta veio pelas palavras, novamente, de Vinicius de Moraes: - Que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure. E com esse poema as Evas e seus convidados encerraram o programa, com a esperança de que os telespectadores possam se beneficiar com suas reflexões, pois este o mote do “Papô de Evas”. E que o “Papô de Evas” também seja infinito enquanto dure.

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, professora da Universidade de Passo Fundo e ocupa a Cadeira 39 da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Hino oficial da Academia Passo-Fundense de Letras

Letra: Acadêmica Helena Rotta de Camargo

Música: Maria Elisa Saldanha

Transcrição em partitura: Mirtes Helena Roman

Por Deus predestinada a ser semente,
brotando em versos, teses e canções,
cultura e educação como legenda,
traçaste o rumo a muitas gerações.

Refrão:
Academia de Letras,
de vultos e de ideais,
que o nome de Passo Fundo
hás de exaltar sempre mais!

O manto protetor da liberdade,
e a fé de um povo obreiro e lutador,
forjaram teu destino nesta terra,
marcada pelo brio e o destemor.

O trigo que farfalha pelos campos,
e as matas que refrescam nosso ar,
nos teus fecundos anos de existência,
cumpriste tua missão de semear.



RESGATE HISTÓRICO:

Hino do Centenário de Passo Fundo

Letra por ARTHUR SUSSENBACH
Melodia por IRENE WAGNER TEIXEIRA

Passo Fundo meu torrão alcandorado,
Simbolizas o progresso em teu perfil!
A cem anos foste tu emancipado,
Para seres o celeiro do Brasil!

ESTR.:
Berço nobre de guerreiros, tua história para mim é um relicário!
Pertencer aos teus obreiros, é uma glória em teu primeiro centenário!

Tuas plagas verdejantes, teus auriverdes trigais!
Tuas quedas borbulhantes, teus frondosos pinheirais,
Tudo indica: avante! Avante! Trabalhemos sempre mais.

Passo Fundo solo fértil e querido,
És orgulho do meu Rio Grande do Sul!
Se Fagundes vivo fosse embevecido,
Mil louvores renderia ao céu azul!

ESTR.:
Meu planalto abençoado, como és puro dos teus filhos o amor!
Se tens sido idolatrado, no futuro inda serás com mais fervor!

Tua indústria florescente, teu rebanho, teus ervais.
Tua culta e brava gente, teu passado, teus anais.
Tudo indica: para frente! Trabalhemos sempre mais!

(Colaboração de Maria Piccinini, do Coral Ricordi D' Itália, Passo Fundo/RS.)

PELALENTE DE CARLITOS:

O autor do retrato de Maria Elizabeth

GILBERTO R. CUNHA

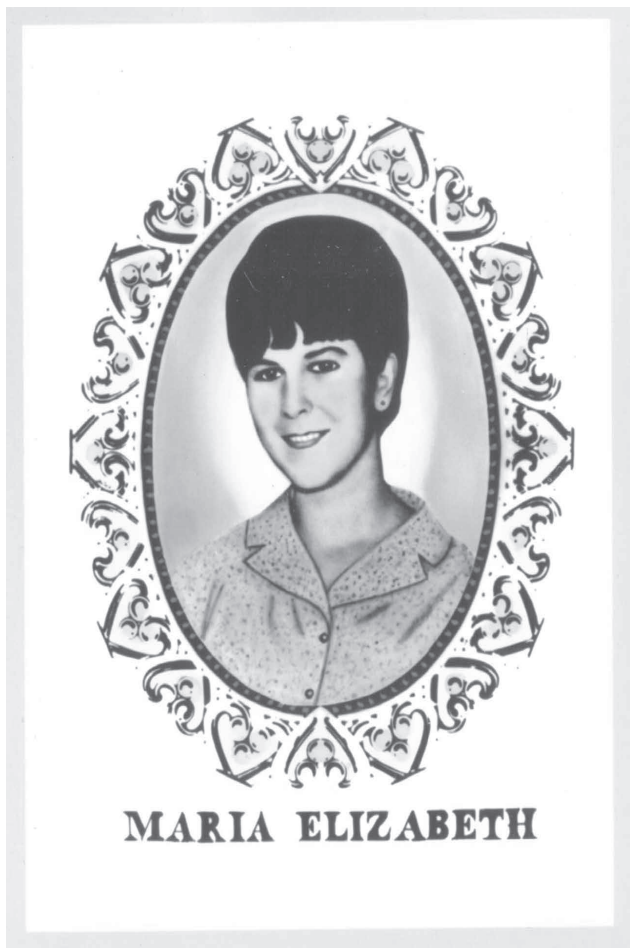
Passo Fundo ainda deve maior reconhecimento a alguns profissionais da fotografia cujas lentes registraram boa parte da história municipal dos últimos 100 anos. Quer seja em estúdio, fotografando as personalidades locais; em laboratórios, revelando negativos tirados por terceiros ou por eles próprios; ou em cobertura de eventos, nomes como Deoclides Czamanski, Tamagnone e Carlos Alberto Loureiro (há outros, com certeza, ainda em atividade ou não), deixaram um valioso legado documental, que, ora em mãos de historiadores acadêmicos ou dos nossos memorialistas, tem servido como fonte primária para reconstrução e/ou melhor interpretação da história local.

Carlos Alberto Loureiro, Carlitos, faz parte desse time de elite dos fotógrafos passo-fundenses, no qual foi titular durante 50 anos (1962-2011). Uma bela história pessoal e profissional, que foi despertada para a fotografia aos 14 anos. Segundo ele, na ocasião, ficou intrigado com as fotografais 3 x 4 da irmã, todas iguais, que estavam sobre uma mesa e haviam sido feitas pelo lambe-lambe Barros, da Praça Marechal Floriano. Depois, por influência da mãe, que era amiga da esposa do fotógrafo Aparício Assunção de Moura, proprietário da extinta Foto Tropical, conseguiu, aos 15 anos, uma entrevista de emprego, no dia 1º de setembro de 1962, para começar como aprendiz naquele estabelecimento, e, desde então, até a aposentadoria, em maio de 2011, trabalhou intensivamente no ramo fotográfico em Passo Fundo.

Na Foto Tropical, Carlitos, que por ser muito jovem era chamado pelos fotógrafos veteranos de “Tropicalzinho”, aprendeu, na prática, os ofícios da profissão que abraçaria para o resto da vida. Começou enxugando fotos na secadeira, passou para a função de repórter fotográfico e galgou o posto de laboratorista chefe.

Depois de sete anos trabalhando com Aparício Moura, Carlitos deixou a Foto Tropical e foi trabalhar na Foto Souza,





Retrato original de Maria Elizabeth com brincos, feito por Carlitos, e retrato da santinha modificado

de Rosalino Mattos de Souza. Em um assalto trágico, Rosalino Souza foi vítima de um tiro, que o impediu de continuar na profissão. Então, em 1990, Carlitos se tornaria proprietário da Foto Souza e manteria esse estabelecimento em funcionamento, na Galeria Ca'Doro, na Av. Sete de Setembro, nos próximos 21 anos. Era dono de uma técnica apurada para colorir manualmente fotografias em preto e branco. A fotografia que tirou do lendário time do Internacional, no Vermelhão da Serra, originalmente em preto e branco e depois colorida por ele, cuja reprodução pode ser encontrada na

edição do jornal O CIDADÃO, de 30 de abril de 2003, atesta bem o quanto dominava essa arte, que, com a inovação do filme colorido, seria deixada de lado.

Possivelmente, a fotografia mais popular (e venerada pelos fiéis) de Carlitos, embora sem identificação de autoria, seja a da Maria Elizabeth de Oliveira, a nossa "Santinha", cujo túmulo, no Cemitério da Vera Cruz, recebe, anualmente, caravanas de devotos de várias partes do País. Carlitos havia fotografado a "Santinha" Maria Elizabeth, no Clube Comercial, com uma guitarra, dublando apresentações colegiais, que

eram comuns na época. Sobre a foto oficial de Maria Elizabeth, confessa ele: "restaurei manualmente a sua hoje foto oficial, coloquei brinquinhos nela, eliminei o fundo preto e refiz imperfeições com lápis especiais da Alemanha". É do Carlitos também a foto oficial do nosso, hoje, bispo emérito Dom Urbano Allgayer, feita quando da sua chegada a Passo Fundo. Você sabia? Acredito que, assim como eu, também não.

Na vida privada, Carlitos é casado com Sra. Cecília e pai da Cláudia, do Daniel e do Juliano. Vive em Passo Fundo, na vila Vera Cruz.

Entre tantas recordações que lhe são caras, Carlitos ainda guarda na memória as palavras do melhor fotógrafo em preto e branco, em estúdio, que os passo-fundenses conheceram, o Sr. Olir Tamagnone: "Você será meu sucessor!". O reconhecimento de um mestre não tem preço. Rendemos os nossos respeitos ao FOTÓGRAFO Carlitos.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





Et tu,
FDP!

GILBERTO R. CUNHA

São da lavra de Shakespeare (e não de historiadores, como seria presumível), os relatos mais conhecidos dos acontecimentos que marcaram os últimos e conturbados dias do governo de Júlio César em Roma. O texto do Bardo, escrito por volta do ano 1599, é tão convincente que muita gente não consegue distinguir o que é ficção e o que é história real nessa tragédia clássica. A peça, originalmente chamada “The Tragedie of Julius Caesar”, ainda que pareça, pelo título, não trata propriamente do ditador romano. César é morto no início do terceiro ato. Essa tragédia shakespeariana, que centrou o protagonismo da história em Marco Júnio Bruto e seus conflitos mais íntimos - patriotismo, honra e amizade - foi levada aos palcos isabelinos como forma de reflexão sobre a preocupação que tomava conta da Inglaterra, na época, governada por uma rainha idosa que se recusava a indicar um sucessor; espalhando, entre os súditos, o temor de que, a exemplo do ocorrido em Roma, uma guerra civil fratricida poderia acontecer após a sua morte.

O texto de Shakespeare é, em boa parte, uma interpretação fantasiosa dos escritos dos historiadores romanos Plutarco e Suetônio. Mas, por retratar, como poucos, o lado trágico da alma humana na busca pelo poder, tornou-se indispensável; especialmente nos tempos atuais. Não faltam, nesse enredo, os

ingredientes básicos do nosso dia a dia, quer seja no universo político, no ambiente familiar ou no mundo das corporações: conspiração, tramoias, traições, jogos de interesse e discursos eivados de ingênuas e/ou falsas boas intenções, não raro, envolvendo cidadãos honrados, a exemplo dos senadores romanos. O motivo aparente era salvar a República e a democracia em Roma. Mas, no fundo, o que os senadores romanos queriam era poder, fama e vingança. Ficaram com a vingança, César morto foi endeusado e ficou com a fama e os romanos, com a derrota de Marco Antônio imposta por Otávio, uma vez tendo sido decretado o fim da República, passaram a ser governados por imperadores tiranos.

Alguns dos versos mais conhecidos e proféticos de Shakespeare foram pronunciados por Cássio, diante do cadáver de César: “Quantas épocas por vir/ Será esta nossa elevada cena de novo encenada/em estados ainda não nascidos e sotaques ainda desconhecidos”. Que cena seria essa? Muito provavelmente (por ser a minha preferida, admito) aquela que, ignorando o aviso de um vidente, que, no meio da multidão, grita “Cuidado com os Idos de Março!”, e, contrariando a sua própria intuição e pedido da esposa, César dirige-se ao Senado para encontrar a morte naquele 15 de março do ano 44 a.C.

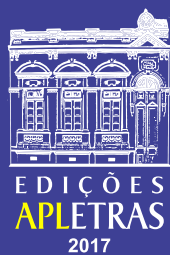
Há um clima de horror indescritível na cena da morte de César. E o cume, para mim, é quando, um César, acossado pelas punhaladas, consegue divisar, entre os rostos dos seus algozes, a figura

de Marco Júnio Bruto (o seu protegido), e esse, sem piedade, desfere a 23ª e fatal punhalada. É nesse momento que Shakespeare faz César proferir a famosa frase “Também tu, Bruto!” (em bom latim, Et tu, Brutus!); antes de cair, sugerindo que a traição destruiu a vontade de César de viver.

As palavras de Cássio e a cena da morte de César, muito provavelmente, inspiraram Jorge Luis Borges a escrever o miniconto (dois parágrafos apenas) “La Trama”, cuja essência, frisa Borges, é que ao destino agradam as repetições. E assim se dá, no sul da Província de Buenos Aires, a história de um “gaucho”, que é agredido por outros “gauchos” e, ao cair, reconhecendo um afilhado, surpreso e mansamente lhe diz: “Pero, Che!”. O matam e ele não sabe que morreu apenas para que se repetisse uma cena que fora escrita por Shakespeare quatro séculos antes.

Tanto o César de Shakespeare quanto o “gaucho” de Borges, pela polidez em momentos tão dramáticos, soam demasiados inverossímeis nessas falas. Acredito que, como essas eram palavras para serem ouvidas e não para serem lidas, como destacou Jorge Luis Borges no seu conto, o mais provável é que, sempre no sentido figurado evidentemente, o “gaucho” tenha dito “Pero, Hijo de una P...!” , e César “Et tu, Filho da P...”.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Av. Brasil Oeste, 792 - CEP 99010-001 - Passo Fundo - RS